



COMO UM SOPRO DO VENTO

THE GRAHAM SAGA 02

ANNA BELFRAGE

cherish
BOOKS





Título original: Like Chaff in the wind
Copyright © 2017 por Anna Belfrage
Copyright da tradução © 2020 por Cherish Books Ltda
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida
sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.
Publicado mediante acordo com a autora.

Tradução: Maira Zamproni
Preparação: A.J.Ventura
Revisão: Elimar Souza
Diagramação: AJ Ventura
Capa: Gisele Souza

Belfrage, Anna

Como um sopro do Vento / Anna Belfrage; tradução de Maira Zamproni. Rio de Janeiro:
Cherish Books, 2020.

1. Ficção americana I. Ventura, AJ. II. Título.

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Cherish Books

E-mail: cherishbooksbr@gmail.com
<https://cherishbooksbr.wixsite.com/site>

SUMÁRIO

Sinopse

1. [Capítulo 1](#)
2. [Capítulo 2](#)
3. [Capítulo 3](#)
4. [Capítulo 4](#)
5. [Capítulo 5](#)
6. [Capítulo 6](#)
7. [Capítulo 7](#)
8. [Capítulo 8](#)
9. [Capítulo 9](#)
10. [Capítulo 10](#)
11. [Capítulo 11](#)
12. [Capítulo 12](#)
13. [Capítulo 13](#)
14. [Capítulo 14](#)
15. [Capítulo 15](#)
16. [Capítulo 16](#)
17. [Capítulo 17](#)
18. [Capítulo 18](#)
19. [Capítulo 19](#)
20. [Capítulo 20](#)
21. [Capítulo 21](#)
22. [Capítulo 22](#)
23. [Capítulo 23](#)
24. [Capítulo 24](#)
25. [Capítulo 25](#)
26. [Capítulo 26](#)
27. [Capítulo 27](#)
28. [Capítulo 28](#)
29. [Capítulo 29](#)
30. [Capítulo 30](#)
31. [Capítulo 31](#)
32. [Capítulo 32](#)
33. [Capítulo 33](#)
34. [Capítulo 34](#)
35. [Capítulo 35](#)
36. [Capítulo 36](#)

- 37. [Capítulo 37](#)
- 38. [Capítulo 38](#)
- 39. [Capítulo 39](#)
- 40. [Capítulo 40](#)
- 41. [Capítulo 41](#)
- 42. [Capítulo 42](#)
- 43. [Capítulo 43](#)
- 44. [Capítulo 44](#)
- 45. [Capítulo 45](#)
- [Notas Históricas](#)
- [A Saga Graham Continua...](#)
- [Para mais informações](#)

SINOPSE

Em um dia abafado de agosto de 2002, Alexandra Lind foi inesperadamente jogada para trás no tempo, aterrissando no ano de Nosso Senhor de 1658. Catapultada para uma nova existência desconhecida e assustadora, Alex não podia fazer nada além de se adaptar. Afinal, se viajar no tempo já é uma ocorrência muito rara, viajar no tempo com uma passagem de volta é ainda mais raro.

Este é o segundo livro sobre Alex, seu marido Matthew e suas contínuas aventuras na segunda metade do século XVII.

Títulos publicados anteriormente na *Saga Graham: Sob o Véu do Tempo*

<https://is.gd/annabelfrage>

Para Johan, por sempre estar por perto quando preciso de você.



Matthew Graham se congratulou mais uma vez por não ter trazido sua esposa Alex ou o pequeno Mark para Edimburgo. Se já não era uma cidade acolhedora no tempo bom, Edimburgo era fria e sombria durante os ventos gelados de janeiro, os altos prédios ficando escondidos sob nuvens cor de estanho.

A cidade estava cheia de gente; em todas as janelas, em todos os becos, os espectadores se aglomeravam e, por mais alto e forte que Matthew fosse, precisava constantemente usar os cotovelos e os pés para evitar ser pisoteado. Ele estremeceu e pressionou o chapéu com mais força na cabeça, numa tentativa débil de impedir que suas orelhas congelassem com o frio. Seu cunhado, Simon Melville, riu e zombou dele.

— Está entalado na sua goela, não é? Ser obrigado a testemunhar a orgulhosa ocasião do funeral do marquês de Montrose.

Matthew não respondeu. Ele não tinha nada contra James Graham, um homem nobre e um guerreiro de grande talento e bravura, e não havia gostado que ele tivesse sido enforcado há vários anos, vítima do jogo duplo de Carlos Segundo. No entanto, ele de fato se ressentia de ser obrigado a cumprir obrigações nessa zombaria de enterro em que o marquês, dez anos após sua morte, estava sendo trazido para o Palácio de Holyrood, por uma simples ordem do rei que o havia traído tão cruelmente.

Ele mudou o peso de uma perna para a outra em uma tentativa vã de escapar da pressão da borda afiada de pedra incomodando suas costas. Lentamente, o caixão suntuoso desceu da direção de St. Giles, precedido por estandartes e trombetas, como se realmente fosse um homem inteiro ali, em vez de todos os pedaços que foram trazidos de volta para serem enterrados. O crânio esbranquiçado havia sido retirado de seu espigão na prisão nesta mesma manhã, e Matthew duvidava que alguém soubesse se as partes do corpo agora agrupadas pertenciam de fato ao mesmo homem.

— Você acha que ele se importa? — Simon perguntou.

— Quem?

— Montrose. Você acha que isso tudo importa alguma coisa para ele?

Matthew apertou os lábios.

— Ele pode estar rindo um pouco. Mas não, acho que não importa muito para ele como será enterrado. — Ele indicou a procissão com a cabeça. — Pode importar para a esposa, no entanto. E para o filho dele.

Matthew sorriu ao pensar em seu próprio filho, seguro em Hillview — um garoto que a cada dia se tornava mais parecido com o pai, dos olhos esverdeados até os cabelos escuros que caíam em mechas suaves para emoldurar seu rosto. Ele se esticou o melhor que pôde em seu espaço apertado e fechou os olhos, vendo primeiro Mark como o vira pela última vez, dormindo profundamente em sua cama, depois sua esposa.

A esposa; só de pensar em Alex já sentia ondas de calor através do corpo. Ele a acordara no escuro amanhecer do dia em que partiu, e ela tinha sido uma sinuosa fonte de calor embaixo dele. Quando ele saiu da cama, ela se apoiou em um cotovelo para olhá-lo, os cabelos escapando em cachos de sua grossa trança noturna. Sua mulher, seu coração...

— Veja! — Simon sibilou.

Matthew abriu os olhos apenas para encontrar os do irmão. Vestindo uma esplêndida capa forrada de peles, Luke Graham estava montado em uma flamejante égua castanha. Os anéis em suas mãos, a gola dourada em volta do pescoço e o distintivo real

que decorava seu chapéu gritavam ao mundo que aquele era um homem altamente favorecido pelo rei, uma impressão ainda mais sublinhada pelo fato de estar andando lado a lado com o governador. Onde Matthew esperava ver um nariz desfigurado, ele viu uma elegante cobertura prateada que provocou murmúrios surpresos na multidão.

Luke apontou o dedo para o metal reluzente, deixando Matthew saber que ele se lembrava bem de quem o havia machucado tanto e não o perdoara, nem jamais o perdoaria. Ele estreitou os olhos, fez com a mão um movimento de corte sobre a garganta e atçou a montaria, o tempo todo se virando para encarar Matthew, que permaneceu imóvel até o cavalo e o cavaleiro desaparecerem.

— Quanto mais cedo sairmos, melhor — Simon murmurou enquanto se afastavam da multidão. Eles viraram à esquerda, tendo que se inclinar para trás para não tombar na escorregadia e íngreme curva que levava a Cowgate. Matthew concordou, ainda abalado pelo ódio bruto que brilhara nos olhos de Luke.

— Eu quero que você faça uma coisa por mim.

Simon olhou para ele com certa cautela, mas assentiu.

— Quero que você elabore hoje um documento que faça de você o guardião de Mark, caso algo aconteça comigo.

— Nada vai acontecer com você.

— Talvez não. — Matthew deu de ombros. — Mas se eu não tomar uma providência dessas, tanto Mark quanto Alex podem se encontrar sob os cuidados não tão carinhosos de meu irmão. Afinal, Luke é meu parente mais próximo, infelizmente.

O intestino de Matthew torceu com o pensamento e era evidente que Simon concordava, uma carranca incomum se instalando em seu rosto redondo.

— Farei isso quando voltarmos para o nosso quarto, e você pode assinar e usar o senhorio como testemunha.

Quando Matthew se preparava para sair à noite, Simon franziu a testa.

— É mesmo prudente você sair sozinho? E se Luke ...

— Fui convidado a jantar com o ministro Crombie e seu irmão — disse Matthew. — Acho que não correrei nenhum perigo lá.

Simon resmungou.

— Não lá. Mas na ida ou na volta, sim.

Matthew fechou os dedos em torno do cabo da espada.

— Tomarei cuidado.

E aos diabos se seu irmão iria impedi-lo de participar da companhia de homens que ele respeitava e de quem gostava.

Tinha sido uma noite longa, uma noite de discussões e muito vinho, e Matthew sentia-se confortavelmente calmo enquanto voltava para a estalagem. Amanhã ele estaria a caminho de casa, livre daquela cidade úmida, escura e cheia de gente, e logo estaria em Hillview, com esposa e filho ao seu redor.

Algo caiu no chão e ele lançou um olhar por cima do ombro, apertando os olhos através da escuridão. Ele franziu a testa e apagou a lanterna, parado muito quieto enquanto ouvia. Ruídos suaves e um gato que atravessou o beco próximo.

Matthew quis rir alto de alívio. Ainda assim, ele preferiu não reacender a lanterna e apertou o passo. Sua pele formigou, seu pulso acelerou. Você está imaginando coisas, ele se repreendeu, era apenas um gato, sim? Houve um som atrás dele e ele girou, uma mão na espada. Mas nunca conseguiu desembainhá-la. Pelo canto do olho, ele viu algo e então sua cabeça explodiu de dor.

Alex acordou com um suspiro, convencida de que algo havia acontecido com Mark. Da cama anexa, ouviu os suaves ruídos que ele fazia dormindo, então afundou-se nos travesseiros, tentando controlar o ritmo cardíaco. Por alguma razão, continuou agitada e, após uma hora virando-se na cama, desistiu de dormir. Foi apenas um sonho bobo, disse a si mesma, passando a mão sobre o travesseiro de Matthew antes de subir para andar de um lado para o outro da sala. Ficou de pé junto à janela e olhou para a escuridão, os braços cruzados no peito. Algo estava muito errado e ela não

tinha ideia do que era, mas seu corpo inteiro estava vibrando com alarmes.

— Noite ruim? — Joan, sua cunhada, perguntou na manhã seguinte.

Alex bocejou e entregou Mark nos braços à espera de Joan.

— Não consegui dormir.

Deu bom dia para a governanta, a sra. Gordon, mas balançou a cabeça para a tigela de mingau. Seu interior estava apertado em torno de uma pedrinha de preocupação incômoda, e apenas o pensamento em comida já a deixava enjoada.

A cada dia que passava, Alex ficava mais nervosa, deixando Joan e a sra. Gordon inquietas também. Ele já deveria estar de volta agora, e Alex passou muitas horas com os olhos colados na estrada. Quando ela finalmente ouviu o som de cavalos, largou a cesta que estava carregando, ajeitou as saias e voou pela estrada para encontrá-lo.

Ela viu Samson sem cavaleiro e virou-se, confusa, para Simon. Seu coração parou rapidamente antes de recomeçar a bater e ela se moveu em direção ao cavalo, com as mãos esticadas para tocar o homem que não estava lá.

— Matthew? — Seus olhos cravaram-se nos de Simon e a expressão que ela viu neles transformou o ar em seus pulmões em chumbo, um peso que ameaçava sufocá-la. Ele estava morto, seu Matthew estava morto, e, meu Deus, como ela iria continuar sem ele? — Matthew? — ela repetiu, esperando que houvesse outra explicação para o olhar assombrado no rosto de Simon.

— Ah, Alex — Simon disse com uma voz embargada. — Sinto muito, moça.

Ela balançou a cabeça; não queria que ele sentisse muito, por favor, não permita que ele sinta muito. Todos da casa se reuniram ao seu redor; Joan e sra. Gordon, Rosie com Mark nos braços, bem como Samuel, Gavin e Robbie. Ela não os viu, viu apenas a sela vazia onde Matthew deveria estar, e tudo o que ela queria era morrer.

— O quê? — Ela limpou a garganta apertada. — O que aconteceu com ele, onde ele está?

Simon desmontou e Alex voou para ele.

— Me responda! Onde está meu marido? Por que ele não está aqui, com você?

— Ele se foi — disse Simon, agarrando os braços dela. — Santo Deus, ele se foi.

Ele começou a chorar. Alex foi tomada por um frio lento, um espessamento do sangue que começou em seus pés e se elevou.

— Não! — Ela se libertou das mãos de Simon. — Não! Não!

Ela girou e fugiu, porque talvez se corresse rápido o suficiente e para longe o suficiente, nada disso seria verdade.

Estava escuro quando ela voltou. Sem uma palavra, aconchegou um Mark irritado nos braços e o acalmou para dormir. Ficou em silêncio por um longo tempo antes de encontrar os olhos de Simon.

— Conte-me. O que aconteceu? E por que você não o trouxe de volta? Ele gostaria de ser enterrado aqui, você sabe disso.

Ela fechou os olhos e os abriu lentamente outra vez. Vinha fazendo isso a tarde toda, esperando que da próxima vez que os abrisse fosse para uma realidade em que Matthew ainda existisse. Com atraso, percebeu que Simon não havia respondido à sua pergunta, mas ele a estava olhando com tanta pena que ela quis socá-lo.

— Ele não está morto — disse ele. Alex deu mais uma piscada exagerada; aparentemente tinha ajudado. — Mas talvez fosse melhor se ele estivesse.

— Ele está vivo? — Alex disse, agarrando-se à única informação relevante. — Ele não está morto?

Simon balançou a cabeça. Não, ele disse a ela, até onde ele sabia, Matthew não estava morto.

— Ele foi agredido na rua retornando à pousada.

Simon continuou descrevendo como o estalajadeiro o acordara, tagarelado sobre como o Sr. Graham havia sido atingido na esquina e arrastado.

Simon saiu apressado, meio vestido, e, na companhia do filho do estalajadeiro, subira e descera os trechos escuros, procurando por Matthew, mas não encontrando nem um fio de cabelo. Por fim, ao

amanhecer, ele trombou com um padeiro que lhe contou como viu dois homens carregando um terceiro em protesto em uma carroça.

— Eles o espancaram para calá-lo — disse Simon. — Então partiram na direção do porto.

Simon nunca tinha corrido tão rápido em toda a sua vida, suas pernas como asas de cotovia, enquanto ele corria para buscar seu cavalo e partir veloz como um raio até Leith. Tarde demais, ele chegara no cais, apenas para ver a popa alta de um navio desaparecer na neblina, e ele sabia, sem sombra de dúvida, que seu amigo estava a bordo. Ele foi ao mestre do porto e descobriu que o navio estava indo para Plymouth, para esperar lá algumas semanas antes de partir para o mar.

— Mas então Matthew pode simplesmente desembarcar em Plymouth, certo? — Alex disse, sentindo seus ombros relaxarem. Vivo. Ele estava vivo!

Simon balançou a cabeça.

— Ele foi levado para fazer trabalho forçado.

Alex ficou confusa. Quem fazia trabalho forçado eram os criminosos, condenados por crimes. Simon suspirou e esfregou as mãos com força no rosto.

— Foi uma armadilha. O mestre do porto admitiu que achou estranho que um homem solitário fosse embarcado tão tarde, mas o capitão da Henriette Marie insistiu que estava esperando por mais um.

— Mas ele pode contar a eles — disse Alex. — Ele só precisa conversar com alguém com autoridade e eles podem verificar que ele é um homem inocente.

— Eles não o deixarão sair do navio. Ele ficará trancado até que não haja chance de escapar.

— Como você sabe?

— Eu encontrei o intermediário — contou Simon, acariciando suas juntas machucadas. — E eu bati nele até que me contasse. Ele foi vendido como escravo por aquele maldito, irmão dele, e de acordo com o intermediário, a quantia paga foi substancial o suficiente para garantir que Matthew não pisasse em terra neste lado do Atlântico. — Simon se agachou e acariciou o topo da cabeça de Mark. — Pobre menino, sem pai.

— Ele tem um pai — disse Alex, afastando-lhe a mão. — E agora você vai explicar exatamente o que tudo isso significa para que eu possa decidir o que fazer. — Ela entregou Mark a Joan e olhou para Simon. — No mínimo, assim que ele chegar aonde está indo, poderá contar a eles o que aconteceu.

— Eles não vão se importar — disse Joan. — Não terão motivos para acreditar nele.

Alex olhou de um para o outro, odiando os dois por já terem desistido.

— E o que vai acontecer com ele?

— Eles o venderão na chegada e ele será posto em serviço, um escravo que pertence ao homem que mantém sua escritura. Eles o farão trabalhar até os ossos e, se ele morrer, bem, que assim seja. — Simon parecia muito triste, e Alex sentiu a dormência gelada de antes retornar. Ela torceu as mãos uma na outra, tentando pensar.

— Vou atrás dele — declarou alguns minutos depois. — Vou encontrá-lo e, de alguma forma, trazê-lo para casa.

— Você não pode fazer isso! — Simon disse.

— Quer ver só? — Alex mordeu o lábio e lançou um olhar discreto na direção da lareira da cozinha. Não que eles fossem ricos, mas se ela vendesse tudo o que esconderam, seria o suficiente para financiar a passagem e tudo o que ela precisasse para libertá-lo. E não cobrariam por Mark, ele podia dormir na cama com ela, sem ocupar nenhum quarto.

— E Mark? — perguntou Joan.

Alex ergueu as sobrancelhas.

— Vou levá-lo comigo.

— Uma criança? Não, acho que não. Ele pode adoecer e morrer. — Simon parecia muito desaprovador.

— Ele é meu filho, então se eu vou, ele também vai.

— Não, ele não vai. Não posso deixar você levá-lo e arriscar a vida dele — disse Simon.

— Você não pode me impedir! — Ela estava de pé, nariz a poucos centímetros do dele.

— Sim, eu posso. Matthew me nomeou guardião do garoto.

— Eu sou a guardiã dele! Eu sou a mãe dele, pelo amor de Deus!

— Você é uma mulher. Não pode ser responsável pelo bem-estar de uma criança. — Simon bloqueou o tapa enfurecido e segurou firme as mãos de Alex. — Eu posso impedir você de ir também, mas não vou. O menino, no entanto, fica aqui. Ele é o novo mestre de Hillview, caso Matthew não retorne. Se Mark morrer, Hillview vai para Luke. Você acha que Matthew iria querer isso?

Alex afundou em seu assento. Simon estava certo; Matthew nunca iria querer que seu filho fosse colocado em risco desnecessário. Matthew ... onde ele estaria agora? Será que o tinham acorrentado, o espancaram? Alex envolveu o próprio pulso e apertou com força. Ele entraria em pânico ao se encontrar novamente em algemas. Sem dizer mais nada, ela pegou o filho e subiu as escadas para o refúgio de sua cama.

Ela não dormiu. Ficou rolando na cama e, depois, virou-se e passou horas observando Mark na cama, embebedando-se com sua presença, todos os detalhes de seu corpinho sólido adormecido de bruços como um sapo. Seu bebê... A mão dela caiu sobre o anel de casamento e ela o girou em torno do dedo. O homem dela ... Oh Deus! Seu homem, seu filho, seu Matthew, Mark — através das horas sombrias eles assombraram sua cabeça. Alex emitiu um som estrangulado e recostou-se nos travesseiros, com o rosto escondido nas mãos.

A alvorada encontrou Alex na cozinha, seu colo cheio de suas poucas joias e o que lhe parecia uma pilha muito insignificante de moedas. A sra. Gordon deu-lhe uma rápida olhada e ocupou-se com o café da manhã, acenando um bom dia para uma Joan sonolenta que apareceu na porta.

— O que devo fazer? — Alex disse para ninguém em particular. — Como posso deixar Mark para ir atrás de Matthew, mas como eu poderia *não ir* atrás de Matthew?

A sra. Gordon deu um tapinha no ombro dela.

— Você sabe o que deve fazer, não?

Alex assentiu; não havia escolha, mas isso a estava despedaçando.

— Perdi um filho uma vez — disse ela, ignorando o olhar surpreso no rosto de Joan. — Meu pequeno Isaac... mas encontrei Matthew e foi o suficiente. Agora tenho que deixar um segundo filho para trás.

Ela olhou vagamente para a lareira. Muito raramente se permitia pensar nos aspectos mais estranhos de sua vida e, como consequência, geralmente mantinha suas vagas lembranças de Isaac bem afastadas. Ele já teria quase seis anos e ela esperava que estivesse seguro e bem cuidado, vivendo uma vida normal em 2005. Oh Deus; seu estômago apertou. Ela não deveria estar aqui, era uma impossibilidade, uma aberração, e se alguém descobrisse que ela tinha vindo do futuro, eles a amarrariam a uma estaca e a incendiariam como uma espécie de bruxa. Mas não era como se ela tivesse feito algo ativamente, aquilo tinha simplesmente acontecido.

Os cabelos finos em sua nuca se arrepiaram com as lembranças daquela horrível queda giratória no tempo. Dois anos e contando, desde que uma tempestade de raios rasgou o tempo e a mandou voar para pousar aqui, no tempo de Matthew, agora o ano de nosso Senhor 1661. Matthew ... Ela segurou um soluço e o engoliu de volta.

A sra. Gordon colocou uma caneca de sidra aquecida na frente dela.

— Seu filho será bem cuidado aqui, você sabe disso.

Alex tomou um gole de sua sidra em silêncio. Joan e Simon adoravam Mark, e eles o amariam como se fosse filho deles. E Mark a esqueceria, não a reconheceria quando ela voltasse, encolhendo-se para se esconder atrás das saias de Joan. Isso a cortou por dentro só de pensar. A sra. Gordon ergueu os olhos negros para ela.

— Seu filho tem outros, moça. Seu homem só tem você.

— Sra. Gordon... — Joan protestou.

— Eu sei. — Alex pegou os objetos de valor no colo e os jogou de volta na bolsa. — Vou atrás dele. Eu tenho que ir.

A senhora Gordon concordou com a cabeça.

— Eu irei junto. Você não pode viajar sozinha. — Alex deu um sorriso agradecido e se levantou.

— É melhor começarmos a fazer as malas, certo?



Era um glorioso dia de primavera quando Alex saiu de Hillview em busca do marido sequestrado. As árvores estavam em folhas novas e brilhantes, piscos de peito vermelho e melros gorjeavam alto nos arbustos, e no alto, contra o céu azul pálido, pairava uma única cotovia. Os campos cultivados enchiam o ar com o cheiro de terra quente e úmida e, na horta, brotos pálidos surgiam tímidos e frescos do solo bem cuidado.

Não que Alex tenha notado; toda a atenção dela estava no filho. Com quatorze meses de idade, Mark estava nos braços da tia. Ele murmurou e riu, um som alto e borbulhante, quando sua mãe primeiro o beijou, depois soprou em seu ouvido, e então pulou para cima e para baixo nos braços que o continham, as mãos estendidas em direção a Alex.

— Ame-o também por mim — disse Alex, inclinando-se para beijar a testa de Mark. — Ame-o por mim e por Matthew.

Joan apenas assentiu, os olhos como riscos cinzentos em um rosto vermelho e inchado. Alex deu um sorriso vacilante e então teve que abraçar o filho uma última vez, enterrar o nariz no cabelo dele e sentir seu cheiro, tão singular que ela poderia encontrá-lo no escuro. Mark riu, mas protestou quando Joan o puxou de volta, pequenas mãos de estrela do mar acenando na direção de sua mãe. Ele se esticou na direção de Alex quando ela se sentou na montaria. Quando ela virou o cavalo e o instou a seguir, Mark começou a chorar.

Quando Alex, a sra. Gordon e Simon chegaram ao topo da colina, o ar foi tomado pela voz alta de Mark. Alex mal podia enxergar através das lágrimas.

— O que eu estou fazendo? Como posso deixar meu filho para trás?

— Você precisa — disse a sra. Gordon, de onde estava sentada atrás de Alex. — Sabe disso, não sabe?

Simon se manteve em silêncio. Ele ainda não estava convencido de que deixar Alex solta no mundo em uma tentativa desesperada de encontrar Matthew era a coisa certa a fazer. Talvez ele devesse ter insistido para que ela ficasse em casa, em segurança. Desde o dia em que voltou de Edimburgo para dizer a Alex que Matthew se fora, ele tentara fazê-la ver a razão; não havia nada que ela pudesse fazer, e Matthew não esperava isso dela.

— Bem, eu espero isso de mim mesma — ela tinha dito, estreitando os olhos azuis. — O que você sugere que eu faça? Sentar-me aqui e ignorar o fato de que em algum lugar alguém está prejudicando o homem que eu amo, fazendo-o passar fome e usando-o como um animal? Serei capaz de viver comigo mesma, sabendo que ele está morrendo lentamente, se eu não tentar?

Simon não soube o que dizer então, e prometeu que a ajudaria da melhor forma que pudesse. Agora, ele se virou na sela para estudar Alex. Ela montava Samson com muito mais competência do que ele pensara, lembrando-se de um dia, não fazia nem três anos, quando a viu encarar o enorme garanhão cheia de apreensão, tudo nela indicando que nunca antes estivera tão próxima de um cavalo.

Ele apertou os lábios. A história de como Matthew a encontrara vagando pelos pântanos depois de uma tempestade ainda cheirava a subterfúgios, e ele se lembrou da primeira vez que a viu, o cabelo parecendo uma touca de cachos castanhos brilhantes em volta da cabeça, descalça e com um ar de estranheza ao seu redor. Talvez porque ela fosse sueca, sim, mas ele não tinha certeza.

Há um ano, ele a encontrou na floresta e ela estava dançando, balançando o filho estridente enquanto cantava uma música muito peculiar sobre o céu estar pegando fogo. Não, Alex era mais do que

aparentava... E o que era isso sobre ter perdido uma criança? Joan tentara abordar o assunto desse desconhecido Isaac, mas fora tão rudemente rejeitada que confidenciara a Simon que nunca mais perguntaria novamente.

— Seis semanas — disse Alex, quebrando quase uma hora de silêncio. — Perdemos seis semanas!

Agora que estavam firmemente a caminho de Edimburgo, ela conseguiu banir de sua mente o pensamento sobre Mark ter ficado tão perturbado, concentrando-se na tarefa em questão — encontrar Matthew.

— Não perdemos — respondeu a sra. Gordon. — Você sabe que não há travessias durante o inverno. E o navio com o mestre ainda estará em Plymouth, não?

Alex deu a Simon um olhar sombrio. Ela argumentou repetidamente que eles deveriam ir até Plymouth e lá libertariam Matthew, mas Simon dissera que não achava possível, que o capitão dificultaria a subida de qualquer um a bordo, e que de qualquer maneira ele poderia esfregar um documento muito formal de escritura em seus rostos.

— Mas é falso! — ela disse.

— Sim, mas cabe a nós provar que é. Além disso — ele acrescentou sombriamente—, o que impede o capitão de lançar Matthew ao mar, caso se sinta ameaçado?

Samson deu um passo repentino para a direita, forçando a atenção de Alex de volta ao presente.

— Você acha que ele ainda está vivo? — ela disse. Por semanas, ela vinha tendo um pesadelo recorrente de Matthew morrendo devido aos ferimentos que recebeu quando foi sequestrado, cortesia de seu irmão mau e sem nariz.

A sra. Gordon bateu com força em sua coxa.

— Quieta, moça! Você não o sente ainda?

Toda noite ela o sentia, rolando na direção em que ele deveria estar deitado, apenas para descobrir aquela metade da cama vazia e fria. E agora, quando se voltava para dentro de si mesma, tinha

certeza; uma palpação na boca do estômago lhe dizia que sim, ele ainda estava vivo.

— Eles vão mantê-los vivos na travessia — acrescentou Simon.
— Um homem morto não tem valor, tem?

Alex lançou outro olhar sombrio em sua direção. Ser mantido vivo para ser vendido como escravo, o que isso faria com ele?

— Curve-se — ela sussurrou ao vento. — Não deixe que eles quebrem você.

Não como fizeram na prisão, onde ele não soube como se submeter, lutando com raiva pela injustiça de tudo.

— Ele viverá moça — disse a senhora Gordon. — Fará o que for necessário para permanecer vivo. Ele deve isso a você e ao seu pequenino.

Quatro dias depois, eles chegaram a Edimburgo. O vento soprava do estuário, carregando o fedor do Lago Nor diante dele. Na verdade, mesmo sem aquela fossa aberta perfumando o ar, Edimburgo era uma paleta de cheiros desagradáveis, muitas pessoas, cães vadios e ocasionalmente bandos de aves.

Levou séculos para fazerem o percurso de Greyfriars até a pequena estalagem perto de Cowgate, e mesmo que não fosse particularmente limpo ou iluminado, o quarto que deviam dividir parecia um refúgio de paz após a confusão da cidade do lado de fora.

Alex abriu a janela para deixar entrar um pouco de ar e chamou a criada para trocar os lençóis — de jeito nenhum ela dormiria no linho cinza de tanto uso — e depois de se lavar rapidamente, pegou as rédeas de Samson com força e o levou a Grassmarket para vendê-lo. O que ela deveria fazer? Precisava de todos os centavos que conseguisse e Samson era um cavalo magnífico, provocando olhares interessados de vários homens. Ainda assim; ela sentiu como se estivesse vendendo um membro da família. Alex fungou e assoou o nariz antes de dar a Samson um último tapinha de despedida.

— Você não é feio — disse ela ao garanhão de costas largas. — E é um cavalo muito legal. Espero que encontre um bom lar e

alguém que o ame tanto quanto Matthew.

— É apenas um cavalo — disse a sra. Gordon, parecendo algo entre divertida e preocupada. — Não faz sentido chorar por um animal, não é?

— Eu vou chorar se eu quiser, ok? Não chorei quando dei um beijo de despedida em Mark, não chorei quando vi Hillview desaparecer atrás de mim — bem, não muito — e, Deus é minha testemunha, não chorei por Matthew, exceto naquele primeiro dia. Então, se eu sentir vontade de me debulhar em lágrimas por Samson é isso que farei e você pode simplesmente engolir isso.

Alex sentiu um pouco de vergonha de descontar seus sentimentos na sra. Gordon, mas ela parecia bastante imperturbável.

— Engolir isso — repetiu a sra. Gordon com um leve sorriso. — Engolir. Até que eu gostei dessa. — Ela deslizou a mão por baixo do braço de Alex e apertou. — Você chora pelo mestre todas as noites, não?

— Sim, mas nunca quando estou acordada.

— Por que não?

Alex deu de ombros e afastou uma mecha de cabelo do rosto.

— Prometi a mim mesma que não o faria. Não até encontrá-lo.

Ela continuou olhando para os homens que as cercavam. Era dia de feira e Grassmarket estava cheio de pessoas que vinham das fazendas mais afastadas da cidade.

— Quem é que você está procurando? — A sra. Gordon ergueu sua estrutura robusta na ponta dos pés e examinou a multidão.

— Luke.

Se ela o visse... Suas mãos se fecharam em punhos quando, ao longe, viu um homem alto. Era ele? Ela meio que correu na direção do homem, a sra. Gordon bufando em seu encalço. O homem se virou, Alex parou. Não era seu cunhado maldito.

— E o que você faria se o encontrasse? — A sra. Gordon ofegou, segurando o lado do corpo.

Alex deixou seus olhos viajarem pela multidão, procurando pelos cabelos ruivos distintos de Luke.

— Arrebentaria a cabeça dele, ou melhor ainda, arrancaria suas bolas e faria com que ele as comesse.

— Parece uma ótima ideia — a senhora Gordon assentiu. — Eu posso até sentar nele. — Seus olhos brilhavam injetados quando ela pegou a mão de Alex. — Mas antes as prioridades, moça; você precisa encontrar seu marido e trazê-lo para casa. E então você e eu poderemos cortar umas bolas. Com uma faca bem cega...

Apesar de sua tristeza, Alex começou a rir e abraçou a sra. Gordon com força.

Na última noite deles em Edimburgo, houve uma discreta batida na porta do quarto e Simon se aproximou para abri-la, punhal na mão. Ele quase caiu para trás de surpresa.

— Margaret! O que você está fazendo aqui?

Uma forma encapuzada deslizou pela sala e, com mais uma pessoa, o espaço apertado ficou positivamente lotado, com a cama de palete de Simon, o leito de casal que Alex dividia com a sra. Gordon, a mesa e os poucos banquinhos.

— Veio se vangloriar? — Alex queria muito jogar algo na cara daquela mulher, que já tinha sido esposa de Matthew, mas antes de tudo amante de Luke e agora sua esposa. — Feliz agora que o desgraçado do seu marido conseguiu fazer com que Matthew desaparecesse da Escócia?

— Eu juro que não sabia — disse Margaret. — Eu juro. — Sua voz tremia, os olhos enormes no rosto pálido e oval.

Ah, certo.

— Assim como você não sabia quando Luke acusou falsamente Matthew de traição, hein? — Para satisfação de Alex, Margaret parecia muito envergonhada. Mas até aí, ela deveria mesmo, não deveria? Alex pigarreou de raiva. — Isso é tudo culpa sua, se você não tivesse contado a Luke todas aquelas mentiras terríveis sobre Matthew, nada disso teria acontecido.

— Mentiras? Que mentiras?

— Pare com isso! Nós duas sabemos, não é? Como você deixou Luke acreditar que Matthew a havia forçado a se casar, quando foi você — sim, você, sua maldita — quem o seduziu.

— Bem, ele não disse não, disse? — Margaret retrucou, endireitando-se para encarar Alex. — Na verdade — ela

acrescentou com um sorriso de deboche —, ele estava bem ansioso, se estava.

Se Simon não tivesse se colocado entre elas, Alex teria batido na outra mulher. Em vez disso, ela se afastou e respirou fundo duas vezes, os olhos nunca deixando Margaret. Desgraçada! Alex odiava que elas fossem tão parecidas, e odiava ainda mais o fato de que Margaret fosse linda de morrer e ela não.

Toda em seda vermelha escura que brilhava à luz das velas, com um decote ousado com rendas e linho da mais alta qualidade, cada centímetro de Margaret parecia mesmo a esposa de um homem da corte, desde os dedos dos pés em sapatos forrados de seda até os elegantes cachos pretos que adornavam sua cabeça. Alex se contorceu em seu simples corpete verde e tocou seu gorro de renda; tudo feito em casa com cuidado genuíno, bem costurado e arrumado, mas sem nada do charme das roupas de Margaret.

— Eu não vim discutir o passado — disse Margaret com alguma dignidade, colocando uma bolsa de veludo na mesa. — Aqui.

Simon cutucou a bolsa com um dedo, fazendo o conteúdo tilintar.

— O que é isso?

— Trinta peças de prata — respondeu Margaret com um sorriso irônico. — Deve ser suficiente para comprar-lhe a liberdade, se você o encontrar.

— Não se, quando — Alex corrigiu bruscamente.

Margaret olhou para ela e abaixou a cabeça.

— Espero que você o encontre mesmo. Ele não merecia isso. — Ela puxou o capuz de sua capa de volta, suas feições engolidas pelas sombras. — Você tem que se apressar. Luke diz que os trabalhadores morrem como moscas.

— Tudo parte do plano nojento dele — disse Alex.

Margaret encolheu os ombros, as mãos enluvadas mexendo nos fechos decorados de sua capa.

— Sim, provavelmente é.

— Se ele morrer, eu vou... — Alex engasgou com uma combinação amarga de medo e raiva.

Margaret apenas assentiu e saiu.

Alex esperou até que a porta se fechasse antes de se mover para pegar a bolsa. Pesava muito em sua mão, e ela a abriu para

ver que não apenas continha várias moedas, mas também uma coleção de pequenos objetos de valor; brincos, um anel com uma pedra vermelha escura, uma enorme pérola barroca em um pingente de prata...

— Generosa — disse Simon. — Margaret abriu aquele pequeno coração, não foi?

A sra. Gordon pegou uma pulseira de ouro e a pesou na mão.

— Esta é uma fortuna, pois sim. Luke vai ficar para lá de furioso quando souber o que ela fez.

— Ele não vai descobrir — disse Alex. — Ela não vai contar a ele, vai?

— Você acha que não? — A sra. Gordon tocou a grande pérola. — E quando ele pedir para ela colocar isso, o que ela dirá?

— Tenho certeza de que ela mentirá de forma convincente — disse Alex. — Afinal, todos sabemos que Margaret é boa em mentir.

Bem, ela era, não era? Para sua grande irritação, Alex sentiu-se corar sob os olhares reprovadores deles.

— Alex — Simon advertiu —, isso foi cruel. E não importa que Luke a ame, ela pagará caro quando ele descobrir, você sabe disso.

Alex se contorceu; ia contra todos os seus brios conceder quaisquer boas qualidades a Margaret, mas relutantemente ela concordou que fazer aquilo tinha exigido coragem.

Depois de uma última noite inquieta em terra, eles partiram para o cais em Leith no início da manhã seguinte. Alex observou a insubstancial embarcação de madeira com ceticismo. Atravessar o Atlântico nisso? Ela riu de sua decepção. O que estava esperando, um navio de cruzeiro do século XX? Na realidade, sim. Ela andou de um lado para o outro, calculando que no máximo eram trinta metros da popa à proa. Uma grande tempestade e a coisa toda provavelmente viraria, ela concluiu, enrolando as mãos na lã de suas saias.

— O barco já fez a travessia várias vezes — disse Simon em um tom tranquilizador. — O capitão é um homem experiente.

Alex assentiu e voltou a estudar a fila de pessoas subindo a passarela, pequenos pacotes pressionados contra o peito.

— São todas mulheres — disse Alex.

— Sim, esposas para os colonos. Elas viajarão no porão, eu acho.

— Esposas? Elas têm maridos esperando por elas?

— Bem... — Simon parecia desconfortável. — Não é bem assim. Elas os encontrarão lá, e seu futuro marido reembolsará o capitão pela passagem.

— Ah — Alex assentiu.

A sra. Gordon segurou o braço de Alex com força por todo o caminho até a passarela e, uma vez a bordo, elas andaram com cautela sobre o convés de madeira, tendo que desviar de rolos de cordas, vários barris e um pequeno cercado com cabras. Alex seguiu Simon até a pequena cabine abaixo do tombadilho que seria seu lar pelos próximos meses, e permitiu que ele fizesse uma inspeção completa do espaço que era do tamanho de um armário, grunhindo algo quando considerou que as coisas eram como prometidas.

Juntos, eles deram uma volta no convés e então chegou a hora de Simon sair. Ela não queria que ele partisse; queria agarrar o casaco dele e implorar para que fosse com ela. Mas não o fez, é claro. Em vez disso, limpou a garganta e tentou sorrir.

— Meu filho está sob sua guarda, meu filho e o meu lar.

— Eles estarão lá quando você voltar. Prometo que vou mantê-los em segurança.

— Eu sei — disse Alex —, caso contrário, como eu poderia ter saído?

Simon a abraçou.

— Encontre-o, moça. Encontre nosso Matthew e traga-o de volta. Você consegue. Você irá fazer isso.

— É claro que sim — disse ela, injetando sua voz com tanta convicção quanto pôde.

Ela o beijou, observou-o voltar para a terra e parou junto à balaustrada, acenando pelo tempo que conseguiu ver o ponto marrom que sabia ser Simon ficando cada vez menor.

Simon ficou parado até o navio desaparecer de vista. Ele passou a mão pelos cabelos esparsos, tirou um lenço da manga, assoou o nariz e limpou o rosto. Uma coisinha tão pequena em toda aquela água, totalmente nas mãos de nosso Senhor, para lá e para cá, como palha à mercê do sopro do vento. Ele suspirou e pressionou o chapéu na cabeça.

— Querido Senhor, mantenha sua mão sobre eles e mantenha-os em segurança — ele orou. — Dirija a luz do seu semblante para eles e guie-os de volta para casa.



Matthew acordou com uma dor intensa e a percepção indesejável de que o chão abaixo dele estava se movendo, rolando de um lado para o outro. Tentou se sentar e percebeu que estava acorrentado, preso como um animal. Ele gemeu quando se levantou.

— Então você está acordado? — uma voz disse perto de seu ouvido. Matthew estremeceu e a voz riu. — Não quero lhe fazer mal nenhum, rapaz, nenhum de nós quer.

— Onde estou? — Matthew perguntou, tentando entender o ambiente.

— No Henriette Marie. Zarpamos ao amanhecer, com destino às colônias.

— As colônias! — Matthew tentou se levantar, mas caiu com o balanço do navio. — Eu tenho que sair! Eu tenho uma família para voltar.

— Todos nós temos — disse a voz ao seu lado. — Mas, a menos que você esteja planejando nadar, com corrente e tudo, não sairá deste navio até chegarmos a Jamestown.

Matthew lutou para se sentar. À luz que se filtrava pelas escotilhas gradeadas, viu vários homens, formas cinzentas que estavam sentadas ou em silêncio por toda parte. O ar fedia a vômito e excrementos, e dele vinha o cheiro distinto de mijo seco. Estudou suas calças sujas com nojo. Alex não ficaria feliz em ver o estado delas. Alex!

Matthew tombou contra as tábuas e fechou os olhos. Isso não podia estar acontecendo com ele, não, era apenas um sonho, e se ele se permitisse adormecer, acordaria com o amanhecer escuro de uma manhã de inverno em Hillview, Alex roncando suavemente ao seu lado. O barulho estridente das escotilhas o lembrou brutalmente dessa nova realidade, e ele cruzou os braços em torno de si, tentando impedir-se de tremer.

— Não se preocupe, rapaz — disse a voz desconhecida. — São apenas eles descendo com comida e água.

Matthew assentiu e ficou imóvel até as escotilhas voltarem ao lugar.

— Aqui. — Um pedaço de pão foi colocado em sua mão e uma mão forte apoiou sua nuca enquanto ele bebia. — Você tem um belo galo na cabeça.

Matthew levou uma mão trêmula à cabeça e se encolheu.

— Eles me acertaram! Eu estava voltando para a pousada e...

Ele franziu o cenho com o esforço de lembrar; vozes baixas discutindo sobre sua cabeça enquanto o arrastavam, outra pancada dolorosa na cabeça, uma carroça rangendo, alguém segurando-o enquanto seus pulsos estavam presos com correntes e então mais nada.

— Fui sequestrado — disse ele, uma onda de raiva percorrendo-o. Luke! Aquilo tinha sido obra daquela cria do inferno de seu irmão e agora, oh meu Deus, agora não havia ninguém para proteger sua esposa e filho!

Ele virou a cabeça para o lado e vomitou o pão meio mastigado. O homem a seu lado deu-lhe tapinhas no ombro e, para sua vergonha, Matthew sentiu seus olhos se encherem de lágrimas.

— Não é vergonha alguma — disse o homem. — Todos nós choramos.

— Eu tenho que voltar, senão ele os destruirá.

— Quem?

— Meu irmão, que Deus amaldiçoe sua alma — disse Matthew.

Ele deve ter falado por quase uma hora, enquanto contava àquele estranho o ódio e a rivalidade que existiam entre ele e seu

irmão. Descreveu como encontrara sua primeira esposa, Margaret, na cama com Luke e como seu irmão havia inventado mentiras para acusá-lo de traição. Vários anos depois, quando Matthew finalmente voltou para casa com sua nova esposa, Luke tinha, num acesso de raiva, batido tanto em Alex que ela perdera o bebê que estava carregando. Seu novo conhecido fez um som de desgosto com isso.

— Um ano depois, ele a ameaçou novamente, e eu devia tê-lo matado, como devia ter feito tantas outras vezes antes. Em vez disso, cortei o nariz dele. — E agora ... Matthew estudou o ambiente e as correntes em volta das mãos. — O que ele fez comigo?

O homem sentou-se nos calcanhares.

— Ele vendeu você como escravo, eu acho. Todos nós estamos indo para a Virgínia como beneficiários da misericórdia do bom rei. — Ele cuspiu enquanto dizia isso. — Eu sou James McLean, condenado à força por pregar que todos os homens são iguais. Ouso dizer que eles tiveram má vontade em me ceder o comprimento de corda necessária e, portanto, estou aqui. — Ele suspirou e arrastou os pés. — Não vou pregar muito aonde estamos indo. Aliás, não vou pregar muito pelo resto dos meus dias.

Um lampejo de desespero passou por seus olhos castanhos e Matthew apertou sua mão.

— Claro que vai.

James balançou a cabeça.

— Sete anos, sim? E eu já tenho quarenta e sete...

Nos próximos dias, Matthew ouviu as histórias dos homens ao seu redor, em muitos casos comoventes, histórias de fome e de serem expulsos de suas casas por não conseguirem pagar os aluguéis e os impostos. Histórias de como eles foram forçados a roubar para alimentar suas famílias e de como foram presos e condenados ao enforcamento por roubo, apenas para que as sentenças fossem comutadas por anos de servidão em algum lugar do outro lado do mar.

Ele podia ver nos olhos deles; a resignação, a falta de esperança. Esperava-se que nenhum desses homens voltasse para casa, supondo que trabalhariam até a morte ou estariam pobres demais para pagar a passagem de volta para suas mulheres e

filhos. Não eu, prometeu a si mesmo: não morrerei longe de casa, de alguma forma chegarei em casa para Alex e Mark.

Uma noite, enquanto ele estava deitado incapaz de dormir, afogando-se em preocupação com o filho e a esposa, Matthew lembrou que de fato lhes havia deixado alguma proteção. Simon cuidaria deles, e Matthew agradeceu ao Senhor por ter assinado o documento de tutela, declarando claramente que, no caso de sua morte, era Simon, e não Luke, quem cuidaria de Mark.

Quase riu ao pensar na reação de Alex por não ser considerada uma guardiã adequada. Sua esposa peculiar, dada por Deus, argumentaria que era totalmente capaz de defender o filho, e ele podia até ver seus olhos se transformando em safiras reluzentes enquanto protestava com Simon. Ele se mexeu nas tábuas duras, tentando abafar o som das correntes. Sua esposa... Passou a mão para cima e para baixo no antebraço, fingindo que era a carícia dela que sentia. Isso o fez enfraquecer de desejo por ela.

— Alex. — Ele sorriu quando disse o nome, atingido pela certeza do que ela faria.

Ela viria atrás dele, o encontraria e em suas entranhas uma flor de esperança cresceu. Se alguém podia fazer isso era ela, mas custaria, porque Simon nunca a deixaria trazer Mark consigo — nem deveria. Ele rolou de lado. Pobre Alex; ser afastada de outro filho, assim como havia perdido Isaac para os caprichos do tempo. Mas, no fundo, ele estava vertiginosamente feliz quando a convicção nele cresceu, que não importava o custo para ela, ela viria buscá-lo.

Foi difícil manter esse raio de esperança nas semanas seguintes. Durante um mês, eles ficaram ancorados em Plymouth, e enquanto os outros no porão foram autorizados a sair para o convés para tomar ar, Matthew tinha que ficar sentado no escuro, o capitão fazendo questão de informar que ele não teria chance de escapar. Matthew enfureceu-se em suas correntes e, em uma ocasião, perdeu a paciência completamente, o que resultou nele rastejando

de dor quando os golpes de porrete choveram sobre seus ombros e costas.

— Você não deve provocá-los — James o repreendeu. — Deve manter a cabeça baixa.

Mas já era tarde demais, e os guardas encontraram uma razão após a outra para provocar e maltratar Matthew. Curve-se, ele disse a si mesmo. Dobre-se, Matthew Graham, ou eles vão te quebrar. Na maior parte do tempo, era o que fazia, mas às vezes a injustiça de tudo era demais, e foi assim que ele foi acorrentado ao mastro principal com nada além de sua camisa, incapaz de escapar do frio cortante do vento de março, quando o Henriette Marie começou sua longa jornada através do mar aberto.

Para se distrair de seus tremores inevitáveis e da maneira como seus dedos e pés doíam de frio, ele pensou no dia em que encontrou Alex, uma moça estranhamente vestida, deitada de bruços na encosta de uma colina. Esticou os lábios rachados em um sorriso fraco ao recordar aquelas calças estranhas — *djeens*, como ela as chamava — e seus cabelos curtos. E ele sabia, já naquela época, que aquela moça era de alguma forma destinada a ele, nada menos que um presente de Deus, pois de que outra forma poderia explicar a coincidência propícia de estar na charneca exatamente quando ela caiu no tempo? Ele riu; Alex era um pouco mais cética em relação a toda essa intervenção divina, afirmando que tudo se devia à tempestade de raios, um estranho desalinho no tempo.

Quando foi trazido de volta ao porão, estava inconsciente com febre, pequenos lapsos de lucidez surgindo em seu cérebro. Às vezes, ele reconhecia o homem que estava sentado ao seu lado e fazia um esforço para sorrir para essa pessoa familiar antes de ser arrastado para a escuridão novamente.

O rosto de James foi a primeira coisa que Matthew viu quando a febre finalmente começou a ceder, e ele caiu em um profundo desânimo. Nos seus sonhos delirantes, estava em casa, vagando por campos verdes e amplos bosques, rindo enquanto perseguia Alex pela encosta, segurando seu pequenino filho nos braços. Agora, ele acordava com correntes e ranger de tábuas, com homens que tossiam e peidavam enquanto dormiam, e a percepção

desesperadora de que talvez não conseguisse, talvez morresse sem nunca mais vê-la.

Todos pensaram que morreriam algumas semanas depois, quando o Henriette Marie foi lançado de onda em onda, todo ele protestando quando o mar batia em suas laterais rangentes. Durante dias, a tempestade se manteve furiosa, varrendo qualquer coisa que não estivesse firmemente amarrada ao convés. No porão, os homens sentaram-se na água gelada enquanto ondas enormes quebravam acima deles, a água do mar em cascata através das escotilhas. Foi um alívio ver o sol pálido da primavera surgir, e James os conduziu em grata oração porque, pelo menos a isso, eles tinham sobrevivido.

Todos eles foram autorizados a sair ao convés para secar a si mesmos e o porão foi lavado da melhor maneira possível. O capitão até lhes deu um pouco de conhaque, murmurando algo sobre não lhe valerem nada mortos, antes de ordená-los de volta aos seus cantos escuros e úmidos.

Três homens morreram; um, segundo o que James disse, de malária, tremendo até a morte, dois de tuberculose, tossindo até os pulmões arrebentarem. Quando os outros homens recuavam, com medo de pegar essas doenças mortais, James sentava-se com eles, conversando e acalmando-os da melhor maneira possível.

— Você não tem medo? — perguntou Matthew.

James apenas deu de ombros.

— Se eu morrer, morri.

— Mas ... você não quer viver, voltar para sua família?

James suspirou e pegou um naco ou dois do pão.

— Eu não vou voltar, Matthew. Eu sinto isso nos meus ossos.

— Claro que sim, nós nos ajudaremos.

James não respondeu, com os olhos enevoados.

— Vamos nos ajudar — disse ele depois de um tempo. — E talvez um de nós chegue em casa.

— Nós dois — Matthew insistiu, fazendo James dar a ele um olhar exasperado.

— Você não sabe? Muitos de nós morreremos antes que nossos anos de serviço terminem, tratados como bestas de carga em campos sem fim.

— Eu não.

James deu um sorrisinho triste.

— Não, rapaz, não você.

Matthew estremeceu com o tom dele e lançou um olhar para sua própria estrutura robusta. Seria exatamente como na prisão, com ele sendo escolhido para o trabalho mais pesado por causa de seu tamanho e força. Ele passaria dias sem fim em trabalhos pesados de quebrar o corpo — mais uma vez — e uma voz assustada na boca de seu estômago se perguntou quanto tempo levaria antes que ele começasse a se desgastar. Matthew se sacudiu. Ele estava ali por engano e, uma vez que ancorassem, encontraria alguém com quem pudesse reclamar. Mas mesmo enquanto pensava nisso, já sabia que não ajudaria. Quem ouviria? Quem se importaria? Ele se recostou nas tábuas e suspirou.

— Ela virá, minha Alex virá.

Sua mulher; ela viria atrás dele.

— Claro que virá — disse James.

Matthew fechou os olhos; podia ouvir na voz de James que ele não acreditava nisso.

No dia em que o navio ancorou no rio James, os homens no porão suspiraram aliviados. Terra, logo haveria terra sob seus pés, e nada poderia ser tão ruim quanto a travessia marítima, poderia? Um zumbido baixo de excitação se espalhou, os homens mais jovens inspecionando discretamente seus corpos desgastados. Eles pareciam saudáveis o suficiente? Apenas James ficou em silêncio.

Para Matthew, o calor foi um choque. Era maio, e a umidade pairava como um cobertor encharcado ao seu redor, fazendo com que até respirar fosse um esforço. Ele olhou para as construções amontoadas na ilha pantanosa e um calafrio de medo subiu por sua espinha. Que tipo de terra era aquela? Tudo era verde, um verde pesado e sufocante, e apenas se mover já o fazia transpirar, colando a camisa de linho gasta e suja em sua pele. Ele não

conseguia respirar, sua garganta se fechando em protesto por esse ar quente e úmido. Como alguém poderia trabalhar aqui?

Ele foi levado a bordo de um barco a remo, e passou os minutos seguintes atordoado. Entendeu apenas vagamente que estava sendo vendido e, quando tentou objetar que não era um empreendimento, que era um homem sequestrado, riram em sua cara. Se ele não estivesse acorrentado, teria socado o homem enorme à sua frente, mas agora apenas cerrava os dentes e jurava que um dia esse bastardo se engasgaria com sua risada desdenhosa.

Viu James desaparecer de perto dele, tentou chamar seu nome e garantir que eles se encontrariam novamente, mas uma mão dura o puxou para outra direção, empurrando-o e a mais seis pessoas do navio em direção a uma carroça à espera. As correntes foram arrancadas para serem substituídas por cordas, amarradas à parte traseira enquanto eles eram rebocados como animais mudos e o enorme superintendente Jones deu um sorriso zombeteiro a Matthew, enquanto dedilhava a corda que carregava. Matthew quebrou o contato visual e olhou para os próprios pés.

Muito tempo depois, eles finalmente foram autorizados a parar. As respirações estavam pesadas pela umidade desconhecida e suas roupas pendiam encharcadas e desconfortáveis. Nenhum deles disse uma palavra, concentrando-se em acompanhar a carroça. Jones os ignorou, deixando-os de pé, ainda amarrados, e disse algo em voz baixa para os dois guardiões. Todos riram, os olhos brilhando na direção dos novos homens.

— Três anos — Matthew ouviu um deles dizer. — Não mais do que isso.

Com um pressentimento, ele entendeu que eles estavam apostando na sobrevivência deles. Isso fez seu estômago revirar-se do avesso.



Asra. Gordon decidiu rapidamente que viajar pelo mar tinha suas vantagens e passou a maior parte de seus dias conversando com a cozinheira ou com um dos marinheiros, voltando para compartilhar informações com Alex, que, para sua surpresa, descobriu que era propensa a enjoos e, portanto, permaneceu na cama.

— Você sabia que o capitão atravessou o Atlântico trinta vezes?

— A sra. Gordon perguntou, sentando-se no banquinho.

— Ótimo. Suponho que isso significa que ele sabe o que está fazendo, certo?

A sra. Gordon assentiu e continuou contando a Alex mais uma história de gelar o sangue após a outra, histórias de naufrágios, piratas e navios presos durante semanas no meio do oceano, toda a tripulação convencida de que logo morreriam, enlouquecidos pela sede.

— Você está fazendo isso de propósito?

A sra. Gordon riu e disse que, como distração aquilo servia, não servia?

Depois de alguns dias claustrofóbicos na cabine escura, Alex saiu para o convés, cheirando o ar fresco com apreciação. Pela primeira vez desde que partiram, ela acordou com fome e tomou um café da manhã saudável composto por carne de porco frita salgada, cerveja e pão meio velho.

— Vamos ancorar em Plymouth amanhã — disse o capitão Miles, vindo se juntar a ela no parapeito. — Temos um novo

passageiro a bordo. — Ele sorriu para Alex e voltou a estudar o mar. — Sua companheira me disse que você está a caminho de se juntar ao seu marido.

— Sim, na Virgínia. — Ela não estava propensa a dizer mais do que isso. — Quanto tempo vai demorar?

— De sete a dez semanas, dependendo do clima e dos ventos.

No final de junho, ela suspirou, imaginando como iria aguentar. Nas últimas noites, ele esteve tão perto, ela chegava a se arquear para encontrar o toque dele apenas para bater a cabeça contra a parede do beliche e acordar com a dor. Ela sentia falta dele; havia um buraco irregular dentro dela que crescia a cada dia. A saudade do filho deles estava doendo em seu coração, mas Matthew, bem, ela sentia falta dele com todo seu corpo. Com as mãos, que ela não queria nada mais do que deixar os dedos descansarem contra a pele dele, com a boca, com os seios... Cada parte dela ficou diminuída, danificada, agora que ele não estava aqui para se misturar perfeitamente nela.

— Você o encontrará. — A sra. Gordon apareceu como uma tagarela gigante e com excesso de peso a seu lado.

— Você acha?

A sra. Gordon ficou irritada.

— Claro que vai. — Ela inclinou a cabeça para um lado e deu um tapinha em Alex. — Ele não está morto, moça, e contanto que ele esteja vivo, você o encontrará. Ele chama você, não é? Assim como meu Robbie... — Ela parou. Alex a observou de perto, estudando-a de uma maneira que nunca havia feito antes. Sempre de preto, nunca nada além de preto, exceto por suas toucas e colarinhos à moda antiga, engomados e brancos. E nem uma vez Alex pensou em perguntar.

— Por quanto tempo foi casada?

— Vinte anos. — Os dedos curtos da senhora Gordon acariciaram o anel que ela usava em seu dedo mindinho. — Vinte anos e quatro meninas, e então todos as cinco morreram no período de um ano. — Ela encolheu os ombros, fugindo da mão de Alex. — Fui muito abençoada, sim? Eu amei e fui amada. — Ela apertou o xale ao seu redor e deu um tapinha no braço de Alex. — Assim como você, não? Você o ama tanto que morreria por ele.

Alex assentiu.

— É por isso que você teve que ir atrás dele. Você nunca se perdoaria se não o fizesse.

Não era a mais elegante das entradas. Apesar de várias tentativas, o novo passageiro não conseguiu subir a bordo usando a escada de corda, e Alex ficou pendurada no parapeito, observando enquanto uma corda estava amarrada em volta da cintura para içá-lo a bordo. O homem aterrissou em uma pilha desengonçada, mas rapidamente recuperou-se sobre os pés, espanando a capa, as calças — bem, tudo — antes de se virar para encarar o capitão. Com um floreio, ele se curvou, tirando o chapéu vistoso da cabeça. Alex deu uma olhada em seu rosto e teve certeza de que iria morrer. Ali mesmo.

— A seu dispor: Ángel Benito Muñoz de Hojeda, da Espanha.

Alex ficou boquiaberta. Não podia ser! Ángel estava morto! Bem, para ser mais precisa, ele ainda não havia nascido, mas morreu em 1999, ela o viu morrer com seus próprios olhos. E agora ele estava aqui, em 1661, ou pelo menos alguém parecendo assustadoramente com ele e usando o mesmo nome estava aqui, e isso fez sua garganta entupir. Ela se retirou para trás do capitão, mas conseguiu fazer uma reverência e murmurar uma saudação adequada, o tempo todo temendo que suas tripas caíssem e pousassem com um barulho repugnante no convés.

Proibida e definitivamente indesejável, a imagem de sua mãe envolvendo-se em torno de um Ángel congelado e queimando a ambos até a inexistência surgiu na mente de Alex. Oh, Deus, oh Deus! Só de pensar nisso a fazia hiperventilar; sua mãe era uma espécie de bruxa, e Ángel, Deus o amaldiçoasse, Ángel era um verdadeiro crápula, uma contradição viva de seu próprio nome. Ela encarou firmemente o chão de carvalho e contou até cem em uma tentativa de se acalmar.

Espiou o estranho. Santa Matilda! Este poderia ser o gêmeo de Ángel!

— Um bocado de nomes o senhor tem — comentou a sra. Gordon.

— Meus amigos me chamam de Benito. — O estranho sorriu. — Don Benito.

Alex amoleceu. Não era o mesmo então; além disso, esse homem tinha olhos gentis e um sorriso hesitante, mas genuíno — nada parecido com o futuro Ángel Muñoz. Ela sorriu de volta e estudou suas extravagantes bombachas decoradas com jardas e mais jardas de fita rosa na cintura e no joelho. Minha nossa, um fashionista iniciante até as fivelas polidas de seus sapatos!

— E o que um cavalheiro espanhol pode estar fazendo tão longe de casa? — disse o capitão Miles, soando como se os cavalheiros espanhóis fossem uma espécie perigosa que devesse ser atirada ao mar.

— Sou um enviado da Tabacalera.

Houve uma ligeira hesitação na resposta de Don Benito, olhos escuros deslizando para o lado. Hmm, pensou Alex, sorrindo internamente ao olhar penetrante da sra. Gordon na direção do espanhol.

— Tabacalera? — perguntou o capitão.

— É uma empresa de tabaco, a mais antiga do mundo. — Don Benito se encheu de orgulho.

— *En Sevilla* — Alex assentiu —, *ya lo sé*.

Don Benito sorriu para ela, todo o rosto iluminado de prazer.

— *Habla usted Castellano?*

— *Obviamente* — Alex murmurou.

— Talvez esteja familiarizada com a minha cidade natal? — Ele parecia pateticamente ansioso.

Alex quase disse que era claro que estava — ela tinha nascido em Sevilha, em 1976 —, mas se conteve. Ele a encheria de perguntas sobre sua família e ela não teria respostas.

— Na verdade, não. Estive apenas em uma visita curta, há muitos anos, só isso. Minha mãe era de lá — disse ela, o que significava que, de qualquer maneira, se viu afogada em uma enxurrada de perguntas com as quais lidou dizendo que sua mãe havia morrido há muitos anos e ela não sabia responder nada mais.

— Qual era o nome dela?

— Mercedes. Mercedes Gutierrez. Ela era uma pintora famosa.

— Ela era uma pintora estranha, uma mulher que pintava portais

temporais em miniatura e os espalhava pelo mundo. Alex estudou Don Benito com cuidado, mas não houve reação. Ela relaxou; foi tudo uma coincidência, esse homem devia estar em algum lugar da árvore genealógica do futuro Ángel, só isso.

— Um espião de tabaco? — capitão Miles interrompeu, encarando o novo passageiro com uma leve carranca.

— Capitão! — Don Benito disse. — Claro que não. Tenho negócios a tratar com o governador da Virgínia, Sir William Berkeley.

O capitão pareceu impressionado.

— Sêrio? — Alex disse. Aquela poderia ser uma reunião muito oportuna, pois poderia ajudar a conhecer o governador, mesmo que indiretamente.

— A senhora o conhece? — Don Benito perguntou.

— Nunca ouvi falar dele — disse Alex, fazendo-o sorrir.

— Eu também não o conheço, exceto por reputação. Sou apenas um mensageiro glorificado.

Um mensageiro muito bem vestido, Alex concluiu, mesmo que ela tivesse sérias dúvidas quanto ao estado de suas roupas de baixo, dado que o homem continuava se coçando.

Don Benito provou-se a mais agradável das companhias, encantando Alex e a sra. Gordon com as histórias de sua vida. Parece que ele havia se tornado relativamente apegado à corte inglesa no exílio há alguns anos, e quando o rei foi convidado a retornar à Inglaterra em maio de 1660, Don Benito foi convidado a ir também.

— Por quê? — a sra. Gordon perguntou. — Por acaso o rei está interessado em tabaco?

Don Benito riu e explicou que sua missão atual era um desdobramento e, em sua opinião pessoal, o rei era mais propenso ao vinho do que ao tabaco. Ele então mudou de assunto, perguntando a Alex o que ela lembrava de sua cidade natal, antes de se lançar em uma descrição sonhadora de sua amada Sevilha. Com um pequeno aceno, a sra. Gordon escapou, piscando para Alex sobre a cabeça de Don Benito.

Às vezes, Alex suspeitava que Don Benito sofria de diarreia verbal, porque Deus, como aquele homem podia falar! Mas quando ele admitiu tristemente estar muito feliz por encontrar alguém com quem pudesse falar sua língua materna, ela ficou um pouco envergonhada por seus pensamentos não caridosos. Além disso, ela achava as conversas revigorantes, mesmo que tendessem a entrar em mais alguma discussão sobre a Bíblia. Esse homem deve saber tudo de cor, refletiu ela, ouvidos fechados enquanto ele mais uma vez citava algo de romanos — seu favorito óbvio.

Uma e outra vez, Don Benito voltava ao seu assunto favorito, Sevilha, descrevendo o cheiro de flor de laranjeira, a procissão das virgens e o silêncio de uma sesta do meio-dia no verão, quando o ar estava tão quente que quase doía respirá-lo.

— Não é tão bom na primavera. O Guadalquivir inunda regularmente, deixando toda a cidade coberta de água e lama.

— Isso não acontece agora, com o novo canal do rio redirecionado — Alex murmurou, franzindo a testa para o tricô recalcitrante.

— Canal? Qual canal?

Merda; esse pequeno canal em particular ainda não estava nem sequer na prancheta. Alex deu a ele um sorriso suave.

— Ah, esqueça, eu estava pensando em Estocolmo.

Don Benito não parecia convencido, mas não insistiu.

Certa noite, o capitão Miles solicitou a presença de seus passageiros no convés, com uma expressão sinistra em seu semblante.

— Tenho motivos para suspeitar que uma mulher a bordo esteja... liberal demais mediante pagamento.

— Uma prostituta — esclareceu a sra. Gordon.

Atrás dela, Don Benito converteu o que parecia uma risada em um acesso prolongado de tosse.

— Sim — disse o capitão Miles rigidamente, precedendo-os no convés.

As mulheres do porão — cerca de sessenta — estavam de um lado, enquanto a tripulação, uma coleção heterogênea de duas dúzias de homens, do outro. Entre eles estava uma jovem, cabelos louros escapando da trança apertada que pendia em suas costas.

Sob o comando do capitão, ela se levantou, o queixo erguido enquanto o capitão descrevia seus pecados.

— Eu não fiz nada disso — disse a mulher quando ele terminou.

O capitão olhou-a irritado.

— Então, se eu procurasse em seus pertences, não encontraria... — Ele parou e puxou uma lista escrita em sua direção, apertando os olhos para as palavras. — ...três botões de estanho, um pequeno anel de prata, cinco fitas de seda em verde, meia coroa, uma meia de seda rosa... Ele deu um bufo divertido. — ...você está com a outra, Smith? — Smith tirou uma meia de seda rosa do bolso e acenou para o capitão, fazendo a tripulação desmoronar em gargalhadas.

— Bem? — o capitão exigiu, olhando para a mulher na frente dele. Ela abaixou a cabeça, murmurando que não estava realmente fazendo nada errado, estava? Eles queriam, então...

— No meu navio, não tolerarei comportamento imoral, ouviu? Você será punida por se prostituir. — Ele estudou as mulheres reunidas e virou-se para olhar para Alex, ficando ao lado da sra. Gordon. — Temos damas a bordo e, se não puderem se comportar, devem sofrer as consequências.

— Não somos todas como Nell — protestou uma ruiva alta, com murmúrios de apoio de suas amigas.

— Fico feliz em ouvir isso, e espero vê-las de volta amanhã para a punição. — O capitão fez um sinal com a cabeça para um de seus homens e a infeliz mulher foi levada para passar a noite trancada a chave.

— O que vai fazer com ela? — Alex perguntou durante o jantar.

— Ela será açoitada. Doze chibatadas, eu acho; o suficiente para humilhar, mas não para causar danos sérios.

— E para os homens?

O capitão Miles engasgou.

— Os homens?

— O senhor disse que iria punir o comportamento imoral — disse Alex — e até onde eu sei, não era apenas a garota que estava fornicando. Afinal, ela estava fazendo isso com alguém, certo?

Don Benito teve outro longo ataque de tosse, fazendo o capitão encará-lo.

— E então? — Alex sentou-se de novo. — Eles também receberão doze chicotadas? O senhor sabe, o suficiente para humilhar, mas não para danificar?

Evidentemente, nunca havia ocorrido ao capitão que os homens fossem punidos por seguirem seus instintos mais básicos, e durante a meia hora seguinte o debate ficou cada vez mais acalorado, o capitão insistindo em que este era o navio dele, e ele dispensaria a justiça como quisesse.

— Ela lucrou, tentou-os — ele retrucou, encarando Alex, que o encarou de volta e se levantou.

— O senhor fará o que quiser, capitão Miles. — Ela se inclinou sobre a mesa e afundou os olhos nele. — Mas não se atreva a dizer que não permitirá a imoralidade em seu navio, não enquanto optar por punir apenas uma parte.

Com isso, ela saiu.



Alex era impressionantemente boa em dar um gelo nas pessoas quando lhe apetecia, e nos próximos dias o capitão Miles a seguiu como um cachorrinho em suas patéticas tentativas de reparar o relacionamento deles.

— A moça está perfeitamente bem — ele informou Alex uma manhã, com um olhar no rosto que implorava para ela sorrir para ele.

— Oh, que bom, e a moral dela agora está totalmente reparada, certo?

O capitão sorriu para ela e assentiu. Se você soubesse, Alex pensou, mas decidiu que não havia sentido em contar a ele o que acontecia na escuridão. O capitão Miles se aproximou dela.

— As mulheres no porão, elas não pagam pela passagem? — ela perguntou. A explicação um tanto vaga de Simon a deixara confusa sobre o que eram essas mulheres: emigrantes voluntárias? Servas sob contrato?

— Não, algumas delas estão vinculadas a mim e eu venderei seus contratos de serviço assim que chegarmos ao nosso destino. Outras eu envio a outros lugares e são leiloadas como esposas. Existem muito poucas mulheres por aí.

— Que horror — disse Alex. — Como um leilão de gado.

O capitão Miles lhe lançou um olhar preocupado.

— Foram elas que escolheram assim. E se houver um leilão, é basicamente o contrário; as moças escolherão, e o pobre coitado que escolherem se explodirá para dar um jeito de comprá-las.

— Então todas estão aqui porque querem?

O capitão Miles suspirou.

— Ou porque precisam. Algumas vêm das Highlands, não há muito lá para uma mulher sozinha no mundo.

— Mas nenhuma deles foi forçada? Carregada a bordo contra a vontade?

Ele parecia tremendamente ofendido.

— Sra. Graham! Por quem me toma?

— É apenas uma pergunta, e isso acontece, certo?

— Sim — ele concordou. — Sim. — Ele ficou olhando a água abaixo deles por algum tempo antes de lhe dar um olhar perspicaz. — Isso aconteceu com o seu homem, então?

Alex estava tão despreparada para a pergunta que não precisou responder.

— Ah, moça. Sinto muito por você.

— Eu sinto muito por ele.

— Como aconteceu? Se você não se importa de me dizer. — Ele parecia genuinamente interessado e Alex deu-lhe um breve resumo. — E o navio era a Henriette Marie, você diz?

Alex assentiu, não gostando de como o rosto do capitão se fechou em uma carranca sombria. Ele se apoiou nas grades.

— O Henriette Marie pertence a um certo senhor Fairfax, proprietário não apenas daquele navio, mas de vários. E ele também tem uma plantação em algum lugar da Virgínia, mas eu não sei o nome. Toda vez que um de seus navios está no porto da Escócia ou da Inglaterra, homens desaparecem. Eles nunca retornam, provavelmente transportados pelo mar para trabalharem até a morte lá, na casa dele. Ele não quer que eles sobrevivam, eu presumo.

— O quê? — ela ofegou. O capitão Miles deu um tapinha tranquilizador em seu ombro.

— A maioria deles não tem uma esposa que vem procurar. Talvez você o encontre são e salvo.

Ele não parecia acreditar no que estava dizendo, a impressão ainda mais reforçada pelo sorriso tenso que lançou a Alex.

— Oh, eu irei, eu definitivamente irei. — Ela fez uma careta para a água. — Por que alguém não o parou? Se o senhor sabe, os

outros também, certo?

O capitão Miles deu de ombros e bateu no nariz.

— Amigos poderosos, senhora Graham. Eu não lhe aconselharia a ameaçá-lo com a exposição. Um rato encurralado dá um trabalho desagradável.

Alex não respondeu; estava ocupada demais impedindo-se de chorar.

— Por que você está chorando, moça? — A voz preocupada da sra. Gordon a fez pular e Alex enxugou os olhos molhados.

— Eu não estou.

— Ah, sim, você está. Por quê?

Alex resumiu o que o capitão Miles havia dito.

— Nenhuma mudança importante, não? Você já sabia que ele seria vendido e que poderia ser maltratado.

— É fácil para você dizer, não é seu marido, é?

— Não, mas eu também me importo com ele. — Ela deu uma pequena sacudida em Alex. — Não vai ajudá-lo, criança, se você chorar. Nem ajuda você.

— Não. — Alex endireitou os ombros. — Você está certa, não ajuda.

— Essa é a minha garota. — A senhora Gordon sorriu para ela. — Eu já te disse anos atrás que você é a Rute dele, não? Ele não vai morrer sem você.

— Que conforto — Alex murmurou. — "Aonde quer que fores, irei eu", sussurrou. Sim, é claro que sim, e se esse tal de Fairfax tivesse alguma noção do que era bom para ele, era melhor ter um Matthew Graham muito vivo em suas mãos quando o encontrasse.

Uma semana depois, a sra. Gordon entrou correndo na cabine, com os olhos esbugalhados, e fechou a porta atrás de si, encostando-se nela como se esperasse que os quatro cavaleiros do Apocalipse forçassem o caminho.

— Você não vai acreditar! — ela disse, seu amplo peito arfando.

— Acreditar em quê? — Alex lançou-lhe um olhar irritado; um sonho tão bom, envolvendo ela e Matthew.

— O espanhol, eu sabia!

— Sabia o quê?

— Você não viu então?

— Viu o quê?

A incrível quantidade de fitas? A maneira como seus cabelos estavam sempre bem arrumados e perfumados?

— Você não tem olhos em sua cabeça, moça. Não viu como ele se coça o tempo todo?

Alex franziu a testa; claro que tinha visto.

— Então ele tem piolhos? — Os olhos de Alex correram pela cabine em busca de uma potencial infestação.

— Não. Ou talvez ele tenha, mas não, não é isso. — A sra. Gordon sentou-se no banquinho sacudindo as mãos. — Eu vivi para ver o dia...

Alex já estava muito curiosa, mas esperou até que a vermelhidão da sra. Gordon desbotasse até seu tom mais normal de rosado porquinho.

— Um padre — disse a sra. Gordon, olhos arregalados. A total falta de reação de Alex foi obviamente uma grande decepção. — Ele é um padre papista!

— Ele é? — Alex disse, basicamente porque algo era esperado dela. Ela queria rir, mas pelo olhar no rosto da sra. Gordon, ser padre papista deveria pairar em algum lugar próximo ao último círculo do inferno. — E como você sabe?

— Por causa do cilício.

— Cilício?

A sra. Gordon falou tão rápido que Alex mal conseguia entender o que ela estava dizendo, mas finalmente entendeu que a sra. Gordon havia flagrado Don Benito em algum estágio do ato de se despir — ela se recusou a explicar como isso aconteceu, embora Alex tivesse suas próprias ideias — e viu que o homem estava usando um cilício.

— Você precisava ver a pele dele. Toda irritada e com enormes manchas de erupção cutânea. Ele devia estar usando aquilo por um longo tempo.

— Então ele se autoflagela. Isso não o torna automaticamente um padre, pois não? — Alex sentiu-se desconfortável; um fanático a bordo.

A senhora Gordon concordou que não, mas, por acaso, ela havia encontrado a cabine dele destrancada.

— Por acaso? — Alex fez uma careta.

A sra. Gordon deu de ombros e continuou sua história. Sobre como ela encontrou batina, breviário e contas de rosário, e um crucifixo de ouro e você sabe, aqueles longos pedaços de panos de pendurar no pescoço. Alex interrompeu sua agitação, levantando-se e batendo as mãos uma na outra.

— Já chega! Você não vai sair por aí conversando com ninguém sobre isso. Você o espionou, e isso está errado. Tenho certeza de que há uma explicação racional para tudo.

— Ah, sim? E como você pretende descobrir?

— Vou perguntar a ele, é claro.

— Você vai? — A senhora Gordon sorriu. — E então você vai me dizer.

— Veremos; se eu achar que você pode aguentar. — Ela escapou da cabine, rindo do baque surdo da escova de cabelo da sra. Gordon batendo na porta.

Alex encontrou Don Benito em pé no tombadilho, olhando na direção da Europa.

— *Pax vobiscum* — Alex murmurou, sorrindo com a saudação.

— *Y contigo, hija.*

— Então, quer me contar? — Ela se virou para encostar as costas na grade.

— Contar o quê?

— Sobre o cilício, toda a parafernália de padre católico que aparentemente abarrota sua cabine.

Ele olhou para ela com decepção.

— Você mexeu nas minhas coisas?

— Não, eu não faria algo assim, nem tentei vê-lo nu. Mas alguém tentou.

— Ah — disse Don Benito, resignado. — A sra. Gordon.

— Sim, desculpe. Ela não vai contar nada. Então você é? Um padre, quero dizer.

— *Sí.* — Ele a olhou. — Eu pediria que você não falasse a respeito, pode dificultar as coisas para mim aonde estou indo.

Alex sorriu.

— Conversões clandestinas? Batismos secretos?

— Talvez. Há pessoas na Virgínia que ficariam contentes com um padre católico, mas é algo que é melhor fazer de forma discreta. Especialmente com um governador tão firmemente comprometido com a Igreja Anglicana. — Don Benito suspirou e deslocou o peso entre os pés. — A minha ida à Virgínia não tem nada a ver com minha vocação de padre. O momento era oportuno por outras razões. — Ele parecia muito casual, seus olhos escuros bem abertos quando encontraram os dela. Boa tentativa; mas ele estava mentindo descaradamente.

— Mas a sua posição diante da realeza inglesa tem algo a ver com isso — disse Alex, recordando que a mãe do atual rei era católica.

— Talvez, mas essas são perguntas a serem feitas com muito cuidado.

Alex encolheu os ombros, não se importando de uma forma ou de outra.

— E o cilício?

O rosto de Don Benito congelou em impenetrabilidade.

— Isso não é da sua conta, *hija*.

— Provavelmente não. — Ela deixou o assunto de lado, encostou os cotovelos na grade e fixou os olhos na esteira de espuma.

— É a minha vez — disse Don Benito.

— Sua vez?

— De lhe fazer algumas perguntas.

Alex assentiu para que ele fosse adiante.

— Sua mãe era espanhola, não era?

— Sim.

— Então você foi batizada na Santa Igreja.

— Não... eu, bem, o meu pai... — Ela tinha sido batizada por Matthew com a idade avançada de vinte e seis anos, numa cerimônia que ainda considerava algo duvidosa, mas isso não era algo que pretendesse partilhar. — O meu pai insistiu que eu fosse educada na fé dele.

— Ah. — O padre assentiu. — E ele tinha uma fé forte?

Alex reprimiu a vontade de rir. Magnus nunca tinha manifestado qualquer interesse em Deus. Para ele, o mundo era governado pelas leis naturais da ciência e do senso comum.

— Às vezes.

— E você? Você é de fé forte? — Os olhos escuros dele a incomodavam.

— Eu não sei, eu... — Ela se interrompeu. Para Matthew era evidente, para todas as pessoas que agora habitavam o seu mundo, era um fato que Deus existia. — Eu gostaria de ser.

Ela riu de si mesma; todas as noites rezava a Deus para que Ele a mantivesse a salvo, e mesmo assim ela não tinha certeza. Falando sobre cobrir as próprias apostas...

— Você acha que eu estava errada? — Alex perguntou para mudar de assunto.

Don Benito pareceu desorientado.

— Sabe, na outra noite, quando discuti com o capitão sobre a hipocrisia de castigar só a rapariga.

A boca de Don Benito curvou-se em um sorriso.

— Não ajudou, certo? — Ele acenou com a cabeça na direção do castelo de proa.

— Não, quando muito atrapalhou.

Ela voltou à sua pergunta original, e ele suspirou.

— Não, acho que tinha razão. Mas, até certo ponto, o capitão também tinha razão. Os homens são fracos de vontade quando se trata da tentação feminina.

— Mesmo um padre?

Don Benito desviou o olhar.

— Sim, às vezes até um padre.

Alex colocou a mão na dele.

— Espero que tenha valido a pena, você parece estar pagando um preço muito alto.

Don Benito manteve os olhos no horizonte.

— Eu a amava, ainda amo. E temo que esse seja meu maior pecado; não consigo me arrepender verdadeiramente, pois toda noite eu a vejo em meus sonhos.

— Amar não é pecado. Você sabe disso, e Deus também.

— *Ojalá* — ele murmurou. — Espero que sim.



2005

John Orrock parou no portão do jardim, observando Magnus Lind com certa preocupação. Nos últimos meses, Magnus tinha se afundado numa depressão profunda e, ao mover-se pelo jardim, trabalhando entre um e outro arbusto de rosas, não havia nada do jeito normalmente vibrante em seus movimentos. O cabelo loiro, fortemente estriado com mechas grisalhas, estava bagunçado e demasiado comprido, seu corpo alto movia-se lentamente, quase hesitante, e um ar de dor constante e chocante pairava sobre ele. Segundo Diane, ele estava se tornando obsessivo, incapaz de deixar Alex ir.

— É fácil para você dizer — John tinha argumentado com a esposa. — Tenha em mente que não só Alex, mas também Mercedes, simplesmente desapareceram. Estavam aqui num dia, no outro não estavam. Difícil de lidar com o fato de nunca saber onde sua mulher e filha foram parar.

— Hmm — Diane disse, fazendo uma careta. — Ainda não tenho certeza se acredito em toda aquela história sobre a Mercedes e a Alex e as fendas no tecido do tempo.

John tinha sorrido para ela.

— Há dias em que eu também não acredito, mas não diga isso ao Magnus.

John abriu o portão que rangia, sorrindo na direção de Magnus.

— Olá, pensei mesmo que te encontraria aqui, já que está um dia tão bonito.

Magnus apenas acenou com a cabeça e ficou de costas para uma rosa gigantesca e cheia de pétalas.

— Sempre me esqueço do trabalho que dá — disse John. — No verão, quando todo o jardim está vivo de cor, tenho a tendência de pensar que isso tudo acontece sozinho.

Magnus bufou, os olhos azuis pousados no seu quase genro.

— Definitivamente, não. — Ele olhou para as suas articulações inchadas e cerrou e abriu os dedos algumas vezes. —Tenho de parar por hoje, por isso, se quiser, faço um café para nós dois.

— Onde está Isaac? — John perguntou uma vez que estavam instalados na cozinha.

Magnus levantou a cabeça para ele.

— Onde ele está sempre, no estúdio, pintando. — Mordeu uma enorme fatia de bolo de cenoura. — Ele é muito bom nisso.

— Ele é mesmo, não é? Os professores estão bastante impressionados. — Assim como John, surpreendido com os desenhos que brotavam das mãos de Isaac. — Genes, suponho.

Trocou um olhar rápido com Magnus; contanto que esses tenham sido os únicos genes que Isaac herdou de Mercedes, as coisas estariam bem no mundo. Só de pensar nas imagens mágicas de Mercedes, algo se retorcia no estômago de John, mandando bolo e cobertura de volta pelo caminho pelo qual tinham vindo. John tossiu e engoliu um par de vezes.

— Como estão as gêmeas? — disse Magnus, esticando-se para mais uma fatia de bolo.

John sorriu. Na opinião dele, Olivia e Alice eram os seres mais perfeitos do mundo, sendo a mãe delas a única potencial concorrente ao segundo lugar. Ele sentiu um lapso de culpa pela facilidade com que Diane tinha tomado o lugar de Alex em seu coração, mas consolou-se com o fato de ser apenas natural. Alex tinha desaparecido, ela nunca mais voltaria, e ele tinha uma vida para levar.

— As duas já conseguem se sentar e acho que Olivia tentou dizer “papai” outro dia.

— É mesmo? — Magnus parecia incrédulo, mas sorriu do mesmo jeito.

— Bem, de acordo com Diane, as duas já sabem dizer mamãe. Pergunte a ela quando vier aqui.

— Oh, eu vou perguntar. — Magnus riu e tirou uma galinha gigantesca da geladeira. — Vamos comer Coq au vin, com muito au vin. — Ele entregou a John uma tábua de cortar e uma quantidade substancial de cenouras e cebolas.

Havia se tornado uma tradição familiar, jantares de domingo na casa de Magnus, com toalha de linho branco sobre a mesa, velas acesas, vinho e uma sucessão de sobremesas cada vez mais elaboradas.

— Estamos preocupados com você — disse Diane quando os pratos ficaram limpos.

Magnus lançou-lhe um olhar cauteloso.

— Por que vocês se preocupariam?

Diane emitiu um som exasperado e entregou a Magnus uma das gêmeas para alimentar.

— Você não consegue deixá-la ir, consegue? — Magnus juntou as sobancelhas; esse não era um assunto que ele queria discutir, mas Diane continuou. — Faz quase três anos, você sabe que ela não vai voltar.

Ele a ignorou, concentrando-se na criança em seus braços e nos pequenos murmúrios contentes que ela fazia enquanto esvaziava a mamadeira.

— Ela está morta, Magnus — disse Diane, estendendo a mão para colocá-la no braço dele.

— Não, ela não está, ela está em outro lugar, em outro tempo.

— Ainda assim ela está morta — insistiu Diane. — Mesmo que ela tenha caído em outro tempo — e realmente nem sabemos ao certo, não é? — mesmo assim, ela já está morta.

Magnus queria negar isso, mas concordou com a cabeça.

— Faz a minha cabeça doer. Passo noites tentando desvendar essa referência circular. Como a minha filha voltou no tempo e morreu antes de eu nascer.

John veio e pegou Olivia do colo dele, dando-lhe um soquinho no ombro.

— Claro que faz doer a cabeça. Não é exatamente uma ocorrência diária, certo?

— Nem me diga. — Magnus serviu aos três com mais vinho e levou o próprio copo até a janela para olhar sem enxergar o jardim escurecido lá fora.

Abril, mês de promessas não cumpridas, de arbustos em flor e verde em explosão, mês de crepúsculos azuis e de anoiteceres que caíam como nevoeiro suave sobre o chão, mês em que era tão difícil estar sozinho, desejando desesperadamente o que outrora tinha sido. A sua mulher e a sua filha — ambas desaparecidas, nenhuma encontrada. A perda delas repousava como uma coroa de espinhos à volta do seu coração e, a cada dia que passava, a dor aumentava.

— Teria sido mais fácil se ela estivesse morta — disse ele, sentindo-se horrível por ter dado voz a isso. — Agora ela simplesmente... se foi, e mesmo que eu saiba na minha cabeça que nunca mais vou vê-la, no meu coração não consigo deixar de ter esperança.

Diane correu para lhe dar um abraço caloroso.

— Você precisa deixá-la partir, Magnus, você tem a nós, a sua família viva, e nós queremos que você seja feliz, não que esteja sempre chorando por alguém que perdeu.

— Família?

Diane abraçou-o com ainda mais força.

— Família, sim. Talvez não de sangue, mas definitivamente de coração.

As mãos dele acariciaram os cabelos castanhos e bem arrumados dela. Sim, em Diane ele tinha uma filha, uma menina que ele tinha visto crescer quase tão de perto quanto Alex.

— Então — disse Diane, afastando-se para ver o rosto dele. — Deixa-a ir, diga adeus.

Magnus levantou os ombros num gesto indefeso.

— Eu quero encontrá-la.

John sentou-se no sofá.

— Encontrá-la?

— Sim, encontrar alguma prova de que o que acreditamos que lhe aconteceu realmente aconteceu.

— Oh, pelo amor de Deus! — Diane balançou a cabeça. — Você nem faz ideia de quando ou onde... Nem sequer sabe o nome dela!

— Claro que sim! — Magnus se exaltou — Ela é Alex Lind, não é?

— Acho que Diane quer dizer que ela pode ter se casado — disse John. — E ela tem razão; por onde você começaria?

— Aqui, em algum lugar aqui na Escócia, e não tão longe no tempo. Ela não é uma celta pintada de azul ou uma viajante espacial enrolada em alumínio.

— Bem, graças a Deus por isso — murmurou Diane. — Embora ela provavelmente ficasse ótima de pele azul e nada mais. — Ela cobriu a mão de Magnus e apertou-a. — A probabilidade de encontrar alguma coisa é mínima. Uma agulha muito pequena num palheiro gigantesco da história.

— Eu sei — respondeu Magnus com um suspiro profundo.

Mais tarde naquela noite, Magnus voltou a encher seu copo de whisky e saiu para ficar de pé no longo corredor que ia da porta da frente para os fundos da casa. A galeria Alex, como Diane a chamara, sessenta e sete fotos de Alex desde o dia em que nasceu até aquela última foto dela e de Isaac, duas semanas antes de ela desaparecer no ar. Bateu com um dedo indicador nesta última. Uma relação complicada; uma criança não desejada e uma mãe que tinha demorado muito tempo a superar essa antipatia inicial. Mas nesta fotografia, ela sorria para Isaac, com o seu cabelo curto a brilhar ao sol.

Junto à porta da cozinha pendurou a única fotografia que tinha de Mercedes, e deu-lhe um beijo. A sua esposa mágica; bruxa, diriam alguns. Ele sentia a falta dela todos os dias, sonhava muitas vezes com ela. Às vezes os sonhos eram eróticos, sonhos dele e dela, numa noite no sul, há muito tempo. A maioria eram sonhos com uma jovem Mercedes a dançar em um prado de papoulas. Ela tinha alcançado seu objetivo; estava em paz — ele podia ver isso em seus olhos.



Quando entraram na fazenda que ia ser a nova casa de Matthew, os sete trabalhadores já estavam tontos de exaustão. Nenhum deles tinha energia para fazer mais do que lançar um olhar desinteressado sobre as estruturas circundantes e, quando foram levados para o barracão que lhes competia partilhar, deitaram-se e rolaram para dormir.

Matthew não conseguiu dormir. O espaço era apertado, tão pequeno que sete homens no chão, por definição, significava contato físico involuntário, e Elijah, o homem ao seu lado, estava roncando alto em seu ouvido. Através da abertura mínima no alto da parede, Matthew podia ver novos céus desconhecidos, e dentro dele uma voz expressava que talvez esses fossem os céus sob os quais ele morreria — longe de casa, sem o conforto de uma mão amorosa. Desviou seus pensamentos e fechou os olhos numa tentativa de encontrar algo a que se agarrar em toda aquela escuridão.

Ela sorriu para ele, levantou as mãos para o cabelo e puxou os alfinetes para soltá-lo, e ele perguntou-se onde ela estava, porque não era o quarto de dormir deles, era em outro lugar qualquer. Alex enrolou-se em um xale — aquele que ele lhe tinha dado no outono passado com as rosas bordadas — e saiu para uma noite em que as estrelas estavam a uma distância comovente da sua mão. Ele viu-a passar por um corrimão e algo quente e luminoso aqueceu seu interior. Um navio, ela estava num navio... sim, ela estava vindo

atrás dele, os olhos dela prometiam, e com aquele pequeno conforto ele enfiou as mãos debaixo da cabeça e adormeceu.

Na luz cinzenta do amanhecer, eles foram arrastados para o exterior. Os olhos de Matthew se arregalaram à medida que ele absorvia o tamanho da fazenda. Da *plantation*, ele próprio se corrigiu, aquilo era uma *plantation*. Havia enormes construções de madeira de um lado, e mesmo de onde eles estavam, ele conseguia perceber o cheiro do tabaco. Jones conduziu-os e explicou que aqueles eram os celeiros de cura, indicando como o tabaco era pendurado em postes para secar.

— Trabalho pesado — informou-lhes Jones, apontando para um homem que estava a equilibrar precariamente um poste carregado nos ombros. Finalmente, ele os levou para os campos. Aos olhos de Matthew pareciam infinitos, linha após linha ondulada de plantações de tabaco verde escuro, com uma flor amarelo-pálido aparecendo aqui e ali.

Enquanto caminhavam em direção ao refeitório, Matthew aproveitou a oportunidade para se aproximar do supervisor.

— Houve um erro da justiça, estou aqui injustamente.

Jones deu-lhe um olhar desinteressado.

— Fui raptado à força em Edimburgo — prosseguiu Matthew. — E agora tenho de voltar para a minha família e para casa. Também tenho uma fazenda para gerir. — Ele sorriu, tentando estabelecer alguma conexão com a montanha silenciosa ao seu lado. — Não como esta, mas é minha.

Jones olhou para ele por um momento.

— Pagamos vinte libras por você.

— Depois providenciarei que seja reembolsado.

— É mesmo? — disse Jones. — Como?

— Assim que eu voltar para casa... — Matthew começou, mas foi interrompido pelo riso de Jones.

— Voltar para casa? E você pretende nadar? Voar como um pássaro?

— Não, claro que não. Eu vou de navio.

— E como pagará a passagem? — Os olhos de Jones brilharam maliciosamente. Matthew ficou em silêncio e caminhou ao lado dele por alguns passos.

— Eu não deveria estar aqui, preciso ir para casa.

Jones parou.

— Mas você está, e pagamos um bom dinheiro por você. A menos que possa nos reembolsar, terá apenas que trabalhar seus anos de contrato.

Matthew balançou a cabeça com raiva.

— Não, isso não está certo. Você sabe que não está!

Jones lançou-lhe um olhar entediado e bocejou. Ele apontou na direção da cozinha.

— Tome o café da manhã. Você vai precisar. — Ele assentiu e, apesar do corpo robusto, girou elegantemente na ponta dos pés, apressando-se em direção à casa principal.

Atrás dele, Matthew permaneceu de punhos cerrados. Como conseguiria vinte libras neste lugar, aqui onde ele não conseguiria sequer encontrar as poucas moedas necessárias para enviar uma carta para casa?

Depois de um café da manhã sem sabor de mingau agüado e pão, Jones alinhcou-os no quintal e demorou-se a inspecioná-los. Matthew olhou em frente e fingiu que estava em outro lugar enquanto o supervisor apalpava seu corpo. Jones dedilhou o casaco de Matthew, suas calças, e parou, olhando para Matthew com um sorrisinho.

— Tire-as — disse ele. — Não vai precisar de roupas como essas aqui.

— Não — disse Matthew. — São minhas.

— São? Bem, estou dizendo a você para tirá-las.

— Não — respondeu Matthew, se endireitando. — Por que eu deveria? — Tarde demais, ele tomou consciência da luz repentina nos olhos de Jones, e o chicote apanhou-o diretamente no rosto, rachando-lhe o lábio.

— Agora — repetiu Jones. — Tire.

Matthew limpou o lábio com a manga e considerou suas opções. Ou ele se despia, ou seria despido, aqui, diante de todas as pessoas que estavam se reunindo lentamente. Ele enrijeceu; se quisessem sua roupa, teriam que rasgá-la.

Dez minutos depois, Matthew deitou-se enrolado em si mesmo, tão nu como no dia em que tinha nascido. Todo ele estava coberto de vergões e sangrava pelo nariz e pela boca. As roupas estavam rasgadas no chão ao seu lado, e mesmo no seu estado semiconsciente sentia uma vaga satisfação de que ninguém as utilizaria. Um balde de água gelada e fria foi derramado sobre ele e mãos o ergueram para que ficasse de pé. Uma camisa cinzenta e gasta foi jogada aos seus pés, seguida de calças igualmente gastas de uma cor indefinida que pode ter sido marrom.

— Vista-se.

Ele obedeceu e seguiu Jones e seus companheiros de navio até aos celeiros.

— Vão fazer fardos o dia todo — informou-lhes Jones, acenando com a mão por todo o interior. — Tudo isso tem de ser enfardado hoje.

— Isso é culpa sua, Graham — Elijah murmurou muito mais tarde. Mal conseguiam mexer os braços e, na escuridão sobre eles, havia postes e mais postes de tabaco ainda pendurado.

— Você acha? — Matthew balbuciou.

— Sim, isso é por você não ter feito o que ele disse.

Matthew tentou bufar através de seu nariz inchado.

— Não, Elijah. Nós estaríamos fazendo isso de qualquer jeito. Isso é apenas ele quebrando seus novos homens.

Durante os primeiros meses da sua vida na plantação, isto foi tudo o que Matthew fez. Ele enfardou e enfardou, levantou pesadas cargas de folhas secas de tabaco até ter a certeza de que seus braços se tinham alongado permanentemente. Com frequência, não conseguia dormir, o ar no pequeno barracão sufocando-o, e ele rastejava para fora de sua cama improvisada para ficar de pé por horas nas noites quentes de verão, tentando encontrar um pouco de oxigênio para atrair para seus pulmões sobrecarregados de trabalho.

Ele odiava tudo aquilo; o calor e a umidade, o verde demasiado vívido, os insetos estranhos e as aves desconhecidas. Ansiava por ventos frios e pela sombra ampla dos carvalhos e amieiros, ansiava por pintarroxos e melros e pelos crepúsculos intermináveis dos céus do norte no verão. Era um criado, e nunca tinha sido um, nunca teve de se adaptar completamente à vontade de outro homem. Seus dias começavam quando outra pessoa decidia, e terminavam quando essa pessoa escolhia. E por vezes os dias eram longos demais, com um Jones desinteressado a insistir que o celeiro tinha de ser esvaziado, por muito tarde da noite que fosse.

Inicialmente, Matthew entretinha ideias de escapar, de alguma forma fugindo dos cães e chegando incólume a Jamestown. Quaisquer que fossem as suas noções de fuga, foram-lhe apagadas da mente alguns dias após a sua chegada, quando um dos trabalhadores veteranos lhe apontou com a cabeça na direção de seis objetos desidratados pregados a um dos celeiros.

— Mãos — disse o homem. — Eles tentaram fugir.

— Ah — disse Matthew. Durante todo aquele dia, seus pulsos tiveram comichão.

Matthew tentou repetidamente convencer Jones de que ele estava ali erroneamente, ignorando o olhar de aviso do homem grandalhão ao explicar mais uma vez o que lhe tinha acontecido.

— Por favor, ouça — ele suplicou num sábado, alongando a sua passada para igualar a de Jones. — Não vai tentar ajudar? Eu tenho uma família, um garotinho que precisa do pai.

Ele podia ouvir a nota de mendicidade em sua voz, mas tinha de tentar. Jones ignorou-o, os olhos no celeiro para onde eles se dirigiam. Uma vez dentro do celeiro, Jones girou, descendo a mão aberta em um tapa desdenhoso no rosto de Matthew. Jones bateu-lhe de novo, desta vez com toda a força. Matthew tropeçou para trás, levantando os braços em defesa.

— Não quero saber — disse Jones, avançando sobre ele. — Eu já lhe disse. Vinte libras e você está livre para ir. Até lá, segure a língua e faça o que te mandam.

Matthew ficou firme.

— Tenho o direito de falar e estou mesmo aqui ilegalmente. Talvez eu devesse ir até a cidade e falar com os magistrados de lá.

No momento em que disse isso, Matthew compreendeu que tinha sido um erro. Ao olhar nos olhos de Jones, pela forma como a pequena boca foi sugada até quase desaparecer na papada pesada, Matthew recuou um par de passos.

— Ameaçando fugir? — perguntou Jones, encurralando Matthew. Ele moveu a cabeça lentamente de um lado para o outro. — Não podemos arriscar que isso aconteça, não é? — Ele saltou com uma velocidade surpreendente, e derrubou Matthew no chão com um pontapé bem direcionado. O pontapé seguinte bateu em cheio no estômago de Matthew, e ele não conseguia respirar, escancarando a boca enquanto tentava puxar um pouco de ar para os pulmões. Um punho no rosto, e Matthew gemeu. Mais um golpe, e Matthew mordeu a língua.

— Não vou tolerar mais queixas — disse Jones apenas a centímetros do seu ouvido. Matthew permaneceu onde estava até ouvir a porta do celeiro se fechar.

— Você mesmo o provocou — Elijah repreendeu Matthew, apoiando-o para ficar de pé. — Precisa aprender a segurar a sua língua. — Matthew tentou falar, mas seu maxilar doía, a boca doía, todo o seu rosto doía.

— Sim — disse Duncan, colocando o braço de Matthew em volta dos ombros. — Você o irrita. E agora ele não vai te deixar em paz.

Elijah acenou com a cabeça concordando solenemente. Juntos, os seus dois companheiros de navio meio carregaram, meio arrastaram Matthew de volta para o barracão. Ao baixarem-no sobre o seu cobertor, Matthew fechou a mão em torno do pulso de Elijah.

— Eu não deveria estar aqui — conseguiu dizer.

— Mas você está.

Sim, Matthew suspirou, infelizmente estava.

Duncan estava certo. A vida de Matthew se deteriorou ainda mais após aquele incidente. Jones sempre o destacava para as tarefas que considerava mais humilhantes. Nem um dia se passou sem piadinhas, reverências sardônicas ao cavalheiro sequestrado,

pedidos repentinos para que ele fizesse isso ou aquilo, muitas vezes coincidindo com o sino do jantar.

Matthew segurou a língua o melhor que pôde, lembrando-se de que devia permanecer vivo, precisava sobreviver, porque, caso contrário, tudo o que restaria dele seria uma pequena e triste cruz no cemitério improvisado — numa terra que definitivamente não era dele. De vez em quando, seu temperamento se inflamava, e ele levantava o queixo desafiando silenciosamente, lembrando a Jones que não era escravo, não ele, não Matthew Graham. Jones sorria, golpeando sua bota com o chicote.

Durante todo aquele verão sufocante, homens morreram; de malária, de febres estranhas, de sarampo, de tuberculose ou da negligência geral — homens crescidos cujos corpos não pesavam mais do que um garoto grande, com os contornos dos ossos aparecendo sob as peles acinzentadas e sujas. As sepulturas eram escavadas às pressas, e às vezes o homem que morria não tinha mais ninguém lá que sabia quem ele era ou de onde tinha vindo. Na maior parte das vezes, esses homens morriam em silêncio, expirando nas horas mais sombrias da noite, mas de vez em quando suas mortes eram barulhentas e agonizantes, o som ecoando na noite pesada de verão. E havia Samuel, um jovem alfaiate de Lincoln, que se pendurou para se enforcar no celeiro mais afastado.

— Você conseguiria fazer isso? — Elijah perguntou a Matthew em um sussurro trêmulo, com os olhos grudados na forma flácida e imóvel. Matthew balançou a cabeça.

— Não, é pecado.

— Eu conseguiria, porque então seria eu quem estaria decidindo.

Matthew segurou Elijah com força no pulso.

— Você não está falando sério, Elijah. Para fazer isso... — Ele indicou o corpo agora deitado em uma tábua. — ...para fazer isso, você precisa ter perdido toda a esperança.

— Sim — respondeu Elijah com uma voz incolor.

Os dias começavam ao amanhecer com um café da manhã silencioso do mingau onipresente. Uma vez por semana, havia carne de porco salgada e, às vezes, até feijão. Matthew encontrou pencas de framboesa silvestres e comeu as frutas ácidas e ainda imaturas e também as folhas pequenas, lembrando como Alex insistia para que ele sempre comesse algo verde para manter a saúde e os dentes. Alex; durante os dias ele a bania até os confins de sua mente, porque a memória dela era muito dolorosa, mas em momentos inesperados ele confundia uma figura feminina distante com ela, e ficava muito feliz até lembrar onde estava; em uma plantação com Alex em nenhum lugar à vista.

À noite, Matthew e seus companheiros estavam tão cansados que caíam em amontoados silenciosos no chão, todos ansiando pela curta liberação dos sonhos com outro lugar — qualquer lugar, menos ali.

Nos primeiros dias, Matthew procurou água e manteve pelo menos o rosto e as mãos limpas, mas agora não se importava, tudo o que queria era se deitar e descansar os músculos doloridos. Mas todas as noites ele limpava os dentes, como sua esposa o havia ensinado, passando a língua cuidadosamente sobre eles para garantir que ainda estavam onde deveriam. Alex... ele não conseguia mantê-la afastada quando pairava à beira do sono, e o nome dela era frequentemente seu último pensamento consciente.

Matthew se movia silenciosamente durante os dias, mantendo a cabeça baixa o máximo possível e, quando julho se transformou em agosto, ele começou a pegar seu cobertor e a se retirar para um pequeno bosque que encontrara por acaso bem atrás da cozinha. Havia uma pequena nascente, um murmúrio suave que se alargava em um pequeno lago, antes de se afastar entre as árvores. O som da água o lembrava de casa, e ele redescobriu o simples prazer de se manter um pouco limpo, aproveitando o tempo para se lavar antes de se enrolar no cobertor e recostar-se para observar as estrelas que pairavam tão tentadoramente acima de sua cabeça. Era um alívio estar sozinho; somente ele e os céus que se espalhavam acima de si. E era angustiante estar sozinho; somente ele ali no escuro, com sua esposa e filho talvez perdidos para ele para sempre.

Uma noite, ele se viu na superfície imóvel da água e, por um instante, não teve ideia de quem poderia ser aquele homem barbudo. A visão o assustou, de modo que ele se levantou e se despiu, examinando-se para garantir que ainda estava lá, que ainda era ele. Musculoso e forte, mas muito magro, os ossos dos tornozelos e pulsos se projetavam demais sob sua pele. Passou a mão pelas costelas — podia contar todas — e estudou o membro, letárgico em meio aos pelos escuros da virilha. Ele cutucou-o com um dedo e seu pênis se levantou sem entusiasmo antes de se encolher de volta à inércia. Tudo lá, mais ou menos, mas por quanto tempo ainda?



Tudo começou a dar errado na primeira semana de junho. Alex acordou com ranger de tábuas, esticar de cordas e com a sensação desorientadora de estar em uma montanha-russa, com ondas de náusea passando por ela.

— Oh, meu Deus — ela gemeu depois de ter vomitado pela terceira vez. — Qual é o problema com este barco estúpido? — A sra. Gordon deu de ombros e disse que estavam no meio de uma tempestade.

— Não sazonal, o capitão diz, muito incomum.

— Você tem a capacidade mais fantástica de dizer as coisas erradas na hora errada. — Alex procurou novamente a bacia.

O capitão ordenou a todos os passageiros que ficassem em suas cabines, atou o navio o melhor que pôde, e aguentou tristemente, recusando-se a dormir pelos quatro dias em que a tempestade os assolou. Tudo era arremessado, uma cabra foi levantada diretamente do cercado e desapareceu balançando no mar, e na cozinha o cozinheiro lutou para garantir seus alimentos, evitando por pouco ser esmagado por um barril de cerveja. O pior de tudo era a mulher. Por alguma razão, a jovem Nell não estava no porão quando a tempestade começou, mas apareceu no meio do segundo dia vindo da direção do espaço apertado na frente do navio, logo além do castelo de proa.

— Nell? — O capitão limpou o rosto. — Aquela é Nell? — Smith gritou de volta que sim, era ela, e o que a moça estava pensando, ela deveria ter ficado onde estava.

— Por que ela estava... — O capitão se interrompeu. Ele não era bobo e, pelo olhar no rosto de Smith, calculou que Nell agora era dona de duas meias cor de rosa. Além disso, no momento, a moral de Nell não era sua principal preocupação, sua segurança é que era.

Polegada por polegada, Nell avançou em direção ao porão, movendo-se como um caranguejo sobre o convés. O capitão gritou para ela voltar, para não enfrentar o convés aberto, mas o vento arrancou as palavras da boca dele e, para seu desespero, ela foi adiante, tão ensopada que suas roupas se colaram como uma segunda pele ao corpo. O capitão Miles rezou; em voz alta, ele implorou ao bom Deus que a mantivesse em segurança, não importava que ela fosse uma prostituta impenitente. A moça estava a meio caminho do porão quando a onda desabou, levando-a ao mar revolto.

Houve outra tempestade; e outra. As cabras foram todas varridas, dois tripulantes foram lançados ao mar e no porão duas mulheres adoeceram e morreram sem a possibilidade de afundá-las com cerimônia no mar.

— Nunca vi nada assim — disse o capitão Miles a uma Alex muito verde. — Três tempestades seguidas. — Ele balançou a cabeça e olhou na direção geral do céu teimosamente nublado. Precisava encontrar uma referência para estabelecer a posição deles, porque no momento ele não tinha ideia de onde estavam. Nunca durante seus trinta anos no mar ele se sentiu tão totalmente perdido.

Na véspera de São João, o tempo mudou e, por algumas semanas, eles fizeram um bom progresso, mesmo que o capitão concluísse que eles haviam sido severamente desviados do curso.

— Jogados para trás — ele suspirou.

Por insistência do capitão, a tripulação pescou e, durante vários dias, tudo o que comeram foi peixe, o capitão Miles mantendo um olho preocupado em seus suprimentos alimentares. O cozinheiro

concordou e, juntos, os dois homens começaram a racionar, ambos preocupados que ainda não fosse o fim.

— Estou sentindo — disse Davies, o cozinheiro, ao capitão. — Posso sentir o cheiro. Outras tempestades estão chegando.

O capitão Miles concordou; ele sentia isso também, em todos os ossos do corpo.

Começou como uma rajada, transformando-se com velocidade horripilante em uma tempestade que enviou o Regina Anne para lá e para cá sobre ondas do tamanho de casas. Um raio atravessou a noite e Alex deitou na cama e gritou em pânico, porque ela não queria desaparecer, por favor, não me jogue para outra era, não me afaste dele. Ela ficou tão perturbada que a sra. Gordon foi encontrar Don Benito, que se ajoelhou no chão úmido ao lado do beliche de Alex, dizendo a ela que tudo ficaria bem, pois certamente ela não podia pensar que o Pai Celestial pretendia que eles morressem assim.

Ela o agarrou, seus dedos afundaram nos antebraços dele. Aqui estava o que ela precisava, uma âncora para segurar, e se ela o machucou, ele não disse, permitindo que ela se escondesse contra seu peito. A cada trovão, ela abria a boca e gritava, surda aos murmúrios da sra. Gordon e às garantias de Don Benito. O que eles sabiam? Já tinham sido enviados voando no tempo?

— Matthew — ela gritou. — Eu quero meu Matthew!

Don Benito rezou, um murmúrio constante em latim que Alex achou mais enervante do que reconfortante. Mas ela não tinha energia para mandá-lo calar a boca, e a sra. Gordon estava ajoelhada ao lado do padre. O alto dela juntou-se ao barítono dele, o inglês misturado ao latim em um pedido sincero de misericórdia e libertação de uma morte prematura. Deus parecia estar ocupado com outras coisas; o navio continuou a ser atirado como uma casca de noz pelos mares.

Alex segurou firme em Don Benito, fechou os olhos e rezou também, um longo fluxo de por favor e maldito seja misturados. E então, tão repentinamente como havia chegado, a tempestade diminuiu, deixando o Regina Anne mancando e danificado a rolar

em ondas longas e suaves. Em sua cabine, Alex caiu em um sono profundo, com o travesseiro pressionado contra o peito suado.

Durante todo o dia Alex dormiu, acordando naquela noite para o calor sufocante da cabine confinada. Depois de várias horas se virando no colchão cheio de grumos, ela desistiu. Dormir naquele espaço apertado com a sra. Gordon roncando era impossível, então ela enrolou um xale à volta dos ombros e foi para fora.

Era uma noite tropical, quente e macia, que envolveu Alex num manto de escuridão, e ela se inclinou para encostar os cotovelos à grade. Ela se esticou, pensando como sempre no que Matthew poderia estar fazendo, e se ele estava vivo e bem. Ela olhou profundamente dentro de si e sim, lá estava, a certeza de que ele ainda estava aqui nesta terra, e isso a encheu de paz.

Ela olhava para as águas escuras. Estranho que, no meio da noite, o mar estivesse tão iluminado de cores, verdes rodopiantes e azuis brilhantes, e aquilo ali não era um ponto de luz crescendo muito rápido? Olhou fixamente para o turbilhão lento de cores flamejantes que se formava no mar, com o seu ritmo cardíaco atingindo um pico em questão de segundos. Um funil do tempo — tal como aquele em que ela tinha sido sugada há três anos. Alex emitiu um gemido, cerando um pouco os olhos contra o puxar das águas rodopiantes e as náuseas que a acompanhavam. Ela ouviu cânticos e, do véu de nevoeiro rosado do mar, cintilando em púrpura e verde, feixes de luz deslumbrante atravessaram.

Agarrou-se à balaustrada. Não se deixaria arrastar para outro lugar. A música desvaneceu-se, seu estômago assentou, e ela não conseguiu evitar espreitar, e ali, no fim do funil cintilante que se tinha formado na água, estava Magnus, também de pé em um barco. Ele parecia feliz, com o braço à volta de uma mulher a quem beijava e murmurava algo. Ele se virou, e por um instante ambos puderam se ver. No rosto de Magnus, Alex viu uma expressão de alegria absoluta que ela supunha que devia ser espelhada no seu próprio rosto.

— Pappa? — ela murmurou.

— Lilla hjärtat? — ele respondeu, usando seu próprio jeito especial de chamá-la.

Ela queria soltar o corrimão e estender a mão na direção dele, mas não ousava, acabando por apertar ainda mais a madeira gasta. O mar arfava e murmurava, o rosto de seu pai estava tão perto, mas Alex se segurou, os dedos doendo. O funil começou a encolher, Magnus começou a desaparecer.

— Que ano? — ele perguntou.

— 1661, Alex Graham. — Ela o viu assentir e levantar a mão em um último aceno e então ele se foi, engolido pelo ponto de luz que se afastava. — Inferno — ela murmurou enquanto soltava as mãos da grade. Esfregou o rosto, respirou fundo várias vezes e deslizou para se sentar antes que seus joelhos cedessem.

Ela se sobressaltou à visão do padre, parado alguns metros a favor do vento.

— O que foi isso? — Don Benito chiou.

— O quê?

— O homem na água, quem era ele? — Don Benito espreitou a água e benzeu a si próprio.

— É o meu pai. — Ela o olhou de soslaio. Talvez aquele padre disfarçado pudesse dar sentido à sua história, porque com certeza ela não conseguia. — Ou melhor, ele será meu pai, quando eu nascer em 1976.

Parecia que a mandíbula de Don Benito se tinha deslocado permanentemente do resto do rosto.

— 1976? *Ay, Madre de Dios!*

Alex encostou-se no corrimão, com o rosto voltado para as estrelas.

— Posso contar a você? Sob o selo da confissão?

— Sim, pode. — Ele sentou-se ao lado dela. — É por isso que sabe que eles vão cavar um novo canal para o Guadalquivir! E você conhece bem minha cidade, mas como vai ser daqui a três séculos.

— Não vai realmente mudar tanto assim, não nas partes que existem hoje. Será ainda uma cidade que dorme durante o calor do verão para acordar ao anoitecer, e as Madonnas ainda serão levadas das suas igrejas para a catedral para as suas bênçãos anuais. — Ele gostou daquilo, ela podia ver, o rosto adquirindo

aquele olhar sonhador que sempre tinha quando falava da sua amada cidade. Alex levantou os joelhos e apertou os braços à volta deles. — Tudo começou com uma tempestade de raios. De repente, fui expulsa do meu tempo e aterrissei aqui.

Don Benito abriu e fechou a boca várias vezes, parecendo um peixe dourado fora d'água.

— Raios? — ele conseguiu dizer.

— Eu não sei se são os raios, não de verdade. Acho que são encruzilhadas — cruzamentos perfeitos que ocasionalmente abrem uma lacuna no tempo, funis de cores vivas e luz ofuscante. Mas raios ou calor parecem ajudar.

— Encruzilhadas? — O padre olhou para o mar e depois para ela.

— Eu sei. — Alex fez uma careta. — Mas isso foi diferente. Mais um buraco para espiar do que um abismo.

— Foi por isso que a tempestade te assustou tanto.

— Não posso voltar, não posso deixar Matthew para trás, isso me faria em pedaços. — Ela girou o anel de casamento, contando as voltas como sempre fazia; uma para cada mês que conheceu Matthew.

— Mas você deve ter deixado pessoas quando veio. — A voz de Don Benito era muito gentil.

— Sim, eu deixei, mas este é o meu lugar. Eu pertenço a este lugar, com ele.

Na próxima hora, ela contou tudo a ele; de como conheceu Matthew, de Luke e sua cruel vingança, e como aquela jornada era uma busca para encontrar seu homem antes que fosse tarde demais.

Por insistência dele, ela contou sobre sua vida anterior, agora tão nebulosa que às vezes imaginava que tudo era um sonho. Ela contou a ele sobre Magnus, John e Isaac. Isaac... Ela fez uma pausa e olhou para ele.

— Alguns anos antes de tudo isso acontecer, tive uma experiência muito ruim nas mãos de um homem chamado Ángel Muñoz de Hojeda. — Ela estremeceu com o nome; um homem que

havia começado como um amante maravilhoso e atencioso tinha se transformado em um carcereiro criativo.

— O quê? — Don Benito respirou.

— No dia em que você entrou a bordo, pensei que era ele aqui, por mais impossível que fosse. — Ela mordeu o lábio. — Você se parece com ele, ou melhor, ele se parece com você. Os mesmos olhos, a mesma estrutura facial, até a mesma boca. Graças a Deus você não usa seu primeiro nome. Ela deu uma olhada em sua plateia de um homem só. À fraca luz das estrelas e à lua minguante, seus olhos eram manchas de tinta preta em um rosto pálido.

— O que ele fez com você, esse meu futuro parente?

O que ele não fez? Alex estremeceu, seu cérebro tomado por imagens que ela geralmente mantinha bem afastadas. E tudo porque Ángel pretendia usar Alex para prender sua mãe bruxa, destruir Mercedes de uma vez por todas.

— Muitas coisas — ela abreviou — e eu acabei grávida. Ela omitiu a ele que o futuro Ángel acabou imolado, cortesia de sua mãe estranha. — Então, em algum lugar no futuro mora um garoto, Isaac, e ele é meu filho e filho de seu descendente. — Ela riu e pegou a mão dele. — Exceto, é claro, que ele não será seu descendente direto, considerando sua vocação, quero dizer.

Don Benito desviou os olhos.

— Isso pode acontecer com qualquer um? — ele perguntou depois de alguns momentos de silêncio.

— Acho que sim. E... — ela hesitou, mas depois decidiu que não havia razão para não contar. — Encontrei uma pintura em uma loja há dois anos, uma pintura pequena e muito brilhante que fez minha cabeça girar. — Um quadrado de azuis e verdes rodopiantes, de redemoinhos em miniatura que chamavam sua atenção para o ponto de luz branca pulsante no centro. E se você olhasse por muito tempo ou se inclinasse muito, tinham lhe dito que você seria sugado e transportado para outro tempo — mas ela não sabia, acrescentou, suprimindo um tremor, nunca na verdade tinha visto funcionar. A boca de Don Benito ficou tão aberta que ele poderia facilmente ter engolido um leitão. Ok, ok, isso foi um exagero, mas não muito distante da realidade.

— O mais estranho é que eu soube imediatamente quem havia pintado a imagem. — Alex olhou para ele nervosamente. — Minha mãe.

— *Ay, Dios mío!* — Ele se benzeu. Duas vezes. Ela concordou totalmente.

Na cabeça de Don Benito soavam trechos de orações e hinos, curtas sequências incoerentes de palavras sagradas que ele esperava que o protegessem. Ele lançou um olhar para Alex, benzendo-se mais uma vez. Uma pintura, ela tinha dito, uma pintura cheia de feitiçaria do mal, e ele, Deus o ajudasse, ele tinha uma igual em sua cabine.

— Proteja-me, senhor — ele murmurou, apertando as mãos com força. Querido Senhor, proteja-me! O pequeno pacote retangular, embrulhado em tecido oleado, era destinado à coleção particular de Sir William, cortesia de Charles Segundo. A única vez em que ele vira aquilo, começou a suar frio, tomado por náuseas. Por que, oh, por que ele não se recusou a aceitá-lo? Mas então, como poderia ter recusado, sendo ele nada mais que um servo de seu mestre real? Uma urgência cresceu nele de recuperar o pacote e jogá-lo ao mar, mas mesmo enquanto pensava nisso, ele sabia que não o faria — não poderia fazê-lo, não quando o rei havia pessoalmente endereçado o pacote ao desconhecido Sir William.

— É a que época essas imagens levam? — Fez um esforço para parecer casual.

— Não sei. Eu a queimei, parecia a coisa certa a fazer.

Ele balançou a cabeça em concordância silenciosa, mas optou por não contar a ela sobre os azuis vívidos que descansavam no fundo de sua bolsa.

— E a sua mãe?

— Ela está morta — disse Alex brevemente. — Muito morta.

Para se distrair do pensamento sobre a pintura e sua criadora — a mulher que a pintou tinha que ser uma bruxa, uma bruxa muito poderosa — ele pediu a Alex para lhe contar mais sobre essa vida futura. Ele ficou boquiaberto com as descrições dela desse mundo

futuro, de vez em quando explodindo em risadas incrédulas e nervosas.

— E Deus? — Don Benito perguntou quando Alex se calou.

— O pobre e velho Deus não tem chance. Venho de uma época em que a prova é o rei e como se pode provar que Deus existe?

— Mas é por isso que se chama fé! — Ele sacudiu a cabeça com a idiotice destas gerações futuras.

— Sim, mas no meu tempo o homem preferirá acreditar na sua própria capacidade de mudar o seu destino em vez de o deixar entregue a Deus.

Don Benito riu.

— Mesmo agora Deus já espera que você se esforce para sua própria felicidade, criança. Ele não joga simplesmente as coisas no seu colo.

— Ele fez isso para mim. Ele me deu o meu marido. Você acha que Ele vai tirá-lo de mim? — Ela encostou-se nele, num gesto íntimo mas platônico.

— Não, *hija*. Ele deu-vos um ao outro.

Ela assentiu e bocejou, parecendo exausta. Ele a apoiou para que ambos ficassem de pé. Quando chegaram à porta da cabine dela, ele parou-a e desenhou com os dedos o sinal de uma cruz na testa dela.

— Você tem fé; no fundo, você sabe que tem. — Ele inclinou-se para a frente e beijou-a na bochecha. — Fique com Deus, criança. *Que duermas con los ángeles, hija mía.*

Toda aquela noite, Matthew sentou-se ao lado dela, e nas suas mãos Alex podia ver o rubi que era o seu coração a palpitar firmemente. Pouco antes do amanhecer, ela sentiu os lábios dele resvalarem em sua bochecha e então ele a deixou, os olhos dele um verde brilhante em seu rosto bronzeado e escuro.



2005

Magnus quase nem conseguiu chegar em sua cabine. Alex! Aqui, no meio do mar, emoldurada por uma coroa de azuis e verdes distorcidos. Assim como nas pinturas perturbadoras da Mercedes, distorções de cor que levavam a um centro pulsante. E o olhar nos olhos dela quando o viu ... fez seu coração cantar de alegria. Alex Graham, 1661. O que ela estava fazendo ali, do outro lado do Atlântico? Talvez fazendo um cruzeiro, teorizou, explodindo em gargalhadas nervosas. Não; quem estava fazendo um cruzeiro era ele, cortesia de Diane e John, que o colocaram em um avião e disseram que esperavam que ele voltasse exausto.

— Faça algo sobre sua libido frustrada — dissera Diane. John ficou vermelho-beterraba, mas Magnus riu e prometeu que faria. Agora, na terceira semana, ele passava cada vez mais tempo com Eva, uma mulher dois anos mais nova que podia beber como um cavalo e dançar com a graça de um cisne. Uma dançarina fantástica, Eva, e como Magnus também não era ruim, eles dominavam a pista de dança, para irritação de alguns dos participantes mais jovens do cruzeiro. Mais jovens, nesse caso, ele admitia que era um termo relativo, já que não tinha visto ninguém que parecesse ter menos de quarenta.

Uma batida suave na porta interrompeu qualquer outra reflexão, e Magnus a abriu para deixar entrar Eva e a garrafa de champanhe que ela estava brandindo.

— Serviço de quarto?

— Não me lembro de ter pedido.

— Idade — Eva suspirou. — Sinais do Alzheimer.

Magnus fingiu estar ofendido, mas abriu mais a porta para ela.

— Vai me dizer o que foi aquilo? — Eva perguntou alguns minutos mais tarde.

— Aquilo o quê? — Espetou um pedaço de queijo com o garfo e estendeu-o a ela. Eva inclinou a cabeça.

— A moça na água.

Ele engasgou e teve que bater no peito algumas vezes antes de conseguir desalojar o pedaço de pera que tinha ficado preso a meio caminho, então encostou-se nas almofadas, arfando alto.

— O quê? — finalmente conseguiu dizer.

Eva suspirou e aproximou-se.

— Eu a vi. E vi você se inclinar tanto para a frente, que pensei que estivesse prestes a mergulhar de cabeça no mar. Então, quem é ela?

— Não quer saber como? Só quem?

Eva riu.

— O como me assusta muito, por isso vamos deixar isso para depois. E o quem, até certo ponto, não vai explicar o como?

Ele estendeu a taça para enchê-la de novo e engoliu o espumante.

— Ela é minha filha.

Eva manteve a compostura, com apenas uma ligeira contração da boca.

Magnus deu-lhe um olhar de admiração.

— Isso acontece muito com você, não é? Você sabe, trombar com homens que veem suas filhas perdidas no mar.

— Na verdade, não — disse ela. — Mas suponho que o luto tenha muitas formas.

— Luto? — Magnus balançou a cabeça. — Minha filha não está morta. Ou melhor, ela está, mas não está.

— Claro como cristal — Eva bufou, bebendo de seu copo. — Você pode me fazer o favor de explicar isso desde o começo?

Para sua própria surpresa, foi isso o que Magnus fez, narrando desde o dia em que Alex desapareceu em uma charneca escocesa vazia até o dia de hoje. Ele até contou a ela sobre sua esposa, estudando-a com apreensão quando explicou que Mercedes havia nascido em 1461, e através de um conjunto improvável e trágico de eventos foi enviada repetidamente para épocas diferentes antes daquele dia na década de 1960, quando Magnus a encontrou pela primeira vez em Sevilha.

Para crédito de Eva, ela conseguiu parecer imperturbável, mesmo que Magnus percebesse o olhar incrédulo. Enquanto ele continuava sua história, detalhando anos de perda e angústia quando sua esposa e sua filha lhe foram arrancadas, Eva se aproximou o suficiente para segurar sua mão, e Magnus percebeu, com um sobressalto, que nunca havia compartilhado seus pensamentos mais profundos com alguém antes, nem mesmo com John.

— Mercedes era pintora — resumiu Magnus. — E em algumas de suas pinturas, ela deixou passagens no tempo.

Eva pigarreou.

— O quê?

Magnus revirou os olhos para ela.

— Totalmente impossível, não é? E eu, um cientista, um homem criado com pensamento racional, tendo que aceitar o fato de que minha esposa é algum tipo de bruxa.

— Humm — disse Eva, parecendo um pouco pálida.

— Esperamos ter queimado todos eles — continuou ele, explicando que eles não queriam que as crianças passassem acidentalmente por um dos portais.

— Imagino que não. — Eva estremeceu.

— Hoje é o terceiro aniversário do desaparecimento de Alex — disse Magnus. — É por isso que Diane me reservou este cruzeiro, para me distrair da data.

Eva riu e deu um tapinha na mão dele.

— Não deu muito certo, não é? — Ela mordeu o lábio. — Por que ela estaria em um barco, afinal? Em 1661?

— Não tenho ideia, mas pelo menos agora eu tenho uma data e um nome, então talvez eu possa descobrir. — Ele teve um *flash* de inspiração e virou-se para a mulher ao seu lado.

— Você me ajuda?

Se Eva ficou surpresa, não demonstrou.

— Posso tentar. — Ela sorriu.

— Eu não esperava que ele se apaixonasse — disse Diane a John, enquanto subiam o caminho do jardim. Magnus insistiu que viessem jantar e conhecessem Eva, ali para uma rápida visita antes de voltar para sua casa em Londres.

— Não — disse John —, você apenas o encorajou a transar como um louco.

— Ele precisava.

— Absolutamente, mas nunca lhe ocorreu que até os homens ocasionalmente tendem a vincular sexo com amor?

— Não — disse ela —, não me ocorreu.

John riu e deu a ela um olhar divertido de “eu avisei”.

Foi só quando estavam sentados que a conversa se voltou para o cruzeiro, inicialmente uma descrição desmedida de comida e entretenimento, mas depois de alguns minutos Magnus pigarreou, e depois de uma rápida olhada em Eva, começou a falar. Diane apenas olhou para ele. O que diabos ele estava dizendo?

— Você não pode esperar seriamente que acreditemos nisso! — ela disse. — É impossível.

— Estou apenas dizendo o que vi — disse Magnus. — No terceiro aniversário de seu desaparecimento, eu vi Alex — no mar.

— A projeção de uma mente doente e obcecada — murmurou Diane.

— Talvez. Só que Eva também viu.

Diane deu a Eva um olhar sombrio. Concordar em ter visto uma ilusão óbvia cheirava a oportunismo, e Deus sabia o que essa mulher estranha poderia estar procurando. Ela baixou os olhos para a mesa e se concentrou em perseguir ervilhas no prato.

— Então, o que exatamente você viu? — John perguntou.

— Ela estava a bordo de um velho navio de madeira — como a réplica do Golden Hind em Londres — e estava de pé junto à balaustrada, olhando para mim.

— Com uma bandana de bolinhas e um tapa-olho, sem dúvida — interrompeu Diane.

— Não — disse Magnus com frieza. — Ela não estava vestida como uma pirata de Halloween.

— Mas por que ela estaria em um navio? — A voz de John ficou colorida de preocupação e Diane engoliu em seco em uma onda de ciúmes.

— Não faço ideia. — Magnus passou a mão pelos cabelos grossos, esfregando-os até ficarem desordenados em torno de sua cabeça.

— Uma forma primitiva de turismo charter? — Eva colocou.

— Sim — Diane bufou, muito irritada com aquela mulher. — Até os “inferninhos” das Ilhas Canárias.

— Pelo menos eu sei o ano — disse Magnus. — 1661. E eu tenho um nome, Alex Graham.

— Você estava errado, no entanto — disse John a Magnus. — Você disse que achava que ela estava em algum lugar perto daqui. Mas você a viu em um navio, então, obviamente, ela não está aqui, está em outro lugar.

Diane revirou os olhos; a viu em um navio? Por que John o encorajava, por que todo mundo parecia acreditar naquela história absurda?

— Ela poderia voltar — respondeu Magnus. — Talvez tenha apenas viajado.

— Em 1661? — Eva parecia muito duvidosa. — As pessoas não faziam muitas viagens pelo mundo na época, definitivamente não as mulheres. — Ela fez uma careta. — As mulheres ficavam em casa e tinham bebês.

Muitos bebês, pensou Diane, e depois morriam por volta dos cinquenta, parecendo ter setenta e cinco. Ela sentiu um pouco de pena de Alex, algo refletido também nos olhos de Eva. Magnus e John não perceberam, ocupados discutindo por que Alex estaria no mar.

— Talvez ela seja mesmo uma pirata — John sugeriu, pulando para adotar uma pose feroz, sua colher de café como um facão imaginário.

— Não seja idiota — Diane retrucou. — Não é nem engraçado. — John levantou as mãos em um gesto conciliatório, murmurou algo sobre checar as meninas e saiu da sala. — Bem, não é — disse Diane defensivamente. — Na verdade, não tem nada engraçado nisso, tem?

— Não — Magnus suspirou —, você está certa. Se Alex está — ou estava — vivendo no século XVII, ela teve que lidar com uma vida para a qual estava totalmente despreparada. E isso não é nem um pouco divertido, é apenas assustador. — Ele se encolheu, seu corpo alto curvando-se sob um fardo invisível.

Diane inclinou-se para segurar a mão dele.

— Ela vai conseguir.

— Você acha? — A voz de Magnus tremeu.

— Claro que vai. Ela é como você, teimosa até o fim.

— Oh, querida — Eva murmurou. — Isso é um elogio?

Diane inclinou a cabeça para o lado.

— No caso de Alex, sim, no caso de Magnus, não tenho tanta certeza. Ele pode ser bem difícil, você sabe.

— Difícil? — A voz de Magnus saiu como um guincho. — Eu?

Diane riu e aproveitou a oportunidade para afastar a conversa de Alex.



Quando o verão chegou ao fim, Matthew se desviava do caminho sempre que possível para olhar a estrada estreita. Ela não deveria estar aqui agora? Ele tentava contar de trás para frente desde sua própria chegada até aquele e momento, e no fundo começou a se preocupar que talvez ela não viesse, esperando que ele de alguma forma conseguisse voltar sozinho para casa. Ele nunca voltaria sozinho; já tinha sobrevivido a quatro meses dos oitenta e quatro e até agora não havia conversado com nenhuma pessoa nos campos que tivesse visto alguém sobreviver mais do que quatro, talvez cinco anos.

Ele estava definhando a um ritmo preocupante, a combinação de uma dieta insuficiente e longos dias cansativos sob um sol implacável. Sentia coceiras; mordidas de insetos por toda parte, mas ainda não havia piolhos, algo que ele temia que estava fadado a mudar, dada à maneira como os cabelos desgrenhados de Elijah estavam infestados deles. Matthew expirou, balançando a cabeça. Alguns piolhos não eram o seu maior problema. Por que ela não vinha? E ficou olhando a estrada até que não houvesse luz do dia, desejando que ela aparecesse.

— Talvez ela tenha esquecido você — disse Elijah uma noite.

Matthew fez uma careta; ele podia ver nos rostos deles, como se divertiam com a convicção de que um dia Alex viria para comprar sua liberdade.

— De qualquer forma, quem já ouviu falar de uma mulher viajando o mundo sozinha?

Matthew avançou, cuspiendo de raiva e medo suprimido, e teve que ser afastado de Elijah antes de arrebentar a cara dele.

— Você não deve dizer isso — disse Matthew entre respirações ofegantes, olhando para Elijah. — Minha Alex virá. Ela virá, porque sabe que eu preciso dela.

— Sim, homem, é claro que ela virá — disse Davy —, é só que Elijah está com inveja.

— Não estou — disse Elijah —, tenho minha própria mulher em casa. E duas filhas. Ela estava grávida da última vez em que a vi, e eu nunca soube se era um menino ou mais uma menina.

— Você vai saber, algum dia — tentou Davy.

— Você acha? — Elijah balançou a cabeça. — Não, Davy, acho que não. É aqui que eu morro. É aqui que todos nós morremos, incluindo você, Matthew. — E correu para trás, para longe de Matthew.

Matthew apertou a mandíbula.

— Eu não vou morrer aqui, não vou morrer como um resmungão que trabalhou demais.

Davy tossiu pesadamente.

— Mas é isso que você é — disse ele a Matthew. — Um maluco sobrecarregado e mal alimentado. E como você ou qualquer um de nós sobreviverá a sete anos disso? — Todos ficaram em silêncio, contemplando a verdade daquilo.

— Devíamos fugir agora — sugeriu Elijah —, estaríamos longe ao amanhecer.

— E ir para onde? — disse Matthew. — Para Jamestown? Os policiais o arrastariam de volta para cá antes do meio dia. — Os policiais, os magistrados... Pelo que tinha ouvido, Fairfax os tinha no bolso.

— Sim, e Jones iria... — A voz de Davy diminuiu. Matthew cruzou os braços e enfiou as mãos nas axilas.

Elijah olhou de um para o outro.

— Nós poderíamos seguir para o outro lado, fugir para o ermo.

Na densa floresta desconhecida, com cobras venenosas espalhadas pelo chão. Matthew suspeitava que Jones e Sykes exageravam a ameaça de cobras, e até agora ele não tinha visto nenhuma, mas viu um homem vindo dos campos mais distantes, a

boca aberta em silenciosa agonia. Jones o colocou em um dos galpões, derrubou um jarro de licor de cana na boca do homem e o deixou morrer, informando que não havia nada a ser feito por uma mordida de cascavel.

— Não, Elijah — disse Duncan com uma nota de vergonha em sua voz. — Eu tenho medo da floresta. — Davy assentiu, inclinando-se contra seu irmão gêmeo. Ele tossiu, um som estridente que foi ecoado pelo irmão.

— E você? — Elijah perguntou a Matthew.

Matthew balançou a cabeça.

— Ela nunca me encontraria lá. E eu não gosto de cobras.

— Nem eu — disse Elijah —, mas também existem cobras humanas.

Matthew assentiu; sim, definitivamente havia serpentes humanas, e a principal delas era seu próprio irmão. Com um suspiro curto, ele se levantou, pegou o cobertor e murmurou um boa noite, indo para a porta.

— Posso ir?

Matthew parou no meio do caminho, querendo muito dizer não, mas a visão do rosto danificado de Elijah o envergonhou a dizer que sim, e então havia dois homens saindo pela noite para dormir perto da nascente. Elijah mergulhou a mão no regato, rindo da sensação de água limpa e fresca em sua pele. Matthew sorriu e despiu a camisa para se lavar.

— Você lava tudo isso? — Elijah parecia surpreso, até preocupado.

— Eu tento. — Matthew se secou dando tapinhas na pele com a camisa suja. Sentou-se contra a árvore que passara a considerar como sua. O céu estava nublado naquela noite, o ar opressivo com a umidade concentrada.

— Você tem certeza, então? — Elijah perguntou, quebrando um longo período de silêncio. — Que ela virá atrás de você?

— Sim — disse Matthew, dando um tapa em um inseto. Sim, é claro que ela viria; algo a atrasara, mas logo ela estaria ali e... ele se deteve no meio do pensamento. Algo a atrasara! Ela poderia estar grávida, e então como atravessaria o mar para encontrá-lo? Ele contou rapidamente nos dedos. Agora era agosto e qualquer

criança teria sido concebida o mais tardar no início de janeiro, então ainda nem havia nascido. E antes que fosse desmamado e ela pudesse deixar o bebê, se passaria mais um ano, e então ele estaria morto. Não; balançou a cabeça. Ele não estaria morto. De alguma forma, tinha que viver.

As noites de Matthew na nascente terminaram uma noite, quando Jones tropeçou nele, sentado no escuro.

— O que está fazendo aqui? — Jones exigiu com uma voz ameaçadora.

Matthew já estava de pé, as costas contra o tronco atrás dele.

— Faz muito calor no galpão — disse, irritado com o tom defensivo em sua voz.

— Minha nossa, e isso, obviamente, é insuportável para um homem que está aqui devido a um “erro judiciário”. — Jones riu da própria piada. — Talvez você queira uma cama também, e quem sabe uma janela. — Matthew não respondeu. Jones o golpeou levemente sobre o braço. — Volte e, no futuro, você ficará onde o coloquei ou eu o trancarei com chave.

Matthew não tinha dúvida de que ele estava falando sério e se apressou na direção do galpão.

Jones alinhou todos os homens no dia em que começou a colheita. Campo após campo em que os pés de tabaco deveriam ser cortados, longos trenós de madeira para carregá-los, e depois a pesada marcha interminável que arrastava o trenó para trás até que estivesse todo descarregado no quintal. Ele sorriu para si mesmo. Era quando muitos dos novos homens se recusavam; ninguém se sentia à vontade de ser atado como uma mula a um trenó. Ele precisava de homens fortes, e seus olhos descansaram por um tempo em Matthew. Desde o incidente no celeiro, houve apenas uma vez em que ele teve que discipliná-lo adequadamente, no dia em que o homem estúpido protestou que eles não estavam sendo adequadamente alimentados, fora isso Graham mantivera a cabeça

baixa, evitando todo tipo de conflito. Mas de vez em quando, Jones ainda captava um olhar verde vívido daqueles olhos ocultos e assentiu para si com a cabeça: definitivamente em um dos trenós — Matthew Graham precisava ser quebrado de uma vez por todas.

Para a leve decepção de Jones, Matthew não protestou por ser amarrado ao cinto de couro, nem disse nada quando Jones indicou o trenó. Ele apenas assentiu e ajustou as correias para minimizar o atrito. Um dos outros novos homens — Elijah? Jones não se lembrava — protestou, mas um corte cruel em seus ombros o fez calar a boca. Pelo canto do olho, Jones viu Graham tenso com o tratamento dado a seu amigo, mas os ombros largos caíram quando Jones se virou para olhá-lo no rosto, o chicote levantado.

Todo aquele dia Matthew puxou o trenó. Seus ombros latejavam de dor, suas pernas tremiam com o esforço após cada carga, e Jones ainda o mandava de volta para mais, sacudindo o chicote no ar para indicar que Matthew tinha que se apressar, ele estava se atrasando em relação a quem estava fazendo a colheita.

— Água — Matthew ofegou ao meio-dia. — Eu preciso de um pouco de água. — Ele se inclinou para frente, apoiando-se nos joelhos. Jones sinalizou para uma das mulheres ocupadas separando folhas de tabaco e ela veio em sua direção com uma concha. — Obrigado — disse Matthew roucamente. A mulher sorriu, um sorriso muito bonito, e Matthew sorriu de volta, notando os cabelos dourados e os profundos olhos castanhos.

— Kate — ela respondeu à sua pergunta não dita. — Sou Kate.

— Eu sou Matthew. Matthew Graham.

— Eu sei — ela disse —, é claro que eu sei. — A boca dela se suavizou em outro pequeno sorriso.

Jones interrompeu qualquer conversa e Matthew voltou ao seu trabalho. Mas toda vez que Matthew chegava com uma carga, Kate conseguia estar lá, com uma concha na mão, e toda vez que Matthew bebia, ele olhava nos olhos dela, sorrindo em agradecimento.

Cinco dias insuportáveis, e na tarde do sexto dia ele estava tão cansado que acidentalmente derrubou o trenó, jogando a carga de tabaco na terra. Jones voou para cima dele.

— Idiota! Olha só o que você fez! — Matthew se levantou, um esforço que envolvia muitos músculos protestantes. Seus ombros estavam permanentemente em chamas, o arnês havia deixado feridas largas e sangrando na pele, e não importava como ele tentasse usar sua camisa gasta como estofamento, as feridas se aprofundavam e se alargavam, uma dor constante e flamejante.

— Vou carregá-los de volta. — Ele se inclinou para pegar uma braçada. Seus braços estavam desajeitados de cansaço, e demorou muito tempo para recarregar o trenó, com Jones um espectador irado e vociferante. Matthew se inclinou para frente nas tiras, juntando as coxas. Senhor! Ele não conseguia puxar a carga, o couro cortando ainda mais profundamente sua pele lacerada. Tentou novamente, e ainda assim o trenó não se mexia. Matthew olhou por cima do ombro e encontrou Jones sentado no trenó.

— Vá em frente — zombou Jones. — Mexa-se.

— Você é muito pesado — disse Matthew. — E você pode andar. Jones levantou uma sobrancelha.

— Claro que eu posso. Mas agora quero que você puxe.

Matthew sentiu sua pulsação começar a bater forte. Cortinas de um vermelho flutuante nublavam sua visão.

— Eu sou homem, sim? Vou trabalhar como me pede, mas você pode se mover por sua própria vontade, por mais gordo que seja. Não serei sua besta, sou um homem. — Houve um silêncio absoluto ao seu redor, seus companheiros o encarando com uma mistura de admiração e exasperação.

Jones levantou-se e foi em direção a ele.

— É aí que você está errado, Graham. Você não é homem, não aqui, não agora. Você é um escravo, um animal a ser usado até que não seja mais útil. Ele olhou para Matthew com expectativa, apertando a mão no cabo do chicote.

Matthew sabia que deveria recuar, rastejar e murmurar, mas dentro dele o fogo aumentou, uma raiva ardente contra o homem à sua frente, contra seu irmão traidor e a injustiça de tudo aquilo.

— Eu já disse. Nunca fiz nada de errado. Sou um homem livre.

Jones riu.

— Livre? Então por que ainda está aqui? Por que não está em um navio de volta para casa?

— Você sabe por quê! Não tenho dinheiro.

— E nós possuímos você, até que possa pagar por sua liberdade, nós possuímos você.

— Não, ninguém é meu dono. Eu sou um homem livre.

— E eu digo que você é apenas um escravo — Jones sibilou.

Matthew deu-lhe um soco direto no rosto, tendo o prazer distinto de ouvir a cartilagem no nariz de Jones estalar. Essa foi realmente a última coisa que ele observou claramente, depois foram todas as mãos e os pés, e o estalo do chicote de couro. Ouviu Jones chamando outros homens e sua camisa foi arrancada, ele foi jogado de bruços no chão e depois houve o estalo do couro que descia repetidas vezes em sua pele nua. Um dos braços dele estava torcido atrás das costas e, em seu ouvido, ele ouviu a respiração pesada de Jones.

— Então, o que você é?

— Um homem livre — Matthew ofegou. A pressão em seu braço estava rasgando seus tendões. — O que você é?

Dobre-se! Alex gritou em sua cabeça, pelo amor de Deus, Matthew, dobre-se. Mas ele não quis, teve que salvar um pouco de orgulho, e a dor no ombro aumentou a tal ponto que ele sabia que logo seria deslocado.

— O que você é? — Jones sibilou novamente, jogando seu peso considerável no braço preso de Matthew, que gemeu. Por favor! Alex chorou, por favor, Matthew, por mim. Não o deixe mutilar você por toda a vida, meu amor, por favor! Em seu estado confuso, Matthew não tinha certeza se ela estava ali de verdade, ou se era uma alucinação, mas o desespero em sua voz ecoou na cabeça dele.

— Eu sou um escravo — Matthew murmurou, fechando os olhos para que ainda pudesse ver Alex, não a terra vermelha a centímetros do nariz.

— O quê? Eu não ouvi você.

— Eu sou escravo — Matthew murmurou novamente.

— Diga em voz alta. — Jones colocou Matthew de pé. — Olhe para todos os homens à sua frente e diga. — Para sua eterna vergonha, Matthew fez o que lhe mandaram.

— Eu sou um escravo — disse ele, repetindo várias vezes até que Jones o liberou para cair no chão.

Ele ficou deitado onde caiu e ao seu redor ouviu o som de pessoas saindo, deixando-o sem ajuda. Ninguém se atreveu a tocá-lo, para que Jones não descontasse sua raiva neles também, e Matthew se viu encarando a própria mão, tão perto de seu rosto. Ele não queria se mexer. Não queria mais viver.

— Por favor, deixe-me morrer. Meu Amado Senhor, apenas deixe-me morrer. — Ele fechou os olhos e, em sua mente, viu Hillview, viu um garoto pequenino subindo a estrada para encontrá-lo, e lá estava ela, rindo e chorando ao mesmo tempo, com as saias amontoadas enquanto voava em sua direção; ele sabia que era claro que não podia morrer. Ele devia a Alex permanecer vivo; devia isso a si mesmo.



Coleridge tinha entendido bem, pensou Alex, pendurada no parapeito. Muita água, quilômetros e quilômetros de mar vazio e cintilante, e nem uma gota para beber... Ela lambeu os lábios, estremecendo quando as rachaduras se abriram novamente. Deu outra volta pela porcaria do convés e se abanou. Na verdade, não era engraçado; ela podia ver no rosto do capitão Miles que ele estava mais do que preocupado, e a tripulação estava ficando inquieta, os homens examinando o céu com olhos esperançosos que brilhavam ao ver o azul perfeito e sem nuvens. Ontem, uma briga havia começado pelo barril de água, e o capitão e seu companheiro usaram porretes para separar, removendo o barril para ficar sob os olhos bem abertos do cozinheiro.

Quatro semanas de ventos estranhos e longos trechos de calma. O capitão Miles nunca havia experimentado nada parecido, ele disse a Alex, o tempo todo forçando os olhos em todas as direções em busca de algum sinal de que o tempo iria ceder. Ele parecia exausto, um tom acinzentado na pele que fez Alex se preocupar que pudesse estar desenvolvendo um problema no coração.

— Então, você sabe onde estamos? — Alex perguntou.

— Sim, senhora, eu sei. Muito longe ao sul.

Bem, isso não a impressionou — ela mesma poderia ter dito isso a ele, dado o calor. Ele estudou o céu ao norte, protegeu os olhos com a mão e olhou por um longo tempo algo que viu no horizonte.

— Mas não ficaremos em paz por muito tempo, choverá antes do anoitecer.

Alex deu-lhe um olhar incrédulo e fez uma ampla varredura no céu azul brilhante.

O capitão Miles sorriu e fez uma mesura, murmurando algo sobre precisar conversar com o cozinheiro.

Naquele caso, o capitão Miles estava certo, certo demais, e mais uma vez o Regina Anne resistiu em um mar transformado, velas aparadas o máximo que podiam. Alex passou três dias miseráveis em seu aposento, quando conseguiu voltar ao convés, voltou para um navio veloz enquanto o capitão tentava recuperar o tempo perdido. Muitas semanas de tempo perdido, como Alex apontou, comentando amargamente que no dia seguinte, dia 24 de agosto, era seu aniversário, e ela tinha esperado passar o dia se reunindo com o marido, não presa no meio do mar.

— Dios manda, querida — disse Don Benito, dando tapinhas na mão de Alex. — Pelo menos agora não morreremos de sede.

Não, mas talvez morressem de fome. Alex passava mais tempo catando farelos dos biscoitos secos do que realmente comendo qualquer coisa. Não que ela quisesse, tremendo ao pensar em engolir um daqueles insetos nojentos por engano.

— Definitivamente, há vantagens na vida moderna — disse Alex. — Como agora, um avião não seria nada mal. — Don Benito ouviu com interesse quando Alex descreveu um avião, insistindo que ela desenhasse um para ele também.

— Sete horas para atravessar o oceano? — Don Benito olhou para a forma de pássaro que ela desenhara no convés.

— Eles são bem rápidos. — Ela estudou o padre e riu. — Você realmente deveria acreditar em tudo o que eu lhe conto?

Don Benito lançou-lhe um olhar confuso.

— Você está mentindo?

— Não, mas eu teria pensado que a reação normal à minha história seria fazer o sinal da cruz e me amarrar a uma estaca. — Ela olhou para ele nervosamente. Talvez fosse isso que ele pretendia fazer quando chegassem à terra firme; arrastá-la para ficar na frente de um tribunal como uma bruxa.

— Você é uma bruxa? — Don Benito perguntou, seus lábios tremendo.

— Claro que não!

— Bem, então... — Don Benito deu de ombros, franzindo o cenho para a água. — Por que eu não deveria acreditar em você? Acha que sua história é assim tão extraordinária?

Alex fez um barulho irônico.

— Por que eu pensaria isso? Continuo trombando com viajantes do tempo toda hora.

— Provavelmente há mais do que você pensa. E para um homem que aceita o milagre da Divina Criação, da Imaculada Conceição e o nascimento do filho de Deus como um mero humano, sua história é apenas mais um exemplo de que Deus tem um incrível... um incrível...

— ...senso de humor? — Alex sugeriu.

Don Benito riu.

— Deus certamente tem senso de humor, mas eu estava procurando outra palavra... Complexidade! Sim, é isso.

— Hmm — respondeu Alex.

— Decidi ir a Barbados— informou o capitão Miles durante o jantar.

— Barbados? — Alex disse. — Mas isso fica a milhas da Virgínia!

— Tenho que consertar o navio e nos faltam alimentos para chegar até a Virgínia.

— E quanto tempo vai levar? — Duas semanas? Um mês? Certamente não mais do que isso, certo?

— Presumo que estaremos em Barbados em quatro semanas, no máximo, e depois ficaremos alguns meses para reparos... Desculpe, senhora Graham, mas você não chegará à Virgínia este ano. Os mares estão revoltos nos últimos meses do ano, apenas um tolo tentaria uma travessia. — Ele estendeu as mãos em um gesto impotente. — O que posso fazer? Tenho um navio danificado, uma tripulação para pagar e um punhado de moças famintas.

— E de Barbados para a Virgínia? Quanto tempo leva? — Alex tentou parecer calma, quando tudo o que ela realmente queria era

se retirar para sua cabine e chorar. Mas não podia, podia? Afinal, ela tinha feito a si mesma uma promessa.

O capitão Miles contraiu a boca.

— Cerca de três a seis semanas. — Alex franziu a testa enquanto calculava quanto isso lhe custaria. Até agora, ela tinha muito dinheiro de uma forma ou de outra, ela e a sra. Gordon carregavam quantidades substanciais costuradas nos cós. Mas um mês, ou até vários meses, em Barbados...

— E você vai me reembolsar pela passagem? Comprei uma passagem para a Virgínia, não para Barbados.

O capitão Miles passou a mão pelo rosto.

— Vou lhe dizer o que farei. Depois que o navio for consertado, eu a levarei até Jamestown. Mas não será este ano. Sinto muito por isso, mas está fora de minhas mãos.

Alex pressionou as mãos contra a barriga agitada e o capitão Miles se encolheu sob o olhar dela.

— Ele ficará bem, seu homem estará esperando por você.

— Como você sabe? — Ela se levantou tão abruptamente que a cadeira caiu para trás. — Como diabos você sabe?

Don Benito levantou-se e colocou a mão no braço dela.

— Acho que o capitão quer dizer que seria preciso um homem muito corajoso para morrer longe de você. — Ela fugiu do toque dele e saiu da cabine a meia corrida.

Ela acordou quando bateu no chão e rolou sobre as mãos e joelhos. Que sonho terrível! Suas costas doíam, como se os açoites com que ela sonhara fossem reais. Algo estava faltando; ela ficou de quatro e procurou pela batida, o som do coração dele, mas dentro dela estava silencioso. Muito silencioso. Oh, Deus, ela engoliu em seco, ele está morto! Ela se sentou com um baque e fechou os olhos, ouvindo interiormente com tanta concentração que sua cabeça começou a latejar. Não ouse, Matthew Graham, não ouse desistir!

— Mova-se — ela sussurrou para a forma deitada de costas que viu em sua mente. — Mova-se e continue vivendo! — Os dedos tremeram, e dentro dela o eco do sonar do coração dele começou a

bater. Lento e constante, profundo e forte. Ela afundou o rosto nas mãos.

Na manhã seguinte, Don Benito se aproximou dela.

— Qual é o problema? — Ela levantou os ombros e os deixou cair. — Eu sonhei — disse ela, seu olhar fixo nas formas escuras velozes que escoltavam o navio debaixo d'água. — Você acha que é possível? Que de alguma forma eu possa sonhar com as coisas que estão acontecendo com ele? Porque eu sonho, e ontem à noite sonhei que ele quase morreu, que não queria mais viver. — Ela franziu a testa em concentração. — Mas eu disse a ele; disse que ele tinha que viver e o vi se mover. Alex apertou a própria mão e estudou seu anel de casamento. O que eles fizeram com seu Matthew, com seu belo homem, para deixá-lo sem vida no chão?

— Eu também sonho — Don Benito suspirou. — Noite após noite eu sonho, e eu a vejo como ela deve estar, não como ela era, então sim, acredito que é possível sonhar com o que acontece com alguém que você ama. — Ele se virou para recostar-se nas grades, observando a mãe que estava sentada cuidando do bebê junto ao mastro principal. — Eu tenho um filho. — Ele encheu os pulmões e olhou para Alex. — Eu nunca o vi e nunca o verei, mas a mãe dele anda na minha mente acordada, ela fica ardendo em meu coração, e quando fecho meus olhos para dormir, eu a vejo, e em seus braços ela segura uma criança.

— Ela é bonita?

Don Benito fez um gesto de desdém.

— Acho que não, não é nenhuma Helena de Tróia, nem mesmo uma Julieta. Mas para mim ela é linda, tem um sorriso que pode derreter um coração de pedra e, quando ri, soa como chuva caindo em um balde de estanho. E eu errei ao tocá-la. — Ele coçou o peito por algum tempo. O pesado cilício devia ser um tormento naquele calor, mas quando Alex sugeriu que ele parasse de usá-lo, ele se manteve firme, dizendo a ela que era obrigado a usar, uma penitência justa por quebrar seus votos sacerdotais.

— Ela está casada há vários meses, com um homem muito mais velho. Espero que ele a trate gentilmente. — Desviou o olhar. —

Nunca pretendi, sou padre há mais de quinze anos e nunca tive problemas com esse voto em particular. Até conhecê-la, uma mulher com quem eu podia rir.

— Como vocês se conheceram? — Alex perguntou, imaginando todos os tipos de cenas sórdidas no confessionário.

— Ela era dama de companhia reserva da princesa Henriette — disse Don Benito. — Provavelmente escolhida por seu rosto um tanto simples e sua voz adorável. Eu era o capelão, o promissor homem de Deus, encantado por ser escolhido pela rainha-mãe para ser membro da corte da família real exilada. — Ele fez uma careta. — Foi um erro. Fui encarregado de seu bem-estar espiritual, e ela veio me falar tantas vezes sobre o que considerava sua vocação para servir a Cristo, seus olhos brilhando de desejo. E então, uma noite, quando estava saindo, ela colocou a mão no meu braço e apenas ... ela apenas me beijou. — A ponta da língua dele disparou para umedecer os lábios, como se estivesse recapturando uma sensação uma vez experimentada e desde então perdida.

Em voz baixa, ele detalhou meses de encontros clandestinos, longas tardes passadas em designações secretas que foram encerradas brutalmente no dia em que a rainha-mãe os flagrou.

— Ela me ameaçou com a exposição pública e repreendeu a pobre Louise por ter tido a ousadia de seduzir um homem da Igreja. Tentei dizer a ela que não era assim, mas minha rainha ordenou que eu ficasse quieto.

No dia seguinte, ele foi removido para uma abadia beneditina próxima, encarregado de fazer muita penitência para expiar seu pecado. Um mês depois, um mensageiro veio da rainha e ele foi informado de que precisava encontrar um lar para o filho esperado.

Recorri ao meu irmão, e ele me mostrou grande bondade ao prometer criar o filho como se fosse dele. — A um preço, acrescentou, olhando para o leste. Raúl deixou bem claro que Benito não era mais bem-vindo em Sevilha, padre desgraçado que tinha se tornado. E então tudo foi decidido; Louise deveria ter o filho e entregá-lo, e então ela se casaria às pressas — com um homem escolhido pela rainha-mãe.

— Eu nunca tive permissão para vê-la novamente, nem mesmo para lhe escrever. Em vez disso, fui enviado para acompanhar sua

Majestade quando ele voltou ao reino no ano passado.

Alex ergueu as sobrancelhas, pensando que ele não devia ter amado tanto assim essa Louise desconhecida, dada a rapidez com que desistiu. Ele franziu a testa, mudando o peso entre os pés enquanto estudava o rosto dela.

— Você não entende muito sobre a realeza, não é? Há muito pouco que um homem comum possa fazer.

— Fugir? Cavalgar noite adentro?

Ele fez um som depreciativo. Louise estava acostumada a um alto nível de conforto, como ele a manteria nesse estilo de vida? E, bem, ali ele a pegara. Alex não tinha ideia do que um ex-padre poderia fazer para viver, suspeitando que quaisquer opções disponíveis levariam à penúria.

— Você ainda é padre? — Alex perguntou.

— Sim, eu permanecerei sempre um padre. A ordenação é um sacramento que não pode ser revertido, mas, de alguma forma, sinto que Deus desviou o rosto de mim. Fui encarregado de uma missão, e é por isso que estou indo para a Virgínia. Não como representante da Tabacalera. — Ele se virou para ela. — Estou levando certas coisas do rei para o governador, isso é verdade, mas minha principal tarefa foi dada pela mãe dele. Devo espalhar a palavra de Deus entre as tribos indígenas pagãs. — Ele olhou para ela tristemente. — Você acha que eles estarão dispostos a ouvir? Ou que eles vão me matar?

— Não sei. — Ela mordeu o lábio. — Eu não acho que você deva fazer isso, para mim cheira a vingança mesquinha, não a qualquer desejo genuíno de levar a palavra de Deus aos índios.

Don Benito piscou.

— Não fazer o que me foi ordenado?

— Quem descobriria? — Ela franziu o cenho, pensando muito. Você poderia ir para o sul; para Cartagena das Índias, ou Lima. Eles nunca perguntariam de onde você veio ou do que está fugindo. Ninguém jamais saberia.

— Eu saberia — disse ele severamente. — E Deus também.

— Valeu a pena? — Alex perguntou depois de alguns minutos.

— Não, não valeu. Se eu tivesse entendido completamente as consequências, acho que teria mantido mais firmemente minha

promessa, pelo bem dela e pelo meu. — Ele exalou alto. — Mas acho que vou amá-la até o dia em que morrer. Ela e meu filho, o garoto que nunca vou ver.

A sra. Gordon ficou muito impressionada quando Alex lhe disse que Don Benito iria batizar os pagãos, dizendo que até ser papista era melhor do que viver como um selvagem ignorante na floresta.

— Não que ele dure muito, com aqueles ombros estreitos como os de uma moça, e quase sem nenhuma carne.

— Sim, você sabe bem — Alex murmurou. — Como já o andou espionando. — A sra. Gordon riu e ajustou o colarinho para ficar mais perto da pele.

— Ele é bonito, seu pequeno padre, bem, ele seria, se não estivesse todo vermelho com aquelas erupções na pele. — Ela se abaixou para vasculhar sua bolsa de lona espaçosa. Depois de um tempo, deu um grunhido satisfeito e veio com um pequeno pote de pedra, estendendo-o para Alex.

— Dê a ele, pode ajudar, não?

Alex balançou a cabeça.

— Ele quer que doa, é por isso que usa aquela coisa.

As últimas semanas no Regina Anne foram terríveis. Alex ficava dividida pela saudade; ansiava pelo filho durante o dia e sonhava com seu homem à noite, e os sonhos eram com um homem que a encarava em súplica, olhos claros embotados pelos meses de labuta. Acordava com travesseiros encharcados de lágrimas e com a certeza de que precisava se apressar para chegar a ele, e se contorcia de frustração porque não havia nada que pudesse fazer, nem uma forma de apressar a viagem em sua direção. Ela evitava a todos, sentada sozinha ao lado do arco da proa, com os olhos fixos no oeste enquanto implorava em sua mente para ele não desistir.

Às vezes, fingia que podia voar e se via seguir rapidamente para a costa ainda não vista. E ela o encontrava, uma pequena mancha que se tornava reconhecível quando ela mergulhava em direção ao chão. Como um ousado pássaro, ela farfalhava as asas perto dele, voltando zunindo várias vezes, até que ele levantava o rosto do trabalho para seguir o voo espetacular do pássaro. Ela esperava

que ele soubesse que era ela, que o pássaro que ele via era seu desejo, cruzando o mundo para roçar suavemente sua bochecha.



Alex ficou muito aliviada quando eles ancoraram na baía profunda perto de Bridgetown. Ela já estivera em Barbados uma vez e olhou com surpresa a costa inexplorada. Nenhum ritmo de calipso no ar, nenhum turista americano entusiasmado em camisas estampadas de flores e muito poucos negros. Em vez disso, muitas pessoas brancas de aparência desalinhada, pele clara, profundamente bronzeada ou de um rosa desbotado, que estudavam o danificado Regina Anne.

— Trabalhadores — explicou o capitão Miles. — Carpinteiros, tanoeiros, fabricantes de velas... E eles podem ver que preciso dos serviços deles. — Alex assentiu, olhando em volta. O mastro principal havia sido reparado habilmente no mar, mas o terceiro mastro precisava ser substituído — até ela podia ver isso — e havia buracos nas tábuas a bombordo. O capitão olhou para cima, na direção das velas.

— Vou precisar de uma nova vela latina — ele murmurou, o que era mais ou menos grego para Alex. — Mas as outras só precisam ser remendadas.

— As mulheres não poderiam ajudá-lo a repará-las?

Capitão Miles lançou-lhe um olhar condescendente.

— Velas exigem habilidades especiais, não é apenas uma questão de empurrar uma agulha pequenina através de algum tecido.

— Bem, com licença — Alex murmurou, e voltou a estudar o porto. — Não existem escravos? — ela perguntou um pouco depois,

gesticulando na direção dos homens reunidos.

— Sim, existem. Muitos. Mas eles estão no interior das plantações. É tudo açúcar agora, uma colheita dura, segundo ouvi.

— Ele suspirou e olhou para Alex. — Há muitos tipos de escravos, sra. Graham. E aqui você encontra vários escravos brancos. Irlandeses, sabe? E vários de nossos compatriotas também, transformados em “barbadosed” pelo Protetorado.

— “Barbadosed”?

— Uma outra palavra para o que aconteceu com seu marido, mas neste caso com o apoio dos poderes vigentes. — Ele descreveu os eventos brevemente; milhares de irlandeses pegos nas ruas e transportados até ali para trabalhar no calor, muitos sem limite de tempo para cumprir. — Quanto aos escravos negros, sim, eles são trazidos em grande número. — Ele comprimiu a boca, murmurando algo sobre não engolir a maneira como alguns dos plantadores tratavam suas propriedades.

Se o Regina Anne parecia maltratado, sua tripulação e passageiros também. A saia de Alex deslizava pelos quadris a cada passo que dava e, mesmo que tivesse ajustado os espartilhos o máximo possível, eles desempenhavam muito pouca função, moldando mais ar que carne. Suas mãos estavam de um marrom surpreendente, assim como seus pés, seus cabelos tinham a aparência geral de um ninho de corvo — quebradiços e secos, gritando por gemas de ovos — e tudo nela estava coberto por sal do mar. Pelo menos todos os dentes estavam lá, graças não apenas à limpeza regular, mas também aos damascos secos que ela vinha mastigando.

Don Benito estava igualmente magro, os tripulantes pareciam famintos, o capitão Miles havia apertado o cinto em um terceiro entalhe novo, e a sra. Gordon parecia totalmente inalterada. Ainda com o mesmo peito amplo, e Alex sabia em primeira mão que os espartilhos ainda estavam abraçados em torno de um corpo redondo e forte. Provavelmente a cerveja, Alex concluiu, e olhou Davies com os olhos estreitados. Sem dúvida, ele estava dando à sra. Gordon mais do que sua ração às vezes. Pensando bem, aliás, o cozinheiro não estava parecendo muito acabado também.

Alex foi levada para um bote e segurou firme durante o caminho curto, mas agitado, até o porto propriamente dito. A sra. Gordon iniciou uma conversa com um dos remadores e, depois de apenas algumas palavras, descobriu que era um escocês, um homem com cabelos cor de cenoura e, na opinião de Alex, dentes horríveis. A sra. Gordon franziu a testa enquanto ele remava de volta para sua próxima carga.

— Papista, um daqueles das montanhas altas.

— Oh — Alex assentiu, não muito interessada.

Ela encarou o ambiente com curiosidade. O que parecia uma cidade costeira inglesa transplantada surgiu à sua volta; um conjunto pitoresco de edifícios ao longo dos cais que ladeavam o que o capitão Miles chamava de estação de serviço, ruas arborizadas — ou talvez estradas de terra arborizadas fosse o termo mais correto — e uma pequena igreja à distância. Havia algumas casas muito inglesas, um tanto incongruentes no calor, mas adaptadas com adições de balcões e varandas, necessidades da vida tropical. Uma brisa forte puxou seu chapéu, e Alex bateu uma mão na cabeça para mantê-lo no lugar.

Não apenas havia muito poucos negros em relação ao que ela lembrava, mas também havia muito poucas mulheres. Para ser mais específica, no momento havia apenas duas mulheres no cais, a sra. Gordon e ela mesma. Ficou consciente dos olhos famintos percorrendo seu corpo e aproximou-se da sra. Gordon, que olhava de volta para os homens com um olhar de aviso nos olhos escuros.

— Dê uma joelhada entre as pernas deles — disse ela. — Se ficarem muito atrevidos, dê uma joelhada neles. Bem forte.

— Obrigada — Alex murmurou de volta. — Certamente lembrarei. — Ela reprimiu um sorriso; caso se aproximassem demais, faria mais do que dar joelhadas — ela os jogaria longe, cortesia das habilidades em artes marciais que ainda mantinha em algum nível. Levantou-se nas pontas dos pés algumas vezes, tensionou os músculos do antebraço direito, a mão. Podia não ser mais capaz de quebrar tábuas, mas definitivamente poderia lutar se precisasse.

— E as mulheres? — Alex perguntou ao capitão uma vez que ele desembarcou. Ele estudou os homens ao redor e balançou a

cabeça.

— Será melhor levá-las para a costa à noite.

— Ou... — Alex incitou.

— Ou posso ficar sem mulheres para levar à Virgínia.

— Você acha que elas se importariam? De ficar aqui em vez disso?

— Algumas não. Mas outras já têm família na Virgínia e desejam chegar a Jamestown com segurança. Além disso — acrescentou —, os ricos plantadores encontram suas próprias esposas, e os pobres colonos brancos não têm o dinheiro necessário para comprar uma.

— Ah — Alex assentiu, apertando a boca. Ele corou e desviou o olhar.

Alex olhou para a cama com prazer. Sem mais noites dormindo como uma enguia enrolada, aqui ela seria capaz de se esticar, mesmo que dividir a cama com a sra. Gordon fosse algo assustador. A sala estava iluminada pela luz do sol, com persianas abertas pela brisa da tarde, e a sra. Gordon tocou a gaze fina pendurada na cama com uma expressão desdenhosa.

— Não é lá grande coisa esse dossel, pois sim?

— É para impedir que você seja comida viva pelos mosquitos. — Alex voltou sua atenção para a bacia, já cheia até a borda com deliciosa água doce e fresca, um alívio para a pele depois de todos esses meses usando apenas água salgada. — Amanhã vou lavar todas as roupas que possuo — afirmou, cheirando sua troca menos suja.

— Sim, eu também — disse a sra. Gordon.

Do outro lado do patamar, Alex podia ouvir Don Benito se instalando no quarto que ele dividiria com o capitão Miles. Por mais limpos e respeitáveis que fossem seus alojamentos, o capitão mostrou uma forte dose de parcimônia, argumentando que nenhum deles realmente precisava de mais do que meia cama, e certamente Don Benito não se importaria em compartilhar, não é? Ele se importava; muito, mas como não podia explicar o porquê sem deixar todos saberem que ele estava vivendo com o maldito cilício, ele concordou.

— *¿Qué hago?* — perguntou a Alex com desespero. — O que eu faço?

— Você poderia tirá-lo — Alex sugeriu, recebendo um olhar intransigente em troca. — Bem, nesse caso, você apenas terá que dormir com ele por baixo da camisa, como faz o tempo todo.

Don Benito parecia muito deprimido.

— Eu me coço, a noite toda.

— Nesse caso, o capitão concluirá que você tem pulgas e deixará o quarto com você. — Alex estreitou os olhos para ele. — Você tem pulgas? Já se lavou direito desde que começou a usar essa... coisa?

— Claro que sim — disse Don Benito com dignidade. — E eu não acho que tenho pulgas. Talvez piolhos, mas não pulgas.

— A meu ver, não é uma grande melhoria. — Alex se afastou dele.

— Nem no meu. — Don Benito suspirou, coçando-se no peito. Ele ofereceu-lhe o braço e os levou na direção da sala de jantar e da comida que esperava.

Sr. Coulter sorriu para os convidados, o que acentuou a semelhança geral de seu rosto com um pé.

— Estou honrado — disse ele, curvando-se na direção deles. — Duas damas, nada menos, para enfeitar minha mesa. — Alex teve que morder o lábio para não rir de sua aparência. Pesadas mechas prateadas pendiam dos ombros, encimadas por uma cúpula careca brilhante que começava na altura da orelha.

— Parece um ovo com uma saia de grama — disse ela à sra. Gordon. — Ele deveria raspar tudo.

— Sim — murmurou a sra. Gordon —, é um cabelo muito bonito, não? — Ela sorriu para o anfitrião, revelando dentes brancos e brilhantes, seus olhos escuros se enrugando, de modo que brilhavam ao sol que entrava pelas janelas.

O sr. Coulter não parava de encarar a sra. Gordon. Repetidamente, seus olhos voltavam a percorrer o corpete escuro, o colarinho branco e as mangas. Alex foi totalmente ignorada, um olhar superficial em sua direção, antes que o Sr. Coulter voltasse à sua fascinada inspeção da sra. Gordon. Alex quase se sentiu insultada.

— Você mora aqui há muito tempo? — Alex perguntou, tomando um gole da sopa. Sopa! Fervente ainda por cima, e ela já estava úmida de suor entre os seios, na parte de trás das coxas e debaixo dos braços.

— Dez anos, vim aqui para ajudar o reverendo, e permaneci. — Os olhos do Sr. Coulter se umedeceram. — É minha esposa, sabe, ela morreu há seis anos e eu não posso deixá-la, posso? Enterrada sozinha aqui.

— Não, claro que não — disse a sra. Gordon. — E você deve me mostrar amanhã onde ela está, sim?

Alex olhou para ela surpresa. Ela estava flertando com ele! Do outro lado da mesa, o capitão Miles olhou para nada em particular e Alex se virou para olhar a sra. Gordon novamente. Primeiramente, ela tomou um gole da sopa, as costas retas, uma mão dobrada no colo. E quando largou a colher, ela se esticou ainda mais, respirando profundamente. Os olhos de Coulter estavam grudados em seu peito generoso, assim como os do capitão Miles, os dois homens hipnotizados pela ascensão e queda daquelas curvas.

— *A cada uno lo suyo* — disse Don Benito, chamando a atenção de Alex. Absolutamente, e neste caso os dois homens aparentemente acharam que a sra. Gordon era o tipo deles. Seria um inverno muito interessante.

Os primeiros dias em terra, Alex passou tentando encontrar um navio para a Virgínia, mas os poucos navios atualmente atracados no porto de Barbados estavam todos destinados a atravessar o Atlântico em direção à Europa, seus porões se enchendo de barris e mais barris de açúcar.

— Eu avisei — disse o capitão Miles.

— E isso não ajuda em nada — Alex retrucou.

A sobrancelha do capitão franziu, os cantos da boca se curvando para baixo, dando-lhe a aparência geral de um *basset hound*.

— Eu sei — Ele suspirou. — E eu sinto muito. Mas o que posso fazer quando todos os elementos conspiram contra mim?

Alex não fazia ideia. Ela se beliscou para impedir que as lágrimas brotassem, e saiu para chutar pedras na água até se

controlar. Atrás dela, ela ouviu o capitão resmungar algo, mas esperou até que ele se afastasse antes de voltar apressadamente para a pensão.

— Então, ele reclamou? — Alex perguntou mais ou menos uma semana depois, apontando com a cabeça na direção do capitão passeando alguns metros à frente deles. — Sobre você se coçar.

— Não. — Don Benito bocejou. — Mas também como ele notaria? Dorme feito um defunto, de costas, e ronca. E peida.

— Todos nós estamos assim. Pode ter a ver com todos os feijões que estamos comendo.

Don Benito sorriu.

— Adoro feijão, eles me lembram meu pai. Ele gostava muito de feijão.

— Bem, eu não — Alex resmungou —, pelo menos não todo dia. Que tal um peixe? Ou um bom frango assado? — Ela fez uma reverência para um homem idoso que se curvou para ela e continuou sua caminhada desagradável pelas ruas tortuosas de Bridgetown. Uma cidadezinha muito laboriosa, cheia de homens que olhavam para ela como se estivessem avaliando seu potencial como esposa parideira — isso lhe dava coceira.

— Eu não acho que o cozinheiro saiba como, ou talvez ele simplesmente não queira. — Don Benito fez uma reverência para outro homem que o encarava com um certo receio, murmurando algo sobre estrangeiros extravagantes. Alex reprimiu um sorriso. Don Benito era mesmo muito extravagante nestes novos arredores, onde os homens optavam por chapéus escuros de abas largas, calções estreitos, camisas e casacos abertos.

— *Cabrón*.

— *¡Pero Padre!* — Alex fingiu desaprovação. — Um homem de Deus proferir tais injúrias!

— Hmph! — Don Benito bufou e continuou apontando outro detalhe que os colonos ingleses haviam roubado da arquitetura de sua terra natal.

Muito discretamente, Alex levantou o assunto da dieta monótona no jantar. O anfitrião fez uma careta e assentiu.

— Ele é de fato meu jardineiro, não um cozinheiro, mas quando o antigo morreu, ele assumiu o cargo. — Coulter suspirou e cutucou a carne cozida demais. — Não tive oportunidade de comprar um novo.

Alex ficou surpresa.

— Então o cozinheiro, ele é escravo?

— O quê? John? Ah, não. Ele é um servo pago agora que cumpriu seu prazo.

— Outro emigrado relutante — Alex murmurou, usando colher e faca para separar a cartilagem da carne.

Coulter balançou a cabeça.

— Posso garantir que ele não é. John veio aqui muito de propósito. Nós até viajamos no mesmo navio, embora isso não fosse algo que soubéssemos na época. — Ele se recostou na mesa, limpando os dedos sem gordura. — Mas ele é um cozinheiro horrível.

— Eu sei cozinhar — sugeriu a sra. Gordon. — Posso assar tortas, fazer um assado de cordeiro ou até um bom ensopado de peixe. — Quando terminou de listar todas as coisas que podia fazer, o Sr. Coulter tinha uma expressão sonhadora no rosto. Ela olhou para o senhorio especulativamente. — Não de graça, mas talvez possamos concordar com um aluguel mais baixo.

Para Alex, os dias passavam em terrível câmera lenta. Um longo dia após o outro, horas intermináveis passadas pensando em Mark e Matthew com os olhos fixos no teto. Todos os dias, ela dirigia-se ao porto para encarar o Regina Anne, desejando que ele se reparasse da noite para o dia. Preocupava-se com dinheiro; mesmo com a contribuição da sra. Gordon, a acomodação semanal era um desperdício inesperado de seus recursos, e às vezes acordava suando de medo depois de outro sonho realista, onde ela simplesmente não podia pagar pela libertação de Matthew, e tinha que vê-lo morrer diante de seus olhos.

— Você está imaginando coisas — acalmou-a a sra. Gordon. — Ainda resta bastante dinheiro, não? E você ainda não vendeu a pérola.

Não, Alex concordou, mas onde ela poderia encontrar um comprador?

— Fale com o capitão — disse a sra. Gordon. — Ou se você quiser, eu posso fazer isso.

A única distração de sua constante preocupação com Matthew era a novela em exibição, estrelada pela sra. Gordon. Alex não tinha percebido antes como ela era atraente, descartando-a como muito velha, mas agora que os olhos de dois homens caíam na sra. Gordon, Alex começou a vê-la sob uma luz diferente. Ela tinha um rosto de traços fortes, cabelos grisalhos e espessos que sempre eram cuidadosamente escovados e trançados — com algumas mechas soltas que flutuavam livres debaixo do chapéu — uma boca carnuda e, além disso, aqueles olhos brilhantes. Sim, sua pele tinha marcas de expressão e, quando ela ria, os olhos quase desapareciam dentro de uma bolsa de rugas, mas sua pele era rosada, ela tinha todos os dentes e, é claro, os peitos.

— Você fez alguma coisa — disse Alex, inclinando a cabeça para o lado. A Sra. Gordon corou e murmurou que certamente não tinha feito nada. — O decote — Alex sorriu —, minha nossa, senhora Gordon, você está mostrando uma grande extensão de pele.

Extensão era um exagero, mas havia definitivamente mais pele branca visível, tão mais que até Don Benito notou, parando no caminho para a mesa de jantar para olhar a sra. Gordon.

Se não houvesse um metro de mesa entre eles, o sr. Coulter teria caído de cara naqueles seios, de tão ansiosamente que se inclinou para ela, e o capitão Miles teve que se levantar da mesa em várias ocasiões, sempre contornando a cadeira da sra. Gordon. O objeto de todo esse interesse meramente sorriu e perguntou se alguém queria mais torta.

Durante o dia, a sra. Gordon distribuía suas atenções de maneira justa entre os dois homens. Ela consertava as camisas do capitão Miles e fazia uma caminhada diária até o pequeno cemitério com o sr. Coulter, ouvindo suas divagações sobre a esposa.

— Ele a encontrou morta no jardim uma tarde. O coração dela não aguentou. E o pobre homem se culpa, porque ela queria tanto voltar para casa — a senhora Gordon compartilhou com Alex,

batendo na pequena lápide. Ela suspirou e deixou seus olhos varrerem o pequeno cemitério. — Todas essas almas, enterradas tão longe de suas casas. — Alex assentiu, uma sensação dentro dela. Matthew, ela gemeu e sabia que ele estava cambaleando no fio da navalha, pendurado em algum lugar entre a vida e a morte. Ela caiu de joelhos e orou, a Deus para que o mantivesse seguro, e a Matthew para que permanecesse vivo; por ela e por si mesmo.

— Ah, moça. — A sra. Gordon abaixou-se para se ajoelhar ao lado dela. — Ele está nas mãos de Deus e lá está ele em segurança.

O capitão Miles passava a maior parte de suas manhãs supervisionando os reparos em seu navio e, depois de um longo intervalo para a refeição, ele escapava, murmurando algo muito vago sobre aonde estava indo. Um fim de tarde, Alex o seguiu enquanto se apressava na direção oposta do porto, indo até um pequeno prédio atrás de uma cerca de madeira robusta. Ele bateu no portão e quem o deixou entrar foi um homem que Alex reconheceu como Smith. Do quintal cercado, Alex podia ouvir vozes, altas vozes, e ela entendeu que era ali que Miles estava hospedando as mulheres de seu porão, a salvo dos olhos e mãos errantes dos homens locais.

Ela ainda estava lá quando ele saiu novamente, desta vez com duas das meninas mais jovens a reboque. Os três voltaram na direção da cidade, com Alex atrás deles. Perto da igreja, uma carroça estava esperando, e as duas meninas foram ajudadas a sentar nos fundos. Uma delas estava chorando, com as mãos agarradas a um embrulho. Houve uma discussão em voz baixa entre o capitão Miles e o homem que segurava as rédeas, uma algibeira foi atirada e as mulas foram incitadas a andar.

— Servas por contrato ou esposas? — Alex perguntou ao capitão Miles, assustando-o tanto que quase deixou cair a bolsa de dinheiro.

— Servas por contrato. — Ele franziu o cenho para as críticas na voz dela. — Escolha delas.

— Escolheram ir para a Virgínia, não vir para Barbados.

— Não é tão diferente assim. — E ele tinha perguntado às meninas, disse a ela, selecionando apenas as que disseram que ficariam felizes em ficar aqui, em vez de arriscar mais uma viagem no mar.

— Deve custar uma fortuna para mantê-las alimentadas durante o inverno.

— Sim. — As mulheres estavam arrecadando dinheiro elas mesmas, explicou, lavando roupa e fazendo alguns trabalhos de costura, mas isso mal cobria o custo da comida.

— E por que você as mantém trancadas?

— Não as mantenho longe do mundo, mantenho o mundo longe delas. Não posso deixar que sejam roubadas à noite. — Ele lançou um olhar para Alex. — Deve tomar cuidado, senhora Graham. Está sendo desnecessariamente imprudente em me seguir como fez hoje.

— Certo; porque alguém pode tentar me raptar.

— Como eu disse; existem diferentes tipos de escravos. E algumas delas são mulheres mantidas trancadas fora da vista.

Se sua intenção era assustá-la, funcionou; Alex parou de sair sozinha.



Após o incidente com o trenó, Matthew recuou ainda mais para dentro de si mesmo. Ele raramente falava, mantinha os olhos no chão e concentrava-se em manter viva a chama ofegante da vida dentro de si.

Tinha sido Kate quem tinha se esgueirado para ajudá-lo quando escureceu, Kate que o tinha empurrado até ao barracão depois de primeiro lhe ter lavado as costas laceradas. Ele mal tinha reparado, toda a sua concentração sendo exigida para conseguir pôr um pé à frente do outro, mas tinha conseguido sussurrar um fraco "obrigado" quando ela partiu.

Durante os dias imediatamente a seguir à surra, ele não tinha conseguido se mexer, mas uma vez de pé, foi escolhido para o trabalho mais duro, que o encharcava de suor durante o dia e fazia-o tremer de arrepios no início da noite. Nem uma única vez ele se queixou, apenas se arrastou, uma besta inanimada que fazia o que lhe era dito, quando lhe era dito.

Setembro passou para outubro, e com o coração pesado Matthew fechou a porta da esperança de que Alex viesse ainda naquele ano, porque com o inverno chegando não havia navios.

— Ainda pensa que a sua mulher virá buscá-lo? — Elijah perguntou a Matthew em um tom mais baixo, enquanto percorriam o caminho pelos campos colhidos.

— Sim, ela virá. — E eu tenho de me manter vivo até lá, disse a si próprio. Ele comia tudo o que lhe era posto na frente e, mesmo assim, seu estômago bocejava de fome. Ocasionalmente, roubava;

um nabo cru, algumas cenouras da horta da cozinha, o ovo estranho, e uma vez uma torta cheirosa posta para esfriar do lado de fora da janela da cozinha. Ele a engoliu toda e ficou imediatamente doente, seu estômago rejeitando a fartura após meses de ração escassa e insuficiente.

No meio de outubro, ele ficou doente. Nem Jones o considerava apto para o trabalho, estudando-o com impassibilidade.

— Leve-o para a cozinha — ele instruiu Elijah. — Coloque-o lá nos fundos. Vou pedir que uma das mulheres venha e cuide dele.

Era uma alegria estar em uma sala onde uma das paredes estava constantemente quente, e Matthew se aconchegou o mais próximo possível da pedra aquecida, envolvendo seus longos e finos braços em volta de si. Ele podia estar com a febre, mas realmente não sabia. Sua cabeça estava prestes a explodir, horríveis dores que o deixavam tonto floresciam atrás dos lobos frontais e desciam para paralisar seu pescoço e coluna. Qualquer movimento fazia manchas pretas dançarem diante de seus olhos, e ele estava tão fraco que sequer conseguia se levantar para mijar, alguém tinha que ajudá-lo até mesmo com isso.

Vislumbres de consciência passavam por sua cabeça, e ele viu que estava nu e que alguém o havia coberto com um cobertor extra. Outro vislumbre, e havia mãos macias nele, um aperto de apoio em volta de seus ombros enquanto alguém o ajudava a beber.

Ele flutuou; bem acima de si, ele voou e voou de volta para casa, pairando sem ser visto sobre bosques que brilhavam com cores de outono, sobre seus prados e sua casa. Viu Joan beijar o garoto no colo dela e desceu para colocar seu próprio beijo suave nos cabelos da criança, desejando que pudesse segurar seu filho pelo menos mais uma vez antes de morrer.

Ele se afastou ainda mais, atraído por ela, seu coração, sua esposa. Ela estava chorando em sua cama e ele sabia que era por ele, então tentou sussurrar palavras de conforto em suas bonitas orelhas levemente pontudas. Toda essa deriva o cansou. Aliviado, voltou a cair em si mesmo e havia mais um vislumbre, agora ele reconhecia os olhos e os cabelos.

— Kate — disse, e o anjo sorriu e assentiu.

Ele tremia de febre e havia outro corpo ao seu lado, tão nu quanto ele, e ouviu alguém dizer que estava ali e que o abraçaria com força a noite toda. Matthew Graham sorriu e pensou que talvez fosse viver, afinal.

Ele não sabia como tudo acontecera. Acordou em um momento de lucidez e a encontrou ao seu lado em seu paletó, e sentiu o desejo de provar que ainda podia, que lá no fundo vivia um homem. Ela se virou para ele, tendo-o seguro em seus braços. Ele se moveu lentamente dentro dela, uma parte dele ali, a outra parte numa encosta escocesa com uma moça estranha chamada Alex sorrindo para ele. Ele foi ficando à deriva e, pela primeira vez em uma semana, dormiu, um sono pesado e sem sonhos.

— O que aconteceu? — Matthew perguntou a Kate um dia depois. Ele estava sentado na cama, se alimentando.

— O que aconteceu quando? — Ela sorriu e afastou um longo fio de cabelo do rosto dele. Ele recuou, forçando-a a deixar cair a mão.

— Nós... — Matthew franziu a testa. Ele tinha certeza de que sim, mas não conseguia se lembrar de quando ou como.

— Várias vezes — disse Kate. Matthew ficou envergonhado. — Tudo bem, eu sei que você é um homem casado. Você chamou o nome dela com frequência nos últimos dias. — Ela suspirou e se apoiou nos calcanhares antes de se levantar. — Ainda acha que ela está vindo?

Matthew assentiu.

Kate deu um sorrisinho triste.

— Eu pensei que meu amor também viria. Mas já faz três anos... — Ela deu a Matthew um olhar franco com os olhos castanhos amendoados, e sacudiu o cabelo, libertando-o da touca de linho desbotada antes de voltar a trançá-lo e se cobrir. — E se eles não vierem? E se você e eu passarmos o pouco tempo que nos resta esperando que eles venham, e eles nunca chegarem?

O pensamento gelou Matthew até os ossos.

— Ela virá, eu sei aqui. — Ele bateu no peito.

— E se ela vier, ela se importará? Será que se ressentirá por você ter tido o pouco de conforto que podia?

Ele sorriu fracamente; conhecendo Alex, ela arrancaria os olhos dele — ou talvez não, dadas as circunstâncias.

— Eu não sei. — Ele fechou os olhos e se deixou cair no sono.

No meio da noite, ela foi até ele, e ele estava meio adormecido e desorientado, mas não o suficiente para não saber que era Kate, não Alex. E ele não se importou, ele a segurou, silenciando a voz cantarolante da consciência, dizendo que estava doente, e que precisava daquilo. Mãos urgentes em sua pele, um lugar quente e acolhedor para se enterrar, uma curta fuga de uma existência que ele não queria, uma vida que ele precisava desesperadamente esquecer. Kate estava ali e Alex não, e ele estava bravo com ela por isso; ela já deveria ter chegado agora, de alguma forma deveria tê-lo encontrado e salvado. Mas Kate estava ali... tão gentil, com cabelos que cheiravam a sol e uma risada surpresa quando ele a tomou mais uma vez. Adormeceu em cima dela, mal percebendo quando ela saiu de baixo dele. Mas ele acordou quando ela beijou sua nuca, murmurando um boa noite antes de sair na ponta dos pés no escuro.

Da próxima vez que Matthew acordou, Jones estava de pé ao lado dele, examinando-o.

— Melhor? — Ele usou um pé para cutucar Matthew a sentar e depois ficar de pé. Matthew caiu quando o sangue desceu de sua cabeça, pousando nas mãos e nos joelhos.

— Mais dois dias — disse Jones —, então espero você no pátio.

Matthew cerrou os dentes para impedir que a bile que lhe subia pela boca respingasse nas botas bem polidas em frente ao seu nariz.

Kate o encontrou tremendo e se aconchegou a ele na tentativa de aquecê-lo.

— O que aconteceu? — ela perguntou, sua voz carregada de ternura.

— Jones, ele espera que eu volte ao trabalho em dois dias. — Ele não tinha palavras para descrever o medo que fluía através dele enquanto pensava em sair para o trabalho. Jones não o pouparia, nem faria concessões por seu estado enfraquecido, e Matthew

duvidava que chegasse ao Natal se fosse posto para trabalhar da mesma maneira novamente.

— Não quero morrer, quero viver. — Ele se contorceu para ver o rosto de Kate. — Eu preciso, tenho que estar vivo quando ela chegar.

Kate apenas assentiu, os olhos escuros ficando ainda mais escuros. Algo esvoaçou em seu rosto, e Matthew não tinha certeza do porquê ela parecia tão descontente. E então ele entendeu, e por mais mesquinho que isso o fizesse, ficou lisonjeado com o ciúme dela.

— Eu vou mantê-lo vivo. — Ela o abraçou mais apertado, e ele deixou. As mãos dela dançavam sobre ele, tocavam, seguravam e guiavam, e ele se afogou nela, naquela mulher acolhedora, com olhos escuros e cabelos da cor de centeio amadurecido.

Dois dias depois, Matthew estava tão instável quanto um potro recém-nascido e ouviu enquanto Jones distribuía as tarefas. Para seu grande alívio, ele não foi enviado para os campos, mas para os estábulos, e quase caiu de joelhos para agradecer a Jones. De qualquer maneira, era um trabalho duro para um homem que ainda deveria estar em sua cama e, ao meio-dia, estava desconfortavelmente frio quando o vento que assobiava através das portas abertas esfriava sua pele suada. Jones ficou de pé e observou através dos olhos encobertos, certificando-se de que Matthew sabia que toda pá de estrume de cavalo, toda carga de carrinho de mão era contada.

— Onde vai? — ele perguntou a Matthew assim que o dia terminou. Matthew parou no meio do caminho para a cozinha.

— Para a cama — ele respondeu, muito confuso.

— Lá, não. — Jones usou seu chicote para indicar os antigos aposentos de Matthew. — Você vai voltar para o seu lugar. — Matthew se virou e caminhou na direção que lhe foi apontada. Ele não pôde evitar; sua cabeça girou para onde Kate estava, e por um instante seus olhos se encontraram.

Por três dias, Matthew conseguiu ficar de pé antes de cair em um novo surto de febre e Jones concordou com relutância em levá-

lo de volta à cozinha.

Mais uma vez houve noites em que Matthew nadou dentro e fora da consciência, noites com Kate pressionando-se contra ele enquanto o aquecia e o abraçava. E Matthew respondeu a ela, usando as mãos e todo seu corpo para lhe dar algo em troca. Ela era flexível e macia, um abraço acolhedor que o abalou e o acalmou, que o despertou até que ele apertou suas nádegas com necessidade. Seus longos cabelos louros, tão macios contra a pele dele, as mãos, as coxas — todas as partes que ele explorava, e ela estava disposta e ansiosa embaixo dele.

Ocasionalmente, ele se perguntava se talvez em algum lugar Alex estivesse fazendo o mesmo, afogando suas mágoas com outra pessoa, mas apenas pensar nisso o fazia cerrar os dentes. Ela era dele, porra, e ela não tinha permissão... Ele, afinal, era um homem, com impulsos mais fortes e necessidades mais ardentes.

A hipocrisia não lhe escapou, e uma manhã Matthew se virou para encarar Kate. Havia algumas coisas que ele não fazia com ela; ele nunca se abraçara a ela como costumava fazer com Alex, e nunca lhe segurara a mão, dedos entrelaçados como sempre fazia com Alex.

— Eu não posso mais fazer isso.

Os olhos de Kate escureceram de mágoa.

— Por que não?

— Eu não posso. Espero que Alex permaneça fiel a mim, então como posso não fazer o mesmo?

— Mas é diferente, você é homem. Precisa disso, todos os homens precisam. A mão dela passou pela barriga dele, mas ele a prendeu e balançou a cabeça.

— Não, Kate. Isso tem que parar. Sou casado e tenho votos a cumprir. — Ele deixou a mão descansar na bochecha dela. — Você salvou minha vida. Cuidou de mim e me devolveu a mim mesmo quando tive certeza de que morreria. Eu te devo isso e sempre serei grato. Mas eu não te amo, moça. No meu coração, Alex é única, e eu não posso mais fazer isso; nem com você nem com ela. — Ele ficou de costas para ela e se vestiu, consciente o tempo todo dos olhos dela nele, nas pernas, nas nádegas nuas. Apertou o pedaço de corda que lhe fazia as vezes de cinto e se agachou ao lado dela.

— Você ainda será minha amiga? — perguntou, acariciando seus cabelos. Ela assentiu, os olhos brilhando de lágrimas. — Isso me alegra, e eu não poderia pedir alguém melhor. Ele acariciou a bochecha dela e se levantou. — Tenho que ir.

Kate sorriu instável e deu-lhe um leve aceno.

— Eu vou te ver hoje à noite? — ele perguntou enquanto estava parado na porta.

— É claro — disse ela. — Estarei aqui; onde mais estaria?

Era estranho como um único ponto de contato humano podia fazer tanta diferença, pensou Matthew alguns dias depois. Toda noite havia alguns momentos de conversa com Kate, um rápido compartilhamento dos eventos do dia, e de repente ele não era mais um escravo invisível, era um homem novamente. E havia noites em que não podia se conter, puxando-a para perto, uma vez quase a derrubando atrás da cozinha, mas no último momento ele recuperava a sanidade e se afastava, deixando os dois ofegantes de desejo.

Era um pavio queimando lentamente num barril de pólvora e, inevitavelmente, uma noite explodiu e depois ele se afogou de vergonha, se desculpando repetidamente e prometendo que nunca mais aconteceria. Kate apenas sorriu.

Kate brilhou e floresceu. Ela levantava a mão como se por acaso fosse mexer no cabelo, alisava aventais e saias para ficarem mais colados à forma de seu corpo, e o tempo todo seus olhos disparavam para onde Matthew estava sentado. Ele não tinha certeza do que sentia por ela; gratidão, sim, luxúria, sem dúvida, mas às vezes havia emoções mais complexas envolvidas, e Matthew sentia seu rosto esquentar de vergonha. Ali estava ele professando que sua amada esposa, sua Alex, viria buscá-lo e, às escondidas, estava se envolvendo com outra. Não ajudou quando ele percebeu que Jones era um espectador entretido, olhos inteligentes voando de Matthew para Kate — olhos que se afiaram de interesse quando estudaram Kate.

Depois de tomá-la impulsivamente atrás de um dos celeiros de cura, Matthew decidiu que aquilo tinha mesmo que terminar — ele

estava se comportando de maneira desprezível. No entanto, as coisas foram tiradas de suas mãos, e um dia Kate não estava mais na cozinha, substituída por uma mulher mal-humorada que largava os pratos com força diante dos homens. Quando ele perguntou, recebeu olhares de quem não sabia do que ele estava falando e encolhidas de ombros; ninguém parecia saber para onde ela tinha ido, e o preocupava que algo pudesse ter lhe acontecido. Sempre que podia, ele ia para a casa grande, mas durante as últimas semanas do ano ele não a viu nem uma vez.

— Ela pode ter sido vendida — disse Elijah.

Matthew nem sequer tinha considerado essa opção e olhou para ele, horrorizado.

— Vendida para onde?

Elijah não tinha ideia.

Um dia antes do Natal, ele a viu novamente e desejou que não tivesse visto. Ele foi chamado, Jones precisava de um escriba, e Matthew estava indo na direção dos escritórios da plantação quando viu a porta dos alojamentos de Jones se abrir. Ele aumentou o passo, não querendo irritar o supervisor por estar atrasado e, assim que passou pela porta aberta, viu Kate, meio vestida nos braços de Jones. Sobre o cabelo desarrumado dela, o supervisor encontrou os olhos de Matthew, e a mão grande de Jones deslizou para descansar nas nádegas de Kate e apertá-las. Jones sorriu. Matthew desviou o olhar.

O Natal daquele ano foi o mais sombrio que Matthew já havia vivido. Totalmente sozinho, preso entre pessoas com as quais não tinha vínculos ou nem mesmo se importava, ele se colocou sob os céus escuros da noite e olhou para as estrelas. Como Alex fez em Hogmanay, ele sorriu ironicamente. Ela saiu e encarou o céu, brindando silenciosamente ao pai. Que ela fique bem, ele rezou, onde quer que ela esteja, que esteja segura e sempre saiba que eu a amo. E pela noite ouviu a voz dela, ouviu-a rir e dizer-lhe que já sabia, mas era legal da parte dele dizer — mesmo que fosse apenas uma vez por ano.



2005

— Se ela estava em um navio em agosto de 1661, deve ter embarcado no final da primavera — disse Eva.

Magnus fez um som de concordância. A informação que ele havia recolhido até agora era lamentável, para dizer o mínimo; o nome de alguns navios conhecidos por terem cruzado os mares várias vezes — o Regina Anne umas impressionantes trinta vezes —, mas não havia outros registros, listas de passageiros impressas com cuidado ou descrição de rotas na linha espalhafatosa dos cruzadores modernos.

— Nunca encontraremos nada aqui — ele suspirou, fazendo voar os papéis sobre sua mesa.

— Não, especialmente se você for agir como um tolo. Concentre-se. Para onde ela poderia ter ido? América do Sul? Uma das novas colônias?

Magnus tinha uma vaga ideia de que muitos emigrantes escoceses haviam acabado em Barbados e outros lugares semelhantes, e não nas novas colônias, mas realmente não tinha ideia. Eles passaram mais dois dias examinando documentos quase ilegíveis, sem encontrar nenhum vestígio de alguém chamado Graham, e Magnus ficou cada vez mais frustrado.

— Diane tentou avisá-lo — disse Eva —, ela tentou explicar como isso seria difícil.

— Mas agora eu tenho um ano! Só que não há nada nesse maldito ano!

— Há toneladas de informações, mas o problema é que não está sistematizada. E também, se formos bem honestos, a única prova que temos de que ela viveu no século XVII é que você a ouviu dizer isso, quando a viu no mar.

— Eu vi de verdade — disse Magnus entre dentes.

— Eu sei que você viu, eu também vi, lembra? Mas o que não sabemos é se vimos alguém que realmente viveu na época, em 1661, ou se era apenas algum tipo de ... não sei, impressão holográfica?

Magnus deu uma risada curta.

— Impressão holográfica? Que diabos seria isso?

— Não tenho ideia, mas tem soa muito melhor do que fantasma.

Ele ligou para ela três dias depois, zumbindo de emoção.

— Eu a encontrei!

— Encontrou? — Eva parecia impressionada.

— Bem, não, não exatamente, mas encontrei um documento judicial referente à tutela de um garoto chamado Mark Magnus Graham. — Ele esperou a exclamação dela de parabéns, mas só ouviu silêncio do outro lado da linha.

— E isso tem a ver com ela, porque... — Eva perguntou depois de um tempo.

— Magnus, é claro! Como eu!

— Não é um nome incomum na Escócia.

— Em Shetland ou nas Órcades, pode não ser — disse Magnus —, mas aqui, no sul da Escócia... e o papel é datado do início de 1661. — Ele suspirou com o silêncio contínuo dela. — Você acha que estou vendo coisa onde não tem.

— Sim, eu acho. E não gosto que esteja, porque você nunca saberá, não de verdade.

— Você prometeu que iria me ajudar — disse Magnus.

— E eu vou. Mas não vou ficar parada torcendo se achar que você está se enganando. Então, sim, esse garotinho pode ser filho

dela, mas nesse caso, ele estava lá no barco com ela? Ou você acha que ela o teria deixado para ir aonde quer que estivesse indo?

— Eu não sei — disse Magnus, segurando o telefone com muita força. — Não tenho a menor ideia.

— Exatamente, e você nunca vai saber, querido. Você pode encontrar informações díspares aqui e ali, mas será como segurar seis peças de um quebra-cabeça de mil. — Ele a ouviu suspirar. — É uma escolha que você precisa fazer, Magnus, tentar encontrar algo, mas sabendo que nunca encontrará tudo, ou deixar isso de lado antes que você se afogue.

Ele desligou.

E ligou para ela novamente algumas horas depois.

— Sinto muito... — os dois disseram e depois riram.

— Sinto muito por ser tão franca antes — disse Eva. — E eu sei que prometi ajudá-lo, mas estou preocupada que isso seja mais angustiante do que curativo.

— Você está certa, e eu sei que, na melhor das hipóteses, só vou encontrar traços dela. Não é como se ela fosse o tipo de garota que faz diários, deixando para trás cadernos grossos para encontrarmos. Mas... — Ele exalou, desejando que Eva estivesse aqui, a uma curta distância, em vez de em Londres. — ...tudo o que eu quero é algum sinal de que ela viveu e viveu bem.

— Isso são duas coisas, querido, e, embora você possa encontrar alguma menção a ela, nunca saberá como foi sua vida. Você só pode esperar que ela tenha tido coragem e inteligência para criar uma nova existência, onde quer que tenha ido.

Ele ficou em silêncio, refletindo sobre aquilo.

— Alex tem coragem — disse Magnus finalmente — e inteligência. E, em geral, ela tem bom gosto para homens, então só espero que esse tal de Graham faça o que é certo por ela. De qualquer forma, você precisa voltar para sua reunião, certo? E tenho que escrever um artigo sobre as propriedades curativas da dedaleira.

— Parece absolutamente fascinante — Eva murmurou, fazendo Magnus rir.



Com o passar das semanas, Alex ficava cada vez mais deprimida, passando muito tempo sozinha no quarto. Depois de uma pequena conferência silenciosa, Don Benito e a sra. Gordon sentaram-na para conversar e insistiram que esse absurdo tinha que parar — não estava lhe fazendo nenhum bem. Ela deu de ombros, não se importando de um jeito ou de outro.

Mais uma pequena conferência, desta vez bem menos silenciosa, e Alex foi coagida a acompanhar Don Benito em longas caminhadas exploratórias. O exercício imposto ajudou — um pouco. Agora, dois dias após o Natal mais deprimente que Alex já celebrara, eles estavam em uma enseada no lado oeste da ilha, a alguns quilômetros ao norte da área pantanosa onde Bridgetown estava situada. Alex abriu o leque e ficou olhando as ondas convidativas que caíam sobre o fundo arenoso.

— Vou esperar — disse Don Benito, surpreendendo-a. — Se você quer entrar na água, e eu sei que sim, então vá em frente. — Ela deu uma risada duvidosa e olhou para o mar. O sol ainda estava baixo no céu oriental, Don Benito preferia começar logo antes do amanhecer, mas já estava quente, um calor úmido que só era suportável pelo vento constante.

— Você não quer?

— Deus te abençoe, *hija* — ele riu. — Eu não sei nadar.

— Eu sei — disse Alex, dando à água um olhar ansioso. Ela tomou uma decisão rápida e pulou na areia, já desabotoando as

saías e o corpete. Houve uma exclamação abafada atrás dela e, quando ela se virou, Don Benito cobriu os olhos com a mão.

— Vou manter as anáguas.

— Isso não vai ajudar. Você sabe tão bem quanto eu o que acontece quando se molha um lençol.

— Não precisa se sentar assim — disse Alex. — Não é como se você nunca tivesse visto mulheres nuas antes, é?

— Vou sentar como quiser e, por favor, se apresse?

Meia hora depois, ela se sentou ao lado dele, úmida, mas feliz pela primeira vez em semanas, e lhe deu um cutucão.

— Pronto... estou completamente vestida. Bem, exceto pelos meus pés.

— Tenho certeza de que posso sobreviver à visão deles. — Don Benito sorriu, descobrindo os olhos. — Isso é algo que se faz muito? No seu tempo?

Alex assentiu.

— Esta costa inteira é um longo trecho de resorts de férias. As pessoas vêm de todo o mundo para passar uma semana aqui, nadando no mar, deitadas ao sol.

Don Benito fez uma careta ao pensar em voluntariamente sentar-se naquele calor de cozimento, e Alex riu.

— Nisso, eu concordo totalmente. — Ela indicou suas saías pesadas e corpete de manga comprida.

Eles estavam voltando quando viram o homem, ou melhor, o ouviram. Um som alto e agudo, um pedido suplicante seguido de um baque surdo, mais um uivo, e na próxima brecha nos arbustos ao redor eles pararam, impressionados com o espetáculo exibido no outro extremo do campo.

Cana, Alex pensou, tentando se distrair, isso é cana de açúcar e aqui deve ser algum tipo de grama, certo? Mais um assovio de golpe, e o homem amarrado se sacudiu, puxando as cordas que o mantinham de pé contra uma árvore. Ele estava nu, exceto por um par de calças esfarrapadas, e mesmo àquela distância Alex podia ver a pele se abrindo em faixas cor de rosa, o sangue escorrendo pelas costas escuras. O homem que administrava o chicote disse

algo ao companheiro, eles riram e trocaram de lugar. Alex estava considerando exatamente o que fazer para impedir isso, quando aparentemente o espancamento acabou, as cordas cortadas para soltar o escravo no chão.

— Venha — sussurrou Don Benito, puxando Alex. Junto à árvore, o escravo foi obrigado a se levantar, uma corda foi amarrada ao seu pescoço e seus dois torturadores montaram seus cavalos, incitando-os primeiro a uma caminhada, depois para um galope lento, forçando o pobre homem a correr a toda velocidade, a menos que quisesse ser arrastado pelo chão. Inevitavelmente, ele caiu e os cavalos continuaram galopando, levantando uma nuvem de poeira atrás deles.

— Nós não fizemos nada — disse Alex, ainda enojada consigo mesma. — Deveríamos ter dito para eles pararem ou algo assim, certo? Ele deve ter sido terrivelmente ferido quando caiu daquele jeito atrás dos cavalos.

O sr. Coulter olhou para ela surpreso.

— Por que você interferiria, minha querida? — ele perguntou, sorrindo docemente na direção da sra. Gordon.

— Eles o estavam machucando! — Alex virou-se para Don Benito em busca de apoio. — Estavam, não estavam?

— Mas... — O rosto do sr. Coulter era a própria face da incompreensão. — ...ele era preto, não era?

— E daí? — Alex disse, levantando-se.

O capitão Miles colocou a mão na manga dela, puxando-a de volta para a cadeira.

— Sr. Coulter está apenas afirmando que o homem é escravo.

— Obrigada, CNN, por essa atualização — Alex murmurou por entre os dentes. — Sim — ela continuou um pouco mais alto. — Até eu percebi isso. Mas você não pode fazer qualquer coisa com um homem, só porque ele é um escravo, certo? E, de qualquer maneira, como bons homens cristãos podem se sustentar com o conceito de escravidão?

— Ele é negro — repetiu o sr. Coulter como se isso explicasse tudo. — Os homens negros não são como nós, são simples e

selvagens. Você não pode considerá-los iguais ao homem civilizado.

— Sério? — Alex disse com brandura enganosa. — Por que não?

— Eu já disse, não disse? São criaturas bárbaras, dadas ao canibalismo e outras práticas pagãs. A África é um lugar sombrio e selvagem, sra. Graham.

— Ah, então estamos fazendo um favor a eles, é isso?

O sr. Coulter sorriu para sua pupila estrela, assentindo ansiosamente.

— De alguma forma, acho que eles não concordam. Ser sequestrado, arrancado de sua família e amigos, transportado para o exterior para nunca mais voltar para casa não parece a perspectiva mais atraente, não é? — Alex disse.

O rosto do sr. Coulter adquiriu um tom rosado doentio.

— Eles não são cristãos, e é uma verdade indiscutível que eles são inferiores a nós, incapazes de qualquer coisa, exceto a mais humilde das tarefas.

— Eles são iguais a nós! — Alex explodiu. — A única diferença é a cor.

— Eles são escravos, sra. Graham, são propriedades — nem mais, nem menos. — Coulter sacudiu um dedo admoestador. — Nunca se intrometa, minha querida. Um proprietário de escravos faz o que bem entender com sua propriedade.

— Você acha que está certo? — Alex desafiou Don Benito na manhã seguinte. — Seu Deus permite que as pessoas sejam tratadas de maneira diferente por causa da cor de sua pele?

— Eles são pagãos — tentou Don Benito, fazendo-a bufar. — E eles mantêm seus modos selvagens, mesmo quando lhes é ofertado se juntarem à Igreja. — Ele suspirou e desviou o olhar. — Mas não, *hija*, eu não acredito que Deus julgue as pessoas pela cor de suas peles. Infelizmente, nem todos na Igreja concordam comigo.

Alex torceu as mãos, avistou o anel de casamento e passou o dedo sobre a pedra azul escura.

— E ele, alguém vai estar tratando meu marido como vimos aqueles homens tratando o escravo ontem?

Don Benito colocou a mão dela na dobra de seu braço, dando-lhe um tapinha carinhoso.

— Claro que não, ele não é escravo, é? E além disso, ele é cristão.

Alex achou isso um conforto muito duvidoso.

Na véspera de Ano Novo, Alex se desculpou da mesa e saiu para o pequeno quintal. Quase um ano desde que ela vira Matthew pela última vez, naquela manhã, quando ele a beijou e partiu para assistir ao espetáculo do enterro de Montrose. Ela fechou os olhos e fingiu que ele estava atrás dela, os braços em volta de sua cintura, as coxas pressionando contra as saias. E ele a virava para encará-lo e a beijava devagar, e ela... Ela parou, gemendo baixinho.

— Juro por Deus que, se te encontrar morto, nunca te perdoarei. Nunca, ouviu? — Ela balançou o punho contra o céu e se levantou. Respirou fundo, fechou os olhos e colocou uma mão logo abaixo da caixa torácica. Ele ainda vive, diziam as batidas do coração dela, ele vive e espera. Na boca do estômago, ela sentiu a vibração que lhe assegurava disso — não tão forte agora quanto antes, mas ainda assim uma batida constante e firme.

Antes de voltar para a festa do jantar, ela encarou o norte — ou o que ela pensava ser o norte — e ergueu uma taça imaginária no ar.

— Skål, Pappa — ela sussurrou, enviando-se zunindo no tempo para dar um beijo na bochecha de seu pai. Como sempre, ele estava lá em seu jardim frio e escuro. Ele ergueu o copo em saudação silenciosa e, por um breve segundo, seus olhos mentais se encontraram.

— Skål, lilla hjärtat — ela o ouviu dizer, antes que ele voltasse à luz que se derramava da porta da cozinha.

De alguma forma, o fato de que agora estivessem em 1662 fez Alex recuperar um pouco de sua resiliência normal, e ela se tornou irritantemente determinada, incomodando o capitão Miles sobre detalhes de sua iminente partida.

— Então, está tudo pronto, certo? — Ela ficou de pé no convés e bateu no novo mastro, inclinando a cabeça para trás para medir a altura.

— Quase — disse o capitão Miles. — Ainda vai demorar algumas semanas.

— Quantas? — Alex queria respostas precisas; partida do portão x; chegada, em seguida, no terminal três.

— Vamos sair na segunda semana de fevereiro.

Don Benito estava tão ansioso quanto Alex por estar de partida, feliz por deixar aquela pequena ilha constritiva.

— Eu chamo muita atenção aqui — explicou a Alex, indicando suas roupas. — E não ajuda que a maioria daqueles com quem nos encontramos me considerem um espião, aqui para desvendar algum segredo agrícola deles. — Ele ergueu as sobrancelhas elegantes numa atitude altiva. — E isso apesar do fato de que foram os ingleses que nos roubaram o segredo da cana de açúcar, e não o contrário.

— Mas você tem andado muito por aí — apontou Alex.

— *En nombre de Dios, hija.* — Ele sorriu tristemente.

Ela podia imaginar; homens quebrados, arrancados da família e do lar e sem possibilidade de voltar. Homens que ela ocasionalmente vislumbrava, magros como palitos e caindo de exaustão enquanto eram levados de um campo de cana sem fim para outro. Não como Matthew, ela confortou a si mesma, não, é claro que não como ele. Mas ela não acreditava realmente nisso.

A sra. Gordon apenas deu de ombros quando Alex compartilhou suas preocupações com ela. O mestre era forte e saudável, para começar, e não importava quão maltratado pudesse ser, havia muita vida nele, não? Alex lançou-lhe um olhar sombrio; não exatamente o que ela precisava ouvir, era? Ela pegou sua bolsa e contou e recontou a pilha de moedas que só encolhia.

— Será o suficiente? — A senhora Gordon soou preocupada. Alex esperava que sim. O capitão dissera que tinha um comprador para a pérola e se ofereceu para cuidar de toda a transação.

— Vai ser apertado, mas ainda temos outras poucas joias.

A Sra. Gordon assentiu e voltou a remendar. Alex amarrou a bolsa de volta onde ela geralmente a guardava, embaixo de suas

saías, e retomou a costura. Ela não deveria ter comprado todo aquele tecido, repreendeu-se, mas o que deveria fazer? Nove meses vivendo com apenas as duas saías que tinha fizeram com que o desgaste começasse a ficar evidente, e ela não podia aparecer esfarrapada. Agora, uma saia estava remendada, e a outra havia sido rasgada, o pano virado e medido para fazer para Matthew um novo par de calças.

Ainda assim, o tom castanho-avermelhado da saia nova a fez sorrir e até a sra. Gordon admitiu que a costura estava muito bem feita.

— Eu fiz uma camisa para ele — Alex deixou escapar.

— Sim, eu sei, e a sarja escura é para um casaco novo, não?

Alex sorriu alegremente. Fazer roupas para ele fazia parecer muito mais certo que ele estava lá, esperando por ela.

— Encontrei esses ótimos botões — disse ela, derramando um conjunto de botões de estanho na palma da mão. — Eram um pouco caros, mas eu pensei que lhe agradariam.

A sra. Gordon riu e balançou a cabeça.

— Ele não vai perceber, moça; eles nunca percebem.

Alex concordou, antes de voltar a fazer somas na cabeça.

— Quanto acha que vai custar? — Alex perguntou ao Capitão Miles após o jantar.

— Custar? — O capitão parecia muito confuso.

— Para comprar a escritura.

O capitão Miles sugou o cachimbo por um longo tempo.

— Pelo menos tanto quanto a passagem.

Alex agarrou a bolsa através do tecido das saías e saiu para o jardim silencioso.

Não havia o suficiente; ela contara três vezes e em todas a conclusão era a mesma. Mesmo aumentando com o dinheiro da pérola, simplesmente não havia o suficiente para comprar a liberdade de Matthew e levá-los para casa. Ela encostou a cabeça nas mãos e chorou.

— ¿*Qué pasa?*

Don Benito sentou-se ao lado dela.

Alex estendeu a bolsa.

— É muito leve, não tem o suficiente. Como eu pude ser tão descuidada! — Ela beliscou sua nova saia com irritação. — Agora o que eu faço? — perguntou a Don Benito, mas como ele deveria responder a tal pergunta? Ela se levantou e andou de um lado para o outro do pequeno quintal, a testa franzida pela concentração. — Vou dar um passeio — anunciou e foi em direção ao portão. — Só até o porto.

— Agora? Sozinha? — Don Benito sacudiu a cabeça. — É muito perigoso, *hija*.

— Eu preciso, isso vai me ajudar a pensar. — Ela lançou-lhe um olhar suplicante.

Don Benito revirou os olhos e suspirou.

— Apenas até lá e de volta.

— Absolutamente — ela assegurou, subindo as escadas correndo para encontrar seu xale.

Don Benito enfiou a mão dela na dobra de seu braço e partiram. Ela estava quieta, sem dúvida perdida em seus próprios pensamentos, e ele não se importava, desfrutando da companhia silenciosa. Ele escrevera uma carta para Louise durante o dia e ainda estava ponderando se deveria enviá-la ou não. Foi a primeira vez desde que se separou dela que ele colocou em palavras seus sentimentos, e ficou surpreso com o quanto tinha a dizer, com quão sem esforço a pena voou sobre o papel.

— Quinze dias — disse Alex, seus olhos no Regina Anne que estava embalado por ondulações suaves.

— Sim — respondeu Don Benito, sentindo uma sombra cruzar sobre si. Ele coçou o peito, imaginando onde estaria daqui a um ano. Vivo, esperava, mesmo que às vezes tivesse dúvidas. Alex apertou o braço dele.

— Você ainda pode seguir o outro caminho. Ninguém jamais saberá.

— Nós discutimos isso repetidamente — disse ele —, e a resposta ainda é a mesma; não, eu não posso.

Eles ficaram em silêncio e olharam para o outro lado do mar, uma escuridão pesada sob um céu um pouco menos escuro.

Ambos se viraram com os sons altos atrás deles. Um homem grande cambaleou para fora da estrada de terra além da alfândega. A respiração do homem era uma coisa barulhenta e dolorosa, e quando ele se moveu, um pedaço de corrente se moveu com ele, raspando o chão pedregoso. Estavam muito longe para vê-lo direito, mas o branco de seus olhos se destacava em seu rosto sombrio e, mesmo sob a fraca luz da meia-lua, era óbvio para Don Benito que ele estava ferido — gravemente ferido.

Dois outros homens apareceram da estrada, um deles com um porrete na mão. Eles riram, disseram algo em tom casual a outros dois que vinham atrás, e o homem acorrentado recuou em direção à beira da água.

— Alex... *hija*, *no*. — Don Benito olhou-os nervosamente, com uma mão no ombro do Alex. O escravo proferiu um som gutural, e tentou afastar-se. Um pé pisou com força na corrente que ele arrastava e a sacudida abrupta desequilibrou o fugitivo. Ele tombou de joelhos e eles o atacaram, o porrete assobiando no ar.

— Parem! — Alex gritou. — Pelo amor de Deus, parem! — Ela segurou a manga do homem mais próximo e puxou-a.

— Isto não é da sua conta, minha senhora — disse o homem —, e eu gostaria que se retirasse para outro lugar, para que isto não seja muito angustiante para a senhora assistir.

— Alex! — Don Benito estava a seu lado. — Venha, temos de ir embora.

O homem que tinha sido interrompido assentiu e voltou aos seus negócios, espancando o outro quase inconsciente.

— Vai matá-lo! — Alex libertou-se do aperto de Don Benito e chutou o homem, jogando-o estatelado no chão ao lado de sua vítima.

— Alex! — Don Benito tentou arrastá-la para trás, mas ela o afastou.

O homem voltou a levantar-se e virou-se para Alex, com os dentes lisos a brilhar sob a luz fraca.

— A senhora está agindo de uma forma muito inapropriada.

— Você também — retorquiu Alex. — Está batendo num homem que já está caído e desmaiado.

— Ele é um escravo fugitivo. Para ser mais preciso, ele é meu escravo, meu para fazer o que eu quiser. — Acenou com a cabeça na direção dos seus homens, e a carcaça agonizante do escravo foi empurrada da borda para cair na água.

— Ele vai se afogar! — Alex parecia estar prestes a mergulhar atrás dele, mas o homem pegou-a com firmeza pelo braço.

— Sim, porque eu quero que ele se afogue. Ele é inútil de qualquer maneira, um agitador que só causa problemas.

— Tire as mãos de cima de mim — disse Alex.

O homem apenas riu.

Alex girou, bateu-lhe com o corpo, agarrou-lhe o braço e jogou-o no chão de costas, fazendo com que ele perdesse o fôlego. Ela se abaixou, ficando em guarda, e o queixo de Don Benito caiu diante daquele anjo vingador.

— Pegue-a — disse um dos homens.

— Por favor — disse Don Benito —, estamos indo embora, caros senhores. Deixem-me apenas... — Ele tentou agarrar Alex, mas ela se inclinou-se para longe de seu alcance, os olhos nunca deixando o senhor de escravos, que tinha se levantado e a circundava.

— É o estrangeiro — um dos homens falou, apontando para Don Benito, que se encolheu.

— Ah, sim — disse o fazendeiro —, e essa deve ser uma das mulheres passageiras. — Ele avançou, Alex desviou, ele avançou novamente e a mão dela bateu em seu braço forte o suficiente para fazê-lo reclamar. Don Benito ficou boquiaberto; nunca tinha visto uma mulher brigar assim, e nem, aparentemente, o fazendeiro.

— Não! — o fazendeiro latiu quando um de seus homens se lançou na direção de Alex. — Eu cuidarei dela sozinho.

— Bem que você gostaria — Alex cuspiu.

O proprietário de escravos riu.

— Oh, certamente eu o farei, e assim que tiver terminado com você... — Mais uma vez ele voou como um saco de feijão pela noite, aterrissando com um alto ruído no chão. Don Benito estava dividido entre admiração e irritação; essa mulher não tinha nenhum senso de autopreservação. Ele engoliu em seco, os olhos dos outros três homens agora convergindo para eles.

Alex se moveu de um lado para o outro, mas o movimento foi claramente dificultado por suas saias. Don Benito não tinha certeza do que fazer. Ele era um homem de Deus e mesmo que carregasse uma espada, nunca havia manuseado uma em sua vida. Três homens; uma mulher. Uma lâmina brilhou na luz fraca, e Don Benito fez a única coisa que podia: ele se colocou na frente. *Dios mio!* Sentiu uma queimação entrando do lado de seu corpo e caiu de joelhos, enrolando-se em torno da dor.

Os homens recuaram, um deles xingando baixinho. O fazendeiro levantou-se, cuspiendo recriminações em Alex. Ela permaneceu em guarda, todos os músculos tremendo após os últimos minutos da atividade pouco familiar. Algumas habilidades, uma vez aprendidas, nunca nos abandonam, refletiu ela, lançando um olhar para onde Don Benito se contorcia, sons estranhos e ofegantes vazando pelos lábios cerrados.

— Que pese sobre sua cabeça — o fazendeiro disse cruelmente e desapareceu na noite.

Ela correu para a margem em uma tentativa fútil de encontrar o pobre escravo na água escura e escorregadia, e depois voltou-se para Don Benito, que ainda estava prostrado no chão, a respiração sibilante. A reação inicial de Alex foi de irritação.

— Seu homem estúpido — disse ela, irritada, curvando-se para ajudá-lo a se levantar. — Eu poderia ter lidado com eles sozinha. — Ele ofegou quando ela tocou seu lado e ela afastou a mão. Estava pegajosa e quente, e mesmo que ela não pudesse ver no escuro, sabia que sua palma estava vermelha — com o sangue dele.

— Você está ferido! — Ela tentou ver seu rosto, inclinando-se o mais perto que pôde. Em suas exalações difíceis, ela conseguiu distinguir o peixe defumado que eles tinham comido no jantar. — Consegue andar?

Don Benito sacudiu a cabeça.

— Não me deixe — ele ofegou. — Não me deixe morrer sozinho.

— Você não vai morrer — assegurou ela —, mas, a menos que eu consiga ajuda, é o que vai acontecer. — Ela usou o xale como

um curativo improvisado, deu-lhe um tapinha na bochecha e correu como o vento pela rua escura.

Com esforços combinados, o capitão Miles e o senhor Coulter levaram Don Benito de volta para casa. Uma vez que ele estava na cama, a sra. Gordon assumiu, cortando a camisa e o cilício por baixo. O capitão Miles arregalou os olhos para a última peça, mas a sra. Gordon ralhou com ele para parar de ficar boquiaberto e se tornar útil. Havia água para ferver e linho para rasgar, e enquanto fazia isso, talvez pudesse encontrar um pouco de conhaque também.

— Ele vai morrer — Alex sussurrou para a sra. Gordon. Havia um som estranho vindo do peito de Don Benito, como o barulho borbulhante que um esnórquel faz se estiver um pouco embaixo da água e você tentar respirar através dele.

— Sim. — A sra. Gordon tentou impedir que o ar entrasse e saísse através da ferida aberta.

— Por minha culpa — disse Alex.

— Podemos nos preocupar com isso mais tarde. Agora precisamos ajudá-lo o melhor que pudermos. A sra. Gordon já havia colocado um curativo, mas o ar ainda assobiava através do buraco a cada respiração que ele tomava.

— Alex? — A cabeça de Don Benito estava cheia de dor e medo, e ele procurou a mão dela. Ela caiu de joelhos no chão e pegou a mão dele, pressionando-a contra o peito.

— Sinto muito — ela sussurrou. — Oh, Deus... Perdóname, Don Benito.

Não importa, ele queria dizer, mas importava, e a dor que o atravessava a cada respiração dificultava a conversa. Ele ia morrer! *No, no quiero morir*, sou jovem demais para morrer... Louise... Ele fechou os olhos, concentrando-se em respirar.

— Você entregará os presentes a Sir William? — Sua voz era um fio no escuro. Para seu alívio, ela não tentou sorrir e dizer a ele para não ser bobo — os dois sabiam que ele estava morrendo, de um lento afogamento agonizante. Em vez disso, ela assentiu e apertou sua mão.

— Eu quero ser enterrado com o cilício — ele continuou, acenando fracamente na direção da peça. Tentou levar a mão livre ao rosto dela, mas a deixou cair, pesada como chumbo ao lado do corpo. Estúpida, mulher estúpida, aquilo tinha sido tudo culpa dela. E, no entanto ... ele sorriu para ela, tossiu. *Ay Jesús!* Como doía.

— No meu pequeno cofre... — Ele respirou. — ...seu. Use-o para libertar seu homem. — Ele inalou avidamente, querendo desesperadamente viver, não morrer assim. — Louise... — Lambeu os lábios. — ...escreva.

— Eu vou escrever — Alex assegurou. — Vou escrever para Louise e para seu irmão. — Don Benito assentiu em agradecimento. Ela enviaria a carta dele também.

— O cofre... — ele disse, o ar sibilando pelo peito aberto. Ela o trouxe e abriu, erguendo uma bolsa pesada de veludo vermelho escuro.

— Eu não posso aceitar!

Don Benito sorriu. Não era realmente dele, pertencia à missão de espalhar os mandamentos de Deus entre os nativos da Virgínia, mas aqueles pobres pagãos não sentiriam falta de sua presença.

— É minha — ele mentiu —, e estou dando a você, *hija*. Para Matthew... — sua garganta entupiu e ele engoliu em pânico até que um fio de oxigênio lhe chegou aos pulmões. "... O homem que Deus te deu. — Ela estava chorando, com lágrimas escorrendo pelo rosto, e ele queria entregar-lhe um lenço, mas não conseguiu nem levantar o braço.

Ele puxava o ar repetidamente. Seu coração trovejava em seu peito, sua visão estava ficando nublada e ele estava terrivelmente frio. Não assim, ele gemeu, não agora.

— *No fue tu culpa* — ele sussurrou para a cabeça inclinada ao seu lado. — Você fez o que achava certo. — Ela soluçou, apertando a mão dele com força. Ele caiu como um peixe estripado, exausto com o esforço de dizer tudo aquilo. Ele tossiu, os olhos se abrindo quando sua boca se encheu de sangue. Ele estava sangrando! Senhor amado, ele tinha sido ferido! Ele cuspiu, engasgou e engoliu em seco, esforçando-se para sentar-se, a boca aberta enquanto sugava e aspirava ar em seus pulmões.

— Alex? — Ele não podia ver, oh Deus, aquele era o fim, e por que não havia anjos, nem raios de luz celestial para facilitar sua passagem? Eu morro em pecado! Jamais estarei diante de Nosso Senhor, não eu, um sacerdote fornicador.

— Shh... — A mão de Alex alisou seus cabelos, ela beijou sua bochecha e o recostou nos travesseiros. Tão quente, tudo nela era quente e suave. Louise ... eu amo você, Louise.

— Estou com medo. — Ele murmurou uma oração, mas não conseguia se lembrar das palavras, não podendo ir além de uma confusão de “Por favor, Deus, por favor, Deus, eu tentei ser bom.” Sem ritos finais, sem absolvição, ele estava destinado ao inferno. *Santa María, ayúdame*. Ele se debatia, agitava-se, e lá estava Alex, as mãos dela agarrando as dele, a voz sussurrando que estava tudo bem, tudo ficaria bem, e Deus entenderia, é claro que ele entenderia. Don Benito não tinha tanta certeza.

— *No quiero ... ay, no quiero. Perdóname Dios*, me perdoe, senhor. — Ele entrou em pânico; sem ar, muita dor. Alex o deitou de volta nos travesseiros.

— *Estoy aquí* — ela sussurrou. — Estou aqui. — Ela começou a cantar em espanhol, e ele relaxou quando ouviu o som da língua materna, imaginando-se de volta à sua Sevilha, *la ciudad más hermosa del mundo*. Durante toda a noite ela cantou, e Don Benito flutuou dentro e fora da consciência, com a mão na dela.

Ele ainda estava vivo quando o sol nasceu, voltando os olhos para o raio que passava através da pequena janela para modelar padrões no chão e lançar uma auréola de luz em volta da cabeça de Alex. *Un ángel... sí, un ángel*. Don Benito apertou a mão dela e morreu.



No dia do segundo aniversário de seu filho, Matthew acordou chorando depois de um sonho muito vívido de perda permanente. Ele ficou por um longo tempo olhando para a argila em ruínas da parede úmida, a centímetros do nariz, tentando recompor seus pensamentos.

Puxou o cobertor púido com mais força em volta dos ombros e fechou os olhos. Era domingo, e nem mesmo ali eles deveriam trabalhar no dia de descanso — não agora, no final de janeiro. Durante o plantio e a colheita foi diferente, mas durante esses meses lentos de inverno, Jones não desejava deixar sua própria cama no domingo. Estranhamente, esses dias eram os mais difíceis de se viver, muitas horas em que sua mente se abria para a sussurrada tentação de se afogar em memórias, apenas para se ver rudemente lembrado de uma realidade que não desejaria para um cachorro.

Matthew suspirou e se levantou. Elijah já estava acordado, provavelmente rondando a cozinha na esperança de conseguir uma porção extra de café da manhã da sra. Humphries. Ele, que uma vez fora tão robusto, tinha encolhido e se transformado em algo parecido com um poste com uma cabeça, longos braços compridos terminando em dedos finos com unhas constantemente quebradas ou sangrando.

Nos últimos meses, Elijah havia se tornado a vítima favorita de Jones, seu jeito choroso de implorar fazia o supervisor sorrir cruelmente quando ordenava que realizasse uma tarefa pesada

após a outra. Sempre Matthew e Elijah, mas se Matthew aprendera a segurar a língua, Elijah às vezes chorava, caindo de joelhos e implorando que fosse libertado daquilo.

Matthew tinha acabado de tomar o café da manhã quando Jones apareceu na porta da cozinha, o cabelo ruivo desarrumado em volta da cabeça.

— Elijah?

Matthew olhou em volta e deu de ombros.

Jones xingou alto. Ninguém jamais havia escapado de Suffolk Rose sob seus cuidados, rosnou, e ele não estava disposto a deixar que aquele destroço de homem fosse o primeiro.

— Pegue os cachorros! — gritou para sua sombra permanente, Sykes.

— Você acha que ele fugiu? — O pensamento era tão ridículo que Matthew quase riu. No fundo dele, porém, despertou um sentimento de admiração por aquele ato imprudente. Por que ele próprio não havia tentado? Então olhou para si mesmo, inadequadamente coberto de trapos, canelas sujas saindo de suas calças e suspirou. Não teria a menor chance... Não, ele estava fazendo a coisa certa, esperando que ela viesse encontrá-lo. Além disso, havia os cães, enormes criaturas negras que eram libertadas à noite para percorrer a propriedade. Ele podia ouvi-los latindo agora, um som profundo que vibrava no ar. Pobre idiota, ele não iria longe.

Elijah foi arrastado de volta gritando, levando tapas na cabeça até desabar e depois foi trancado em um dos galpões de armazenamento. Jones caminhou até a casa grande para conversar com Fairfax, e logo após o meio-dia, voltou. Na mão, ele segurava um chicote enrolado.

— Lá, agora! — ele rosnou para os homens e indicou o pátio principal com seu poste robusto e desgastado pelo tempo. O silêncio ao redor do tronco de açoite foi absoluto. Formas cinzentas se alinharam e ficaram no vento frio esperando. Elijah foi conduzido para fora, com a pele pálida arrepiada de medo, e foi amarrado no lugar, com as mãos acima da cabeça.

— Este homem é um ladrão — começou Jones. — Ele tentou roubar a si mesmo do sr. Fairfax, privando-o de anos de serviço

pelos quais o sr. Fairfax pagou caro. — Ele andou de um lado para o outro da fila, o chicote exibido com destaque. — O sr. Fairfax não tolera ladrões, o sr. Fairfax não gosta quando sua propriedade... — Jones enfatizou a palavra e olhou na direção de Matthew, que baixou o olhar para o chão — ... repito, sua propriedade, tenta fugir. — Ele coçou o nariz e olhou para os homens silenciosos e reunidos por um longo tempo. — Ladrões nós enforcamos, ou mutilamos, mas o senhor Fairfax concordou em ser indulgente. Ele será açoitado; cem chicotadas. — Um suspiro coletivo subiu dos homens e as pernas de Elijah se dobraram sob ele.

— Santo Deus — Matthew sussurrou para Davy. — Cem chicotadas. Seria mais gentil matá-lo de uma vez.

— Sim — Davy gemeu —, mas assim ele dá uma lição em todos nós.

Jones entregou o chicote a Sykes. E assentiu para que a sentença fosse cumprida.

Foram cinco chicotadas antes de Elijah começar a gritar, mais dez antes que ele começasse a berrar, e então ele gritou e gritou pelas próximas trinta chibatadas. Mais trinta, e ele mal choramingava, pendurando tão fortemente em seus braços que os ombros pareciam a ponto de sair permanentemente de suas órbitas.

— Pelo amor de Deus, por favor, pare! Você vai matá-lo! — Matthew disse, enojado a ponto de vomitar com o espetáculo.

Jones levantou a mão para interromper o açoitamento.

— Cem chicotadas, você está disposto a levar as últimas vinte e cinco no lugar dele?

Um arrepio percorreu Matthew. Vinte e cinco chicotadas por algo que não havia feito, e ele sabia exatamente como seria, o quanto machucaria. O medo acumulou em seu intestino e vazou para baixo, fazendo seus joelhos enfraquecerem. Ele olhou para Elijah e o sangue escorria por suas costas para pingar na poeira abaixo de seus pés. As costas estavam abertas das omoplatas até a cintura. Mais vinte e cinco chicotadas o matariam. Matthew levantou o queixo e encontrou os olhos de Jones.

— Sim — disse ele, ouvindo um murmúrio atrás de si.

Jones concordou com a troca. Ele se curvou e acenou com a mão em direção ao tronco.

— Para sua conveniência, senhor.

Matthew tirou a camisa e usou toda a força de vontade para andar alto e ereto nos poucos metros que o separavam de onde Sykes estava ocupado, arrastando Elijah para fora do caminho. Ele agarrou o anel com as mãos, sacudindo a cabeça quando chegaram com a corda e esperou. Esperou por um longo tempo e, finalmente, deu uma olhada por cima do ombro.

Jones encontrou seus olhos e sorriu.

— Eu vou estar segurando o chicote. De cavalheiro para cavalheiro.

Matthew já havia sido açoitado antes, na prisão. Mas nunca assim, nunca com cada golpe aplicado com força máxima, com longas pausas insuportáveis entre eles. Depois de sete chicotadas, ele ofegou. Na décima, ele mordeu o lábio, encostou a testa na madeira lisa e tentou impedir-se de gritar quando a ponta com chumbo rasgou sua pele tenra mais quinze vezes.

Seus joelhos tremiam quando Jones terminou, e ele segurou com tanta força o anel que tinha certeza de que os nós dos dedos estourariam. Mas de alguma forma ele se endireitou e soltou os dedos presos como garras do anel, até conseguiu se virar e voltar para onde havia jogado a camisa, mas se alguém não a tivesse entregado, ele teria caído. Tentou sorrir um agradecimento e foi embora, cada passo um ato de fé.

Ela deve ser algum tipo de anjo, ele pensou, quando Kate apareceu do nada para deslizar a mão sob o cotovelo dele. Para sua surpresa, ela estava chorando, e ele tentou confortá-la.

— Eu vou ficar bem, não estou morto. — Mas ficou contente com o apoio dela, porque suas pernas estavam começando a tremer e ele duvidava que pudesse andar por muito mais tempo sozinho.

— Não — ela concordou, limpando embaixo do nariz com a mão livre. — Desta vez você não está.

— Não desta vez — ele repetiu. Não poderia haver outras vezes; ele tinha que conservar a força que lhe restava.

Kate o ajudou a ir para a lavanderia e lavou as costas dele, fazendo-o sibilar enquanto derramava água quente sobre os cortes abertos. Suas costas latejavam, fragmentos de dor que subiam e desciam da cintura até os ombros. O cóis de sua calça estava

escuro de sangue, mas pelo menos Kate encontrou para ele um xale com o qual ela o envolveu ternamente, assegurando que ele logo ficaria satisfeito com o calor. E então ela se afastou, retornando alguns momentos depois com algo quente e fumegante, algum tipo de sopa, com que ela o alimentou, ali no escuro do galpão.

— Então você trabalha aqui em cima agora — disse Matthew, apontando com a cabeça na direção da casa grande.

— Sim. — Ela evitou os olhos dele e lhe deu um breve resumo dos eventos. Jones a procurou no início de dezembro e ordenou que ela o seguisse, e quando ela perguntou o motivo, ele lhe deu um tapa — não com força — e disse que não era seu direito perguntar. Desde então, Kate passou as noites na cama dele e os dias na cozinha.

Soando beligerante, ela lhe disse que os benefícios superavam em muito as desvantagens. Ela ficava aquecida e razoavelmente limpa, comia bem e Jones era sem imaginação, mas não era cruel na cama.

— Na verdade, acho que ele realmente gosta de mim. — Por um instante, ela encontrou os olhos de Matthew, antes de desviar o olhar.

— Todos nós sobrevivemos como podemos. — Ele sorriu, estendendo a mão para acariciar seu rosto. Ela apertou a mão dele na bochecha, mas ele a retirou. — Não, Kate, aquilo estava errado. Sou casado e logo minha esposa virá me buscar.

Kate se esticou para alisar os cabelos dele, os dedos persistindo em sua pele.

— E se ela não vier?

Matthew endireitou os ombros.

— Então eu morro. — E era verdade, que Deus o ajudasse.

Ele se levantou, agradeceu mais uma vez pela ajuda e saiu mancando em direção a seus aposentos. No meio do caminho, ele se virou e ela ainda estava de pé onde ele a deixara. Ela levantou o braço em um aceno, ele fez uma ligeira reverência.

Davy e Duncan arrastaram Elijah para se deitar no galpão, e até conseguiram lavar o sangue dele. Os olhos de Matthew arderam em lágrimas quando ele absorveu a extensão do dano. Sykes havia feito um trabalho muito preciso, afundando o chumbo para rasgar

listras longas de pele das costas e, em alguns lugares, eles podiam ver até os ossos.

— Querido Senhor — Duncan chorou. — Oh, Deus, seja misericordioso com ele, leve-o suavemente enquanto dorme. — Mas Deus não estava ouvindo, e Elijah acordou e chorou de dor, implorando que alguém o matasse.

Matthew ficou deitado de bruços, mergulhado em sonhos febris por dois dias. No terceiro dia, foi arrancado da cama e mandado para o trabalho. Ficou de pé cambaleante e Jones o fez trabalhar no celeiro de cura o dia todo. Quando a campainha tocou, Jones apenas balançou a cabeça e apontou para os fardos restantes.

— Aqueles, Graham. — Seus olhos zombavam de Matthew, a mão grande subindo e descendo o comprimento de seu chicote. Estava completamente escuro quando Matthew voltou para o palete e sucumbiu novamente aos sonhos; Alex, e seus olhos azuis brilhavam com promessas, Kate e seus cabelos que eram tão macios, tão macios. Quando ele acordou, nenhuma delas estava lá, ninguém colocou a mão em sua testa e, pela primeira vez, Matthew começou a duvidar que ela viesse. Ainda assim, ele lutou, impulsionado pela certeza de que, de alguma forma, tinha que sobreviver, um brilho vermelho profundo queimando na boca do estômago.

Ele se curou daquela vez também, mas teve um preço, e por semanas teve que arrastar os pés, qualquer movimento repentino rasgando de novo os cortes nas costas. Ele não se lavava mais, tudo o que fazia era trabalhar e comer, atormentado por sonhos inquietos e horripilantes durante as noites — sonhos nos quais Alex olhava para ele e ria do lamentável farrapo de homem que ele se tornara.

Elijah voltou cambaleante, um destroço silencioso que se movia como um fantasma ao longo dos dias, mal comendo, sem nunca falar. O pouco de carne que restava em seus ossos desapareceu, e Jones ordenou que ele descansasse, porque não tinha utilidade para um fracote. Elijah gargalhou descontroladamente quando ouviu isso, uma luz demente em seus olhos.

Ele seguia Jones de perto, um sorriso obsequioso em seu rosto que não tinha nada a ver com o gelo em seus olhos, e foi com diversão irônica que Matthew notou o quão desconcertado Jones estava pela presença constante de Elijah. O homem grandalhão desviava-se sempre que via Elijah e, na maioria das vezes, era Sykes quem fazia as tarefas, enquanto Jones ficava bem longe do pátio.

Certa manhã, Matthew foi acordado por Davy e correu atrás dele para o tronco de açoimento. Houve um silêncio chocado dos homens que estavam em um círculo disperso ao redor dele. Matthew abriu caminho por eles. Elijah havia se enforcado no anel e a seus pés estavam os cães, cortados da garganta até a virilha.



— Foi minha culpa — repetiu Alex pela enésima vez desde que voltaram do funeral. — Se ao menos eu não tivesse me intrometido...

Mas se sentiu obrigada a fazer isso, ainda com raiva de si mesma por não ter intercedido quando viu o outro homem sendo chicoteado. Ela fez uma careta; não tinha ajudado, tinha? O pobre escravo havia morrido de qualquer maneira, afundando com o peso da corrente.

— Aconteceu — disse a sra. Gordon. — Não foi sua mão que empunhou a lâmina, certo?

— Não, mas é como se tivesse sido. Pobre Don Benito, morrer tão longe de casa e da família.

— Ele teria morrido muito longe de qualquer maneira, e certamente morrer em uma cama com a mão segura na de uma amiga é mais fácil do que ser esfolado vivo por índios pagãos. — A senhora Gordon tinha algumas noções preconcebidas muito selvagens sobre os índios. Alex suspirou, antes de voltar a ficar deprimida. Não ajudava em nada o fato de ele ter lhe deixado mais de quinze libras. Até a sra. Gordon pareceu impressionada quando Alex derramou soberanos de ouro e xelins de prata.

— Ele foi bem enterrado — disse a sra. Gordon —, e até colocamos aquele maldito cilício. — Ela deu um tapinha no banco ao seu lado e, com um pequeno grunhido, Alex sentou-se, feliz pela sombra.

— Eu sequer consegui encontrar um padre católico para ele.

— Foi bastante opulento do jeito que foi. — A senhora Gordon deu de ombros. — Bem próximo dos rituais e ornamentos papistas, eu acho.

— Definitivamente não foi presbiteriano — Alex assentiu.

— Absolutamente, não — disse a sra. Gordon. — De qualquer forma, não acho que isso importe muito, o importante é que Deus o recebeu em casa. Bem; supondo que Deus faça uma exceção de vez em quando para um papista.

— Supondo que Deus exista — Alex murmurou em voz baixa. No momento, ela não tinha muita certeza.

— O quê? — A senhora Gordon se inclinou para ela.

— Nada.

A sra. Gordon encarou-a longamente antes de sair apressada para encontrar algo para beber.

Eles partiriam no dia seguinte e, apesar de seu pesar por Don Benito, o coração de Alex se elevou com o pensamento. Em um mês ela estaria com Matthew. Ela cruzou os dedos só por precaução.

— Aqui. — A sra. Gordon estendeu uma xícara de madeira e sentou-se ao lado dela. — Vou sentir falta desta casa — disse ela, estudando os arredores. Era um lugar agradável, uma casa sólida reforçada pelo alpendre que garantia sombra durante todo o dia e o pequeno jardim arrumado.

Alex lançou-lhe um olhar malicioso.

— Tenho certeza de que você seria bem-vinda para ficar. — Ela riu da expressão no rosto da sra. Gordon. — Como a nova sra. Coulter, é claro.

— Hmph. — Um homem bastante simpático, o sr. Coulter, a sra. Gordon disse a Alex, mas casar com ele seria viver para sempre na sombra de sua falecida esposa. — Ele não consegue deixá-la ir, ou talvez ele simplesmente não queira.

— E você? Deixou seu marido ir?

A senhora Gordon virou-se para encará-la.

— Meu Robbie está sempre aqui. — Ela sorriu, dando um tapinha em algum lugar na região de seu coração. — Mas eu não o tenho mais na minha cama.

— Nunca?

A senhora Gordon riu e balançou a cabeça.

— Bem, sim, há momentos em que ele me faz uma visita, não? Mas é quando eu o convido. Quando fica muito solitário.

— E as suas filhas? — Alex perguntou hesitante. A sra. Gordon raramente falava de sua falecida família, e foi apenas somando um pouco aqui e outro ali que Alex havia reunido a triste história de como a sra. Gordon havia perdido sua família inteira em menos de um ano. Varíola, um afogamento acidental, e então a garota que estivera doente por anos morreu por último, tossindo os pulmões.

— Minhas meninas sempre estão comigo, e não passa um dia em que eu não pense nelas. — Os olhos dela brilharam na direção de Alex. — Não está certo, uma mãe não deveria enterrar todos os seus filhos.

Alex deu um abraço na sra. Gordon.

Assim que deixaram a barreira protetora de Barbados, Alex sentiu as primeiras ondas de náusea começarem a subir pelas costas dela. Ao meio-dia, ela estava deitada em seu leito, com o estômago doendo depois de horas passadas esvaziando as tripas e, por três dias, permaneceu em sua cabine, jurando que nunca mais iria pôr os pés em um barco novamente. Exceto que ela precisaria; de que outra forma poderia ir para casa?

Foi um alívio sair para o convés — até que ela esbarrou em um homem que, por um instante fugaz, pensou ser Luke. Com um guincho, ela recuou, caindo contra a sra. Gordon, que felizmente era forte o suficiente para lidar com isso. O estranho lançou-lhe um olhar cauteloso, murmurou um pedido de desculpas e correu para a cozinha.

— Quem é aquele? — Agora que Alex havia se recuperado de sua surpresa inicial, ela viu que a semelhança não era tão grande. Luke tinha cabelos da cor de uma pele de raposa, de um vermelho profundo, enquanto aquele indivíduo tinha cabelos mais claros. Além disso, os olhos não eram tão verdes e, em estatura, o homem magricela tinha muito pouco em comum com Luke ou Matthew.

— O novo cozinheiro, porque Davies preferiu ficar em Barbados com uma das mocinhas do capitão Miles. — A sra. Gordon deu uma

risadinha divertida ao explicar que não havia sido apenas Nell que se disponibilizara na travessia anterior. — Mas essa Anne, ela se agarrou a um único homem, e quando eles souberam que ela estava grávida, decidiram permanecer em terra. Sugerir que o senhor Davies falasse com o senhor Coulter, e Anne seria uma boa empregada para ele também.

— Você pensou que era Luke, não? — A sra. Gordon disse mais tarde, interrompendo Alex em seu intenso estudo do cozinheiro que estava debruçado sobre o parapeito, fumando um cachimbo.

Alex assentiu, apertando as mãos.

— Eu o odeio pelo que ele fez conosco. Passo muito tempo pensando em como fazê-lo pagar.

— Oh, sim? — A senhora Gordon parecia muito relaxada. — Não basta serrar suas bolas com uma faca pequena e alimentá-lo com elas?

— Não, vidro moído seria melhor, ou tintura de acônito, ou espetá-lo com uma espada em brasa. Qualquer coisa para fazê-lo morrer em agonia.

A senhora Gordon empalideceu.

— Bem, você tem pensado bastante nisso, não? Você seria enforcada por assassinato — acrescentou ela após alguns segundos de silêncio.

— Eu sei, e você não precisa se preocupar. Eu nunca farei algo assim. — Alex girou a aliança várias vezes em volta do dedo, perdida em pensamentos.

— Você se preocupa que o mestre possa fazer.

— Se fosse comigo, três coisas teriam me mantido viva: Matthew, Mark e o desejo intenso de me vingar de Luke. — Alex exalou alto. — O que esse tipo de ódio terá feito com Matthew? — Ela não disse mais nada, apenas se perdeu no movimento de torção do anel.

Depois de superar sua aversão instintiva ao homem, Alex achou o cozinheiro uma companhia divertida, embora um tanto triste. O nome dele era Ignatius, ele contou a ela, suspirando alto.

— Meu pai e seus irmãos todos tinham nomes que começavam com H, então o meu e dos meus irmãos começam com I. Isobel, Isaiah, Isaac, Immaculata...

— O quê?

— Ela é freira — ele disse com um brilho nos olhos.

— Felizmente, com esse nome... — Alex disse, recebendo um sorriso divertido em troca.

— Sua mãe realmente chamava você de Ignatius?

— Não. Minha família me chama de Iggy, e minha irmã é Im.

— Bem, graças aos céus por pequenas misericórdias — disse Alex. — Olhe pelo lado positivo, será mais fácil para seus filhos; James, Jenny, Jane, Janet.

— Todos já foram usados — disse ele, revirando os olhos antes de desaparecer em sua cozinha.

A sra. Gordon não estava muito feliz com o fato de o novo cozinheiro ser católico, considerando que em breve começaria a quaresma e todos sabiam que os católicos exageravam durante os quarenta dias que antecedia a Páscoa.

— Peixe uma ou duas vezes por semana, sim — ela confidenciou a Alex —, mas todos os dias, não. — No caso, Iggy parecia possuir uma consciência bem flexível quando se tratava de religião e comida, e conquistou o coração da sra. Gordon permanentemente quando assou uma torta de tutano para ela — numa sexta-feira.

Em comparação com a travessia do Atlântico, o mês seguinte foi um cruzeiro agradável, com ventos constantes soprando-os para o norte em um ritmo calmo. Sem tempestades, sem dias de absoluta quietude, e a cada dia que passava Alex sentia a ansiedade nela crescer.

Seus sonhos eram pesadelos agitados que a faziam aterrissar no chão da cabine, desorientada e cheia de medo. A sra. Gordon a acalmava e abraçava, sentando-se com a cabeça de Alex apoiada no colo e cantando para ela dormir, balançando-a de um lado para o outro. Mas, acima de tudo, ela sorria e repetia várias vezes que, é

claro, Matthew Graham ainda estava vivo. Como poderia ser diferente quando sua esposa estava chegando para buscá-lo?



— Jamestown. — O capitão Miles apontou na direção da pequena coleção de casas, e Alex sufocou uma risada incrédula. Aquele era o principal porto de entrada para a Virgínia? O capitão Miles deu-lhe um breve resumo da história; anos de fome, selvagens que um dia surgiram do meio da floresta e mataram ou levaram mais de um terço da pequena colônia, homens teimosos que se apegavam ao sonho de construir um novo lar ali, longe de suas raízes inglesas.

— Eles vieram para cá, senhores com empregados de casa, e descobriram que não havia ninguém além deles para cultivar o chão ou derrubar a floresta. Foi um choque, não é? Alguns se recusaram, mas com a ameaça de não terem o que comer se não trabalhassem, se resignaram e fizeram bom uso daquelas mãos macias e brancas. O capitão Miles estudou suas próprias mãos calejadas e sorriu para Alex. — Em troca, reivindicaram grandes extensões de terra, e agora seus filhos vivem uma vida de cavalheiros, enquanto o trabalho é feito por homens inferiores como seu marido.

— Ele não é um homem inferior! — Alex se irritou.

O capitão Miles assegurou-lhe de que tinha certeza de que o Sr. Graham devia ser um homem impressionante, mas certamente nas circunstâncias atuais... Alex fungou e voltou a observar a costa.

Homens estavam gravitando em direção ao atracadouro, houve aplausos que atravessaram a água. O capitão Miles resmungou um pedido de desculpas a Alex e correu para ver o descarregamento de

sua carga. Das sessenta mulheres originais, quinze haviam sido vendidas como servas por contrato, três haviam morrido na travessia, algumas haviam escapado em Barbados, e no convés agora havia apenas trinta e oito, complementadas por cinco garotas ruivas do assentamento escocês em Barbados, que, na opinião de Alex, pareciam todas ter icterícia — ou vermes, talvez até ambos.

As mulheres pairavam sobre os parapeitos, acenavam e brincavam com os homens reunidos, parecendo como se tivessem estado ali para uma excursão de um dia apenas, não mais. Houve um tumulto para ver quem seriam as primeiras a sair do navio, mas Alex optou por recuar, descendo no último dos botes.

Alex não esperava tanta curiosidade, e ajeitou o chapéu de palha para esconder o rosto. Os homens que se reuniam em torno das mulheres desembarcadas a olhavam com voracidade, mas com a sra. Gordon como um cão de guarda carrancudo de um lado, e Smith do outro, Alex passou pelo grupo de homens para se afastar até uma distância segura.

O capitão Miles já estava em terra e, com uma voz carregada, assumiu o comando, abrindo espaço para as mulheres se posicionarem, uma a uma. Idade, religião e status foram repetidos várias vezes.

— Mary, vinte e dois, Igreja da Inglaterra, solteira. — Ou: — Agnes, trinta e um, presbiteriana, viúva. — Alguns homens tentaram acariciar as mercadorias, mas foram brutalmente repelidos pela tripulação do capitão Miles. As dez servas restantes conseguiram colocações, e uma após a outra as meninas foram levadas, com lampejos de incerteza e medo cruzando seus rostos.

O capitão Miles havia explicado que as servas eram uma mercadoria valiosa naquele local infestado pelo calor e que, portanto, se saíam melhor do que os homens. Oba; não era bem um cenário de sonho, e, com o interrogatório contínuo de Alex, o capitão admitiu que várias das meninas provavelmente acabariam grávidas, vítimas de abuso sexual ou, em alguns casos, por genuíno carinho.

Alex viu uma garota bonita — Jenny, vinte anos, papista, solteira — mudar o ritmo do passo para acompanhar um homem com idade suficiente para ser seu pai e estremeceu ao ver como o homem

cobiçava a garota. Jenny estaria esquentando a cama de seu novo mestre naquela mesma noite, disse Alex tinha certeza.

— Que terrível — disse ela à sra. Gordon. — Imagine estar ligado a alguém assim. — Com a cabeça, ela indicou um homem grande que estava de pé ao lado, batendo casualmente em suas botas com um chicote.

— Um servo de vínculo tem um termo de serviço, não é? E o Capitão Miles diz que as moças geralmente são tratadas bem o suficiente para sobreviver. Uma vez que cumprem os contratos, elas podem escolher suas próprias vidas. Mas estas... — A Sra. Gordon acenou com a mão na direção das mulheres que agora estavam sendo levadas adiante. — ...estas terão vendido suas vidas pela passagem. Depois que você se casa, não há como fugir do homem.

— Então você acha que para elas será pior?

A sra. Gordon ergueu as sobrancelhas e examinou a multidão de homens que esperava.

— Estes são homens pobres, não? Eles trabalham seus lotes sozinhos, dá para ver isso.

Alex seguiu o olhar dela. Sim, homens desgastados com roupas desgastadas; alguns estavam descalços e todos tinham uma luz nos olhos enquanto estudavam as mulheres.

— Eles vão comprar uma esposa — continuou a sra. Gordon —, e ela trabalhará ao lado do marido. E é uma vida dura, não? Muito mais difícil do que ser uma leiteira em uma das grandes plantações.

— Mas pelo menos elas ainda serão livres — Alex tentou, recebendo um meneio de cabeça irritado em resposta.

— Livres? Uma esposa não é livre. Ela pertence ao homem dela.

— Eu não, eu sou livre. Não pertenço a Matthew. — Mas ela pertencia. Pelo menos legalmente, por mais que a irritasse admitir isso.

Tendo visto sua carga humana toda entregue, o capitão Miles se aproximou de Alex e da sra. Gordon. Ele se ofereceu para escoltá-las até uma pensão nos arredores da cidade, assegurando-lhes que era limpa e que tinha um cozinheiro muito competente.

— Então, você teve lucro? — Alex perguntou, fazendo o capitão franzir a testa.

— Não, essa foi uma viagem perdida. A menos que eu consiga um bom preço pela aguardente de cana, quero dizer.

— Rum — disse Alex —, chame de rum. E eu te disse, não disse? É uma mercadoria em ascensão, confie em mim.

— Cheira como o diabo — ele suspirou. — Parece água de alcatrão e o sabor não é muito melhor, não é? Ainda assim — ele deu de ombros —, falei com um dos estalajadeiros, e ele parecia interessado o suficiente.

— Bem, isso é bom — disse Alex. Seu olhar estava disparando de um lado para o outro, absorvendo o pequeno povoado. Na verdade, não era tão pequeno assim, com muitas lojas e negócios ao longo da via principal. — É maior do que eu pensava que seria.

— Muito maior do que era antes — disse o capitão —, e continua prosperando. Muito dinheiro do tabaco. — O braço dele voou para firmar a sra. Gordon, que escorregou em uma poça de lama.

— Não o suficiente para pavimentar as ruas — murmurou a sra. Gordon, ajeitando o chapéu e o colarinho. Ela se iluminou quando o capitão Miles as guiou por uma rua estreita, que levava a uma casa da qual emanava o cheiro promissor de pão assando. — Espero que eles tenham manteiga.

— Espero que eles tenham uma banheira que dê para eu me sentar — disse Alex, fazendo a sra. Gordon rir.

Já em seu primeiro dia em Jamestown, Alex encontrou o escritório de registro, mas para sua frustração estava fechado, o secretário-chefe estava ocupado com o plantio da primavera. Um porteiro que não parava de bocejar lhe disse para voltar na segunda-feira, dali a duas semanas, e se recusou a permitir que ela entrasse nos arquivos.

— Por favor?

— Não — disse o porteiro —, não quero que você bagunce a ordem interna.

— Não posso esperar duas semanas! — ela disse, seu coração acelerado dentro do peito. O homem deu de ombros e fechou a porta na cara dela. Alex a chutou: tão perto e ainda muito longe, e a cada dia ela podia sentir como os batimentos ficavam mais fracos,

uma desaceleração contínua que a fazia se sentar na cama, implorando para que ele continuasse vivo, por favor, Deus, continue vivo.

A sra. Gordon tentava distraí-la, assegurando-lhe que o bom Deus não as levaria até ali apenas para encontrá-lo morto.

— Como você sabe? — Alex disse. — Ele não ajudou muito no ano passado, não é?

— Eu apenas sei, sim? E você também sabe. — A sra. Gordon pegou a mão de Alex e olhou nos olhos dela, recusando-se a soltar até que Alex assentisse.

Três dias depois de chegar, a sra. Gordon já tinha um negócio próspero em funcionamento. A sra. Adams, proprietária da pensão, bateu palmas ao ouvir que a sra. Gordon era parteira, e fez um grande esforço de relações públicas, resultando em que a sra. Gordon fosse chamada o tempo todo, trazendo à luz um bebê após o outro. Os negócios foram ajudados ainda mais pelo farmacêutico idoso, que olhou para a sra. Gordon e sorriu como uma abóbora de Halloween, expondo dentes tortos, mas que compunham um conjunto relativamente completo.

— Dá até para pensar que todas as mães estavam mantendo os filhos engarrafados até você chegar — brincou Alex, servindo à Sra. Gordon uma omelete fumegante.

A senhora Gordon lançou-lhe um olhar cansado.

— É março, não?

— Março?

Eliza, a cozinheira, riu da incompreensão de Alex.

— Os bebês vêm em lotes, senhorita Alex: em março e em setembro.

A declaração só fez deixar Alex ainda mais confusa. Ela se voltou para a sra. Gordon, que suspirou e explicou que muitos bebês são concebidos em junho e dezembro.

— Em junho, porque todas as meninas jovens ficam um pouco cabeças de vento quando a grama está verde e doce, e em dezembro, porque não há muito mais o que fazer, não? Não me

diga... — ela continuou com um tom decidido na voz. — É diferente na Suécia.

— Eu acho que não — respondeu Alex, irritada.

— Por que eles não pagam em dinheiro? — Alex perguntou enquanto a sra. Gordon carregava um pote de pedra de mel pelas escadas.

— Porque eles não têm.

— São todos pobres?

— Não, mas as poucas moedas de que dispõem precisam para seus impostos. O resto é na base da troca. — A senhora Gordon olhou para Alex por um momento. — Por que você não faz o mesmo? Pegue tudo isso e troque. — Ela acenou com a mão para os presuntos defumados, os potes de mel, as velas estranhas e alguns xales de lã macios.

— Pelo quê?

A senhora Gordon pensou a respeito.

— Bem, não por lã — disse ela, ainda pouco impressionada com o tricô de Alex. — Mas por linho e linha para bordar. Você é boa nisso, não? Poderia costurar e vender, como as roupinhas que fez para Mark ou as anáguas que costurou para si mesma com aquele padrão de rosas no decote.

— Não tenho certeza...

— Manter-se ocupada ajuda, moça.

Todas as manhãs, Alex carregava sua cesta com uma variedade de itens e percorria a cidade, retornando com linho e cambraia, fios e metros de fitas amarelas ou verdes pálidas. À tarde, costurava, geralmente ao ar livre sob o imenso plátano que decorava o canto mais distante do terreno da pensão, ou às vezes no interior de seu quarto.

— Isto está ótimo — disse a sra. Gordon, estudando a primeira bata de bebê a ficar pronta. Ela inspecionou o trabalho cuidadosamente, seus olhos redondos garantindo que Alex não trapaceasse nas bainhas.

— Sra. Gordon! Eu sei o que estou fazendo, ok?

— Ok, ok — a Sra. Gordon murmurou de volta, fazendo Alex abafar uma risadinha por causa da expressão muito moderna.

Dez dias depois de ter desembarcado no atracadouro, Alex estava de volta, desta vez para se despedir do capitão Miles. Ele garantiu que as cartas dela seriam entregues em Hillview e a puxou para um abraço hesitante.

— Cuidado, e quando o encontrar, informe seu marido de que ele é um homem de sorte. Uma esposa como a dele é um tesouro raro.

— Você acha que eu conseguirei? Encontrá-lo, quero dizer.

O capitão Miles fez um gesto impotente.

— Isso eu não sei. Mas vou rezar para que consiga. — Ele se virou para abraçar uma sra. Gordon surpresa. — Cuide da nossa moça — ele advertiu, recebendo um olhar insultado em troca. — Você precisa estar aqui todos os dias — disse ele a Alex, um pé já no barco. — Se quiser passagem para casa, deve conhecer cada navio que está chegando e negociar com o capitão antes que outra pessoa reserve os beliches. — Ele sorriu levemente. — Voltarei no próximo ano, mas você já estará longe.

— Espero, sinceramente, que sim — disse Alex.

— Sim, eu também. — Ele se curvou e subiu a bordo com agilidade.

No dia em que o escritório de registro foi aberto, Alex foi a primeira da fila, os punhos cerrados nas saias. E se ele tivesse morrido já na travessia? E como ela poderia encontrá-lo de qualquer maneira? O registrador-chefe ouviu a explicação complicada e prometeu ajudar, liderando o caminho pelas prateleiras empoeiradas enquanto lia as etiquetas indecifráveis.

— Ah — ele falou —, o Henriette Marie, você diz?

Alex assentiu, querendo arrancar a pasta de couro das mãos do homem e folhear os papéis dentro. Ele mancou até uma escrivaninha iluminada pela luz de uma pequena janela e sentou-se, indicando que ela deveria puxar um banquinho e se juntar a ele. Muito devagar, ele virou cada página, não, como Alex percebeu, por um desejo sádico de mantê-la em suspense, mas porque ele tinha que examinar cada documento, seus olhos quase ficando estrábicos com o esforço.

— Matthew Graham? — ele disse depois de um tempo. Alex assentiu, sentindo o conteúdo de sua barriga subindo lentamente para encher a garganta. Ele franziu o cenho enquanto lia pela segunda vez. — Ah... Suffolk Rose.

— Isso não é bom? — Alex não conseguiu esconder o medo na voz.

— Eu... — ele gaguejou. — Não... bem... — Mas ele sorriu e bateu no documento que vendia Matthew a um senhor Fairfax por sete anos. Alex ficou tensa com o nome; esse era o bastardo que havia feito grandes negócios ao sequestrar homens inocentes. — Também não temos registro de que ele esteja morto.

Os ombros de Alex caíram.

— Você sempre teria isso? — perguntou, e para sua imensa vergonha seus olhos se encheram de lágrimas.

— Não, mas mais cedo ou mais tarde somos informados. — Ele deu tapinhas na mão dela e, de forma cortês, desviou o olhar enquanto ela limpava os olhos e recuperava a compostura.

— É longe? — ela perguntou quando ele a levou para a porta. — Para ir a Suffolk Rose.

— Três horas a pé, e há uma estrada por todo o caminho. — Ele deu a ela um olhar preocupado. — Você não deveria ir lá sozinha.

— Eu não tenho escolha, tenho?

Quando ela saiu, ele colocou a mão no braço dela.

— O que você fará se ele disser não?

Alex piscou. O pensamento nunca a atingira antes.

— Não? — ela perguntou estupidamente.

— Fairfax pode não querer dispor dele.

— Mas por que não?

— Bem... ele, humm, o senhor Fairfax, bem...

— Eu sei — disse Alex —, é um homem com a moral de uma cobra.

O registrador murmurou algo sobre Fairfax ser um membro proeminente da colônia, e que era melhor que aquelas alegações fossem expressas em companhias muito seletas. Mas enxugou os olhos lacrimejantes e disse que ela estava certa, o senhor Fairfax não era um homem gentil nem bom.

— Então ele pode recusar — disse o homem, fazendo um gesto impotente.

— Se ele disser não, eu vou esmagá-lo. — Ela se endireitou até sua altura total. — Ele não vai recusar; afinal, estou disposta a pagar um preço alto.

No caminho de volta para a pensão, ela não sabia se devia dançar de alegria ou se encolher de medo. O olhar no rosto do velho quando ele dissera Suffolk Rose tinha eriçado os pelos de seu corpo em premonição. Sua energia foi drenada tão rápido que ela teve que parar, correndo para ficar na sombra de uma árvore. Ela colocou a mão logo abaixo do esterno e respirou fundo várias vezes, fechando os olhos enquanto estabilizava seu pulso estrondoso.

— Estou aqui — ela sussurrou —, estou aqui, Matthew.



2006

— O que você está pintando? — Magnus se inclinou sobre o ombro de Isaac.

— Não sei — disse o artista de seis anos. — Acho que é uma colina.

Magnus olhou para a mistura de verdes, marrons e roxos na tela e a colocou no cavalete antes de dar um passo para trás.

— Sim, acho que você está certo. É uma encosta, não é?

Isaac desceu do banquinho e procurou entre os tubos de tinta meio espremidos até encontrar um rosa vívido, espremendo uma pequena gota na sua paleta em miniatura.

— Você não acha? — Magnus disse duvidoso. Ele tinha gostado bastante da impressão geral suavizada da imagem à sua frente. Isaac o ignorou, pegou um pincel e acrescentou alguns pontos antes de recuar.

Magnus olhou para ele, surpreso.

— Como você sabia? — As manchas cor-de-rosa haviam dado unidade ao conjunto, e Magnus se viu pensando que, se inspirasse o suficiente, sentiria o cheiro de urze e rosas de sarça aquecidas pelo sol. Isaac corou com os elogios de seu Offa, mas se ocupou em colocar todas as tampas de volta nos tubos de tinta.

Magnus chupou o lábio inferior e encarou o neto com o cenho levemente franzido. Seus olhos se voltaram para o pequeno quadro.

A encosta estava assustadoramente viva — merda, ele podia jurar que tinha visto a urze se mover, e o que era aquilo, um coelho disparando? Impossível. Uma única gota de suor escorreu por sua espinha. Magnus piscou e balançou a cabeça. A pequena tela se estabeleceu em uma natureza morta, e Magnus decidiu que tinha imaginado o que acabara de ver. Super sensível, era o que ele era, com tanto medo de encontrar na pintura de Isaac qualquer coisa que cheirasse a magia. Mais um olhar para a encosta retratada, e ele quase riu: manchas de marrom e verde, nem mais nem menos, certo?

Isaac tinha terminado com os tubos e agora estava arrumando a mesa.

— Ele é tão adulto quando se trata disso — Diane havia dito na semana anterior, ao lado de Magnus enquanto observava Isaac limpar seu espaço de trabalho. Sim, ele era; quando estava pintando, Isaac tornava-se alguém muito diferente do garoto que ele normalmente era, voltando-se para dentro de si mesmo com tanta concentração que não ouvia nada, a menos que você estivesse na frente dele. Agora, no entanto, o pequeno Monet deles estava com fome, e desceu as escadas pulando, segurando a mão de Magnus, reivindicando que lhe fosse permitido pelo menos duas horas de Playstation, em vez do máximo diário de uma.

As sextas-feiras eram os dias especiais de Magnus e Isaac, e tinham sido desde o dia em que Alex desapareceu. Originalmente, porque John achava que Magnus precisava do garoto para não sucumbir à dor, depois aquilo tinha se tornado conveniente durante os meses em que John e Diane passaram por um namoro hesitante. Desde as gêmeas, era principalmente por causa de Isaac, para que tivesse um dia inteiro de acesso ininterrupto a um de seus adultos. Esses dias sempre seguiam um padrão: Magnus pegava Isaac na escola, eles iam fazer compras juntos e depois voltavam para casa, um para cozinhar e o outro para pintar.

— Offa? — Isaac se aconchegou ao lado de Magnus no sofá.

— Hmm? — Magnus passou a mão pelos cabelos escuros e curtos do neto.

— Por que nunca vamos ao cemitério da igreja?

A pergunta pegou Magnus completamente desprevenido, e ele fechou o livro e sentou-se reto.

— Por que faríamos isso?

— Stuart vai lá o tempo todo. Ele vai com a mãe e eles colocam flores no túmulo do avô.

— Mas eu ainda estou aqui. Então, por que você quer ir ao cemitério?

Isaac soprou tanto ar pelo nariz que ficou parecendo um rinoceronte resfriado.

— Mas mamãe não está, não é?

Magnus suspirou. Como diabos ele deveria explicar aquilo? Olhou para Isaac, se perguntando mais uma vez de onde vinham aqueles traços delicados. Em alguns ele via Mercedes, mas não havia nada de si mesmo ou de Alex no rosto que se virava para encontrar seus olhos.

— Sua mãe não tem um túmulo — disse Magnus, decidindo que não havia escapatória, a não ser dizer a verdade. — Nós realmente não sabemos onde ela está.

Isaac franziu o cenho para ele.

— Mas Diane diz que ela se foi e não voltará.

Magnus assentiu.

— E ela está certa. Só que realmente não sabemos o que aconteceu no dia em que ela...

— Morreu — Isaac forneceu a palavra.

— Desapareceu — Magnus corrigiu. Isaac olhou para ele por alguns minutos, claramente confuso.

— Mas se ela está desaparecida, pode voltar.

— Oh, merda... — Aquela decisão não era dele. — Espere aqui — disse Magnus, e foi ligar para John.

John estava tão desconfortável quanto Magnus, estudando seu filho seriamente. Finalmente, ele optou por uma versão abreviada da verdade.

— Alex — mamãe — saiu para passear de carro um dia e nunca mais voltou. Encontramos o carro, até o celular dela, mas nunca a encontramos. Houve uma tempestade terrível naquela noite e a polícia acha que talvez ela tenha sido atingida por um raio e você sabe, puf.

— Puf — Magnus assentiu em concordância.

— Puf? — Isaac piscou. — Como zapear em uma poça?

— Mais ou menos — disse John. — Então, sabe, como não havia mais nada dela, não havia nada que pudéssemos enterrar.

Isaac digeriu aquilo por algum tempo. Finalmente ele deu de ombros.

— Posso tomar um sorvete?



Asra. Gordon prometeu esperar por ela na cozinha, não importava quanto tempo levasse, e deu-lhe um tapinha encorajador nas costas.

— Estamos perto, sim?

Alex estava tão nervosa que tropeçou nos pés enquanto seguia a empregada doméstica pelo corredor até o escritório do mestre. Por favor, permita que ele esteja bem, ela rezou, por favor, não me deixe chegar tarde demais. Ela estava muito nervosa para se sentar e, em vez disso, caminhou de um lado para o outro da sala, vendo seu mobiliário impressionante, mas um tanto pesado. Tudo em madeira escura; a mesa, a cadeira atrás dela, o peitoril intrincadamente esculpido, os painéis. O chão era em um padrão de espinha de peixe e manchado quase de preto, e ao lado havia uma mesa grande, coberta por um tapete turco vermelho escuro.

— Sra. Graham, acredito. O que posso fazer pela senhora? O homem que entrou na sala parecia irritado, o rosto ainda inchado de sono. Colocou uma peruca impressionante na cabeça raspada e caminhou até a mesa.

— Desejo comprar a escritura de meu marido — disse Alex.

Fairfax olhou para ela com crescente interesse.

— Seu marido?

— Sr. Matthew Graham.

Fairfax encolheu os ombros.

— Graham? Não faço ideia se ele está aqui. Meu supervisor lida com as contratações, não eu. — Sua boca se juntou em um beicinho,

transmitindo o quão superior ele se considerava aos homens atualmente escravizados até a morte em sua terra. Desgraçado.

— O senhor comprou a escritura dele no final de maio passado — disse ela —, e até onde eu sei, ele ainda está em sua posse.

— Está? — Fairfax a examinava, os olhos viajando sobre os seios, o rosto e de volta para o peito. Ficar parada era tudo o que Alex podia fazer, nervoso pela forma como ele a estava comendo com os olhos. — Ele pode estar morto — Fairfax acrescentou com um bocejo. — Eles morrem rapidamente às vezes. O calor, eu presumo.

Ajudado pelo fato de que você provavelmente não os alimenta muito. Alex lançou um olhar pela janela, para onde meia dúzia de homens se arrastava, formas encolhidas em roupas esfarrapadas e desbotadas. Ela engoliu em seco. E se ele tivesse morrido? Se houvesse morrido de fome, e tudo porque ela estava atrasada? Não; respirou calmamente, pressionando a mão no estômago.

— Mas o senhor saberia se ele estivesse morto, certo? — ela disse, e odiava estar implorando.

— Eu saberia? Não é provável. — Ele sorriu para ela — ou melhor, escarneceu — e uma língua rosa disparou para umedecer seus lábios carnudos. Ele indicou que ela deveria se sentar e também se sentou, olhando-a em silêncio por um longo tempo.

— Supondo que Graham esteja realmente trabalhando para mim, por que eu iria querer vendê-lo? Ele já deve estar bem domado agora.

Alex teve que se conter para não cuspir na cara dele. Domado? Era de um homem que eles estavam falando — do homem dela — e não de um animal de carga. Ele voltou a olhar para o peito dela, pequenos olhos escuros brilhando com interesse. Baixou o olhar para a cintura, subiu e desceu rapidamente pelos contornos das pernas e sorriu. Alex se mexeu no assento. Fairfax sorriu, claramente encantado com seu desconforto. Ignore-o, concentre-se no assunto em questão.

— Ele foi sequestrado — ela disse —, enganosamente vendido para trabalhar sob esse tipo de contrato. É um homem inocente que nunca foi condenado em nenhum tribunal e, pela lei, nem deveria estar aqui. — Mais uma vez ele sorriu, a língua grande saindo para

lamber os lábios. — Eu ouvi os rumores mais surpreendentes — continuou ela, esforçando-se para permanecer imperturbável com o olhar dele — de um empreendimento planejado no qual os plantadores daqui participavam ativamente do sequestro e subsequente comprometimento de homens livres. — Ela tentou uma risada leve e levantou os olhos na direção dele. — Mas certamente isso é algo que nenhum homem temente a Deus jamais faria. Pelo menos foi o que eu disse ao capitão Miles antes de vir aqui hoje. — Aquilo o atingira. O sorriso foi apagado, substituído por uma expressão que Alex poderia, na melhor das hipóteses, descrever como uma carranca assustada.

— Miles? Aqui? — ele disse, suavizando as feições até voltarem à neutralidade.

— Eu viajei no navio dele — afirmou Alex.

— Hmm. — Ele estalou os nós dos dedos, franziu a boca e a observou por um longo tempo. Finalmente balançou a cabeça. — Terrível, como isso deve ser terrível para a senhora — e para seu marido. — Como se ele se importasse, mas Alex assentiu de qualquer forma.

Fairfax foi até a porta e a abriu, latindo para alguém encontrar Jones. Ele gritou mais um pouco, e uma criada apareceu com limonada e cálices pesados de vidro, servindo-os antes de fazer uma reverência para sair da sala.

Fairfax sentou-se, mexeu nas caudas do casaco para garantir que caíssem direito e voltou a estudá-la, um olhar especulativo em seus olhos. Conversou sobre o tempo e o clima extenuante, perguntando o que ela tinha achado de Jamestown. Ela estava pensando em se estabelecer? Não, ela disse a ele, perturbada com a inspeção contínua, ela tinha um filho para quem retornar, um menino de dois anos. Ele assentiu, entendendo, e esvaziou o copo assim que Jones entrou pela porta.

— Ah, Jones! — Fairfax bateu palmas ao ver seu superintendente, um homem grande e corpulento com mãos enormes. Ele carregava um chicote curto, golpeando-o de vez em quando contra suas botas, e Alex o reconheceu como o homem que ela tinha visto no porto no dia em que ela chegou. — Diga-me, Jones, o senhor Graham ainda está conosco?

Jones parecia perplexo.

— Senhor Graham?

— Matthew Graham — Fairfax esclareceu.

Jones puxou o lábio.

— Sim, ele está nos novos campos.

— Ah. — Fairfax assentiu, girando para encarar Alex. — Parece que está com sorte, senhora Graham; seu marido ainda está vivo e saudável. — Jones tossiu, uma expressão divertida brilhando em seu rosto. Oh Deus; ela engasgou com uma onda de saliva. Ele está vivo, disse a si mesma, por mais maltratado que possa estar, ele ainda está vivo.

Ela conseguiu dar um sorriso agradecido a Fairfax.

— Posso vê-lo?

Jones balançou a cabeça.

— Ele está a um dia de viagem. Eles voltarão em uma semana.

Uma semana! Poderia acontecer de tudo em uma semana. O estômago de Alex se contraiu com o pensamento de estar tão perto e então...

— Talvez eu pudesse ir a cavalo até onde ele está?

— Não — respondeu Fairfax em um tom que não permitia discussão. "Muito perigoso, e eu não gostaria de vê-la ferida.

Quase quinze meses desde que o vira pela última vez, e agora esperar mais uma semana parecia insuportável. Alex colocou as mãos nas saias e concentrou-se em piscar as lágrimas que brotavam em seus olhos. Ele estava vivo e isso era tudo o que importava. Mais uma semana ela podia esperar, é claro que podia.

Fairfax dispensou Jones.

— Certifique-se de que Graham esteja aqui na próxima sexta-feira — disse ele, recebendo um aceno severo em troca. — Boas notícias — ele sorriu, dedos gordinhos brincando com os cachos perfumados de sua peruca.

— Muito — disse Alex.

— E agora tudo o que resta é a pequena questão do preço. — Fairfax serviu-lhe um pouco mais de limonada antes de se recostar na cadeira.

— É claro que vou compensá-lo pelo dinheiro gasto na compra — Alex apressou-se em dizer.

— Claro que sim, senhora Graham, mas não acho que isso será suficiente. — Ele olhou para ela, exibindo dentes amarelados. Desgraçado; ele iria cobrar um preço absurdo. Alex endireitou os ombros. Mesmo que tivesse que pagar o dobro do valor que ele pagou, ela teria dinheiro para isso — apenas para isso. Fairfax levantou-se e foi até sua mesa.

— Então, vamos elaborar um contrato? — A pena raspou no papel grosso e ele borrou a tinta antes de entregar o documento para ela ler. — Sabe ler, minha querida?

Ela assentiu, os olhos voando sobre as palavras rabiscadas para encontrar o preço. Vinte libras, o mesmo que fora pago por Matthew, e Alex sentiu vergonha por tê-lo julgado errado.

— Vamos assinar depois — sugeriu Fairfax.

— Depois? Algo despencou dentro dela com o olhar no rosto do homem.

Ele bateu no papel com o dedo e sorriu.

— Este é o preço oficial. O preço real inclui um elemento de... prestação de serviço. — Ele sorriu positivamente quando ela começou a protestar, já meio fora da cadeira. — Tenho a vida dele na minha mão — ele a lembrou —, e você, minha querida, é o preço que eu fixei por ela. — Ele abriu o casaco de brocado e recostou-se em expectativa.

Por um instante, ela pensou em deixar escapar o que sabia, dizer que o exporia para a comunidade pelo que ele era, mas no mesmo momento percebeu que não podia — não se quisesse que Matthew voltasse vivo.

— Por favor... eu vou pagar mais, vou...

— Oh, não, senhora Graham. Não preciso de mais dinheiro. No entanto, tenho outros desejos. — Ele entortou um dedo para chamá-la. — Depende de você, minha querida — acrescentou quando ela permaneceu onde estava, incapaz de dar um passo sequer em sua direção. Com um suspiro, ele se levantou, pegou o documento e fez como se fosse rasgá-lo.

— Espere! — Alex engoliu em seco. — Eu vou fazer. — Ela forçou as pernas a se moverem em direção a ele.

— Creio que não vai demorar muito — ele disse enquanto a impelia sobre a mesa, as mãos já empurrando as saias para fora do

caminho.

Uma eterna meia hora depois, Fairfax abotoou as calças, sorriu para Alex e saiu da sala, assobiando. Alex se levantou e começou a pôr ordem em sua aparência. Ela tremia da cabeça aos pés, chorando enquanto vestia as roupas e amarrava os laços. Homem desprezível! Ela estava dolorida por toda parte, e em sua boca persistia o gosto rançoso dele. Limpou os lábios, arrastando as costas da mão para frente e para trás. Oh, Deus! Tudo nela cheirava a ele, e entre as pernas... Dobrado nas saias estava o contrato, agora devidamente assinado, e ela o enfiou dentro do corpete, pensando ferozmente que, é claro, tinha valido o preço. Ela estava enjoada de vergonha do que havia sido feito com ela, e em sua cabeça, debilmente, soou uma voz que se perguntava o que Matthew pensaria daquilo tudo.

A Sra. Gordon olhou para Alex, olhou novamente, e seu rosto se transformou em uma impressionante carranca.

— O que ele fez com você?

— Agora não.

A Sra. Gordon resmungou, mas não pressionou, correndo atrás de Alex pela estrada. A tarde estava começando a mudar para o crepúsculo e as duas caminharam rapidamente, nenhuma delas querendo estar tão longe da cidade quando escurecesse. No meio do caminho, Alex começou a chorar, soluçando, e a sra. Gordon parou e a abraçou.

— Eu o encontrei — Alex murmurou —, ele está vivo e, na próxima semana, eu poderei buscá-lo. Olha — disse, cavando o corpete —, olha, eu até tenho um contrato! — Ela jogou o documento na estrada de terra e chorou ainda mais.

A sra. Gordon se inclinou para recuperar o papel e o enfiou em seu próprio corpete. Ela puxou Alex para si e a acalmou, acariciando-a com ternura sobre a cabeça. Alex chorou e chorou, ela se agarrou à sra. Gordon, que estava parada como uma pedra, sussurrando que tudo ficaria bem, e que ela manteria sua moça segura, não importava o que acontecesse.

— Então, o que aquele verme de homem fez com você? — perguntou, depois que os soluços de Alex cessaram.

Alex esfregou a manga com força sobre o rosto inchado.

— Ele fez o que queria fazer. Fixou o preço e eu não tive escolha a não ser pagar. O que ele sabia bem, sendo a escória que é. — Distraidamente, ela usou a unha para remover um borrão de cera das saias. — É melhor nos movermos, está escurecendo rápido.

— Matthew nunca vai me perdoar — disse Alex, depois que elas voltaram a andar. A senhora Gordon revirou os olhos em um gesto exasperado.

— Você não teve escolha, moça.

— Eu sei disso, e você sabe disso, mas para Matthew nunca será assim tão claro. Uma parte dele sempre vai achar que eu deveria ter recusado.

— Sim, e então ele estaria morto e nenhum de nós precisaria se preocupar com a opinião dele — murmurou a sra. Gordon.

Alex sorriu fracamente.

— Você está pensando em contar a ele? — A sra. Gordon perguntou.

— Não sei. Eu devo?

A sra. Gordon revirou os olhos outra vez.

— Claro que não! A menos que você absolutamente precise.

— Mas isso seria desonesto.

— Nem todas as verdades precisam ser ditas, moça. Confie em mim, sim? Ele não precisa saber.

Assim que chegaram em casa, a sra. Gordon insistiu para que Alex tomasse um banho e depois a colocou na cama, envolvendo-a nas mantas com força.

— Há uma coisa que devemos fazer — disse, franzindo a testa para o tricô.

— O quê? — Alex perguntou através de um bocejo.

— Devemos garantir que não haja criança.

Os olhos de Alex se abriram em consternação. Uma criança! Com aquele sapo nojento?

— Quando você sangrou pela última vez?

Alex contou os dias e relaxou contra os travesseiros.

— Quatro semanas atrás.

A Sra. Gordon apenas assentiu e voltou a tricotar.

— Nenhum risco grande então; vamos esperar alguns dias e, se nada acontecer, vamos ajudar o sangue a descer. Acho que tenho o que preciso e, se não tiver, o doce sr. Parson encontrará para mim.

— Sr. Parson?

— O farmacêutico, e aquele pequeno tesouro que é a loja dele.

Apesar de tudo, Alex sorriu. Ainda não estavam aqui nem há três semanas, e a sra. Gordon já tinha um admirador. O que havia com aquela mulher? Será que ela usava algum tipo de perfume secreto?

Oito dias depois, Alex partiu para a plantação de Fairfax. Na bolsa, carregava o montante de vinte libras, e no peito estava o contrato assinado. Aquilo criaria um enorme impacto em suas finanças, mas ela não se importava — não hoje. Ela lavara os cabelos, vestira roupas limpas e tremia com o pensamento de ver Matthew novamente. Ao se aproximar da plantação, começou a tremer por outro motivo; que Fairfax não esteja aqui, que eu não tenha que ver aquele sorriso satisfeito novamente.

Foi um grande alívio saber que o sr. Fairfax estava indisposto e que toda a transação estava sendo realizada em silêncio por seu superintendente. Ela esperava que o sapo morresse dessa indisposição, ou que fizesse o membro dele apodrecer e cair — deixando-o incapacitado para sempre. Pelo menos ela não estava grávida, então, graças aos céus pelas pequenas misericórdias.

— Bem então. — Jones se levantou depois de ter contado o dinheiro pela terceira vez. — Vamos encontrá-lo.

Ele a levou para o quintal e disse-lhe para esperar perto dos celeiros.

— Eu posso ir com você.

Jones balançou a cabeça. Ele tinha suas instruções e elas eram muito simples; ela deveria esperar ali enquanto ele encontrava o homem dela.

Ela o viu se afastar, levantou-se e se manteve composta, se perguntando por que parecia que estava prestes a se desintegrar em átomos agora, quando ele estava tão perto. Tenho medo, admitiu, tenho muito medo do que ele se tornou.



— Graham!

Matthew virou-se para a voz. Obedeça, lembrou a si mesmo, sempre obedeça. Depois do açoitamento, ele se tornara pateticamente dócil, um animal que ia aonde lhe era apontado, e agora se dirigia para Jones esperando que não fosse muito trabalho adicional, porque ele estava cansado demais, com fome e, em alguns dias, tudo o que ele queria era deitar-se e nunca mais se levantar.

Ele não se permitia mais esperar, nunca olhava na direção da estrada e, de vez em quando, pedia a Deus que o levasse logo, que não o deixasse morrer pedaço por pedaço naquela existência insuportável. E, no entanto... ainda havia momentos em que o riso dela soava em sua cabeça, de quando ela dançava diante dos olhos dele, e em seu olhar profundamente azul ele podia ver o quanto ela o amava. Essas imagens fragmentadas o enchiam de tranquila alegria, uma convicção de que ele teria que viver pelo menos mais um dia, uma semana, um mês.

Matthew parou em silêncio na frente de Jones. Seu pé latejava e ele lançou um olhar para o curativo sujo com que o enrolara na tentativa de proteger o corte onde uma enxada afundara nele, logo abaixo do tornozelo.

Jones sacudiu o chicote contra as calças de couro cru. Uma, duas, três vezes o couro estalou, e em todas Matthew teve que se forçar a não se encolher.

— Você tem uma visita — Jones o informou.

Matthew manteve os olhos no chão. Ele vira Jones jogar esse jogo em particular vezes demais para cair nele, e não estava disposto a dar a ninguém o prazer de ver primeiro a esperança, depois o desapontamento lavar seu rosto.

— Sua nova dona — esclareceu Jones e ergueu o chicote na direção dos celeiros de cura. Um novo dono? A apreensão correu através de Matthew, e ele levantou o rosto para olhar na direção que Jones estava apontando.

Se estivesse sozinho, ele poderia ter tentado chamá-la ou até corrido para ela. Agora tudo o que podia fazer era ficar absolutamente imóvel enquanto o chão embaixo dele parecia balançar e se dobrar, rezando silenciosamente ao bom Deus que ela não fosse uma miragem, por favor, Deus, não isso.

— Vá! — Jones latiu, descongelando-o. — Vá até ela agora. Tenho instruções para vê-lo fora da propriedade imediatamente. — Com a imobilidade contínua de Matthew, ele levantou a mão em um gesto ameaçador, e Matthew, para sua vergonha, se encolheu e começou a se mover.

Ele sabia muito bem como devia parecer aos olhos dela; vestido de trapos, sujo e despenteado, cabelos e barba cerrada cheios de piolhos. E isso era apenas do lado de fora, o dano interior era muito, muito pior.

Ele tropeçou na direção dela. Devia parecer um espantalho, com galhos finos saindo do pouco que restava de suas calças e camisa. Tentou aumentar o passo, balançou como cana e quase caiu. Seus joelhos dobraram, ele teve que parar, respirar, respirar outra vez.

Olhou para ela por baixo da franja de cabelos emaranhados, e ela estava exatamente como ele se lembrava, desde os cachos indisciplinados que escapavam das restrições da touca e da trança, até a maneira como sorria, os braços estendidos. Ela veio! Sua Alex estava ali, seus olhos estranhamente escuros e cheios de lágrimas.

Matthew levantou o rosto, esticou os lábios não cooperativos em um sorriso. Ele ouviu sua respiração alta, e lá veio ela, a touca de renda flutuando no chão enquanto ela corria em sua direção. Ela colidiu com ele, e apenas suas reações rápidas os salvaram de cair no chão. Sua Alex; tão quente, tão forte e cheia de vida. Os braços

dela se envolveram em torno dele, ela disse seu nome, chorou e riu. Matthew fechou os olhos, enfiou o nariz nos cabelos dela e inalou.

Depois desse abraço inicial, eles não se tocaram enquanto voltavam à cidade. Era uma longa caminhada, e o pé de Matthew gritava em protesto, fazendo-o mancar. E, no entanto, ele seguiu em frente, querendo muito pegar a mão dela. Mas não o fez, consciente demais de sua figura triste, de suas unhas quebradas e mãos calejadas.

Enquanto caminhavam em direção à pensão, Matthew percebeu todos os olhares; dos que o olhavam com repulsa, e para ela com pena. Ela também deve tê-los sentido, porque de repente o seu braço deslizou pelo dele e eles andaram de braços dados pela cidade.

Uma vez na pensão, ela o apoiou escada acima, recuando quando ele entrou no quarto.

— Pedi que preparassem um banho — disse Alex, indicando a banheira. — Pensei que talvez... — Ela ficou de um tom de rosa escuro. — ...talvez você queira que eu te lave como eu costumava fazer?

Há uma vida atrás, em um mundo onde ele estava inteiro. Matthew se estudou em silêncio. Ele estava coberto de terra, dos pés descalços até o topo da cabeça. Só Deus sabia o que encontraria quando começasse a lavar as camadas protetoras de poeira.

— Mas talvez você prefira ficar sozinho?

Ele ouviu a incerteza na voz dela e não sabia ao certo como responder. Ele não queria que ela o visse daquele jeito, mas ela veria, mais cedo ou mais tarde, de qualquer maneira. Nos olhos dela, ele viu a necessidade de tocá-lo, de deixar que suas mãos o redescobrissem, e isso o derrubou, um arrepio involuntário ondulando por seu corpo.

— Tudo bem — disse ela com um sorriso quebradiço. — Vou deixar você em paz, certo?

Os ombros dele caíram de alívio e, com um som estrangulado, ela saiu do quarto, quase atropelando o rapaz que vinha carregando dois enormes baldes de água quente.

Ele foi recuperando algum senso de si mesmo com cada bocado de água derramada, observando com interesse abstrato como seu corpo reaparecia. Horivelmente magro, cheio de vergões e cicatrizes não curadas, mas ainda assim, até certo ponto, era ele. Saiu da água suja e se inspecionou no espelho de barbear. Os olhos de um homem ferido em um rosto devastado o encaravam, e ele deu um passo chocado para trás. Seria bom se barbear, disse a si mesmo, e ergueu uma navalha trêmula no rosto.

A barba saiu em faixas estreitas, mostrando a pele que estava surpreendentemente branca em comparação com o resto. Ele tocou suas feições, tentando se reconectar, procurando por algo do velho Matthew no rosto severo que o olhava de volta. A cabeça da morte, pensou, os ossos claramente visíveis sob a pele esticada.

Alex recuou ao vê-lo. Ele raspava a cabeça também, e a camisa que ela havia deixado dobrada para ele estava pendurada no corpo. Ele sorriu tristemente com a reação dela e passou a mão sobre o crânio nu.

— Eu precisava — disse, e essas foram as primeiras palavras que ele lhe disse. Até sua voz estava de alguma forma diferente, refletiu ela, tão sombria como sempre, mas quebrada. Alex assentiu e se aproximou, avançando lentamente em sua direção como se temesse que ele pudesse virar e pular, como um cavalo indomado.

Ele fechou os olhos com o olhar no rosto dela. Não quero sua pena, maldita seja! Ainda assim, ficou quieto sob as mãos dela, tão consciente de sua proximidade que doía fisicamente. Quando ela desabotoou sua camisa para traçar dedos leves em seu peito, ele se encolheu, desacostumado a ser tocado por alguém que lhe desejasse bem. Suas mãos continuaram com a inspeção e o pênis dele ganhou vida ativa e urgente, duro sob a bainha da camisa. Ele estava muito fraco, com a visão turva, mas não se importava. Estava vivo, estava seguro, e esperava ter se livrado de qualquer criatura pequenina, porque ele ia fazer aquilo, oh Senhor, ele ia, sim! Os dedos dela o encontraram, fecharam-se ao redor dele, e ele se retesou com o calor do aperto dela.

— Não — ele engasgou. — Tire a roupa. Deixe-me olhar para você.

Por um longo tempo, seus olhos sustentaram os dele. Ela recuou alguns passos, abriu os botões e as amarras e saiu de uma peça de roupa após a outra, ficando finalmente apenas com a anágua.

— Isso também. — Seu olhar nunca a deixou enquanto ela fazia como ele dissera. Ela ergueu os braços para a cabeça, puxou os grampos e a respiração dele parou quando os cabelos caíram para emoldurar o rosto dela em ondas de marrom e bronze e, aqui e ali, uma pitada de vermelho escuro. A mão dele se moveu por vontade própria, os dedos encontrando uma longa mecha de cabelo, puxando-a até que ela se aproximou o suficiente para que ele sentisse o calor de seu corpo nu contra o dele.

— Cristo misericordioso — ele gemeu. — Eu não vou ser gentil com você, Alex. Eu não acho que consigo. — Em resposta, ela ficou na ponta dos pés e o beijou.

Felizmente, a cama estava a poucos metros de distância. Qualquer força que ainda havia nele, convergiu para seu pênis, e ele tropeçou e oscilou, apoiado por ela. Ali estava; sua esposa, braços estendidos para ele, suas coxas largas e acolhedoras, seus lugares secretos à mostra, dobras rosadas e aveludadas como pétalas em uma rosa. Sua esposa, sua Alex. Ele não conseguia respirar. Agarrou a cabeceira da cama em busca de apoio e a encarou. A mão dela na coxa dele, os dedos encontrando os dele, puxando com muita delicadeza, e ele soltou a cabeceira para ajoelhar-se desajeitadamente na cama.

Ela fez como se fosse lhe tirar a camisa, mas ele balançou a cabeça, fazendo sinal para ela se deitar. Suas bolas doíam, seu pau estremeceu. O sangue bateu em sua cabeça, o calor acumulou em sua genitália, e ele caiu para frente. Ela ofegou quando ele pressionou seu peso contra ela.

Um remexer, um posicionamento de quadris e pernas que não se encaixavam mais tão naturalmente como antes, mas ele não se importava. Ah, finalmente! Seu pênis dentro dela. Sua Alex. De novo e de novo, e ele estava vagamente ciente de que talvez estivesse sendo muito ríspido, que talvez não devesse se bater tão fortemente contra ela, mas não conseguia se conter. Ela viera atrás dele —

quase tarde demais, mas ela viera. Alex, sua Alex. Ele entrou nela, ela rebolou abaixo dele, e com um som em algum lugar entre um soluço e um uivo, ele gozou.

— Vamos perder o jantar — comentou Alex algumas horas depois. Seu cabelo estava uma bagunça emaranhada, sua pele tinha manchas rosadas, e ela sorriu preguiçosamente para ele, uma mão flutuando para acariciar sua bochecha. Ele apenas deu de ombros, inclinou a cabeça para acariciar seu pescoço. Após o primeiro coito urgente, ele se curvara tremendo com soluços secos ao lado dela, e depois dormira, a cabeça apoiada no peito da esposa. Ele acordou e precisou dela, e lá estava, uma presença sólida e tranquilizadora ao seu lado. Mas desta vez ele se demorou, e agora ela estava esparramada embaixo dele, seu pênis encolhendo lentamente de volta ao tamanho normal dentro dela.

— Matthew, você precisa comer — Alex insistiu.

— Sim — disse ele desinteressadamente, ocupado redescobrando seus seios. Tinha sido tudo um sonho; ela ali com ele. Ele inclinou a cabeça para o mamilo e sorriu com ela respondendo “oh”. Kate nunca gostou quando... Kate! Ele sentou-se tão rapidamente que fez sua cabeça girar. Alex se ajoelhou ao lado dele.

— O que foi? — ela disse. — É o seu pé?

Ele olhou dela para o pé enfaixado e de volta para a esposa.

— O que foi? — Ela embalou o rosto dele com as mãos. — Matthew, o que é?

Ele cobriu as mãos dela e retirou-as de seu rosto. Deveria dizer a ela — não, ele precisava dizer a ela — e inspirou em preparação para fazê-lo, mas no último momento seus nervos fracassaram e ele apenas balançou a cabeça.

— Eu não sei. Talvez eu só precise do meu jantar.

Alex estreitou os olhos e, sob seu escrutínio, ele sentiu-se corar. Mas ela não perguntou.

Matthew ficou um pouco comovido com a sra. Gordon. Se ela ficou chocada com seu estado reduzido, escondeu bem, ocupando-se com os aspectos práticos em torno do atual estado de saúde

dele. Ele respondeu sua enxurrada de perguntas, sentou-se para permitir que ela lhe inspecionasse o pé e sorriu quando ela disse a Eliza que cozinharía para o sr. Graham — afinal, ela sabia do que ele gostava.

A sra. Gordon serviu-o de vinho adocicado que lhe subiu diretamente à cabeça, serviu-lhe ensopado e pão e observou-o como um falcão para garantir que ele comesse tudo. Quando ordenou que ele dormisse, ele apenas assentiu. Uma cama; ele iria dormir em uma cama com lençóis limpos. Inclinou-se pesadamente contra Alex enquanto ela o ajudava a sair da cozinha e subir as escadas. Caiu na cama, foi beijado e afagado. Bocejou, virou de lado e...

— Ele não teria vivido muito mais — comentou a sra. Gordon, quando Alex voltou para o andar de baixo.

— Não — Alex disse, emocionalmente exausta após aquele longo dia. Eliza colocou uma fatia de bolo de especiarias na frente dela e Alex deu um sorriso agradecido. Era bem o que ela precisava; uma bomba de açúcar. A Sra. Gordon sentou-se ao lado dela e a abraçou.

— Você fez muito bem moça, você o encontrou e o salvou.

Alex deitou a cabeça no ombro dela.

— Eu nunca teria feito nada disso sem você.

— Sim, você faria — respondeu a sra. Gordon. — Claro que você faria. Vocês, moças suecas, são extremamente teimosas, não?

No início da manhã, ele começou a conversar com a nuca dela e, na hora seguinte, contou tudo, desde o momento em que acordou no navio até o dia em que rastejou aos pés de Jones e admitiu que sim, era um escravo. Contou sobre os intermináveis dias sob o sol escaldante, noites passadas tremendo de frio e semana após semana de trabalho monótono e sem fim. Ele descreveu como ficou doente e quase morreu, mas como tinha sido ela, sonhar com ela

que o mantivera vivo. Contou a ela todos os detalhes daquele longo ano — mas nunca mencionou Kate.

E então foi a vez dela e ela falou de suas viagens e tempestades, de Don Benito e da noite em que viu Magnus no mar. Ela contou tudo a ele — bem, quase. Ela não contou a ele sobre Fairfax.

Não foi até segunda-feira que eles tiveram algum motivo para deixar a pensão. Matthew estremeceu com a falta de familiaridade com os sapatos e passou muito tempo ajustando as fivelas para minimizar a pressão no pé machucado. Ele finalmente ficou satisfeito e levantou os olhos para olhar espantado para sua esposa.

— Você não vai sair assim — ele informou depois de terminar seu inventário detalhado.

Alex deu a ele um olhar exasperado.

— O quê? Você não acha que eu estou bonita?

Matthew sorriu com o eufemismo.

— Sim, você está. Mas para os meus olhos, não para todos. — Ele estendeu a mão e puxou um cacho de cabelo dela. — Minha esposa. Minha bela esposa, mas isso é só para eu ver. — Ele passou o dedo sobre o colo exposto. — Então, vou esperar enquanto você se troca. — Ele se recostou na parede, os braços cruzados sobre o peito. Eles não iriam a lugar nenhum até que ela estivesse adequadamente vestida. Alex olhou furiosa, mas ele apenas balançou a cabeça e com um suspiro ela torceu-se para desfazer os laços.

— Outros homens exibem suas esposas — ela resmungou enquanto se apressavam pela estrada poeirenta algum tempo depois. Ela parou para ajeitar a touca, colocando de volta uma mecha perdida de cabelos.

— Eu não sou os outros homens, e você já está sendo olhada o suficiente.

— Estou? — Ela parecia bastante satisfeita e apertou mais o braço dele.

— Você sabe que está. — Ele franziu o cenho quando outro homem lançou um olhar apreciativo à sua esposa e ajustou as

calças escuras. Deu uma olhada para si mesmo, ainda surpreso ao se encontrar com meias e sapatos, um casaco escuro e uma camisa de linho limpa. Ele se esticou, aprumou-se até, e ao lado dele Alex riu.

— Pedaco de mau caminho — ela murmurou e beliscou sua nádega com força suficiente para fazê-lo sibilar.

O oficial entediado registrou devidamente a escritura assinada que conferia a propriedade de Matthew Graham a Alexandra Graham, preparou uma cópia da escritura, assinou e, com um sorriso malicioso, entregou a Alex, não a Matthew.

— Seis anos restantes, senhora.

— Não, meu marido é um homem livre a partir deste minuto.

O funcionário riu enquanto balançava a cabeça.

— Não enquanto ele permanecer na Virgínia. Aqui ele está registrado como contratado. — Ele inclinou a cabeça. — É claro que a senhora pode libertá-lo, mas isso requer a assinatura do governador. — Por um momento, o véu de tédio se ergueu de seus olhos e ele olhou para Matthew. — O que você fez?

— Nada — disse Matthew friamente.

— Ah, bem, todos dizem isso. — O funcionário bufou.

— Nesse caso, é a verdade — disse Alex. O funcionário bocejou, indicando que não se importava, de um jeito ou de outro, e voltou sua atenção para a próxima pessoa na fila.

— Vamos embora o mais rápido possível — disse Alex, não gostando da máscara de raiva no rosto de Matthew. — Afinal, temos que nos apressar de volta para Mark. — Ela pensou em algo e enfiou a mão no bolso da anágua, extraindo um pedaço de papel dobrado e redobrado. — É do Simon.

No começo, ele apenas segurou a carta, virando-a várias vezes antes de desdobrar, dedos longos alisando os vincos. Ela conhecia a carta de cor, mas ficou na ponta dos pés ao lado de Matthew para lê-la mais uma vez, com o coração pesado de saudades de casa.

Era uma carta pungente sobre a vida antiga. Falava dos dias de verão em Hillview, do filho deles correndo selvagem pelos prados.

Descrevia os longos dias de colheita, como o palheiro se encheu de feno novo e doce e as despensas com conservas.

Simon escreveu sobre Mark, sobre como Joan lhe havia dado um gatinho. Ele descreveu um menino feliz, com os mesmos olhos esverdeados de seu pai, cabelos que caíam em cachos rebeldes.

... mas Joan diz que não se atreve a cortá-los, pois ela vive com medo do que pode acontecer com seus olhos se Alex voltar e encontrar seu amado cordeiro tosquiado...

— Muito certo — Alex murmurou. Ela ouviu Matthew inalar e sabia que ele estava lendo o longo post scriptum.

... Pode ser do seu interesse saber que tivemos visitantes sofisticados aqui em Hillview. Mestre Luke Graham, ninguém menos, chegando a afirmar seus direitos de tutela sobre os bens e o herdeiro. Basta dizer que ele foi embora muito descontente, protestando que não era certo que ele, o tio, não tivesse voz na criação do herdeiro de Hillview.

— Ainda podemos adquirir a passagem em um dos primeiros barcos de volta e talvez possamos estar em Hillview para a colheita.

— Talvez. — Matthew dobrou a carta e a enfiou dentro da camisa, ofereceu o braço a Alex e partiu em direção à pensão.



— Qual o problema com ele? — Alex perguntou à sra. Gordon na manhã seguinte, segurando a mão imóvel de Matthew. A senhora Gordon balançou a cabeça e recostou-se, mordendo o lábio.

— Ele está esgotado — disse ela, passando um dedo pela frente da camisa de Matthew. — Esses últimos dias talvez tenham exigido muito dele. — Ela levantou uma sobrancelha para Alex e sorriu.

— Não por minha culpa, espero. — Ela simplesmente não tinha conseguido se conter. Ela precisava, e ele também, e nem considerou que talvez ele estivesse fraco demais. — Então, o que eu devo fazer?

A senhora Gordon deu de ombros.

— Ele precisa de comida e sono, moça. O resto se resolve, não é? — Alex não estava tão convencida, descrevendo as últimas noites de sono interrompido, com Matthew se debatendo ao lado dela.

— Isso ele tem que resolver sozinho. — A sra. Gordon afagou a bochecha de Matthew, curvando-se para dar um beijo suave em sua testa.

Alex ficou sentada ao lado do marido a manhã toda, sua atenção focada na camisa sobressalente que estava fazendo para ele. Ele precisava de um par extra de calças também, e meias para todos os dias. Isso a fez sorrir, e ela se inclinou para vasculhar sua cesta de trabalho, tirando de lá um par de meias muito bonitas, as primeiras

que ela já tinha terminado com os padrões exigentes da sra. Gordon.

— O que é isso? — Matthew perguntou da cama. Ele estudou as meias cinzas penduradas na mão dela.

— Eu fiz para você — disse ela, vindo sentar-se ao lado dele. — Levou séculos, porque a senhora Gordon às vezes é um saco, então ela ficava desmanchando os pontos.

Ele riu.

— Um saco? Não ouvia ninguém dizer isso há mais de um ano. — Ele piscou, enxugando os olhos.

— O que foi? — Alex acariciou seu crânio nu, sua bochecha. Comparado a quando ela o viu pela primeira vez, ele estava muito melhor, o tom cinza em sua pele substituído por um tom um pouco mais normal, mas ainda assim seus olhos pareciam afundados no rosto, e mesmo que ele tivesse se lavado tão bem quanto podia, havia manchas de terra incrustadas aqui e ali.

— Eu pensei... — Ele pigarreou. — Às vezes eu pensava...

— ... que eu não viria — ela terminou para ele.

Ele assentiu, olhos de um verde dourado.

— E eu... — Ela levantou a mão dele para seu rosto e beijou a palma. — ... pensei que fosse tarde demais. Mas eu vim e você ainda estava vivo.

— Sim, mas estou feliz que você não tenha demorado mais tempo. — Ele apertou mais a mão dela, e ela fechou os dedos para trançá-los com força nos dele. Isso a fez relaxar, sentir os dedos entrelaçados assim.

— Você se lembra como eu lhe disse, quando nos conhecemos, que a luz em mim havia ficado muito mais fraca enquanto estava na prisão?

Alex assentiu.

— Quase desapareceu desta vez, em alguns dias estive à beira da extinção.

— Eu sei — ela respirou. — Sonhei com você, vi você deitado em um lugar pequeno cercado por outros homens, e sabia que estava chorando por dentro. E eu queria que você soubesse que eu estava a caminho e que nunca iria desistir.

— Minha esposa — ele sussurrou —, minha Alexandra Ruth. — Um dedo longo e ossudo apareceu para tocar sua bochecha, seguir o formato de suas sobrancelhas, seus grossos cílios escuros baixados sobre os olhos que brilhavam úmidos.

Alex tossiu algumas vezes para livrar sua traqueia das lágrimas congestionadas que estavam no meio do caminho.

— Certo, você precisa descansar e eu tenho que voltar para a minha costura. E então, em algumas horas, trarei para você algo fortalecedor para comer, com muitos e muitos ovos, e depois disso acho que o sr. Graham vai tomar um banho — um banho longo e muito quente com a esposa presente.

A boca comprida de Matthew se curvou em um sorriso.

— Eu não preciso dos ovos — ele murmurou, já começando a adormecer.

— Oh, sim, você precisa — disse ela, dando um tapinha carinhoso em sua virilha. — Precisa de muitas dúzias. Você tem uma esposa devassa para cuidar.

Ele abriu um olho e o fixou nela.

— Eu posso cuidar disso.

— Não tenho dúvidas, mas iremos com os ovos, apenas por precaução.

— Só por precaução — ele concordou e adormeceu abruptamente, a mão segurando as saias dela.

Não tinha sido à toa que ele insistira em manter a camisa, escondendo o corpo nu da vista. Tão magro, os ossos se destacando em um contorno claro contra sua pele. Longas músculos e tendões, mas tão desgastados, tão encolhidos em comparação com a última vez em que ela o vira nu em Hillview.

— Que tipo de animal fez isso com você? — Os dedos dela traçaram vergões nas costas e nas laterais do corpo dele, sulcos profundos de onde as tiras puxaram sua pele.

Matthew se contorceu, tentando ver as próprias costas.

— Está muito ruim?

— Ruim! — Ela o abraçou e apoiou a cabeça entre as omoplatas dele. — Meu homem bonito — disse ela, esfregando a bochecha

com força contra ele.

— Não tão bonito agora.

— Oh, sim — ela respondeu. — Muito, muito bonito. Entre — ela disse, indicando a banheira. — Ela pegou sabão e uma toalha de linho e esfregou tudo até ele ficar em um tom de rosa brilhante. Ele olhou para a água suja com espanto.

— Está tão suja quanto na sexta-feira!

— Homens! Você realmente não sabe como se lavar. — Ela o secou e colocou um curativo no pé antes de apontá-lo de volta para a cama.

— Não para dormir — disse ele, agarrando-a. Ela soltou um gritinho quando ele se pressionou contra ela.

— É claro que é para dormir, você está muito fraco. Tenho que tomar cuidado para não desgastar você.

— Me desgastar? — Ele tinha comido uma porção enorme de ovos com queijo e pão, seguido por uma fatia de torta ensopada em cobertura cremosa e pesada. — Eu vou mostrar para você.

— Precisamos ir ver o governador — Alex disse a Matthew algumas semanas depois, olhando-o de cima a baixo. Seu cabelo ainda estava inapropriadamente curto, e mesmo que ele comesse como um cavalo, havia nele um abatimento persistente. — Ou talvez possamos esperar, você sabe, até que esteja um pouco mais recuperado.

Matthew apenas assentiu e voltou a estudar os papéis que estava segurando nas mãos.

— O que é isso? — Ela se inclinou sobre o ombro dele. — Oh. Não está particularmente bom, não consigo acertar o cabelo dele... — Ela estendeu o dedo para traçar as bochechas macias de seu bebê.

Alex suspirou; mais de um ano desde a última vez que vira Mark, e quando eles voltassem, ele teria vivido mais meses sem ela do que com ela. Às vezes, ela tinha pesadelos horríveis nos quais se ajoelhava para abraçá-lo e ele apenas chorava, os braços estendidos para Joan. Ainda mais horríveis, porque provavelmente

era o que aconteceria; ele se esconderia atrás de Joan ou Simon e olharia confuso para esses pais que reapareceram.

— Você acha que ele vai nos amar? — ela perguntou a Matthew. Ele colocou os papéis de volta onde os encontrara, no livro de sonetos maltratado que ela carregara por todo o mundo.

— Nós o amamos. Tenho certeza de que isso será suficiente. — Ele se levantou, foi até a pequena janela que dava, ironicamente, para o leste. — Nunca perdoarei Luke por isso, por me tirar do meu filho, forçando você a deixá-lo para ir atrás de mim. — Ele chutou a cesta de trabalho de Alex, lançando-a derrapando pelo chão. — Ele destruiu minha vida, me roubou e roubou muito, e eu deveria tê-lo parado. Mas desta vez eu vou. De alguma forma, eu vou.

— Como? Você vai matá-lo e depois ser arrastado para a forca? Porque, deixe-me dizer uma coisa, Sr. Graham, não passei um ano perseguindo você em todo o mundo para vê-lo acabar girando no final de uma corda.

— Vou encontrar outro jeito. — Ele enfiou o punho no vime da cadeira e olhou para as juntas ensanguentadas resultantes. — Eu vou me vingar dele.

Alex colocou a mão nas costas dele e esperou até que se virasse para encará-la.

— Quero meu Matthew, não um homem consumido por vingança. Não quero que nosso filho cresça cercado pelo ódio corrosivo dessa briga de família.

Os olhos dele brilharam de raiva.

— Você quer que eu o perdoe?

— Não, mas talvez devesse esquecê-lo.

Matthew riu sarcasticamente.

— E você é tola o suficiente para pensar que ele vai me deixar esquecer?

Alex inclinou a cabeça. Ele estava certo, Luke nunca iria parar, não até que o irmão fosse destruído.

Ele assentiu em silencioso acordo, pegou o casaco e saiu da sala.

Alex foi até a pequena janela para vê-lo se afastar. Estava se curando rapidamente por fora, mas por dentro... Às vezes, ela suspeitava que ele se obrigava a desempenhar o papel de marido

reunido com a esposa, quando tudo o que ele realmente queria fazer era mergulhar na raiva e no ódio — sozinho.

Havia barreiras entre eles, meses inteiros de experiências terríveis que ele não parecia capaz de compartilhar com ela além da breve descrição factual daquela primeira manhã, e as poucas tentativas que ela fizera para que ele falasse sobre isso foram violentamente rejeitadas.

Dê-lhe tempo, ela se repreendeu, deixe-o por enquanto. Para sua surpresa, ela descobriu que estava chorando e esfregou os olhos. Ele estava seguro, vivo e inteiro, e o resto dele se recomporia com o tempo — é claro que sim.

— Graham!

Para sua intensa humilhação, Matthew parou, uma reação instintiva a uma voz que obedeceu por quase um ano. Jones caminhou até ele, demorando-se a olhá-lo de cima a baixo.

— Bem, bem, muito cavalheiro.

— Cavalheiro? Acho que não. Mas um homem livre, certamente. Mas isso eu sempre fui.

— Livre? — Jones riu. — Não foi o que ouvi. Você é propriedade de sua esposa agora. — Seus olhos claros brilhavam, a boca pequena se abriu como se fosse dizer algo, mas depois se fechou.

— Saia do meu caminho — disse Matthew. — Vá, antes que eu faça mal a você.

— Oh, eu não faria isso se fosse você, Graham. Um contratado levantar a mão para um homem livre? Isso seria muito imprudente. Poderia levar você a ser enforcado. — Os olhos penetrantes nadavam muito perto dos de Matthew. — Mas, por favor, tente, me dê o prazer de bater em você até virar uma polpa sangrenta. — Jones endireitou-se, ficando uma escassa polegada mais alto que o metro e noventa de Matthew.

— Um dia... — Matthew começou.

Jones riu.

— Um dia? Eu acho que não. Um dia, em breve, você estará morto, Graham, e eu receberei uma bela bolsa gorda em compensação.

Ele não deveria ter dito isso.

— Quem? Quem pagará você para me ver morto?

Quando Jones não respondeu, os dedos de Matthew se fecharam como uma pinça em torno de uma dobra de pele ao longo do pescoço de Jones, torcendo até que o supervisor estivesse ajoelhado na poeira, ofegando de dor.

— Minha esposa me ensinou isso, dói, não é? — Matthew torceu um pouco mais. — Então, quem?

— Seu irmão — gargalhou Jones. — Fairfax recebeu uma carta algumas semanas atrás. — Ele gritou quando os dedos de Matthew afundaram ainda mais em seu pescoço. Matthew o soltou e Jones sentou-se pesadamente na terra. Alguém riu e, para consternação de Matthew, viu que eles haviam reunido uma audiência pequena, mas ávida.

— Você vai pagar — Jones garantiu a Matthew, esfregando as mãos no pescoço avermelhado.

— Você também, e eu tenho uma dívida maior a cobrar do que você. — Com isso, Matthew se afastou.

Por alguns minutos, sentiu-se motivado por seu confronto com Jones, a energia zunindo por seu sistema. Ele caminhou pelo pequeno povoado, balançando a cabeça mais uma vez com a idiotice de situar uma cidade ali, naquele canto da terra infestado de pântanos. A apenas meia milha do centro da cidade, a floresta original invadia o chão, esmagando-se úmida por baixo. Era apenas abril e o calor do meio-dia já era desconfortável, e ele só podia imaginar como seria viver ali no verão, o sol fumegando a umidade do chão.

Caminhou até o porto, ainda vazio de navios maiores. Uma brisa dançava na água e ele desabotoou o casaco, sentando-se em um banco para olhar na direção leste. Além daquelas águas estava sua casa, e ali seu filho estava esperando.

Às vezes, ele pensava no que eles poderiam não saber: Mark poderia estar morto, levado por uma doença ou afogado no lago. Como seu avô antes dele, Matthew fez uma careta, lembrando o dia em que seu pai, Malcolm Graham, havia sido puxado da água. Não foi um acidente, ele pensou, não, alguém havia empurrado seu pai desavisado para cair nas águas frias do lago no inverno. Margaret

ou Luke, tinha que ser um ou outro. Luke, é claro que era Luke, e Matthew sentiu uma raiva negra fervendo dentro dele, imaginando como diabos um homem tão distorcido quanto Luke poderia ser seu irmão. Talvez tivesse sido trocado ao nascer.

Ele estava pensando profundamente quando uma mão bateu em seu ombro, e ele se virou para encontrar um rosto familiar sorrindo em sua direção.

— James! Você ainda está vivo!

James riu e sentou-se ao lado dele.

— Você não deveria parecer tão surpreso.

Matthew o estudou. Muito mais magro, braços e pernas como galhos quebradiços, mas com uma espécie de barriga. Ele viu o rosto cansado, os olhos fundos e a pele amarelada.

— Você tem icterícia.

James encolheu os ombros.

— Não sei ao certo. Mas como não posso trabalhar um dia sem cair, fui mandado para a cidade para ganhar a vida da melhor maneira possível.

— Eles libertaram você?

James sorriu torto.

— Não. Eles apenas me expulsaram. Por que desperdiçar boa comida com um moribundo?

— Como você tem vivido? — Matthew perguntou com preocupação.

— Faço uma coisa aqui e outra ali. Eu sei ler e escrever, por isso fiz algumas tarefas de escrevente. E durmo onde consigo encontrar alguma cobertura. — Ele deu um tapinha no pequeno embrulho nas costas. — Um cobertor.

Matthew se levantou e pegou o amigo pelo braço.

— Você vem comigo. Nós iremos dar um jeito de embarcar você.

— Nós? — James sorriu. — Então ela veio?

— Sim — disse Matthew com orgulho. — Ela veio.

— Eu vi você mais cedo — disse James enquanto caminhavam lado a lado na direção da pensão. Ele balançou a cabeça para Matthew. — Melhor ter cuidado, rapaz, Jones não é um homem que você queira ter como seu inimigo.

— Não foi minha escolha.

— Ainda assim; melhor não andar desarmado — não depois de hoje. Ele não perdoará a humilhação de ser forçado a ficar de joelhos.

Quaisquer que fossem as dúvidas que Alex tinha sobre acolher aquele espetáculo deprimente de homem entre os seus, ela não as mostrou, fazendo uma mesura em reverência à sua idade. A senhora Gordon deu uma olhada em James e pediu um banho, prometendo ao homem que, a menos que ele se limpasse o suficiente para a satisfação dela, ela faria aquilo sozinha — com soda cáustica.

— Não me lavo há um ano — protestou ele.

— Sim, eu posso ver isso. E cheirar. — A sra. Gordon entregou a ele uma camisa limpa e duas toalhas de linho usadas antes de levá-lo na direção da cozinha.

— Onde ele vai dormir? — Alex perguntou. — Não acho que a sra. Gordon o queira no quarto dela. — E ela definitivamente não o queria no deles.

Matthew riu e garantiu que tudo estava resolvido, James iria dormir nos estábulos.

— Ele está muito doente? — Na sua opinião, o homem encolhido parecia prestes a expirar a qualquer momento.

— Ele está morrendo — respondeu Matthew —, e sabe disso.

Lavado e vestido com uma camisa limpa, James sentou-se com eles para comer, mas comeu pouco, e finalmente a sra. Gordon se levantou e desapareceu, retornando em alguns momentos da cozinha com uma caneca espumante. Alex fungou; especiarias, vinho quente e muito mel batido com ovos. James sorriu em agradecimento.

— Eu tenho um problema com os sólidos.

Alex estreitou os olhos, não admirava que ele parecesse tão frágil se não conseguia comer direito. James deu um sorriso fraco e recostou-se, estremecendo visivelmente quando suas omoplatas escamosas se acomodaram contra a parede. Ele olhou para a noite escura com desgosto.

— É abril, época de longas noites de luz suave, com o cheiro de folhas novas nas árvores... — Ele parecia com tantas saudades de casa que Alex estendeu a mão e deu um tapinha na dele.

— Talvez um dia você volte.

James sorriu, seus olhos ficando marejados.

— Possivelmente. Mas acho que não.



A cama rangeu quando Matthew saiu e foi até a janela. Uma das persianas gritou contra o peitoril da janela e, com um som irritado, Alex sentou-se. Matthew estava parado junto à janela aberta, com os braços apoiados no batente. Ela caminhou pelo chão e colocou a mão no ombro dele. O efeito foi espetacular. Matthew girou, rosnando como um cachorro encurralado. Ela ofegou, levantou os braços para se proteger do golpe que esperava vir voando em seu caminho. Em vez disso, Matthew xingou e se jogou em direção à porta, e alguns momentos depois ela o ouviu no quintal abaixo. Sua camisa era uma gota de branco no escuro, uma gota que se moveu com velocidade para longe dela.

— Merda. — Alex sentou-se na cama. Com demasiada frequência ela acordava sozinha, ele desaparecia por muito tempo e, se o confronto com Jones tinha servido para alguma coisa, fora para piorar isso, deixando Matthew perdido em raiva constante, uma raiva que o fazia ficar inquieto durante a maior parte das noites. Depois daqueles primeiros dias maravilhosos, a escuridão nele também maculava a vida sexual, Matthew sendo cuidadoso demais, sempre se contendo. Sempre que ela se aproximava muito, sempre que suas carícias se tornavam íntimas demais, ele se esquivava, recuando para a segurança do sexo mecânico, em vez da magia de fazer amor.

Ele a fazia lembrar de uma samambaia selvagem; um toque ao longo de suas folhas e ela enrolava-se firmemente em torno de seu núcleo interno, um *Noli me Tangere* sussurrado — não me toque —

ecoando ao vento. Mas esse era o homem dela, porra, não uma peça de jardinagem! O pior de tudo era quando ele se retirava por horas deitado na cama deles, rejeitando a companhia dela enquanto olhava sem piscar o teto de madeira acima. Aquilo a deixava nervosa, aquela quietude absoluta que a isolava do lado de fora. Ela suspirou e deslizou para deitar de costas, com os olhos presos na porta.

Quando acordou, já era dia e ele estava de volta, ocupado com a barba.

— Hoje — ele disse.

— Hoje? — Alex não tinha ideia do que ele estava falando e, de qualquer maneira, eles não deveriam discutir primeiro a noite de ontem?

— O governador; quero que o vejamos hoje. — Ele limpou o rosto. — Não serei mais um homem não-liberto e, depois desse encontro com Jones, quero fazer isso o mais rápido possível. — Há mais de um mês ela comprara sua liberdade, ele a lembrou.

Alex se resignou e inspecionou seu escasso roupeiro.

— O castanho-avermelhado, é o melhor que eu tenho.

— Desde que esteja decente — ele avisou, e com um beijo rápido correu para encontrar algo para o café da manhã.

— Ele pode não estar lá — Alex apontou quando eles partiram. A anágua de linho já estava grudando na pele e ela se viu sentindo saudades de ar condicionado — ou pelo menos de um bom desodorante.

— Ele está. Eu o vi cavalgar bem cedo.

— Ah. — Ela bocejou. Sempre tão cansada ultimamente, seu corpo surpreendentemente pesado. Devia ser o calor, combinado com a umidade que fazia os cabelos dela se enrolarem num estilo Shirley Temple ao extremo, transformando-se espontaneamente em uma massa de cachos modernos. Não que alguém os visse; a esposa de Matthew Graham sempre usava o cabelo cuidadosamente enrolado e coberto.

— O que você fez a noite toda? — ela perguntou.

— Eu andei. — Ele apertou a mão dela com força debaixo de seu braço. — Sinto muito, moça — murmurou, e ela podia ouvir que

isso era tudo o que ele pretendia dizer sobre a noite passada — pelo menos por enquanto.

Sir William estava entediado. Ele ajeitou os cabelos na altura dos ombros, ainda predominantemente do castanho-escuro original, olhou irritado a fila do lado de fora do escritório e passou para dentro para se acomodar atrás de sua mesa, pena na mão para transmitir a impressão de um homem muito ocupado que não deve ser importunado mais que o necessário.

Sua mente voltou para as amoreiras e os bichos da seda, parabenizando-se mais uma vez por ter conseguido multiplicá-los tão bem. Ele gemeu interiormente por ter que estar ali, em vez de ficar em casa, em Green Spring, e em particular agora, em maio, quando seus campos eram de um verde promissor e atraente.

Um ajuste na faixa pendurada, e com um aceno de mão, ele indicou ao secretário que deixasse o primeiro suplicante entrar. Esperançosamente, ele poderia concluir os negócios a tempo de percorrer alguns quilômetros até sua casa antes do anoitecer.

Reprimiu um suspiro enquanto ouvia a pequena história inventada do casal à sua frente. A esposa era agradável aos olhos, ainda que excessivamente modesta, com um decote alto fora de moda no vestido de linho, e ele notou com interesse moderado que era ela quem falava mais, seu marido em silêncio ao seu lado. Não por escolha, decidiu, mas porque atualmente aquele homem não tinha *status* legal. Considerou a situação deles; ela estava casada com ele e, portanto, ela e todos os seus bens mundanos eram dele para dispor como quisesse. Ao mesmo tempo, ela agora possuía a escritura do homem, tendo se exposto a uma assustadora travessia marítima para encontrá-lo e comprar sua liberdade. Então agora ambos eram, ao mesmo tempo, possuidor e posse... Ele parou de ouvir, afundando no pequeno e interessante enigma até que percebeu que ela ficou em silêncio e esperava que ele dissesse alguma coisa.

— Você tem alguma prova dessa suposta inocência?

— Como eu vou conseguir isso? — ela disse. — Nos tribunais gerais, apenas são emitidos documentos sobre pessoas

condenadas ou que pelo menos passaram por algum julgamento. Meu marido não foi acusado, nem foi a julgamento, então como eu poderia lhe fornecer esse documento que o senhor solicita?

Ele encolheu os ombros. Deixou seu olhar vagar sobre eles novamente. O homem era escocês, ele ouvira isso em sua fala.

— Você é presbiteriano? — ele perguntou, um ligeiro interesse despertando em seu cérebro. O homem assentiu que sim.

— Um Covenanter? — Sir William deu uma inflexão de nojo à voz.

Matthew Graham endireitou-se a toda a sua altura, ignorando o toque restritivo da mão de sua esposa.

— Eu sou.

— Soldado? — Sir William se inclinou para frente, os olhos penetrando no homem incomumente alto.

— Por um tempo — disse Graham. — Quatro anos.

— Quantos anos você tem?

Graham pareceu um pouco surpreso.

— Trinta e dois.

Sir William recostou-se; esse Graham teria quinze anos em Naseby, vinte e um antes que o maldito Cromwell vencesse o norte. Mas apenas onze quando ele próprio deixou a Inglaterra para conquistar a Virgínia pela coroa — depois de passar muitos meses na Escócia, lutando pelo rei.

— De que lado você lutou? — Sir William reconheceu que era uma pergunta desnecessária, observando o alto escocês erguendo os ombros. Mas nunca se sabia, e era fato conhecido que os homens mudavam de lado — em alguns casos mais de uma vez.

— Eu era da Commonwealth — disse Matthew Graham, e Sir William franziu a testa para o orgulho em sua voz.

Sir William olhou para ele com antipatia. Ele não tinha paciência com esses fanáticos religiosos extremistas, embora tivesse que admitir que o casal à sua frente não parecia ameaçar a lei e a ordem, apesar de que o homem admitisse ter opiniões puritanas. O rei foi restaurado, lembrou a si mesmo, e o reino foi curado. Chega de brechas, de conflitos que destroem o país. Ainda assim... Ele amava o velho rei e, aos olhos do jovem, viu uma leve satisfação por estar do lado que venceu o conflito armado. Isso o irritava,

estimulando-o a uma mesquinhez geralmente não condizente com sua natureza.

— Deseja libertá-lo?

A sra. Graham assentiu, apresentando uma ação recém-tintada, enrolada para evitar que amassasse. Ele leu o documento e sacudiu a cabeça.

— Não; não tenho provas de que esse homem não seja um criminoso perigoso e temo que seja um possível dissidente. Voltem em dois meses e então veremos.

A labareda verde nos olhos de Graham fez com que se encostasse na cadeira, e ele se virou para olhar a esposa. Gelo azul o fez recuar.

Ela fez uma reverência e se levantou.

— Até lá então, Sir William. E é claro que esperarei até a ocasião para entregar alguns pertences que me foram solicitados garantir que lhe chegassem pessoalmente.

Ele gaguejou em indignação.

— Você está carregando despachos para mim?

Ela deu a ele outro olhar frio.

— Estou? Não que eu saiba. Eu tenho presentes para lhe dar, conforme minha conveniência. — Ela colocou a mão no braço do marido e saiu da sala, deixando Sir William boquiaberto.

— Isso foi muito bem — disse Alex. Matthew estava rígido como pedra sob a mão dela, andando tão rápido que ela teve que sair em um trote nada digno para acompanhar. — Matthew! Por favor... — Quando ele não diminuiu a velocidade, ela o soltou, tropeçando antes de recuperar o passo.

À sua frente, as costas de Matthew estavam se afastando e ela parou, sem saber o que fazer. Sua bolsa estava pesada com os objetos cuidadosamente embrulhados que lhe haviam sido confiados para chegar a Sir William, e por um instante ela pensou em jogar os três itens no rio. Mas não o fez, porque, por algum motivo, manipulá-los — e em particular o maior dos objetos retangulares — lhe provocava arrepios na espinha.

Tinha sido tudo culpa de Matthew; ela sugerira que primeiro entregasse os pacotes ao governador e, depois que se estabelecesse como uma emissária de confiança da corte inglesa, solicitaria que ele assinasse a ação — o que ela tinha certeza de que ele teria feito, sem nem mesmo se preocupar em lê-la corretamente. Mas Matthew tinha sido inflexível. Ele queria que o governador assinasse a ação com base em sua própria história, não porque estava distraído com outras coisas. E agora ele ficaria de mau humor, ou se jogaria na cama deles e se recusaria a falar com ela, enquanto a raiva que fervia dentro dele esfriava a níveis administráveis.

Ela decidiu não voltar para a pensão, mas partiu na direção do farmacêutico. Tinha certeza de que encontraria a sra. Gordon lá, generosamente dando conselhos entre seu elegante flerte com o proprietário indefeso, sr. Parson, um homem alto e magro com uma impressionante juba de cabelos brancos. A loja dele estava cheia de frascos e jarros, com cachos de ervas secas, favos de mel e coisas estranhas que ela preferia não olhar muito de perto, tudo impregnado por um aroma bastante agradável de cera de abelha e cravo.

— Sra. Graham! Venha tomar um chá? — O sr. Parson sorriu para ela da escada e ela sorriu de volta. Uma das razões pelas quais Alex o apreciava era que ele não apenas vendia chá, mas também gostava da bebida, tendo desenvolvido um vício por ela durante vários anos em Lisboa. Depois que descobrira outra ávida bebedora de chá em Alex, ele sempre lhe oferecia uma xícara quando ela aparecia. Era terrivelmente caro, mas de vez em quando ela se permitia o luxo de reservar algum dinheiro para si mesma.

A sra. Gordon saiu lá dos fundos e garantiu ao sr. Parson que ela era perfeitamente capaz de cuidar da pequena loja enquanto ele tomava uma xícara de chá, e em menos de cinco minutos Alex estava sentada em um banquinho na cozinha de porta aberta, bebendo com prazer o líquido quente em sua xícara. O sr. Parson se surpreendeu com seu resumo dos eventos da manhã, mas não parecia indevidamente preocupado.

— Nesse caso, realmente não importa. Como você é a esposa e mantém o contrato dele, bem, o contrato pertence a ele mesmo.

Alex achou aquilo um tanto confuso, e o sr. Parson explicou novamente. Qualquer coisa que uma esposa possuísse pertencia ao marido. Nesse caso em particular, ela podia ver um benefício nisso, mas o resto...

— E se uma garota rica casar com um sujeito desagradável que só a quis pelo dinheiro?

O sr. Parson mordeu o lábio.

— Uma garota se casa com quem o pai escolhe. Então o pai tem a obrigação de garantir que o futuro marido seja um homem de bom caráter. Ele certamente intercederá se sua filha for maltratada.

— E o que acontece quando o pai morre? Ou o irmão dela ou quem foi responsável pelo arranjo do casamento?

O sr. Parson não respondeu; em vez disso, ofereceu um pouco mais de chá a Alex.

Demorou algum tempo para Matthew perceber o fato de que Alex não o seguia mais. Uma rápida olhada na rua o fez constatar que ela não estava à vista, e ele teve vergonha de desmentir a mulher o que realmente era sua culpa. Mas ter aquele homem pomposo negando-lhe algo que nunca deveria ter sido tirado dele em primeiro lugar, o fez querer vomitar. Pensou em refazer seus passos para encontrá-la, mas depois de alguns momentos de indecisão decidiu continuar caminhando, chegando à beira-mar onde se sentou à sombra, descartando o casaco para permitir que a brisa fraca o esfriasse.

Ele sabia que seus silêncios a preocupavam, e às vezes percebia como ela se sentia excluída, mas não podia deixá-la entrar, não quando tudo que ele queria fazer naqueles momentos sombrios era machucar alguém. Voltou seus pensamentos de raiva para Luke; tudo tinha sido culpa dele. Pensar em Luke serviu apenas para incendiá-lo ainda mais, enfurecido com o destino que havia escolhido deixar aquela criatura maligna e distorcida viver, em vez de tê-lo levado numa febre infantil.

Ruivo e de olhos verdes, Luke tinha sido uma criança bonita e alegre, um garoto tão mais novo que ele que era mais um incômodo do que um irmão. E quando Matthew voltou da guerra, Luke o

seguiu, com uma admiração brilhando em seus olhos por aquele estranho que era seu irmão e que tinha matado homens, vários homens, no calor da batalha. Em algum ponto, o relacionamento entre os irmãos mudou de afeto mútuo para distanciamento.

Um ano depois, seu pai rígido expulsou Luke por fornicar com Margaret, ignorando os pedidos de Luke de que ele pudesse se casar com ela, pois ele a amava, a amava, entende? Se apenas o pai tivesse concordado com isso, Matthew suspirou. Em vez disso, Margaret, aos quinze anos, foi deixada em Hillview desejando o homem que sempre amou, mas que estava convencida de que nunca mais voltaria. Então ela se virou para ele, para Matthew, e ele ficou lisonjeado com a atenção daquela linda moça — não, mulher. Ele já havia estado com mulheres antes, é claro que sim, mas nunca havia sido tocado do jeito que ela o tocava, nunca se sentira queimar de desejo e, três anos depois de Luke ter saído, ele se casou com Margaret.

E então Luke voltou, coincidentemente no dia em que enterraram o pai. Depois disso tudo deu errado; sua esposa levando Luke para a cama no quarto do casal, rindo dele quando os encontrou. E a criança; seu filho, Ian, que Margaret disse que era de Luke. Só que não era, como ele descobriu muitos anos depois.

Ele suspirou e usou um graveto para esboçar um L maiúsculo na poeira diante de si. Anos de prisão por causa de Luke — condenado por um crime que nunca havia cometido. Uma criança roubada dele, impossível de recuperar, outra criança perdida pela cruel surra a que Luke havia submetido Alex. Ele deveria tê-lo matado quando teve a chance — ninguém jamais saberia. Em vez disso, cortara o nariz de Luke e, por isso, Luke havia feito aquilo tudo com ele. Tanto ódio, uma terrível bile amarelada que maculou a vida de ambos. Agora era tarde demais; não havia caminho de volta, nem possibilidade de consertar todas aquelas pontes destruídas.

Retirou a carta que havia começado a escrever para Simon de dentro da camisa e releu o que tinha produzido até aquele momento. Riu sombriamente da tarefa da qual estava encarregando o cunhado; investigar como Malcolm Graham morreu no final de 1653, quase nove anos atrás. Bem, se alguém poderia fazer isso, era seu amigo legalmente treinado. Por trás do exterior robusto e da

jovialidade de Simon, havia uma mente de extrema lucidez. Ele não tinha certeza do que queria alcançar com seu pedido; a possibilidade de Luke ser condenado por assassinato? Mas e se Margaret tivesse empurrado Malcolm para morrer?

Ele primeiro ouviu o som de algo se agitando e levantou os olhos da carta para ver em frente de si um navio. A tripulação estava ocupada recolhendo as velas, as âncoras sendo abaixadas com pesados respingos de água e o convés estava cheio de homens. Ele ficou boquiaberto; como tinha chegado tão perto sem ele perceber? Os barcos estavam partindo na direção do navio e, com um mau pressentimento, percebeu que reconhecia aquele navio em particular.

Matthew enfiou a carta no bolso do casaco e se retirou para a sombra, um espectador relutante dos acontecimentos que se desenrolavam à sua frente. Seus olhos se fixaram nos homens que estavam sendo abaixados nos barcos, os rostos parecendo gotas pálidas. Ele estava a apenas alguns metros do ponto de desembarque e olhou para os recém-chegados. Será que ele tinha parecido assim, imundo, com um fedor penetrante de vômito e uma palidez que indicava semanas fora do sol? Quis se afastar, mas sentiu-se obrigado a assistir àquilo até o fim, permanecendo enraizado no local enquanto a caravana triste tropeçava em direção ao bloco de leilão com pernas bambas e enfraquecidas.

— Desperta lembranças, não é? — disse Jones, materializando-se do nada ao seu lado. Quando Matthew se afastou, Jones o seguiu. — Uma vez escravo, sempre escravo. — Ele bateu o chicote com força no couro de suas botas, rindo quando Matthew se encolheu com o som.

— Uma vez um monte de merda, sempre um monte de merda — disse Matthew. Jones ergueu o chicote. — Vá em frente — provocou Matthew. — Continue e use isso em mim, e veja o que acontece com você.

O chicote desceu, Matthew desviou, e Jones quase se desequilibrou com o impulso do movimento, mas recuperou o equilíbrio com a graça de um enorme gato, rodando tão rápido que Matthew não teve possibilidade de fugir. O golpe o acertou na orelha e, com um grunhido, Matthew atacou.

Um punho acertou seu queixo, ele grunhiu, bateu de volta, e então tudo foi um turbilhão de chutes e socos. Grande demais, forte demais; Jones estava sorrindo com desdém, mãos grandes em punhos do tamanho de presuntos. A parte mais sã do cérebro de Matthew implorou para que ele desistisse e fugisse, e ele de fato começara a se virar quando um chute o jogou no chão.

Senhor misericordioso! Ele mordeu a língua com a força do impacto, a boca inundando com o gosto do seu sangue. Para cima; levante-se. Matthew balançou a cabeça em um esforço para clarear a mente, um movimento brilhou à sua direita e ele rolou, o pé de Jones errando sua cabeça por não mais que um centímetro. Ele havia se recuperado e estava se levantando quando o chute seguinte bateu em seu flanco. Ah! Como uma bexiga de porco perfurada, ele caiu no chão, agarrando-se ao pé do agressor. Jones xingou, tentou se libertar. Matthew puxou com todas as suas forças e, como uma árvore arrancada, Jones caiu em sua direção. Matthew rolou novamente, evitando por pouco que Jones despencasse em cima dele.

Matthew gemeu, ficando de quatro. Jones xingou e cuspiu, sentou-se e se jogou em Matthew, esmagando-o. Sem ar. Matthew tossiu, tentou tirar o peso insuportável de suas costas.

Água; eles estavam perto da costa e uma mão enorme e carnuda desceu sobre a nuca de Matthew, arrastando-o em direção à água. Matthew cravou as mãos, os dedos dos pés e os joelhos, jogando-se para trás. Jones resmungou, afundou os dedos no pescoço de Matthew e o levantou em direção à costa de seixos. Matthew o mordeu, ganhou um segundo de descanso e se retirou da água. Jones disse algo, seus dedos estavam de volta, dedos punitivos que afundavam em tendões e nervos. Uma polegada, mais uma polegada, a grama se tornou areia, a areia seixos e ali estava a água. Jones forçou a cabeça dele sob a superfície.

Em desespero, Matthew deu um pinote, seu cotovelo acertou alguma coisa e o aperto no pescoço relaxou o suficiente para ele se libertar. Rastejou de quatro e lá estava a mão novamente, puxando-o de volta para a água, enquanto outros homens gritavam e aplaudiam. Eu vou morrer, Matthew conseguiu pensar. Sua cabeça estava novamente submersa. Ele lutou como um demônio,

conseguiu tração no fundo com as mãos, e se levantou o suficiente para puxar um pouco de ar antes de cair novamente.

Quando Alex saiu da loja do sr. Parson, viu um grupo de pessoas correndo em direção ao rio e seguiu os passos, curiosa com o ar geral de festa. Ela parou quando viu o navio, os homens. Seu olhar voou sobre a multidão, procurando por Matthew, e seu coração fez uma manobra estranha quando viu o nó de homens, um amontoado apertado de vozes altas e aplausos que ignoravam o leilão em andamento.

Ela abriu caminho, usando pés e cotovelos quando precisou. Assim que chegou à frente, o barulho desapareceu e, quando ela atravessou a última fila de homens, viu o porquê. Matthew e Jones estavam no mar, os membros de Matthew ficando fracos enquanto Jones segurava sua cabeça debaixo d'água. Alex não parou para pensar.

— Assassinato! Ele está matando meu marido! — Ela se lançou sobre Jones, agarrou o grandalhão pelos cabelos e puxou com força. Jones xingou e deu um tapa nela, mas, ao fazê-lo, desistiu de segurar Matthew, e, para alívio de Alex, ela viu a cabeça do marido reaparecer, a boca aberta quando ele engoliu em seco. Ela apertou mais o braço e arrastou Jones para trás, ele uivando como um porco preso. O aperto dela no cabelo dele escorregou e, com uma exclamação furiosa, Jones afastou Alex, voltando-se para a vítima pretendida.

— Cinquenta testemunhas — Alex gritou. — E eu juro, Dominic Jones, que vou vê-lo enforcado se colocar um dedo no meu marido novamente. — Ela se plantou na frente dele, toda tensa. Se ele tentasse alguma coisa, ela o mandaria para o chão — ou era o que ela esperava, engolindo em seco ao avaliar seu tamanho. Jones parou e estudou os espectadores até então muito silenciosos. Ele hesitou, olhou para onde Matthew estava sobre mãos e joelhos, vomitando. Suas mãos se contraíram, fechando-se em punhos ameaçadores, e então o mestre do porto também estava lá, ficando entre Matthew e Jones.

— Vá embora — disse ele a Jones.

— Saia do meu caminho — Jones rosnou. — Ele começou e agora deve pagar o preço. Um contratado levantar as mãos para um homem livre!

— Ele não começou nada, foi você que começou — disse o mestre do porto. — E adicionarei minha voz à da senhora Graham, se necessário. — Um murmúrio de assentimento surgiu entre os homens, um arrastar de pés, e dois deles se adiantaram para ajudar Matthew a se levantar. Com um xingamento pesado e um último olhar para Matthew, Jones se afastou.

O mestre do porto colocou a mão gorducha no ombro de Matthew.

— Fique longe dele, Graham. Jones é um homem perigoso.

Matthew assentiu, passando a mão trêmula sobre o rosto molhado. Ele inalou, prendeu a respiração e expirou, repetindo o procedimento algumas vezes antes de dar os poucos passos que o separavam de Alex. Ela não disse nada — não conseguiu — apenas levou a mão à bochecha dele, à boca dele.

— Estou bem, de verdade, Alex, estou bem. — Ele a levou para onde havia deixado o casaco, largado em um banco improvisado. — Não vamos tentar comprar passagem para esse. — Ele cuspiu na direção do Henriette Marie.

— Claro que não — disse Alex. — Embora talvez possamos nos esgueirar a bordo e atear fogo nele. — Isso arrancou um pequeno sorriso de Matthew. — Ele ia te matar.

Suas mãos se entrelaçaram no tecido das saias, e ela não conseguia se lembrar o que fazer para relaxar a tensão nelas.

— Mas não matou. — Matthew foi soltando os dedos dela do tecido, um por um.

— Não, ele não matou. — Ela se aproximou o suficiente para descansar a testa contra ele, aspirando seu cheiro, tão tranquilizadamente quente e vivo. Matthew a abraçou, dedos longos traçando padrões suaves em suas costas. — Ele tentará novamente.

— Sim. E tudo a pedido do meu amado irmão. — Ele se inclinou para trás para ver o rosto dela. — Você me comprou de volta bem a tempo. Se tivesse levado algumas semanas mais, eu estaria morto, Jones estaria mais rico e Luke estaria gritando de alegria.

— Provavelmente. — Alex colocou a mão na dele e eles voltaram sem dizer nada, até que entraram na pequena rua que levava à pensão, onde Alex o fez parar. — Aqui — disse ela, procurando em sua bolsa e retirando dela a cópia do contrato com Fairfax.

Matthew olhou para ela confuso.

Alex se contorceu; realmente não gostava de dizer aquilo.

— Eu sou sua esposa, certo?

Ele meio que sorriu e levantou uma sobrancelha para garantir que ela era.

— Qualquer coisa que possuo é, portanto, por definição, sua — até eu sou sua. — Ela fez uma careta, ele esperou, claramente divertido. — Então, se eu possuo sua escritura e sou sua esposa, segue-se que a pessoa que realmente possui sua escritura é você mesmo. Não importa o que o governador diga ou faça, você é livre. — Ela esperou enquanto ele processava, e ficou feliz ao ver a luz se acender em seus olhos. — Eu me pergunto o que tudo isso faz de mim — ela resmungou quando eles entraram no quintal. — Uma vaca?

Matthew colocou um dedo na cintura da saia, puxando-a para ele.

— Você é minha, sim. Minha esposa — não uma vaca. — Ele apertou a nádega dela e balançou a cabeça na direção da casa. — Cama. Agora.

Alex riu, tentou se soltar de seus braços e mãos.

— Esqueça; estou faminta. Você terá que esperar até depois do jantar.

Matthew segurou-a com firmeza e a empurrou para as escadas.

— Não, você é que vai esperar para jantar.

Ele definitivamente tentou, e por alguns instantes, foi quase como costumava ser entre eles, faíscas voando quentes dos dedos para a pele; quase, mas não exatamente, e então o estranho voltou, um homem que fazia amor cortês e distanciado com ela. Isso a fez querer chutá-lo nas bolas.



Na manhã seguinte, Alex só teve que olhar para Matthew para ver que a alegria tinha desaparecido e seu ressentimento habitual e fervente estava de volta. Ele estava sentado na pequena mesa, as sobrancelhas cerradas em uma linha escura, ocupado com sua carta. Alex suspirou; uma das primeiras vítimas daquele humor sombrio fora o sexo matinal, principalmente porque ele estava fora da cama e vestido muito antes de ela acordar. Ela se esticou, rolou na direção dele. Ele fingiu não perceber que ela estava acordada, sua pena arranhando o papel.

— Oi — ela tentou, recebendo um grunhido em resposta. Ela bateu na cama ao lado dela, meio sentada. — Venha aqui — ela ronronou, seus seios claramente visíveis. Matthew colou as costas no encosto da cadeira e esticou as pernas compridas, cruzando-as nos tornozelos.

— Eu já estou vestido.

Ela se curvou por um instante antes de endireitar a coluna.

— Ótimo. — Saiu da cama, se vestindo com pressa furiosa antes de desviar-se da cadeira a caminho da porta. — Isso nunca vai funcionar. Nós nunca encontraremos o caminho de volta para como costumava ser se você continuar se fechando para mim. — Ele estendeu a mão para ela, mas ela balançou a cabeça. — Tarde demais, senhor Graham. Eu já estou vestida, viu? — Ele se encolheu quando ela jogou as palavras de volta para ele e isso a fez feliz. Desgraçado!

— Não é apenas minha responsabilidade. Eu tento e tento, rio e interpreto a família feliz, tento mostrar a você que te amo tanto agora quanto antes, mesmo que o homem com quem agora compartilho minha cama seja muito diferente do homem que conheci em uma charneca. Também não foi exatamente fácil para mim.

— Você não foi vendida como um animal — ele retrucou. — Não passou meses vivendo como escravo.

— Não, eu só passei mês após mês imaginando o que você poderia estar vivendo, morrendo por dentro ao pensar que alguém estava abusando de você, te matando de fome. — Ela lhe lançou um olhar sombrio, agarrou o chapéu e saiu.

Matthew a viu emergir no beco, ajeitar o chapéu de palha e partir em direção à cidade. Ele deveria ir atrás dela, mas o que poderia dizer? Observou-a sumir de vista, selou sua carta a Simon e desceu para o café da manhã, agradavelmente surpreso ao encontrar James lá.

— Vocês brigaram? — James perguntou. — Ela parecia bem chateada, a pequena Alex.

Matthew deu de ombros.

— Não sei direito — disse ele, salgando seus ovos. — Ela diz que eu me fecho para ela, e sim, eu faço isso. Não posso sobrecarregá-la com a raiva que atormenta meu interior e, nos meus momentos mais sombrios, temo que eu possa descontar nela. Ele suspirou e se concentrou em sua comida até que o prato foi limpo. — Costumávamos nos amar de manhã — ele murmurou, mantendo os olhos na mesa. — Mesmo nos primeiros dias de volta com ela, foi assim. Mas agora eu acordo muito antes dela, e meu pau está duro e rígido, mas é mais raiva do que amor. Então, em vez disso, eu me levanto e me visto. Ele puxou a caneca de cerveja e bebeu. — Isso a machuca. Ela gosta quando começamos o dia juntos. E eu também.

— E hoje?

Matthew se contorceu.

— Ela me queria, e eu disse que já estava vestido.

— Ah — James assentiu, procurando em sua trouxa pelo cachimbo. — Você tem que se explicar e deve fazê-lo em breve.

Matthew bebeu um pouco mais. Ele já sabia disso; mas simplesmente não sabia como fazer.

Alex ainda estava sufocada pela rejeição quando chegou aos aposentos do governador. Anunciando que tinha objetos do rei para entregar, ela foi admitida na sala de jantar, onde Sir William estava sentado sozinho no final de uma longa mesa. Ainda em trajes da manhã, com um roupão de seda cor de ameixa por cima de uma camisola de linho, Sir William a encarou com desdém.

— Que idiota incompetente deixou você entrar? E ainda por cima sem ser anunciada!

— Sir William — ela fez uma reverência, ignorando sua pequena explosão.

— Dois meses — disse ele, tentando dispensá-la com um aceno.

— Decidi que não me permitiria ser tão mesquinha quanto o senhor. — Ela procurou em sua bolsa e pegou dois pequenos objetos embrulhados. — Eles foram confiados a mim por Dom Ángel Benito Muñoz de Hojeda, após sua morte em Barbados, e prometi cumprir sua missão e entregá-los ao senhor, com os cumprimentos do rei.

— Um livro — disse Sir William, erguendo o objeto maior, e a expressão de prazer em seu rosto era tão espontânea que Alex sorriu, apesar do fato de que ainda estava zangada como o inferno. Ele largou o pacote fechado. — Posso lhe oferecer um café da manhã?

Ela olhou para os ovos amontoados e sentiu o estômago dar uma cambalhota, uma rápida onda de náusea subindo em direção à boca. Ela não podia estar! Não tão cedo...

— Uma laranja, talvez? — sugeriu Sir William, coçando o nariz impressionante. — Eu mesmo cultivei na minha plantação.

Alex fez barulhos de apreciação adequados, duvidando que o governador tivesse feito muito mais do que supervisionar o plantio. Pela aparência de suas mãos, ele não gostava muito de trabalho manual.

— Por que não abre? — ela perguntou, indicando o livro.

— Quanto mais eu esperar, maior a surpresa. Vou prolongar a sensação por mais algumas horas.

Alex assentiu, cortando sua laranja em seções comestíveis.

— E o outro?

Sir William o pesou na mão.

— Um anel — ele adivinhou —, ou talvez um medalhão.

Ele abriu e mostrou a ela uma excelente miniatura de um homem com feições melancólicas e cabelos longos; o rei, obviamente. Ao redor da imagem central, havia um carvalho, e ela perguntou se era uma tentativa de transmitir a impressão de que Carlos II era tão robusto e duradouro como a árvore. Sir William riu dela.

— É o Royal Oak, a árvore na qual ele se escondeu enquanto caçado como um animal pelas tropas da Commonwealth.

Outro enorme buraco em sua educação em história, concluiu Alex. A miniatura foi montada e Sir William prendeu-a em seu roupão para exibi-la.

— Muito bonito — ela murmurou, escondendo um sorriso.

— Sim — disse o governador —, acho que um pequeno lembrete de onde deve estar minha lealdade.

— Obrigada pela laranja — disse Alex, uma vez que já tinha terminado, e se levantou. — Espero que seja um bom livro.

Sir William a chamou de volta antes que ela chegasse à porta.

— A ação, vou assinar agora, se estiver com você.

— Está. — Alex enfiou a mão na bolsa, o calor subindo pelo pescoço, pelas bochechas e até os ouvidos quando seus dedos roçaram o terceiro pacote, o que ela escolhera não entregar. Ela estremeceu só de tocá-lo. Entregou a ação a Sir William, que a desenrolou e assinou antes de devolvê-la.

— Eu não estava no meu melhor ontem — ele murmurou, evitando os olhos dela.

— Não, está muito melhor hoje. — Ela colocou a mão na dele. — Todos nós temos nossos dias ruins, certo?

Se ele ficou surpreso com a sinceridade dela, não demonstrou.

— Sim, ousa dizer que todos nós os temos. — Ele sorriu, os olhos escuros se enrugando nos cantos.

Quando voltou, Alex correu na direção da senhora Adams. Ela não tinha ideia do que a fez desembrulhar o terceiro pacote a caminho da cidade, e deu apenas uma espiada antes de enfiá-lo mais fundo na bolsa. Agora o pacote a chamava, um sussurro insistente para que o puxasse e o olhasse, olhasse atentamente e se afogasse.

Oh, Deus; suor brotou ao longo de sua espinha. Uma pintura; um dos portais mágicos de Mercedes, redemoinhos azuis e verdes levando a um meio vertiginoso de branco brilhante. E o tempo todo estava entre as coisas de Don Benito, de todas as coincidências! Se alguém tivesse pensamentos fantasiosos, quase podia imaginar que a pintura estava fazendo o possível para encontrá-la. Alex riu, trêmula. Aquilo era totalmente ridículo, ela disse a si mesma, mas teve que parar e respirar fundo duas vezes.

Ela levantou sua bolsa. Deve ser queimado — não, *precisa* ser queimado — e ainda assim... bem, talvez ela não devesse. Matthew insistiria para que fosse destruído no momento em que batesse os olhos nele, e essa percepção fez Alex parar, virar-se e seguir em direção ao farmacêutico, na esperança de encontrar a sra. Gordon lá.

E ela estava. Alex piscou e soltou um sorriso enorme. O sr. Parson e a sra. Gordon estavam frente a frente na pequena loja, de mãos dadas. Alex assistiu o alto e distinto sr. Parson se curvar para beijar a sra. Gordon na testa. Ela virou as costas, contou até cem e depois entrou, pegando o casal em um beijo caloroso.

— Preciso da sua ajuda. — Alex sorriu para o vermelho manchado que brilhava contra o branco do colarinho da sra. Gordon. — Você pode continuar a beijá-la mais tarde — ela prometeu a um sr. Parson rosa peônia, puxando a sra. Gordon na direção da cozinha. — Olhe para você — disse Alex à sra. Gordon. — Que imã de caras você está me saindo.

— Oh, sim? E o que é um ímã de caras? — A sra. Gordon bateu de novo no colarinho engomado.

— Uma mulher que deixa os homens babando por ela.

— Nem todos os homens — disse a sra. Gordon, impaciente.

— Não, apenas capitão Miles, senhor Coulter em Barbados e agora senhor Parson.

— O sr. Coulter era um viúvo enlutado e o capitão Miles é um homem casado.

— Ainda assim eles gostavam de você, e você sabe disso. — Alex sorriu com a expressão que brilhou no rosto da sra. Gordon. — Eu quero que guarde algo para mim — ela continuou, cavando em sua bolsa.

Na pressa atabalhoada, jogou o pacote na mesa, mas errou, fazendo-o oscilar na beirada antes de cair no chão. O pano macio em volta dele se prendeu no tampo da mesa de madeira, permitindo que a pintura caísse no chão. Alex chiou e deu um passo instintivo para trás.

— Não é uma cobra — disse a sra. Gordon, curvando-se rigidamente para estudar a pequena pintura retangular.

Alex olhou para ela surpresa.

— Você não sente isso?

A senhora Gordon balançou a cabeça.

— Sente o quê?

— Hmm. — Alex mordeu o lábio. — Don Benito me deu — mentiu. — Foi minha mãe quem pintou.

A Sra. Gordon pegou o quadro pequeno e o colocou sobre a mesa, olhando-o com interesse.

— Sua mãe? Ele a conhecia?

É claro que não, Alex teve vontade de dizer: minha mãe ainda não nasceu — espere um minuto; sim, Mercedes nascera eras atrás, na Sevilha medieval. E esteve ali — naquela época — deixando pinturas para trás, e tudo isso era tão confuso que fez Alex querer se retirar para dormir por uma semana. Ou então vomitar.

— Não, mas ele deve ter encontrado em Sevilha, que era sua cidade natal.

— Ela não era muito boa, era? — a senhora Gordon disse, fazendo Alex engasgar com uma gargalhada. Se ela soubesse! — O que é isso? Um mar pequenino? Um trecho de um rio?

— Eu não sei, e talvez não seja bom, mas era da minha mãe e gostaria que você guardasse para mim.

— Por quê?

Alex suspirou.

— Matthew não gosta dele.

Matthew nem sabia que existia, mas no momento em que soubesse, ele o partiria em dois com um machado, e isso era algo que Alex não podia permitir que acontecesse. Ela não tinha ideia do porquê, a parte racional de sua mente estava lhe dizendo que a coisa certa a fazer era destruí-lo, mas seus instintos estavam lhe dizendo que não. Os olhos negros da sra. Gordon dispararam da imagem para Alex, mas finalmente ela concordou.

— Temos que embrulhá-lo, cobri-lo completamente — disse Alex.

Ignorando a expressão de surpresa da sra. Gordon, ela se aproximou da pintura com os olhos bem fechados, usando apenas o tato para envolvê-la com o pano. Por insistência de Alex, a sra. Gordon encontrou mais um pedaço de tecido e, quando ela terminou, um pacote bem amarrado repousava sobre a mesa, os sussurros sedutores da tela abafados em um zumbido indistinto. Alex relaxou.

— Explique — disse a sra. Gordon, seus olhos de grãos de pimenta indicando que nenhuma delas iria a lugar algum até Alex dizer a verdade.

— Não posso, você não acreditaria em mim.

A sra. Gordon empurrou o pacote na direção de Alex.

— Se você não me disser, não vou guardá-lo. Eu posso ver que você acha perigoso.

Bem, ela tinha razão, admitiu Alex, imaginando como começar.

— Você pode começar do começo — sugeriu a sra. Gordon. — Pode começar explicando por que uma moça andaria com longos calções azuis e os cabelos cortados curtos, como você estava na primeira vez em que te vi, quase quatro anos atrás.

Alex lançou um olhar pensativo à sra. Gordon, endireitou os ombros e respirou fundo. Aqui vai.

— Jeans, eles são chamados de jeans, calças compridas e, de onde eu venho, todo mundo usa, homens e mulheres.

A Sra. Gordon não disse uma palavra. Nem uma vez ela interrompeu ou expressou descrença. Apenas sentou e ouviu, seu rosto absolutamente neutro. Alex falou e falou, enervada pelo seu silêncio.

— A pintura é uma porta para voltar, eu acho — concluiu ela, olhando com medo para o objeto embrulhado.

A senhora Gordon cutucou o quadro.

— Você acha que pode precisar de uma?

— Não! Claro que não! Mas eu só ... bem, você sabe, às vezes sinto falta dela, da minha mãe.

— Ela era uma bruxa?

— Mercedes? — Alex riu roucamente. — Bem, sim, acho que era. — Ela se abraçou. — Mas eu não sou.

O rosto da sra. Gordon se abriu em um enorme sorriso.

— Você? Claro que não! Não consegue nem tricotar direito.

Nesse momento, o sr. Parson enfiou a cabeça pela porta para dizer à sra. Gordon que havia um bebê a caminho, e que ela, por favor, se apressasse, pois o futuro pai acabara de desmaiar no chão da loja. A sra. Gordon colocou a pintura empacotada em sua cesta de parteira, piscou para Alex e correu atrás dele.

Alex escolheu não voltar para o quarto. Em vez disso, desceu para se sentar na doca, remando com os pés descalços na água barrenta do rio James. Fora um alívio contar à sra. Gordon, mas a suspeita dela em relação à porta para voltar tinha sido irritante, especialmente porque havia chegado um pouco perto demais da verdade.

Nas últimas semanas, ela se vira pensando muito naquela vida perdida: uma vida de conforto e segurança, uma vida em que ela tinha pai e filho. Aqui ela também tinha um filho, e pensava ter um homem, mas o Matthew que havia retornado para ela mudara fundamentalmente e ela não sabia como ajudá-lo a se curar. Seguiu o voo de duas andorinhas-do-mar com o olhar e suspirou.



— **A**qui — Alex deixou cair a escritura assinada na frente de Matthew, largou a bolsa em um canto e se jogou na cama. Ela bocejou, pensando que talvez devesse tirar uma longa soneca da tarde. Tirar a roupa, se livrar daquelas anáguas que pinicavam e deixar seu corpo relaxar na frescura dos lençóis. Quase seis semanas desde o último sangramento... ela pensou em contar a ele, mas decidiu que era muito cedo. Espiou por baixo do braço enquanto ele desenrolava a ação e a lia, a garganta trabalhando. Seu coração ficou com ele, mas ela permaneceu onde estava, esperando que ele fizesse ou dissesse alguma coisa. Matthew se levantou e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Matthew voltou tarde e, depois de procurar Alex no quarto deles, foi até onde James estava sentado do lado de fora da porta do estábulo.

— Você viu Alex?

James balançou a cabeça; além de um breve vislumbre dela no almoço, ele não a tinha visto.

— Ela não está perto da árvore? — ele disse, apontando na direção do sicômoro. — Eu me lembro que ela passa as tardes lá costurando.

Matthew forçou os olhos na direção indicada. O anoitecer estava caindo, e por que ela escolheria ficar lá fora sem luz para trabalhar?

Seus olhos encontraram algo pálido, uma agitação de pano, e ele caminhou em direção a ela.

Ela estivera chorando. Quando o ouviu se aproximar, abaixou a cabeça para esconder o rosto, mas ele a agarrou pelo queixo, forçando-a a encontrar seus olhos.

— Por quê? — ele perguntou, traçando as marcas das lágrimas. Ela tentou se desvencilhar de seu abraço, mas ele não deixou. — Por quê?

— Porque não sei como ajudar. — Ela se levantou, afastando-se dele para olhar o emaranhado de vegetação que margeava o pequeno prado. Alex roçou as saias, jogando uma lagarta verde clara na grama.

— Nos primeiros dias, foi como costumava ser, mas a cada dia você se distancia mais, me exclui. E eu não entendo; por que você não fala comigo? Por que não me permite tentar ajudar? — Alex recuou ainda mais sob a árvore, o rosto escondido na sombra. Matthew veio atrás e pegou a mão dela, entrelaçando os dedos dos dois. Ele ficou em silêncio trançando e destrançando os dedos com os dela, tentando encontrar palavras para explicar.

— Aqueles primeiros dias ... bem, eu estava atordoado. Pensei que poderia estar sonhando, que você logo desapareceria e eu estaria morto. E então, com o passar dos dias e eu me reencontrando em segurança, fui tomado pela raiva. Ainda está forte demais em mim, essa raiva das pessoas que fizeram isso comigo, ela consome tudo e me deixa menos humano, mais fera. — Ele desviou o olhar, apertando a mão dela. — A raiva é como uma barreira. Acordo de noite e meu pau palpita não com amor, mas com raiva, e não vou... não posso, porque temo o que posso fazer com você. Então eu tropeço para fora da cama e eu...

Ele se sentava e olhava para ela, esfregando-se até atingir uma dolorosa liberação. Nada de amor ou prazer, apenas um desejo ardente de tomá-la, forçá-la a se submeter como ele havia sido forçado por outros. E, assim, ele abriu mão da paixão pelos aspectos técnicos do ato de fazer amor, não se atrevendo a se deixar levar para não ser dominado por todo aquele negrume dentro dele, e só Deus sabia o que ele poderia fazer naquele momento.

— Eu não entendo — disse Alex.

Bem, não, como poderia? Matthew suspirou e tentou novamente, procurando descrever o quão assustado estava com o risco de perder o controle, porque, uma vez desencadeada, como ele poderia conter toda aquela raiva e desespero?

— Mas... — Alex mordeu o lábio, flexionando os dedos contra o aperto dele na mão. — É assim que vai ser? Você sempre vai me deixar de fora? Nunca mais vai confiar em si mesmo na cama comigo?

— Eu não sei — respondeu ele, e a expressão nos olhos dela o fez desviar o olhar.

— Eu não acho que você faria isso — disse ela.

— O quê?

— Me machucar. Eu acho que você não pode.

— Então você tem mais fé em mim do que eu — disse ele. — Simplesmente não posso arriscar.

Ele ficou em silêncio, os dedos entrelaçando-se nos dela. Ao redor deles, as sombras alongadas da tarde estavam se transformando na escuridão do início da noite, um melro relampejava, uma pequena borboleta subia em direção ao céu púrpura. Ao lado dele, ela estava prendendo a respiração, um sinal claro de que estava fazendo um esforço para não chorar. Matthew se levantou e tentou pensar em algo para dizer.

Alex o espiou por debaixo dos cílios. Ele manteve os olhos fixos em algo invisível, a mandíbula se contraindo e relaxando ritmicamente. Ele deu de ombros, deu-lhe um sorriso torto e puxou a mão dela, seus olhos de um verde profundo e brilhante na luz fraca — verde com reflexos dourados.

— Você vem?

Ela puxou a mão para trás, balançando a cabeça.

— Alex...

— Vá você — disse ela. — Vá, corra para jantar, para que você possa ir depressa para a cama e fingir que está dormindo quando eu chegar lá.

— Eu não...

— Sim, é o que você faz! E toda vez que você faz isso me despedaça, ouviu? — Ele se encolheu, tentou pegar a mão dela. — Não! Deixe-me em paz, apenas vá. — Ela se afastou dele.

— Não é minha intenção. Claro que não quero te machucar. Mas eu...

— Covarde!

— Covarde? Por não querer machucar você? — As mãos dele se fecharam nos braços dela, pressionando-a contra seu tronco.

— Eu já disse; eu não acho que você faria isso.

— E eu disse; não estou disposto a correr o risco. — Ele estava ficando bravo, ela podia ver como a boca dele se apertava, a curva suave do lábio inferior se dilatando em uma linha reta.

— Mas eu estou! — Ela olhou para ele com raiva, lutando contra seu aperto. — Eu não viajei pelo mundo por isso... esse... estranho castrado. — Oh, Deus, oh, Deus; seu coração se torceu na forma de uma banana ao olhar de absoluta mágoa que brilhou no rosto dele.

— O quê? — Os dedos de Matthew se cravaram em seus braços, e ela se odiou por fazer isso com ele, por provocá-lo, mas de alguma forma precisava romper a maldita parede que ele estava construindo em torno de seu núcleo interno, e a única maneira em que conseguiu pensar para conseguir isso era estimulá-lo à raiva. Alex engoliu em seco; isso a assustava, mas não via outra opção. Ela ignorou o modo como as mãos dele estavam afundando em sua carne, recostou-se provocativamente contra a árvore e o olhou de cima a baixo.

— Você sabe do que estou falando, Matthew Graham. Você perdeu suas bolas, não é? — Ele empalideceu com o tom ofensivo dela e ela chorou por dentro. Mas respirou fundo, trêmula. — Deixe-me saber quando você as encontrar novamente. Até lá, vamos colocar toda essa charada em suspenso, ok?

Ela se libertou e fez como se fosse para casa. Três passos e foi jogada de costas, todo o ar nocauteado dela. Lutou com ele, empurrou-o e arranhou-o, torceu as pernas, incentivando-o, muito de propósito.

A respiração dele estava irregular e, em seus olhos, as manchas douradas haviam desaparecido, substituídas por algo muito, muito mais frio. Ele a beijou furiosamente, faminto, e ela o mordeu,

tentando dar um tapa no rosto dele. Ele desfez os laços das roupas dela, ignorando suas tentativas de escapar, e ela ficou deitada de costas, com a anágua aberta até a cintura revelando seus seios ao anoitecer.

— Me solte! — Ela não tinha mais certeza de que queria fazer aquilo. Ele a estava assustando, machucando, suas mãos e boca a estavam punindo. Mas já era tarde demais, Matthew abriu suas pernas e entrou. Ele a prendeu com seu peso, entrando e saindo, os pulsos dela presos em um aperto doloroso acima da cabeça. Ela arremeteu e lutou, tentando tirá-lo de cima. Ele resmungou, empurrou, afundou-se cada vez mais forte e mais fundo, e ela estava sendo agredida por aquele estranho indiferente, um humano em moto-contínuo que estocava vez após outra dentro dela.

Ele se afastou e se sentou, e ela aproveitou a oportunidade para fugir, rastejando de quatro. A mão dele se fechou em torno de seu tornozelo, arrastando-a de volta para ele. Alex tentou chutá-lo, aquele animal que a estava tratando daquela maneira. Ah! Ela choramingou quando ele a pegou por trás, mãos duras segurando seus quadris imóveis. Ele gemeu e ofegou, proferindo sons ininteligíveis, e durante todo o tempo ele entrou e saiu sem parar, surdo aos protestos dela. Ela estava sendo arrasada pelo próprio marido — não, não por ele, mas pela raiva acumulada que vivia nele, a raiva que ela propositalmente transformou em fúria.

— Oh, Jesus — ela gemeu quando ele a virou. Ela bateu nele, ele deu um tapa nela e então estava dentro dela novamente, e tudo nela gritou contra aquele tratamento agressivo. — Matthew, por favor! Não, querido, por favor... — Ela levantou as mãos para o rosto dele em súplica. Ele congelou com o toque dela.

— Alex? — Ele olhou para ela, olhos negros na luz fraca. — Minha Alex?

Ela apertou os braços em volta dele, dizendo que o amava, que sempre o amaria, não importava o que acontecesse. Um tremor enorme ondulou através dele, suas nádegas se apertaram espasmodicamente, e ele caiu em cima dela.

Matthew sentiu que ela o estava empurrando. Ele sabia que era muito pesado, mas não havia energia nele, nem mesmo para se mover para o lado. Sua boca estava molhada contra o pescoço dela, e ele a beijou ali, onde sua pulsação saltava irregularmente contra a pele.

— Não consigo me mexer — ele resmungou. Senhor, o que ele tinha feito com ela?

— Então não se mexa — ela respondeu com a mesma voz rouca. Os braços dela subiram ao redor dele novamente, os dedos flutuando sobre os cabelos cortados. Ele enterrou o nariz nos cachos dela, queria ficar assim para sempre.

— Acho que tem uma pedra embaixo do meu traseiro — disse ela depois de um tempo. — E eu realmente não quero outro machucado. — Matthew gemeu; ele suspeitava que a havia marcado com mais do que um ou outro machucado.

Ele rolou para longe e não conseguiu encontrar os olhos dela, tão envergonhado do que havia feito. A anágua fora rasgada, as saias arregaçadas para o alto, descobrindo-a indecentemente. Suas mãos tremiam quando ele puxou primeiro uma camada depois outra para baixo. Desajeitadamente, ele lhe cobriu também os seios, usou o polegar para enxugar as lágrimas e descansou a testa na dela, repetindo um agoniado “perdoe-me” uma e outra vez. Ela o calou e disse que, obviamente, o perdoava. Quando ele se levantou, ela agarrou a mão dele e o persuadiu a se deitar de volta na grama.

— Não, vamos ficar aqui mais um pouco. Ainda está bem quente. — Ele sorriu e deu um tapinha no próprio peito. Com as costas da mão, localizou o batimento cardíaco dela logo abaixo da mandíbula. Em seus ouvidos soava seu próprio pulso, e ele tentou separar uma batida da outra, isolar seu som do dela, mas eles estavam perfeitamente misturados, duas metades formando um todo. No alto, havia uma lasca de lua nova e, quando o crepúsculo se transformou na noite, as estrelas surgiram ao seu lado, uma a uma.

— Você tem meu coração nas mãos, Alex — ele sussurrou. Ela se aproximou ainda mais, uma mão quente e exploradora deslizando em suas calças para segurá-lo.

— Bem, eu definitivamente tenho um bom aperto nas suas bolas também — ela respondeu, e ele riu aliviado.



2006

Magnus quase desmaiou quando entrou no estúdio. No cavalete havia uma pintura de um mar, ondas selvagens de água colidindo umas com as outras. Nos azuis e verdes, lembrava os portais do tempo de Mercedes, em todas aquelas pequenas telas que ele havia queimado quase quatro anos atrás.

— O que é isso? — perguntou, tentando manter a voz neutra.

Por cima do ombro, Isaac lançou-lhe um olhar.

— É um navio pirata.

A tensão nas costas de Magnus se suavizou, os ombros caíram. No topo das ondas, Isaac havia pintado uma coisa torta com velas salientes e uma bandeira de Jolly Roger.

— E onde está Jack Sparrow? — ele perguntou, despenteando os cabelos de Isaac.

— Não é o navio dele — Isaac se inclinou para frente para adicionar alguns traços de branco às suas ondas. — Minha avó Mercedes pintou o mar? — ele disse, virando-se para encarar Magnus.

— Por que você pergunta?

Isaac levantou os ombros estreitos e ossudos e inclinou a cabeça para o lado. Por um instante, foi como ver Mercedes parada

diante dele, desde a curva da boca até as linhas escuras das sobrancelhas, franzidas sobre os olhos da cor de grãos de cacau.

— Eu apenas acho que ela pintou. — Isaac esfregou um dedo sobre a mesa manchada. — Viu? Tanta tinta azul. Mas talvez ela tenha pintado o céu.

Magnus sorriu torto. Os únicos céus que sua esposa já havia pintado eram vermelhos como sangue, estampados com fumaça escura das piras queimando no centro das pinturas.

— Não tenho certeza — disse ele. — Ela pintou muitas coisas que eram apenas cores.

Isaac assentiu, aparentemente satisfeito com a resposta. Ele voltou para seu navio pintado e Magnus voltou para sua cozinha e uma xícara de café fortificante.

— Por que você as queimou? — Isaac perguntou durante o jantar.

— Hmm? — Magnus serviu a Isaac um pouco mais de purê.

— As pinturas, as que Mercedes fez.

— Como você sabe que nós as queimamos? — Magnus perguntou.

Isaac espetou uma almôndega com o garfo.

— Morra, inimigo vil. — Ele riu e enfiou a almôndega na boca. — Papai que disse — falou de boca cheia.

— Ele disse? E não fale enquanto mastiga.

— Para Diane — contou Isaac quando sua boca estava vazia de novo. — Eles estavam falando sobre todas as pinturas que queimaram.

— Ah. — Magnus empurrou o prato para longe.

— Então por quê? Elas não eram boas? — perguntou Isaac. Dois vincos paralelos apareceram entre as sobrancelhas. — Você sempre diz que eu pinto como ela, e...

— Eram muito boas — Magnus interrompeu. — Eu te disse. Ela fez exposições, ganhou muito dinheiro. Ele suspirou. — Mas... bem, depois que ela se foi, não tive vontade de mantê-las. Elas me lembraram muito dela. — E o aterrorizavam também, aqueles quadrados de cores retorcidas, mas ele não tinha intenção de dizer isso a Isaac.

— Às vezes... — Isaac começou. Mas fechou a boca.

— Às vezes o quê?

— Eu ouço a voz dela. Quando eu pinto, às vezes eu ouço a voz dela, ou da mamãe.

— Ah, vamos lá, Isaac! Como pode ser isso? — Magnus tentou rir um pouco, revirando os olhos.

— Eu ouço — disse Isaac, estufando um pouco o lábio inferior.

— E o que elas dizem? Escove os dentes, coma suas verduras? Isaac balançou a cabeça.

— Não é assim! Eu só... é como alguém cantando muito, muito longe.

— O rádio — Magnus assentiu —, ou uma das óperas de Eva. — Ele cantarolou alguns versos de Carmen, fazendo Isaac sorrir. O garoto desceu da cadeira e sentou-se no colo de Magnus, braços finos o abraçando com força.

— Sim; é o rádio — ele bocejou.

Eu espero que sim, pensou Magnus.

Nas próximas semanas, Magnus pairava pelo estúdio sempre que Isaac estava lá, encontrando um pretexto após o outro para ir ver seu neto artista. Ou era uma forma de biscoitos que precisavam ser degustados, ou saber se Isaac queria manteiga holandesa ou comum com aspargos, ou se tinha feito sua lição de casa.

Mas não importava quantas vezes ele entrasse no estúdio, não importava o quanto se esforçasse para escutar, nem uma vez ele ouvia algo parecido com música — exceto quando Eva ouvia o rádio no andar de baixo. Ele sorriu para o neto, naquele dia absorvido representando uma erupção vulcânica, o tempo todo conversando com as figuras pequenas que tentavam fugir da lava que se aproximava. O garoto tinha uma imaginação vívida, só isso.



Aquilo tinha sido feito com certa elegância, Alex admitiu enquanto se afastava. A garotinha que ouvira chorando entre os galpões abandonados havia desaparecido, se espremendo entre uma brecha na cerca que era estreita demais para Alex abrir caminho, e agora ela estava presa — ou a caminho disso.

Três homens avançavam em sua direção. Ela lambeu os lábios. O homem com cara de furão à sua direita — Sykes, ela achava que era o nome dele — seria o mais fácil de chutar para o chão, e então ela correria dele, enfrentaria os arbustos grossos e espinhosos, e voltaria para a beira do mar.

Ela puxou as saias discretamente e se esticou nas pontas dos pés algumas vezes. Músculos se alongando em suas pernas, respirou pelo nariz em um esforço para acalmar seu coração acelerado. Havia sido diferente em Barbados, onde ela nem havia parado para pensar — infelizmente —, mas ali, diante de três agressores, todos se movendo propositadamente em sua direção, não conseguia encontrar coragem. Ela bateu na própria coxa; recomponha-se.

— Ah, a bela Sra. Graham — zombou Jones. Quando ela se afastou para a direita, ele se moveu rapidamente, bloqueando seu caminho. Oh, Deus, ele era enorme — de jeito nenhum ela seria capaz de derrubá-lo no chão em uma tentativa. Seus pequenos olhos viajaram por Alex de cima a baixo algumas vezes, finalmente permanecendo em seu peito. — Agora, por que tanta pressa? O sr.

Fairfax fez muitos elogios às suas... err... qualidades. — Ele a olhou maliciosamente, e logo atrás Sykes gargalhou.

— O sr. Fairfax é um filho da puta sem qualidade nenhuma — respondeu Alex, acenando com o dedo mindinho no ar. — Agora saia do meu caminho antes que meu marido o veja.

— Seu marido? E o que você acha que ele pode fazer? — Jones se aproximou, avolumando-se para amontoá-la contra a parede do galpão mais próximo. Ele deu uma olhada na área deserta ao redor deles. — E ele não está aqui, está? — Bem, ele estava certo sobre isso.

— Ele sabe onde estou — ela mentiu. Pelo menos ela esperava sinceramente que ele tivesse notado quando ela disparou na direção dos antigos armazéns em ruínas. Ela fez uma verificação rápida; o terceiro homem se retirara para ficar à sombra inclinada de uma das construções, mas pelo canto do olho ela viu Sykes se aproximando pelo outro lado. Não tinha certeza do que eles pretendiam fazer com ela, de alguma forma a expressão de Jones não indicava nada além de uma intenção de humilhar.

— Mesmo que ele soubesse, seria tarde demais — disse Sykes, e em seus olhos ela viu luxúria, os lábios dele se esticando em um sorriso faminto.

— Você acha? — A voz de Matthew soou como um chicote, cortando o ar pesado e úmido. Jones endireitou-se e, num instante, Alex percebeu que era exatamente isso que Jones pretendia, Graham enfurecido defendendo sua esposa, e o que ele deveria fazer senão revidar? As mãos enormes de Jones se fecharam e um olhar frio e calculista voou entre Sykes e Jones.

— Tem um atrás de você — ela avisou.

— Ah. — Matthew rodou e enfiou o cotovelo no rosto sardento do acólito mais jovem de Jones. Sem um som, o homem deslizou para o chão. Matthew avançou, a mão no punho de sua espada recém-adquirida, e que de repente estava brilhando ao sol, a lâmina posicionada na direção geral de Sykes, que recuou. Dois passos rápidos, uma investida e os calções de Sykes foram cortados ao longo do lado direito. Sykes xingou, Matthew se moveu e houve um corte na camisa do adversário.

— Matthew — Alex gritou e ele girou, bem a tempo de desviar o impulso de Jones. As lâminas raspavam uma contra a outra, Matthew fez algo com o pulso e saltou para trás, a espada levantada. Jones ajustou seu aperto, fez algumas tentativas e sorriu. Seus olhos dispararam para Sykes, ele sacudiu a cabeça e Sykes assentiu, segurando uma faca de lâmina longa.

Homens estúpidos; eles tinham se esquecido dela, ambos com a atenção em Matthew. Bem, ela poderia pelo menos equilibrar as probabilidades um pouco. Um Sykes surpreso gritou quando ela o derrubou no chão, aterrissando pesadamente em cima dele.

Com um grito, Jones atacou, se movendo tão rápido que ela não conseguiu entender o que ele estava fazendo. Matthew recuou, bateu o calcanhar em uma pedra e caiu. Alex ofegou e se agachou. Swish! A espada de Jones brilhou ao sol. Matthew rolou, se erguendo sobre um joelho. O golpe seguinte, ele conseguiu desviar, e lá estava ele de pé novamente, mas estava mancando, e Jones esticou a boca pequena em um sorriso largo.

O sol caiu sobre eles. Os dois homens se lançaram e recuaram, colidiram, xingaram e recuaram novamente. Alex não tinha certeza do que fazer. Sykes estava lutando embaixo dela, lançando um fluxo constante de ameaças. Correr para ajudar Matthew significaria liberar seu domínio sobre Sykes e, além disso, ela não tinha tanta certeza de que seria de alguma ajuda para Matthew, caso escolhesse se juntar à dança mortal que girava ao seu redor.

Um grunhido e sangue brotou no antebraço de Matthew. Jones riu, balançou a lâmina novamente. Um grito, um barulho e Jones estava segurando a mão livre ao lado do corpo, com Matthew forçando-o a recuar. Para frente e para trás a luta fluiu. Ambos eram altos, tinham longo alcance e experiência óbvia em manusear suas armas, mas onde Jones era mais forte, Matthew era gracioso, disparando em volta de Jones como uma vespa enervante.

O calor estava começando a pesar sobre Jones. O suor se espalhava em manchas escuras em sua camisa, sua respiração era dura e tensa. Alex lançou um olhar preocupado para Matthew; ele estava ofegante, mas, exceto por estar mancando, ele parecia relativamente intacto. Jones mudou o punho da espada e a girou em arcos largos ao redor dele, como se fosse uma foice.

Matthew bloqueou e desviou, ele dançou para a direita, para a esquerda. Um momento ali, o outro aqui, e por toda parte ao longo dos braços de Jones os cortes apareceram, ao seu lado e na frente a camisa estava desfiada, pequenas manchas de sangue decorando o linho grosso.

Jones rugiu como um touro.

— Fique parado! — Ele balançou loucamente, Matthew enganchou a espada e a lançou voando, e assim a ponta de sua lâmina acabou descansando no pescoço de Jones. O braço inteiro de Matthew tremeu, sua mão apertou o punho a ponto de ficar branca.

— Não — Alex disse de onde ela estava sentada em Sykes. — Não.

— Muito imprudente — concordou uma voz seca, e todos se viraram para ver o governador da Virgínia a alguns metros de distância. — Senhores — ele acrescentou em uma voz de aço, e indicou que eles deveriam precedê-lo em seus escritórios.

— Eu não vou tolerar isso! — Sir William olhou para eles, os olhos brilhando entre Matthew e Jones. — Não na minha cidade, não na minha colônia, ouviram?

— Ele estava me defendendo — Alex interrompeu.

— Defendendo você? Não quisemos fazer-lhe nenhum mal — disse Jones.

— Não? Foi por isso que você a atraiu para os armazéns abandonados? — Matthew rosnou. — Era por isso que a estava impedindo de sair?

— Eu certamente me senti ameaçada. — Alex virou-se para encarar o governador. — Ele... — Conseguiu soltar um soluço estrangulado. — Ele me empurrou contra a parede, e... — Ela abaixou a cabeça, fazendo mais um som sufocado.

— Calma, minha querida — disse o governador —, venha e sente-se. — Ela virou os olhos arregalados para ele, sorriu instável. — Meu marido chegou bem a tempo.

— Realmente! — Sir William virou-se para Jones com raiva e, pelas costas, Alex compartilhou um rápido olhar com Matthew para

garantir que ela estava bem.

— Sir William — disse Jones —, o senhor me conhece como um homem com a cabeça firme nos ombros, um homem de boa reputação nesta comunidade. O ataque de Graham não foi provocado e o que eu deveria fazer, não me defender?

— A dama sustenta uma versão diferente — respondeu Sir William.

— A dama? — Jones zombou. — Essa é a esposa de Graham, o que ela diria?

Sir William olhou de Alex para Jones de novo.

— Ela faria qualquer coisa pelo marido — acrescentou Jones com um brilho malicioso nos olhos. — Qualquer coisa mesmo, eu afianço. — Ele inalou, parecia a ponto de dizer algo mais. Certo; hora de mudar de assunto.

Alex ficou de pé.

— Esse homem gigantesco e agressivo é tudo menos um adorno para sua colônia, sir William. O senhor tem alguma ideia de como ele trata os homens sob seus cuidados?

— Alex, cale-se — Matthew interrompeu.

— Como me calar? Você foi sequestrado e tentou contar a ele, não foi? Você pediu a ele para ajudá-lo, mas ele ajudou? Não, ele apenas riu de você e te machucou... e... — Para sua irritação, Alex começou a chorar — de verdade.

— Alex — Matthew suspirou e entregou-lhe um lenço. — Está tudo bem, sim? — Os olhos dele a penetraram, uma advertência silenciosa para não dizer mais nada.

— Ele me ameaçou — disse Alex depois de alguns segundos, voltando ao assunto original. — Se os outros homens forem questionados sem que ele esteja presente, tenho certeza de que vão confirmar.

— Oh, eu os questionarei — assegurou o governador —, de fato isso já foi feito. O jovem Brown era um tanto volúvel quanto ao assunto, e o que ele diz sustenta o que conta a dama, Jones. A dama — ele repetiu, olhando Jones de cima para baixo — ou de baixo para cima, visto que ele era quase um pé mais baixo.

— A dama — murmurou Jones, olhos azuis pálidos estudando Alex com aversão. — Ainda está errado que ele, Graham, fique

impune. Ele levantou uma arma contra mim, um homem livre, e ele é um contratado.

— Oh, não, Sr. Jones — disse o governador. — Graham é tão livre quanto você. Eu próprio assinei a ação. Algo para se lembrar.

Jones parecia como se alguém tivesse derramado uma garrafa inteira de óleo de fígado de bacalhau em sua garganta, a boca pequena tão franzida que parecia uma ameixa minúscula.

— E você, senhor Graham, empunha a espada como um verdadeiro cavaleiro — continuou Sir William. — Posso perguntar onde aprendeu a arte da esgrima?

Matthew deu uma risada curta e surpresa.

— O senhor sabe onde, Sir William, no campo de batalha, ousou dizer que não há escola melhor, existe?

— Não — concordou o governador e, por um instante, trocaram um olhar, os únicos dois soldados de verdade na sala. — Eu ficarei com suas espadas e, se eu encontrar algum de vocês duelando de novo, os farei serem açoitados no pelourinho, ouviram? — Com isso, Sir William deu um bom dia para todos. Momentos depois, Alex e Matthew estavam de volta à rua.

— Por que você me impediu de contar a ele? — Alex perguntou enquanto voltavam para casa. — Serviria de lição a Jones e Fairfax se o governador enfiasse o nariz nos negócios sujos de sequestros deles.

— E você acha que ele não sabe?

Alex parou.

— Não, acho que não.

Matthew levantou uma sobrancelha escura, levantou as duas.

— Não — Alex repetiu.

— Bem, se ele não sabe, outros definitivamente sabem — e lucram com o empreendimento — e não tenho intenção de passar todos os dias aqui olhando por cima do ombro para garantir que não sejamos esfaqueados para nos afogar em nosso próprio sangue. É o suficiente termos que nos preocupar com Jones.

— Oh — Alex engoliu em seco. — Você foi bastante impressionante — acrescentou ela um tempo depois.

— Eu quase cheguei tarde demais. — Ele parou para passar um cacho atrás da orelha dela. — Não quero que você saia sozinha.

Ela pegou a mão dele.

— Nem você deveria; é você que ele quer machucar.

— Matar, Alex, ele quer me matar, não me machucar. Terei cuidado, sim?

Agora, por que será que aquilo não lhe dava nenhum conforto? Alex enfiou o braço debaixo do dele e segurou-o com força.

— Não há passagens! — Matthew jogou o chapéu no chão. — Nem nesse barco e nem nos últimos quatro que tentamos. E eu não vou permitir que viajemos no porão.

Alex colocou a mão no braço dele.

— É apenas junho. Nós vamos encontrar passagem. O mestre do porto diz que temos uma boa chance em um dos próximos navios.

Ele suspirou; eles iam ao porto todos os dias, vasculhando o horizonte em busca de navios e, quando estes ancoravam, ele se apressava a bordo, apenas para ser informado de que os lugares já estavam reservados.

Seis navios até agora, mas de acordo com o mestre do porto, os navios estariam operando os mares até outubro. Outubro! Mais um ano perdido! Ele lançou um olhar para Alex; ela parecia um pouco pálida, estava assim há alguns dias. Devia ser o calor, ou talvez ela estivesse tão consumida pela saudade de casa quanto ele. Ela apertou um pouco o braço dele.

— Não é como se estivéssemos morrendo de fome, e com os trabalhos manuais que você tem feito e a minha costura estamos praticamente nos sustentando. — Ela revirou os olhos, admitindo que ainda a surpreendia que alguém estivesse disposto a pagar por seus esforços com agulha e linha.

— Sim, bem — ele brincou. — É bom que você possa costurar, já que não nos manteria com o seu tricô.

— Huh — ela bufou, fazendo-o rir.

Eles andaram pelos cais, desviando de carroças carregadas até o céu com fardos de tabaco. Matthew fez uma careta e aumentou o passo. Apenas o cheiro já trazia de volta muitas lembranças, e

quando ele viu as costas largas de Jones, cerrou os dentes e partiu a meia corrida, arrastando Alex atrás dele.

Uma volta rápida, e Matthew parou abruptamente. Kate, aqui! Ele não a via desde fevereiro, e a última vez que falou com ela foi naquela tarde de janeiro, quando ela cuidara de suas costas laceradas. Uma onda de gratidão misturada com ternura correu através dele, e quando ela levantou a mão em saudação, ele fez o mesmo, seu rosto abrindo um sorriso largo.

— Kate! — Ele acenou novamente, correndo em sua direção.

— Kate? Quem é Kate? — A voz de Alex era o equivalente a um balde de água gelada. Matthew diminuiu o passo para um ritmo casual e reorganizou suas feições em uma expressão menos efusiva do que antes.

— Minha nossa, Matthew Graham! Eu mal te reconheci. — Kate sorriu, os olhos escuros se suavizando quando encontraram os dele. Ele se curvou, congelando ao ver sua barriga saliente. Meu Senhor! O olhar dele voou para encontrar o dela.

— Você não precisa se preocupar. — Kate riu. — Eu não vou reivindicar que você ajude a criar. Não vou nem pedir que lhe dê um nome.

Ao lado dele, Alex inalou ruidosamente. Matthew fechou os olhos, seu estômago se contraindo como se ele estivesse correndo. Sua esposa soltou a mão do aperto dele e deu um passo para trás, os olhos grudados na barriga inchada de Kate.

— Matthew? — Sua voz tremia. — É... Você... — Ele não conseguiu encontrar os olhos dela. — Oh, Deus. — Ela girou e se afastou na direção geral da água.

— Alex!

Ela tropeçou, seus braços voaram, mas ela recuperou o equilíbrio e quando ele partiu atrás, ela começou a correr. Ele a alcançou e a pegou pelo braço.

— Não! Tire suas mãos traidoras de mim, seu desgraçado!

— Alex — ele implorou, mas ela balançou a cabeça.

— Agora não, apenas me deixe em paz. — Quando ele permaneceu de pé ao lado dela, ela acrescentou um “por favor” e deu as costas para ele, olhando teimosamente para a água até que ele recuou alguns passos. Com um som desarticulado, ela se

apressou e ele a soltou, seu coração mergulhando rapidamente em direção ao chão. O olhar dela, o choque e decepção absolutos escritos em todo o rosto...

— Sinto muito — disse Kate, aparecendo ao seu lado. — Eu não tive a intenção de...

— Sim, você teve — ele a interrompeu. — Você sabia exatamente o que estava fazendo.

Kate se remexeu um pouco.

— Bem, talvez ela deva saber.

— Por quê? — Matthew disse friamente. — Por que ela precisaria se machucar? Você sempre soube que eu tinha uma esposa, eu nunca te prometi nada — eu não poderia te prometer nada.

— Você deveria saber pelo menos. — Ela colocou a mão na barriga.

— Saber o quê? Que você está grávida? Que acha que pode ser meu? — Ele a olhou de cima a baixo. — De quanto tempo você está?

— Seis, sete meses.

— Ah, sim? Então você não sabe, não é?

— Não, não sei. — Ela colocou a mão no braço dele. — Vou me casar hoje, hoje à noite serei a senhora Jones. Ele acha que é dele.

Matthew se livrou do aperto dela.

— Desejo-lhe o melhor em seu casamento — disse ele formalmente e saiu para ir atrás de sua esposa. Ele não olhou para trás, nem uma vez.

Encontrou Alex no quarto deles, juntando as coisas dela.

— O que você está fazendo?

— Estou mudando minhas coisas — disse ela. — Vou dormir com a sra. Gordon por algum tempo. Para sempre, talvez... Não me apetece dividir a cama com um homem que foi infiel a mim. — Ele desviou o olhar, envergonhado pelo que viu nos olhos dela.

— Diga-me — provocou Alex em tom desagradável. — Ela era a única? Ou você encontrou muito mais conforto do que eu poderia imaginar, passando de um par de braços para o outro?

— Você me conhece melhor do que isso. — Ele pôde ouvir o quão fraco isso soou, considerando os fatos presentes.

— Conheço? Aparentemente, não! Veja bem, eu pensei que você se apegaria aos seus votos de casamento, que eles seriam verdadeiros. Mas então, suponho que sou uma tola, não é? Os homens são criaturas simples, governadas por seus instintos básicos e nós, suas esposas, devemos entender e perdoar. — Ela deu um passo em sua direção, brandindo uma agulha de tricô. — O que você teria feito se fosse eu dormindo com outro homem?

O pensamento o fez fazer uma careta e ela assentiu.

— Foi o que pensei. Hipócrita! — Ela enfiou a agulha em um novelo de lã e o deixou cair em cima de seus outros itens. Uma torção rápida, e ela levantou a trouxa. Ele se levantou para bloquear o caminho dela.

— Com licença — ela disse friamente.

— Você não vai a lugar nenhum. Você vai ficar e conversar sobre isso.

— Eu não quero conversar. Na verdade, também não quero olhar para você. Você me enoja. — Aquelas palavras arrancaram pedaços dele.

Ele abaixou o rosto para encará-la.

— Você vai ficar e ouvir.

— Me obrigue — ela sussurrou, seus olhos vomitando fogo azul.

Ele apertou a mão na nuca dela e a beijou, ignorando os protestos abafados, as tentativas dela de bater nele. Ele a beijou até que ela abriu a boca na dele. Eles se separaram, o peito arfando.

— Não vai funcionar — ela disse, lambendo os lábios. — Só porque você pode me beijar até tirar o fôlego, não significa que eu vou te perdoar.

— Não, mas ajuda. — Ele a agarrou e os derrubou na cama que protestou. — Agora — disse, prendendo-a debaixo de si —, você pode ouvir?

Ela lutou como um gato bravo, a touca de linho caindo no chão e os cabelos virando uma massa de cachos escapando sobre os travesseiros. Ele grunhiu quando ela lhe deu um soco no nariz. Por um instante, ele levantou a mão para bater nas costas dela, mas, em vez disso, ele a beijou, mantendo-a cativa com seu peso, e de

repente ela estava lutando não para empurrá-lo, mas para trazê-lo para perto; o mais perto que ele poderia chegar.

As saias foram empurradas para o lado, os dedos dele encontraram a pele aveludada na parte interna da coxa dela, e Alex puxou os laços, as mãos brutas e sem cuidado quando encontraram o membro dele. Vai ser dessa forma? Ele a empurrou para baixo e entrou nela, um movimento forte embainhando todo o seu comprimento.

Ela exalou, amolecendo abaixo dele. Mais uma vez fundo, e ela flexionou os quadris para encontrar os dele. Ele diminuiu o ritmo e a beijou. Ela emitiu sons urgentes, mas ele não aceitou nada, aproveitando o tempo para explorar sua boca. Lentamente; seu pênis se esticou para dentro, para cima, suas bolas pressionadas contra a carne dela. Oh, tão devagar, e Alex quase uivou, as mãos agarrando suas orelhas, seus cabelos, a respiração quente contra sua bochecha quando ela implorou para ele terminar, para não a torturar assim. Seu pênis concordou, rugindo que estava quase estourando, e ele poderia, por favor, ir em frente com aquilo?

Ele ficou em silêncio depois, ouvindo o som de suas respirações pesadas combinadas. Ela estava deitada de costas, olhando para o teto. Matthew inalou, lambeu os lábios.

— Eu estava muito doente. Estava perto da morte e ela me salvou. — Ele descreveu aquelas semanas em outubro, com o rosto escondido nos cabelos dela. — Estava errado, e eu te traí fazendo isso. Mas você vê... — Ele suspirou e se apoiou para olhá-la. — Sem ela, acho que eu teria morrido.

— Por que você não me contou antes? — Alex perguntou, uma expressão que ele não conseguia decifrar pairando no rosto dela.

— Eu esperava que você nunca tivesse que saber.

Ela acariciou a cabeça dele, tocando os cabelos curtos com os dedos.

— E é seu?

— Eu não sei.

— Você não sabe? Então ela também estava confortando os outros? — Isso fez Kate parecer uma prostituta, e Matthew lançou-

lhe um olhar de reprovação.

— Você não tem noção, não é? Ela fez o que tinha que fazer para sobreviver. — Ele deitou-se, apoiando a cabeça no peito dela. — Você vai me perdoar?

— Sim — ela disse depois do que pareceu uma eternidade. Ela tateou a mão dele e a colocou sobre a barriga. — Este é definitivamente seu, então diga olá para o seu próximo filho.

Por algumas batidas do coração, ele não se mexeu, nem respirou. Ele abriu os dedos sobre o estômago dela e fechou os olhos; obrigado Senhor, por esta mulher milagrosa, pela vida que nela cresce. Ele se moveu para baixo e colou os lábios em um beijo suave na barriga dela. Minha criança. Uma filha, talvez um filho; minha criança.

Durante toda a noite, Alex ficou de olhos bem abertos ao lado dele. Por duas vezes ela se virou para acordá-lo e contar sobre Fairfax, mas nas duas vezes seus nervos falharam, e ela caiu sem dormir contra o travesseiro. De manhã, ela sabia que tinha que contar a ele, por mais prejudicial para os dois, porque, se não o fizesse, não havia honestidade entre eles — nem honestidade deveria haver. Além disso, provavelmente era apenas uma questão de tempo até que o querido Dominic Jones deixasse escapar um comentário insinuante ou dois.

Ela não sabia como começar, mas decidiu contar a ele quando os dois estavam fora da cama, porque não queria que as imagens de Fairfax se sobrepusessem àquele aspecto de suas vidas. Então ela esperou até que estivessem perto da água, sentados à sombra manchada de um pequeno carvalho.

— Eu tenho algo a lhe dizer também. — Algo na voz dela o alertou e ele se endireitou. — Ele me obrigou — disse ela, tentando evitar os olhos dele. — Ele disse que havia um preço oficial e, além desse, havia também um serviço não oficial que precisava ser prestado.

Matthew olhou para ela inexpressivamente, sem entender.

— Se eu não permitisse, ele não garantiria que você estivesse vivo — ela continuou, sua língua se espessando a cada palavra. Ela

pôde ver quando ele juntou dois e dois, uma expressão de repulsa absoluta brilhando em seu rosto. Ele desabou na frente dela, passando as mãos pelos cabelos curtos.

— Não — ele disse, seus olhos nunca deixando os dela. — Oh, senhor...

Ela esperava que ele se enfurecesse, talvez batesse em alguma coisa, e aquela reação totalmente diferente a desconcertou. Ela sentou-se ao lado dele, querendo muito tocá-lo, pegar sua mão. Matthew brincou com algumas pedras, virando-as e estudando-as atentamente. Ele se levantou e caminhou até a beira da água, enviando pedra após pedra voando para aterrisar com um barulho suave. A última ele jogou para resvalar a superfície ondulante antes de se virar para encará-la.

— Conte-me.

Alex mordeu o lábio e balançou a cabeça.

— De que serviria?

Matthew estava ao seu lado tão rapidamente que ela recuou quando ele caiu de joelhos diante dela.

— Eu tenho que saber — disse ele, pegando as mãos dela. — Eu preciso saber. Esse fardo não é seu para carregar sozinha.

Alex inclinou-se para ele.

— Não foi tão ruim, eu estou bem.

Matthew a abraçou e beijou sua orelha.

— Você é uma péssima mentirosa, moça, e eu vou conseguir que você me conte. — Ele a soltou, mas segurou as mãos dela, os polegares correndo em círculos acariciando seus pulsos. Ela abaixou a cabeça e começou a contar. Descreveu os dedos parecidos com lesmas que a tocavam, como ele cheirava a água de rosa enjoativa e o que ele havia feito com ela desde o instante em que a jogou sobre a mesa até o momento em que saiu da sala.

— Fiquei tão assustada que de alguma forma você notaria, ou que eu não suportaria que você me tocasse. — Ela deu uma risadinha estrangulada e encontrou os olhos dele pela primeira vez desde que começara a contar. — No momento em que te vi, sabia que isso não seria um problema. Em trapos e mal conseguindo andar, você ainda era meu Matthew e qualquer preço que eu tivesse que pagar valia a pena.

— Isso importa? — ela perguntou em voz baixa. Seu silêncio contínuo a deixando nervosa.

Matthew apertou mais as mãos dela e a puxou para perto o suficiente para que ela pudesse descansar a cabeça no peito dele. Eles ficaram assim por um longo tempo, ela com a orelha no coração dele, ouvindo como as batidas do coração dele batiam dentro dela, como o ritmo dos dois se fundia, multiplicando-se através da corrente sanguínea para ecoar em sua cabeça.

— Não — ele finalmente disse, beijando sua bochecha. — Não vai.

— Você disse a ele? — A senhora Gordon sentou-se com um baque. — Por que você fez isso?

— Eu não sei, senti que deveria. — Mas ela provavelmente nunca teria contado se não fosse pelo aparecimento de Kate. Algo afundou dentro dela ao olhar no rosto da sra. Gordon.

— O que foi que você fez? — A senhora Gordon balançou a cabeça exasperada. — Santo Deus, menina, o que você fez? Você não tem ideia? Ele é homem, não é? E você acabou de lhe dizer que foi abusada por um homem que ele já tinha motivos para odiar.

Alex congelou por dentro.

— Ele não faria isso!

A senhora Gordon bufou.

— Você acha que não? — Ela balançou a cabeça. — Ele fará Fairfax pagar, e Deus nos ajude quando o fizer, sim?



Alex exclamou com prazer quando leu o pedaço de papel apresentado a ela por um dos criados do governador. Apenas a distração que ela precisava da vigilância constante ao marido, do medo de que, no momento em que lhe desse as costas, ele partiria para matar Fairfax.

— Olha — disse ela, acenando para Matthew. — Fomos convidados para uma recepção.

Matthew parecia menos do que emocionado, fazendo Alex suspirar. Ele desaprovava a amizade que surgira entre ela e Sir William, e não fazia segredo disso. Bem resistente, porém; ela gostava da companhia de Sir William e o incidente com Jones na margem do rio tinha intensificado o relacionamento, com Alex se tornando uma convidada regular sempre que o governador estava na cidade.

Na noite da recepção, eles caminharam de braços dados em direção à Casa da Assembleia. Alex havia ignorado as objeções de Matthew e usava um corpete azul escuro emprestado com um decote bastante ousado que James e Matthew encararam antes de eles partirem, um com apreço e o outro com uma carranca.

Matthew estava de preto sóbrio, com meias de seda escura e linho branco ofuscante no punho e no pescoço do longo casaco bem cortado — tudo cortesia do sr. Parson. Alex lançou um olhar irritado para Matthew. Ela estava ansiosa por aquela noite e não tinha intenção de vê-la arruinada devido a ele ser um idiota possessivo.

Ele encontrou os olhos dela, sua boca se curvando no menor dos sorrisos.

— Você está adorável — disse ele, puxando-a para beijar sua mão. Eles caminharam os metros restantes de mãos dadas.

Alex quase morreu quando a primeira pessoa com quem ficou cara a cara, depois de ter entrado na fila de recebimento, foi Fairfax. Em um casaco bordado, verdes e vermelhos em seda amarela pálida, com uma faixa verde na cintura e fitas de seda combinando nos joelhos das calças, ele parecia bastante cortesão, curvando-se sobre a mão dela.

Sua reação inicial seria dar um tapa nele, ou puxar um grampo de cabelo e esfaqueá-lo naquele olho de porco, mas ela conseguiu manter a compostura, seu olhar fugindo para Matthew em busca de apoio. Um olhar verde enlameado capturou o dela — um olhar que falava da intenção de matar, aqui, agora, se ela pedisse. Eu estou bem, ela assegurou-lhe silenciosamente, mas seu olhar voou para seus punhos cerrados, e uma mão grande desceu para envolver a dela. Isso foi o suficiente. Seu toque, sua presença tranquilizadora, a tornou capaz de respirar novamente.

Quando Sir William apareceu ao lado de Alex, Matthew se retirou para ficar junto à parede. A maioria dos convidados era composta por homens, quase todos vestidos tão sobriamente quanto ele. Apenas Fairfax vestia seu casaco berrante, lembrando Matthew de uma mosca gigante — e igualmente desagradável. Ele franziu a testa e se esticou, caminhando para ficar a apenas um metro de Fairfax, perto o suficiente para sentir o cheiro avassalador — não, o fedor — de água de rosas. Fairfax lançou-lhe um olhar por cima do ombro e empalideceu, dando alguns passos adiante na multidão. Matthew apenas sorriu e seguiu.

Mais uma vez, Fairfax olhou para ele e, com uma risada tensa, se desculpou com o homem com quem estava falando, afastando-se. Matthew caminhou atrás. Aquele animal havia invadido onde ninguém era permitido, e Matthew passou uma agradável hora perseguindo Fairfax pela sala, rindo silenciosamente enquanto o homem gordo e de peruca ficava cada vez mais nervoso e tentava

evitá-lo. Ah, não, Fairfax; não há onde se esconder, não aqui. Quando Fairfax se virou, Matthew sorriu, mostrando todos os dentes. Fairfax estremeceu visivelmente e se afastou.

Matthew assentiu em agradecimento a um dos lacaios e esvaziou o copo oferecido de uma só vez. O vinho adocicado estava subindo à sua cabeça, e ele se retirou para um canto, considerando exatamente o que ia fazer com Fairfax quando o pegasse sozinho. Uma alternativa agradável após a outra se apresentou, todas terminando com um grito de Fairfax implorando. Oh, sim; ele capturou novamente a atenção de Fairfax e ostensivamente estralou os nós dos dedos.

— Matthew! — Alex disse, aparecendo ao seu lado.

— Hmm? — Ele relaxou as mãos, desviou o olhar de Fairfax. — Eu quero ir para casa — Alex sussurrou, deslizando a mão na dele. — Não estou me sentindo bem.

— Não? — Matthew a beijou na bochecha rosada. — Você parece radiante.

Ela corou, mas insistiu que queria que eles fossem embora.

— É ele, eu não gosto de vê-lo.

Não; nem ele. Depois de dar um adeus às pressas ao anfitrião, eles logo estavam caminhando pela silenciosa cidade escura.

Alex acordou assustada na escuridão antes do amanhecer e, sem verificar, sabia que o lado da cama de Matthew estava vazio. Ela também soube imediatamente para onde ele tinha ido e quase caiu da escada com pressa de ir atrás dele. Por que, oh, por que ela havia contado a ele, engoliu em seco, por que não ouvira o conselho da senhora Gordon?

— James! — ela o sacudiu com força. — Por favor, James, preciso da sua ajuda.

James franziu os olhos em sinal de protesto, mas sentou-se, ouvindo Alex um pouco confuso.

— Então você acha que ele foi matá-lo? — ele perguntou, apertando as calças em volta do corpo estreito.

— Sim — Alex soluçou. — E então eles vão enforcá-lo e eu vou morrer.

— Tenho certeza de que não chegará a isso — respondeu James.

Alex insistiu que James deveria ir de mula e andou, sem correr, ao lado dele, uma mão na sela para segurá-la firme. A caminhada de três horas foi coberta em pouco mais da metade do tempo, e quando a plantação de Fairfax surgiu nas sombras diante deles, o céu oriental estava mudando para tons mais claros de cinza, pontilhados de rosa.

Havia luzes piscando na janela do escritório de Fairfax, a porta principal estava entreaberta e eles caminharam em pé silenciosamente pelo corredor, parando diante da entrada do escritório. Alex entrou e caiu para trás, forte o suficiente para colidir com James.

— Oh, Deus! O que você fez, seu homem estúpido?

Fairfax estava sentado em sua cadeira, com a cabeça inclinada revelando que ele era — ou tinha sido — um pouco negligente ao lavar o pescoço. O casaco sumptuoso que ele usava no início da noite estava pendurado nas costas da cadeira e as mangas largas da camisa de linho francesa haviam sido puxadas para trás, uma pena no chão sob a mão aberta. A tinta respingara na frente de suas calças e, ao redor do punhal enterrado em seu peito, tinha brotado uma mancha de sangue.

— Ele já estava assim quando eu cheguei — disse Matthew, aparecendo na relativa escuridão de um canto. — E veja, ele pode estar morto há um bom tempo. — Ele cuspiu para o lado. — Eu gostaria que tivesse sido eu, deveria ter sido eu mergulhando o aço nele, fazendo-o gritar de terror e dor. Mas não foi. — Agora que ele tinha apontado, Alex podia ver que ele estava certo. O sangue parecia seco como a tinta, e quando Alex tocou a mão pendurada, estava gelada.

— Além disso — acrescentou Matthew —, esse não é o meu punhal.

Não, porque o dele ainda estava pendurado no cinto, embora Alex estivesse em dúvida sobre o quanto isso ajudaria.

— Temos que sair daqui — disse ela. — Temos que sair antes que alguém venha.

— Tarde demais para isso, receio — interrompeu Jones, bloqueando a porta. — Bem, bem, Graham. O que você fez agora? De qualquer forma, você vai ser enforcado por isso. Ouso dizer que isso vai agradar muito seu irmão. — Ele sorriu, seus dedos se juntando em um gesto de esfregar dinheiro.

— Eu não toquei nele! — Matthew explodiu. Dois policiais entraram na sala, olhando Matthew com suspeita.

— Não? E então, por que está aqui nesta hora imprópria? — disse o mais velho deles, deixando seus olhos viajarem por Matthew, Fairfax e Alex.

— Eu tinha negócios a tratar com ele — disse Matthew.

Jones riu alto.

— Claro que tinha; negócios relacionados a Fairfax e sua esposa.

O rosto de Matthew ficou vermelho escuro.

— O que eu tinha com Fairfax não é da conta de ninguém — rosnou através dos dentes cerrados.

— Agora é — disse o policial mais velho —, mas talvez deva guardar para o julgamento.

Matthew se afastou deles e, em seus olhos, Alex pôde ver um flash de pânico ao pensar em acabar mais uma vez acorrentado e encarcerado.

— Oh, pelo amor de Deus, seus idiotas incompetentes! — Alex explodiu. — Aquele homem está morto há horas. Desde bem antes da meia-noite! Qualquer pessoa com meio cérebro pode ver isso. Ela viu uma sombra cruzar o rosto de Jones e estreitou os olhos para ele. — Você fez isso!

O policial mais velho lançou-lhe um olhar irritado.

— Jones é — ou era — um funcionário confiável. Ele trabalha para o sr. Fairfax há mais de dez anos. E mesmo admitindo o fato de que somos apenas tolos simplórios, seu marido parece um candidato muito mais provável. — Ele foi até onde Fairfax estava sentado e tocou a pele azulada. — Você tem razão em dizer que ele está morto há muito tempo, mas isso por si só não impede que seu marido o tenha matado, não é?

— Ele não estava aqui! Ele estava comigo na cama.

O oficial mais jovem deu um leve bufo.

— Meu perdão, senhora, mas uma esposa diria isso mesmo.

Alex ficou entre Matthew e os oficiais, levantando-se para se equilibrar na ponta dos pés.

— Ele não fez isso. Vocês estão apenas procurando a saída mais fácil. Estou lhes dizendo que sim, Jones o matou, e posso apostar no porquê também. — Ela estava meio agachada, pronta para saltar, e diante dela os oficiais pararam, lançando olhares cautelosos. O que era inteligente da parte deles, pois ela os chutaria os dentes antes de deixá-los se aproximar de seu Matthew.

— Sério? — Jones falou de forma arrastada. — E por que seria?

Alex lançou-lhe um olhar frio, as mãos ocupadas em afastar as saias.

— Vamos trazer sua esposa aqui, que tal?

Ela sabia que tinha atingido o alvo pela maneira como a boca de Jones se apertou, mas antes que ela pudesse se aproveitar disso, o policial mais jovem avançou. Alex girou, um chute fazendo o jovem cambalear para trás.

— Alex! — exclamou Matthew. — O que você está fazendo?

— Eu não posso... — Ela começou a chorar. — Não posso deixá-los levar você por algo que não fez. De novo, Matthew.

— Mas você não pode chutar um homem inocente assim! — Matthew parecia escandalizado. — Ele estava apenas cumprindo seu dever.

— Me desculpe, eu não quis machucá-lo, mas simplesmente não posso permitir.

O policial se endireitou e a estudou com respeito relutante.

— Onde aprendeu isso?

— Na Suécia — respondeu Alex, desculpando-se mentalmente com os japoneses enquanto decidia que não era hora de lhe dar uma lição sobre a história do Budo. Ela ainda estava parada na frente de Matthew, mas a mão dele estava na cintura dela, tentando tirá-la do caminho.

Ela balançou a cabeça.

— Eles não vão levar você. A menos que me matem primeiro.

James estava assistindo a tudo aquilo em silêncio. Não havia como Matthew se safar, os policiais já haviam se decidido, e a defesa apaixonada de Alex não tinha ajudado, e sim o contrário. Ele lançou um olhar pensativo na direção de Jones. Viu a expressão de culpa quando Alex o confrontou, mas insistir que ele tinha feito aquilo também não adiantaria. Naquela parte do mundo, Jones era alguém conhecido e respeitado, enquanto Matthew Graham era apenas um refugio, um incômodo inconsequente. Não, havia apenas uma coisa a fazer, por mais que isso o fizesse ter câibras nos intestinos. Ele endireitou as costas e entrou no centro da sala.

— Fui eu, eu matei o bastardo gordo. — James cuspiu na direção do homem morto, sentindo uma onda ofusca de raiva. Ele desejava fervorosamente tê-lo matado mesmo, em vingança da vida que havia roubado de Matthew e de centenas como ele, e estava feliz por a larva gorda estar morta. — Há anos, décadas, ele rouba homens inocentes das ruas para fazê-los trabalhar até a morte. — Ele estreitou os olhos para o policial mais velho; um rosto apressadamente desviado. — E você sabia. Ouviu muitos homens protestarem por sua inocência e, no entanto, não fez nada. — Ele cuspiu novamente, afundando os olhos em Matthew para avisá-lo para calar a boca. — Então, agora ele está morto. E espero que queime no inferno.

— Você? — Jones não conseguiu esconder o ridículo de sua voz. — Você não poderia matar uma mosca. Olhe para você, uma bolsa de ossos.

— Oh, sim, eu posso. E eu matei. Eu fiz isso, peguei o punhal e atravessei o coração dele. — Mais uma vez, ele olhou na direção de Alex e Matthew, desejando que ambos ficassem em silêncio. Ele podia ver que Alex estava prestes a protestar, mas a mão de Matthew se fechou em seu braço e ela se acalmou, os olhos nunca deixando James.

— Vocês não podem acreditar seriamente nesse conto absurdo — disse Jones, enquanto os policiais se aproximavam para amarrar as mãos de James. — Nem nas acusações que ele fez ao pobre morto, que nada mais são do que fantasias, já que o sr. Fairfax era muito cristão e honesto, nem em toda essa bobagem sobre ele ter matado o sr. Fairfax. — Acenou com a mão para indicar o corpo

volumoso de Fairfax e virou-se para apunhalar um dedo em Matthew. — Ele fez isso! Eu juro que ele fez!

— Não foi isso que você alegou quando foi nos buscar — disse o policial mais velho. — O que afirmou foi que tinha encontrado seu patrão morto e não fazia ideia de quem era o agressor. — Ele franziu o cenho para seu próprio comentário, olhando para Jones. — Estranho, não é? Matar, passar despercebido e então voltar ao local do crime.

— Agora você entendeu — Alex murmurou. Ela parecia a ponto de dizer algo mais, mas a mão de Matthew se torceu em seu braço e ela fechou a boca.

James suspirou teatralmente.

— Eu confessei. Então, por que ainda estamos aqui? — Ele jogou a cabeça na direção de Jones. — Ele está apenas tentando brandir seu próprio machado, porque não sabe se o bebê na barriga da esposa é dele ou de Matthew. — James sorriu maliciosamente ao olhar no rosto de Jones e levantou uma sobrancelha para os policiais. — Veem? Um homem ciumento.

Jones eclodiu em um último protesto volúvel. Como o policial poderia pensar que aquele desastre de homem teria força para sobrepujar um sujeito grande como Fairfax? Por acaso eles achavam que Fairfax ficaria sentado esperando, talvez usando os próprios dedos para indicar onde colocar a faca? Os policiais deram-lhe olhares irritados; um homem morto, um assassino confesso — por que tornar as coisas mais complicadas? Além disso, o oficial mais velho apontou, a menos que Jones tivesse realmente visto Graham matar Fairfax, não havia provas, havia? Ele interrompeu qualquer discussão adicional com um gesto zangado, curvou-se na direção de Alex e levou James para fora.

Matthew arrastou Alex do escritório a reboque. Apenas quando já estavam do lado de fora, seu aperto relaxou. James foi montado em um cavalo e, quando o grupo de três partiu, Matthew levantou a mão em uma saudação silenciosa. Alex queria chorar. Matthew a pegou pela mão, agarrou as rédeas da mula com a mão livre e começou a longa caminhada para casa.

Agora que a morte de Matthew por enforcamento não era mais iminente, Alex se viu vítima de uma variedade de emoções, principalmente raiva.

— Como você pôde fazer isso comigo? — ela disse, tentando libertar sua mão da dele. — O que no mundo possui você para ir lá no meio da noite?

— Eu precisava, precisava de alguma forma fazê-lo pagar. Mas eu não estava pretendendo matá-lo.

Alex deu uma risada incrédula.

— Não, só garantir uma acusação de lesões corporais graves, não é?

— Sim, isso se encaixa.

— Às vezes você é incrivelmente estúpido. O que acha que Fairfax teria feito se você o tivesse agredido? Nunca contaria a ninguém? Ele teria levado você da nossa cama em vingança, fosse pelos policiais ou por Jones e seus camaradas, e eles teriam deixado você mais morto do que vivo. Ela viu que ele nunca havia pensado nisso e exalou alto pelo nariz. — A vingança é minha, diz o Senhor, lembra?

Eles andaram sem falar, parando de vez em quando para descansar à beira da estrada. Alex recostou-se contra uma árvore nova, tendo primeiro se assegurado de que não havia cobras nas proximidades.

— Se eu não tivesse acordado, teria sido você, não James, no cavalo do policial. E não importa o quão inocente, eles o teriam julgado e considerado culpado. — Ele assentiu de má vontade. — E agora James vai morrer em seu lugar.

— Sim — Matthew gemeu —, ele se condenou por mim.



— De algum jeito, temos que encontrar uma maneira de provar que Jones fez isso. — Alex foi atrás de Matthew a caminho da prisão temporária. Em sua cesta, ela carregava comida, garrafas de cerveja, velas e algumas folhas de papel, além de uma camisa limpa e a Bíblia gasta que Matthew havia pego nas coisas de James.

Matthew não respondeu; aquele tinha sido o tema constante de tudo o que ela havia dito desde que voltaram, e ele teve que reprimir o desejo de chamá-la e gritar que não havia provas. De fato, talvez nem tivesse sido Jones, mesmo que Alex e ele estivessem convencidos de que sim. Ele estava lutando contra a culpa enorme que se contorcia em uma pilha dentro dele. Se não tivesse ido até lá, ou se pelo menos James e Alex não o tivessem seguido. Mas se não tivessem, seria ele sentado sob chave e a fechadura, observando o cadafalso ser construído do lado de fora da janela. Aquilo era o pior; a sensação de alívio agudo por ter evitado a morte pelo laço. Ele não tinha nenhuma ilusão sobre o destino de James — o tribunal o condenaria à força.

— Eu quero vê-lo também — disse Alex, mas o guarda balançou a cabeça.

— Ele solicitou que apenas Graham fosse autorizado a entrar.

— Por que ele faria isso? — ela resmungou para Matthew, entregando sua cesta.

— Ele é meu amigo, e é minha vida que ele está salvando.

Matthew seguiu o guarda até a cela improvisada. Assim que entrou, a porta se fechou, deixando-o piscando com o súbito

desaparecimento da luz.

— James?

— Aqui — veio a resposta, e Matthew foi se sentar ao lado dele na palha.

— Como você está?

James encolheu os ombros; ele não havia sido maltratado e os guardas lhe trouxeram água e pão. A cama era tão confortável quanto qualquer outra que tivesse tido ultimamente, e ele até recebera um cobertor.

— Isso é bom então — disse Matthew.

— Sim, isso é bom. — James explorou a cesta e sorriu com evidente prazer pelas velas e pelo papel. — Você levará minhas cartas com você? Desejo escrever para minha esposa e meu filho.

Matthew assentiu e pigarreou.

— Por que você está fazendo isso? Por que está jogando sua vida fora?

— Jogando minha vida fora? Você não quer viver? — James se inclinou para frente. — Não quer?

— Sim — Matthew admitiu fracamente. — Eu quero.

— Então não vou jogar fora, certo? Estou dando para você viver.

Matthew gemeu, esmagado pela vergonha, e escondeu o rosto nas mãos. James deu um tapinha na cabeça dele.

— Eu sou um homem velho e estou morrendo de qualquer maneira. Você sabe disso, e eu também. Não é um grande problema.

— Mas você será enforcado — disse Matthew —, vai morrer como assassino.

James abriu a garrafa de cerveja e bebeu antes de entregá-la a Matthew.

— Você e eu sabemos que não sou um assassino, e o bom Deus também. E quanto ao enforcamento... — Ele engoliu, engoliu de novo, e mesmo com a luz fraca Matthew podia ver como seu rosto empalidecia, como uma mão subia para esfregar o pescoço desgrenhado. A culpa ardia como brasa descendo pela garganta de Matthew, aterrissando com sibilos de recriminação em seu intestino.

James se sacudiu, deu um pequeno sorriso a Matthew.

— Todo dia eu morro, rapaz. Olhe para mim, dá para me ver definhando. James beliscou seus braços finos. — Ele estava certo sobre isso, o Jones; eu não poderia ter atacado e vencido aquele gordo, a menos que ele se mantivesse muito quieto e tivesse a paciência de um anjo. — Ele bebeu um pouco mais e empurrou a rolha de volta para a garrafa. — É doloroso. Você conhece a história do garoto espartano, o garoto que escondeu um filhote de raposa debaixo da capa?

Matthew assentiu que sim.

— Bem, eu tenho um filhote de raposa me mordendo o tempo todo, comendo minhas entranhas em mordidas lentas e agonizantes. O rapaz espartano não gritou, apenas caiu morto quando a raposa mordeu seu coração. Temo não ser tão corajoso, e que ao invés disso eu vá chorar e gritar como uma garotinha. — James bateu uma mão surpreendentemente forte no ombro de Matthew. — É melhor morrer rapidamente. Eu já estou morrendo, rapaz, apenas escolhi a maneira de fazê-lo.

Matthew saiu da prisão sentindo-se aliviado, a culpa diminuindo para proporções mais fáceis de administrar. James havia explicado várias vezes que os policiais nunca teriam olhado além do homem que já estava lá, presente na cena do crime.

— Só que eu não estava, não quando ele morreu — dissera Matthew.

— Não, o único na ocasião era Jones — respondeu James.

Matthew fervia por dentro, as mãos com os punhos cerrados.

— Não, Matthew, você não deve; precisa me prometer que não vai. — Matthew tentou se desvencilhar daqueles olhos castanhos, sua mente mergulhada no desejo de se vingar de Jones por tudo.

— Você não pode — James repetiu com urgência. — Nunca ganhará dele aqui. Ele é o *establishment*, você é apenas um escravo descontente. — Matthew prometeu, vendo James afundar com alívio.

Uma vez do lado de fora, ele ficou no calor desconfortável e observou a esposa, sentada no banco onde a havia deixado. Seu

chapéu de abas largas escondia a maior parte do rosto, uma mecha rebelde de cabelo escapando para brilhar à luz do sol.

— Você parece uma donzela recatada — disse Matthew, sentando-se ao lado dela.

Alex fez um barulho irritado e devolveu o trabalho de costura à bolsa.

— As aparências podem enganar.

No meio do caminho para casa, ela correu para ficar na sombra de algumas árvores, reclamando alto sobre aquele calor infernal.

— Isso não é nada, espere até agosto e vai ver o que é calor. — Ele ficou relaxado ao lado dela, estudando as poucas pessoas que ousavam enfrentar o calor úmido do meio-dia daquele domingo de final de junho. — Os guardas estavam falando de você.

— De mim? Por quê?

— Por causa do que você fez hoje cedo.

— Do que eu fiz hoje cedo? Oh, você quer dizer quando eu fiz o policial sair voando. — Ela encolheu os ombros. — Eu não o machuquei, você sabe que posso fazer muito pior.

— Não é decoroso.

Ela mostrou a língua para ele.

— Veja se me importo.

— Alex — Matthew suspirou —, eles poderiam ter colocado você no pelourinho. — Ele assentiu com a expressão no rosto dela. — Sim, você não quer experimentar isso, não é?

— E o que eu deveria fazer? Deixá-los arrastar você para longe?

— Eu não preciso que você lute por mim! — Ele suavizou o tom com o olhar magoado dela. — Você é minha esposa; sou eu quem deve te defender.

— Este é um mundo difícil — disse ela —, e devo ser capaz de me defender e aos meus. — Ele concordou, mas extraiu dela a promessa de que não lutaria mais até o nascimento da criança, antes de perguntar como ela mantinha suas habilidades.

Ela encolheu os ombros.

— Eu pratico. — Duas vezes por semana, no mínimo, ela disse a ele.

Depois de alguns minutos na sombra, eles retomaram a caminhada, Matthew com as mãos atrás das costas e um olhar severo no rosto. Ele parecia abatido — não admirava, já que não dormira a noite toda e, além disso, provavelmente estava se afundando em um atoleiro de recriminações. Os olhos de Alex se voltaram para o pescoço dele, a mão dela passando pela garganta.

— Ele está com medo?

— Não. Ele parecia... em paz. — Ele deu a ela um breve resumo da conversa que teve com James.

— Não seria a minha escolha de eutanásia — disse Alex, imaginando vividamente a sensação de queimação quando a corda se fechasse em torno da pele macia de seu pescoço.

— A queda o matará, e nós lhe daremos os meios para ficar bêbado de antemão.

Ela apenas assentiu, enjoada. Pobre James, morrer na frente de tantas pessoas e sem ninguém para segurar sua mão.

Um grito atrás deles os assustou, e eles se viraram para ver a figura robusta do mestre do porto acenando e dizendo algo para eles.

— Uma carta — ele sorriu, entregando-a. — E eu arranjei passagens para vocês.

Alex gritou.

— O navio partirá em três dias — acrescentou o mestre do porto, olhando de um para o outro com expectativa. A alegria dissipou-se tão rápido quanto havia chegado, deixando em seu rastro um vazio oco.

— Três dias? Não há possibilidade de esperar uma semana? — Matthew parecia estar implorando.

O mestre do porto balançou a cabeça.

— Não, ele vai partir pontualmente. Já está embarcando a carga.

Matthew pegou as mãos de Alex nas dele.

— Não posso deixá-lo morrer sozinho.

— Eu sei — respondeu Alex, trabalhando duro para conter a voz raivosa e zangada dentro dela. A culpa era dele. Tudo aquilo era culpa dele!

— Agradeço sua gentileza — disse Matthew ao mestre do porto.

— Mas não podemos partir em tão pouco tempo. Temos um amigo

moribundo.

O mestre do porto assentiu.

— Eu soube: não que Fairfax seja uma grande perda para a humanidade, se assim posso dizer. — Ele deu um sorriso encorajador para Alex. — Haverá mais navios, senhora. — Com isso, ele saiu, sem dúvida, para encontrar novos compradores para os beliches preciosos.

Alex encostou a cabeça no peito de Matthew e chorou. Casa! Se ele não tivesse ido a Suffolk Rose, obrigando James e ela a irem atrás, eles estariam voltando para casa. Ele descansou a bochecha contra a cabeça dela. — Sinto muito, moça, sinto muito, muito mesmo.

Finalmente, ela enxugou os olhos.

— Pelo menos temos uma carta para ler, mas vamos lê-la quando voltarmos ao nosso quarto. Vamos guardar para mais tarde esta noite, ok?

O que ela realmente queria fazer era arrancar a carta das mãos dele e abri-la para ler agora, imediatamente. Os olhos dela caíram no quadrado grosso de papel quando ele assentiu e o colocou dentro da camisa. Matthew colocou as costas da mão no rosto dela.

— Você pode ir nesse navio — disse ele, soando como se tivesse engasgado com algo desagradável. — Posso comprar sua passagem e ir depois em outro barco.

Deixá-lo? Ela encontrou os olhos dele e balançou a cabeça.

— De jeito nenhum; eu não vou deixar você. Com sua sorte, você provavelmente irá acabar em um barco com destino à Groenlândia ou algo assim.

— Parece um lugar maravilhoso — disse ele, com um sorriso na voz.

— Não é, deram ao lugar o nome errado ou os vikings têm um senso de humor muito peculiar. Não é a Terra Verde, é coberta de gelo. E ursos polares.

Em um esforço para distrair os dois, ela começou uma descrição detalhada dos esquimós e iglus, e como, no futuro, os homens explorariam as áridas planícies de neve. Às vezes, sentia falta da diversidade de sua vida anterior, disse a ele, da disponibilidade de informações sobre tantas coisas diferentes.

— Mmm — resmungou Matthew. — Mas por que alguém que mora aqui precisa saber sobre esquimós?

Ela desviou o olhar e suspirou; naqueles dias, tudo era sempre sobre o aqui e o agora, um ritmo lento que às vezes a deixava louca.

— Você pensa nisso com frequência? — Matthew parecia beligerante, surpreendendo Alex ao fazê-la se virar para ele.

— No quê?

— Na sua outra vida — esclareceu Matthew, seus olhos examinando o rosto dela.

— Não realmente, de vez em quando sim, mas não tanto sobre minha vida em si, penso mais sobre minha família.

— Nós somos sua família — ele corrigiu severamente. — Mark e eu, Joan e Simon, até a sra. Gordon.

— Logo será a sra. Parson. — Alex sorriu, provocando um brilho nos olhos dele também. Ela abriu os dedos para entrelaçá-los com os dele. — Eles também são minha família; Magnus, Isaac e John. Eles sempre serão minha família.

Ele resmungou, claramente insatisfeito com a resposta. Eles caminharam em silêncio por algum tempo, balançando as mãos trançadas entre eles como adolescentes apaixonados.

— Então você nunca desejou voltar?

— Não, nunca. Eles são minha família, mas você, Matthew Graham, você é a minha vida. Ela beijou sua bochecha e se afastou para correr os últimos metros para casa.

A Sra. Adams havia muito tempo se resignara à obsessão de sua hóspede com a limpeza e concordara em ceder o galpão que servia de lavanderia para suas abluções, eliminando assim a necessidade de carregar balde após balde de água pelas escadas. Então, quando Alex correu para ela e perguntou se poderia usar o galpão, ela apenas assentiu, movimentando-se para encontrar toalhas e sabão.

— Quer um pavio? — ela perguntou, acenando na direção da lareira.

Alex balançou a cabeça.

— Neste calor?

A senhora Adams deu um sorriso condescendente.

— Isto não é calor — disse ela, ecoando o comentário anterior de Matthew. — Em agosto, bem, então você poderá falar sobre o calor.

— Eu mal posso esperar — Alex murmurou.

— Se Deus quiser, você já estará a caminho de casa — disse a sra. Adams. Ela era uma pessoa notavelmente alegre, refletiu Alex, de uma forma que às vezes soava quase enervante.

— Eu sinceramente espero que sim.

— O mestre do porto disse que arranjou beliches para vocês, ele não os encontrou então? Ele...

Alex bateu a porta da cozinha com força atrás de si. Abriu a porta para deixar entrar alguma luz no interior escuro do galpão de roupas e sentou-se em uma das bancadas de trabalho, chutando a tábua de lavar encostada na calha. Casa... e Mark... Ela tentou imaginá-lo em sua mente. Ele já teria perdido todas as batinhas agora, um menino pequeno, não mais um bebê. Outra pessoa estava fazendo suas roupas e, naquele ritmo, seria Joan, não ela, a primeira a vesti-lo de camisa e calças. O pensamento roeu seu coração como um rato raivoso. Ela voltaria para encarar um pequeno estranho, um garoto cujos gostos e desgostos ela não conhecia.

Ela suspirou; é claro que eles deviam a James estar lá quando ele morresse por Matthew. Deus, ele era um idiota às vezes! Se ao menos... Mas não; como ela poderia culpá-lo, quando tudo o que ele se propunha a fazer era vingar o mal causado a ambos? Homem estúpido, estúpido! Ela mordeu um pedaço de unha e mastigou-o meditativamente. Haverá outros barcos, decidiu enquanto desabotoava os sapatos e tirava as meias. Por um longo tempo, olhou para os dedos dos pés, sem vê-los quando seus olhos se encheram de lágrimas. Ela esfregou o rosto, respirou fundo várias vezes e voltou sua atenção para o próprio banho.

Ele fechou as persianas de vime e acendeu velas, deixando o quarto à meia-luz. Alex soltou um “oh”. surpreso quando ele se

aproximou dela.

— Tire suas roupas — disse ele, observando como os cabelos molhados dela pendiam como cordas pesadas pelas costas. Ele amava aquilo; ficar olhando enquanto Alex despia uma peça de roupa após a outra, até que estivesse nua e branca diante dele. Seus seios já estavam arredondados com a gravidez e, acima do triângulo pubiano escuro, havia uma pequena protuberância óbvia. Ele descansou a mão ali, o polegar acariciando sua pele.

— Você é linda — sussurrou, e a pele dela ficou vermelha. Ele passou os dedos pelos cabelos molhados, desenrolando um emaranhado após o outro, e ela se inclinou contra ele, pressionando os seios nus em sua camisa. Seu pênis estava latejando agora, exigindo ser libertado para tomar sua esposa, mas Matthew não estava com pressa, ele tinha o dia todo, em vez disso, concentrou-se nas intrincadas espirais da orelha dela, na linha de seu pescoço que fluía para baixo. em direção à clavícula, no jeito como ela se encaixava perfeitamente nele. Minuciosamente, ele inspecionou os mamilos, a marca de nascença no quadril direito, as covinhas logo acima das nádegas, e ela ficou respirando pesadamente sob o toque dele.

Ele a empurrou em direção à cama, beijando-a até que tivesse que se afastar para respirar. Ele a puxou para sentar e guiou suas mãos para as calças dele, ficando imóvel quando ela soltou seu pênis de suas restrições. Sua boca, Jesus, sua maravilhosa boca quente, sua língua, seus dedos flutuando sobre ele, acariciando suas bolas. Ele mal podia respirar, afogando-se em um mar de sensações que se centravam no que ela estava fazendo com ele.

— Agora. — Ela se afastou e puxou-o para cima dela, e ele tropeçou nas calças e caiu sem jeito, ouvindo a estrutura da cama gemer e chiar.

— Agora — ele concordou e seu pau era como um pombo-correio, enterrando-se nela. Ele a encheu, segurou suas nádegas e a abraçou tão apertado que podia sentir seu ventre. Ele a montou, posicionando-a diante dele, entrando e saindo, aumentando o ritmo e ainda assim se conteve, porque ela tinha que saber que era dele, tinha que sentir em cada nervo que ele estava nela, dentro dela, possuindo-a. Somente quando a sentiu começar a tremer e viu seus

olhos brilharem quando ela se perdeu nele, foi que ele se soltou, proferindo um profundo som gutural de liberação animal.



Eles leram a carta na cama à luz da vela da cabeceira. Todos estavam bem, Simon começava assegurando, mas Mark esteve doente com sarampo durante o aniversário dele, e depois sucumbiu a uma infecção no ouvido desagradável que os deixou acordados por várias noites seguidas. No final, ele escreveu, seu tímpano havia estourado e uma grande quantidade de pus tinha vazado.

— Ele ficou surdo! — Alex sentou-se consternada.

— Não, não é isso que diz. Diz que seu tímpano estourou — não é grande coisa, é?

— Dói como o inferno, e deveríamos estar lá, com ele.

— Sim, bem; ele tinha Joan e Simon lá.

— Hmph! — Alex disse, mas acenou com a cabeça para ele retomar a leitura.

Simon continuou descrevendo o que havia sido plantado e em que campos, como o repolho na horta havia sido devastado por coelhos, e como Gavin escapou por pouco com a vida intacta após um incidente envolvendo abelhas, uma irada Rosie e a novo touro.

— Touro novo? — Matthew franziu o cenho para o papel. — O que aconteceu com o Atlas?

— Rosbife? — Alex disse, o que Matthew não achou divertido.

A carta terminava com um parágrafo muito apologético, onde Simon começava explicando que não se sentia como se tivesse escolha e que tinha certeza de que Matthew concordaria que esse era o caso. Afinal, o que ele deveria fazer quando Margaret

apareceu com o pequeno Ian, chorando por não ter mais para onde ir?

— O quê? Ela está em Hillview? Puta merda! — Alex bateu a mão na cabeceira da cama e acabou chupando os nós dos dedos, os olhos se estreitando em fendas azuis. Simon continuou dizendo que era claro que Margaret não estava hospedada na casa grande, mas estava de volta em sua casinha. A propósito, acrescentou, Ian era uma cópia de seu pai, assim como aquele pequeno patife, Mark.

— O que ele quer dizer? Que é óbvio que são irmãos, não primos? — Alex parecia ter sido alimentada com um punhado de vermes.

— Meios-irmãos — disse Matthew.

— Hã; da última vez que o vi, Ian era igualzinho a você, assim como Mark.

Matthew dobrou a carta em silêncio. Ele compartilhava a aversão de Alex por ter Margaret de volta em Hillview, mas no fundo emocionou-o o fato de os dois filhos estarem lá.

— Por que ela está lá? — Alex se acomodou para descansar a cabeça no ombro dele. — Você acha que Luke a expulsou?

Matthew não fazia ideia e nem se importava. Margaret e Luke se mereciam, e ele esperava que eles arrancassem pedaços tão grandes um do outro quanto tinham arrancado dele. Mas tinha pena do menino e disse isso a ela.

— Sim — Alex concordou —, pobre garoto. Não tem ninguém para servir de exemplo.

— Servir de exemplo?

— Alguém para imitar — explicou Alex.

— Simon está lá. Certamente qualquer garoto pode usá-lo como exemplo.

Alex escondeu o rosto e riu.

— Quantos meninos gostariam de usar Simon como exemplo? Basicamente, ele parece uma almôndega com pernas, e se senta no cavalo como se fosse um ovo em uma frigideira quente, deslizando para um lado e para o outro.

— Você não deve julgar apenas pela aparência — disse Matthew, tentando parecer reprovador. Mas sorriu do mesmo jeito.

— Não, mas meninos pequenos definitivamente o fazem. Eles querem heróis, homens galantes com capas e espadas — não um advogado inteligente de cidade pequena.

Ela se deitou de costas, acariciando a barriga. Ele cobriu a mão dela com a dele, seguindo seus movimentos para cima e para baixo.

— Já está chutando? — ele perguntou, sentindo uma pontada de inveja de que só ela pudesse experimentar aquele momento no tempo em que a vida passava da possibilidade para a certeza.

— Não, ainda não. Você acha que também é um garoto desta vez?

— Não, desta vez é uma menina. Uma garota tão selvagem e magnífica quanto a mãe. Uma moça que seguirá seu homem até os confins do mundo e além, não importa o que isso lhe custe. Ele sorriu para ela. — E se este não for menina, então o próximo certamente será, ou o seguinte, ou o próximo...

— Cinco? — ela resmungou.

Oh, sim; pelo menos cinco. Ele queria muitos filhos com esta mulher, uma linhagem de filhos e filhas fortes e saudáveis. Inclinou a cabeça, olhando para ela. Teoricamente, eles poderiam ter uma dúzia de filhos, mas ele não via sentido em lhe dizer isso, dado o quão chocada ela parecia com a noção de cinco. Ah, bem; ela se acostumaria à ideia sucessivamente, com cada bebê que escorregasse por entre suas coxas.

— Você se importa? — ele perguntou.

— O quê? Cinco? Digamos que é um pouco assustador para uma garota que cresceu em uma época em que uma mulher pode decidir quantos filhos quer. Em geral, as pessoas optam por dois. — Ela se virou de lado, proferindo um longo "hummmm" quando ele envolveu o corpo dela. — Teremos quantos filhos nós fizermos — disse ela, voltando a dar um tapinha nele. — Porque eu definitivamente não pretendo ficar sem.

— Nem eu, e minha esposa é muito complacente e cumpridora de seus deveres. — Ele riu quando ela lhe deu um tapa na coxa e gritou quando ela o beliscou.

Ainda havia dias em que Matthew acordava cedo demais, inundado de raiva, mas depois daquele momento com Alex perto do sicômoro, ele aprendeu a confiar que ela seria capaz de lidar com isso, caso ele precisasse. Naquela manhã, bastara ficar deitado ao seu lado e abraçá-la, ouvindo sua respiração firme. Era o dia do julgamento de James, e ele se preocupava; com o julgamento em si, e com Jones sendo chamado para depor e insistindo que Matthew Graham havia matado Fairfax, não James. O que o tribunal diria, diante da fragilidade óbvia do réu?

Quando Matthew entrou na cela mais tarde naquela manhã, James estava pálido de dor, mas recusou o láudano, bebendo uma quantidade impressionante de uísque. Ele segurou o braço de Matthew enquanto atravessavam a pequena praça, mas uma vez dentro da sala do tribunal, ele se endireitou e caminhou por conta própria para o local designado. Bem vestido, com sapatos e meias emprestados, James permaneceu durante todo o processo inclinando-se pesadamente sobre a mesa diante dele para se manter em pé.

Foi uma tarefa rápida, graças ao Senhor, o juiz ouvindo com severidade o crime descrito e assentindo com a conclusão tirada pelo policial. Nenhum homem inocente se declararia um assassino, e James repetiu que sim, havia sido ele quem acabara com a desprezível vida do sr. Fairfax, colocando doze polegadas de aço de Toledo em seu coração. A sentença foi dada e Matthew mal ouviu a frase, com os olhos no amigo pálido e trêmulo.

— Será enforcado, senhor McLean — disse o juiz. — Irá para a forca daqui a uma semana.

— Uma semana? — James respirou com voz rouca. — Por que esperar uma semana?

O juiz olhou para ele com perplexidade.

— Se o agradar, Meritíssimo, eu pediria que me executassem o mais rápido possível. Hoje ou amanhã.

— Uma semana — insistiu o juiz, batendo com força o martelo.

— Estarei morto antes de a semana acabar — disse James algum tempo depois para Matthew. — E vou morrer aqui, nesta palha suja sem um vislumbre do céu. — Ele esticou o rosto na

direção da pequena janela coberta por um quadrado sujo de tecido impermeável e, pela primeira vez, parecia que iria chorar.

— Sinto muito — disse Matthew. — Oh, Deus, gostaria de poder ajudá-lo de alguma forma.

James olhou para ele por um longo tempo.

— Pergunte à sra. Gordon, talvez ela possa.

Matthew conseguiu dar um sorriso fraco.

— Não será Gordon por muito mais tempo. O sr. Parson propôs casamento e foi aceito.

James começou a rir, mas foi interrompido por um engasgo. Afastou a mão de Matthew, respirou fundo duas vezes.

— Ele é um cavalheiro muito sortudo, não deixe de dizer a ele.

— Ah, ele já sabe — disse Matthew —, e se não, ela certamente o informará. — Antes de partir, derrubou o oleado amarelado, permitindo que um raio de sol brilhante caísse como chuva dourada na escuridão da pequena cela.

James sorriu.

— Obrigado.

A futura sra. Parson recusou-se a fazer algo além do que já estavam fazendo.

— Eu posso aumentar o láudano para que ele durma a maior parte do tempo, mas mais do que isso não posso fazer.

Matthew suspirou, mas concordou com a cabeça. Envenenar alguém, mesmo que fosse por seu desejo explícito, era atrair atenção desnecessária das autoridades.

— Acha que ele vai morrer? Antes...

A senhora Gordon balançou a cabeça.

— Acho que não. Há uma chama muito forte naquele homem, e não permitirá que ele renuncie à vida facilmente. Eu rezo por ele, sim? Todo dia eu oro para que Deus tenha piedade e o leve para casa.

— Sim — disse Matthew —, eu também. Mas parece que nosso Senhor tem outros assuntos em mente.

— O Senhor faz o melhor que pode, eu acho. — A sra. Gordon deu de ombros.

No penúltimo dia de sua vida, James pediu que Alex fosse vê-lo junto com o marido. James estava deitado na palha respirando com dificuldade quando ela entrou no pequeno espaço, e mesmo em seu estado exausto, ele registrou o choque que varreu seu rosto ao vê-lo. Um esqueleto vivo, ele estava tão magro que doía ficar deitado por muito tempo em uma mesma posição, seus ossos protestando contra a pressão não acolchoada das tábuas do assoalho de madeira. Ela sorriu, um sorriso tenso, e se aproximou dele.

— Trouxe uma camisa limpa para você — disse ela. Para morrer; ele esperava que ela tivesse apertado bem dos lados para que não batesse como uma vela de navio ao redor dele no dia seguinte.

— Isso é gentil da sua parte — disse James entre respirações superficiais. Estava comprimindo o diafragma, aquela coisa em sua barriga, e cada respiração era um esforço. Estranho como algo tão natural quanto a respiração podia se tornar um esforço que exigia coragem e concentração. Ele descansou os olhos em Alex. Queria ver a moça mais uma vez porque ela o lembrava um pouco de sua Elizabeth, todos aqueles anos atrás quando se conheceram.

— Você se importaria de soltar seu cabelo? — ele perguntou.

Alex balançou a cabeça, mas olhou para Matthew — como deveria, mulher casada que era. Matthew fez que sim com a cabeça e ela tirou o chapéu e soltou o cabelo.

— Ah... — James exalou, chamando-a para mais perto. Sua mão se levantou do chão, os dedos abertos para pentear os cabelos ondulados. Alex pegou a mão dele e a guiou através de seus cachos, lágrimas silenciosas escorrendo pelo rosto.

— Shh, não chore, moça. Amanhã, serei libertado desta prisão de dor e ficarei humilde diante do meu criador. Humilde, mas livre. — James se atrapalhou com a outra mão e pegou sua Bíblia. — Eu pediria um favor a você, que levasse o livro para casa e que o entregasse à minha esposa. — Ele parou para respirar, fechando os olhos enquanto reoxigenava seu sangue. — Diga a ela que eu a amo. Que mesmo enquanto estou aqui, tão longe de casa, é ela que eu vejo enquanto dou meus últimos suspiros. — Ele tocou os cabelos dela. Tão suaves, como uma peliça viva, exatamente como os de Elizabeth. Agora, os cabelos de sua esposa eram grisalhos, mas ainda tão macios, e ele foi ficando à deriva, entrando em um

meio sonho, onde a moça atualmente ao seu lado era de fato sua amada mulher. — Diga que ela foi tudo o que uma esposa deveria ser e muito mais — ele sussurrou, e lágrimas quentes deslizaram sob suas pálpebras fechadas.

— Você vem amanhã? — ele perguntou quando Alex se levantou para sair.

— Você quer que eu venha?

— Sim, eu quero. E eu gostaria muito se você sorrisse para mim.

Alex assentiu, deu um sorriso com o rosto banhado em lágrimas e saiu correndo da cela.

Matthew foi sentar-se no lugar que Alex havia desocupado e apoiou a cabeça de James em seu colo.

— Quer que eu fale com você? Quer que eu fale sobre a Escócia?

James suspirou em concordância e Matthew começou a falar; de pântanos que se estendiam sem fim sob as pálidas noites de verão, de colinas que se transformavam em marrons e rosas mais profundos. Ele falou de tojo e urze, de quero-queros e falcões. Descreveu a espinha dorsal rochosa de seu país, o silêncio e as noites frias e claras. Ele sussurrou para James sobre os jacintos na floresta e o brilho da geada nas árvores, de como a água brotava fresca e fria da encosta da colina, e como no inverno o céu pendia decorado com estrelas, aparentemente tão baixo que se podia apenas esticar um pouco a mão para tocá-lo.

Ele falou até James dormir profundamente, sua respiração rápida e superficial, e ainda assim Matthew ficou com seu amigo, contando as maravilhas de sua terra natal, para que James morresse no dia seguinte com a memória da terra de seu nascimento fresca em sua mente.

Na hora mais negra da noite, James acordou em pânico, e Matthew o segurou e o fartou com uísque até que ele se acalmou novamente. Ao amanhecer, James acordou de novo, de cabeça clara, apesar do uísque e da dor, e ficou trêmulo quando Matthew o ajudou a se vestir pela última vez. Não havia palavras entre eles, não havia necessidade, e quando os guardas vieram buscar o

prisioneiro, encontraram-no calmo e surpreendentemente forte, com um brilho quase ansioso nos olhos.

A força havia sido construída em uma das extremidades da pequena praça e, diante dela, havia muitas pessoas, muito mais do que Matthew esperava. Ele examinou a multidão em busca de Alex, encontrando-a diretamente na frente, com o rosto surpreendente branco. Ao lado dela, estavam a sra. Gordon e o sr. Parson, e Alex encontrou os olhos de Matthew, assegurando-lhe que ele poderia ficar o mais próximo de James que precisasse, ela ficaria bem. James agarrou a mão de Matthew uma última vez.

— Vá com Deus, rapaz.

James caminhou sozinho até o laço e ficou parado enquanto a corda era apertada no lugar. Ele inspirou fundo várias vezes, sorvendo o maravilhoso ar. A qualquer momento agora, e ele estaria morto. James sentiu uma onda de medo atravessá-lo e procurou desesperadamente por algo, por alguém, para facilitar seu caminho. Foi quando Alex deu um passo à frente, tirou o chapéu de palha e sacudiu os cabelos, sorrindo tanto que ele temia que o rosto dela se partisse. James sorriu de volta, seus olhos fixos nela.

Uma leve brisa levantou os cabelos de Alex para flutuar. Alguém estava zumbindo à sua esquerda — o reverendo, ninguém menos — um dos guardas ajeitou o laço, empurrou-o para ficar no lugar certo. Alex levou dois dedos à boca e mandou um beijo para ele. Um soar de tambor. Outro soar de tambor. Mais um sorriso ofuscante de Alex. Um terceiro soar de tambor. Ele caiu ofegante. Seu olhar voou sobre a multidão e a encontrou novamente. Sua Elizabeth; não, Alex Graham. Elizabeth... Minha Elizabeth... Minha.



Asra. Gordon parou abruptamente, com o rosto todo franzido até parecer uma maçã de inverno enrugada.

— Ele de novo — disse ela.

— Ele? — Alex ajustou a pesada cesta em seu braço.

— Ele. — A senhora Gordon balançou a cabeça na direção de um homem, parado do lado oposto da rua. Quando Alex olhou, ele se escondeu nas sombras antes de se afastar. Ela teve apenas um vislumbre de um homem corpulento, barbudo e mancando distintamente.

— Quem é?

— Eu não tenho ideia; mas é a terceira vez que eu o vejo atrás de nós, e não estou gostando disso.

Bem, não; Alex também não gostou e, nos próximos dias, ela manteve os olhos abertos, confirmando que a sra. Gordon estava certa. Aquele homem desconhecido parecia surgir aonde quer que ela fosse, mancando para longe no momento em que percebia que ela o tinha visto.

— Um homem? Seguindo você? — Matthew fez uma careta. — E por que você não me contou antes?

— Eu não sabia — ela respondeu, sorrindo para a bata terminada. Esta não estava à venda, seria para o bebê dela.

— A senhora Gordon diz que ele veio com o navio que atracou na semana passada. — Ela lançou-lhe um olhar cauteloso. Os navios — ou melhor, a falta deles — eram atualmente um assunto sensível.

— Deve haver mais alguns — disse o mestre do porto. — Os retardatários e os navios que fazem viagens duplas chegam agora, no final de agosto ou setembro.

Ela fez uma careta; estaria do tamanho de uma baleia antes de embarcar, e a ideia de enfrentar o Atlântico no final do outono tinha pouco ou nenhum apelo.

— Então; esse homem — disse Matthew, claramente não preocupado com os navios naquele momento. Alex recostou-se na árvore sob a qual estava sentada.

— Ele meio que se esconde. Pelo pouco que eu vi dele, é um tanto gordo, com cabelos escuros e barba.

— Hmm. — Por algum tempo, Matthew ficou em silêncio, parecendo pensativo. Então ele deu de ombros e se levantou graciosamente. — Casa?

Há algumas semanas eles estavam morando com o sr. Parson, assim como a sra. Gordon, e Matthew havia rejeitado a proposta insistente do sr. Parson para que eles não pagassem, já que eram amigos da família. Em vez disso, os dois homens se comprometeram com uma taxa substancialmente menor da que era paga para a sra. Adams e, em troca, Matthew cortou madeira, fez reparos e se ofereceu para construir novas prateleiras para a loja. Alex estava pensando em suas novas acomodações. Ela reconhecia a necessidade de ter cuidado com o dinheiro deles — os berços poderiam ser muito caros quando se aproximava esta época do ano, como consequência da oferta e da demanda — mas sentia falta da agitação geral da senhora Adams e definitivamente sentia falta do galpão da lavanderia.

— Você está há quatro anos na minha vida — disse Matthew, interrompendo seus pensamentos. — E amanhã você completará trinta anos.

Alex fingiu estremecer; nesta época, isso significava mais da metade do caminho para seu túmulo.

— Pareço terrivelmente velha? — ela perguntou timidamente, sabendo que não parecia. Estar grávida combinava com ela, colocando tons de rosa em sua pele que a deixavam corada e cheia de viço. Matthew riu e se inclinou, fingindo examiná-la.

— Não, não totalmente decrépita — disse ele, abaixando-se enquanto ela tentava acertá-lo na cabeça. Ele enfiou mexeu na bolsa e tirou algo, abrindo a mão dela para colocar na palma. — Feliz Aniversário.

Ela fechou o punho em torno do presente; outra pequena escultura de madeira, como todos os presentes de aniversário dela. Quando abriu a mão, sentiu-se aquecendo em um vermelho vívido.

— Não posso mostrar isso a ninguém!

Matthew passou um braço em volta da cintura dela.

— Não, acho melhor não.

Ela olhou para si mesma, as pernas afastadas, as costas um pouco arqueadas, e a cabeça inclinada para trás em abandono.

— Você tem uma mente muito suja — ela o repreendeu, girando o pedaço de madeira escura repetidamente. — Como você faz isso? Como pode produzir algo tão pequeno e frágil, com detalhes tão requintados?

Ele se envaideceu com os elogios e a beijou na bochecha, assegurando-lhe que, naquele caso específico, era uma questão de inspiração.

Eles fizeram a longa volta para casa, passeando pela periferia da pequena cidade. Ao virarem a esquina da Assembleia, deram de cara com Jones.

— Merda — Alex disse em voz baixa, observando que Jones estava tão perturbado por aquela reunião improvisada quanto ela. O homem grande carregava uma bolsa de couro transbordando com ações enroladas. Ele estava acompanhado pelo secretário-chefe, e qualquer conversa que os dois estivessem tendo cessou ao ver os Grahams. Um breve aceno de cabeça de Jones, uma leve inclinação da cabeça de Matthew, e eles partiram, com Alex mais ou menos arrastando Matthew.

— Alex... — Matthew parou os dois. — Eu não vou fazer nada estúpido.

— Não, mas ele pode fazer.

— Você acha? Tenho a impressão de que ele está me evitando ultimamente. — Ele lançou um olhar sombrio na direção de Jones, ainda em discussão com o secretário de registros. — Eu gostaria de saber por quê.

— Talvez Sir William tenha conseguido assustá-lo, quando lembrou a Jones que você era um homem livre também.

— Talvez — disse Matthew, mas não parecia convencido. Alex lançou um olhar por cima do ombro para onde Jones ainda estava conversando com o secretário.

— Você não acha... — ela interrompeu-se, balançando a cabeça.

— Acho o quê?

— Bem, o homem. Você acha que pode ter sido Jones quem o contratou?

— Para fazer o quê? Espionar você? — Matthew balançou a cabeça. — Por quê? — Mas ela podia ver que o pensamento o deixava nervoso. Bem-vindo ao clube, senhor; somos dois.

Eles voltaram pelo cemitério, parando por um momento diante da lápide de James. Matthew não tinha economizado quando se tratara de enterrar seu amigo, e na superfície lisa estava gravado não apenas o nome dele, mas o nome de sua esposa. Sem data de nascimento, pois Matthew não sabia.

— O que você vai escrever na minha lápide? — ela perguntou, reprimindo um tremor frio na espinha. Ele franziu o cenho para ela. — Minha data de nascimento — ela disse —, você não pode colocar exatamente 1976, pode?

— Será 1632, é o que está de acordo com a sua idade.

— Sim, mas não diz a verdade, não é?

A resposta rápida fez com que ela percebesse que aquilo era algo em que ele passara algum tempo pensando, e isso a fazia se sentir pouco à vontade. Para reassegurar-se, ela passou a mão sobre a barriga arredondada. A vida estava crescendo nela, uma vida forte e vibrante que se virava e mexia ali dentro. E ela tinha apenas trinta anos e muitos, muitos anos diante de si ainda, com Matthew ao seu lado. Ela deslizou a mão na dele.

— Você sabe quantos anos a senhora Gordon tem?

Matthew franziu o cenho.

— Cinquenta e cinco?

Alex deu a ele um olhar admirado.

— Quase. Ela está chegando aos cinquenta e dois. — E parecia pelo menos uma década mais velha... Alex tinha se esforçado

bastante para manter o espanto longe de seu rosto quando a sra. Gordon lhe contara. — E ela foi casada por vinte anos, tanto o marido quanto as filhas já morreram... — Alex deixou sua voz sumir. — Como ela ainda consegue ser tão alegre? Se fosse comigo, eu ficaria permanentemente deprimida.

— Ouso dizer que ela também teve esses momentos.

— Ela tinha dezessete anos quando se casou — continuou Alex. — Horrivelmente jovem.

— Minha mãe tinha dezoito anos quando eu nasci — disse Matthew, sorrindo para ela.

— Ainda muito jovem. Espero que qualquer filha nossa seja mais velha quando se casar.

— Elas vão se casar quando eu achar melhor — disse ele dando de ombros. — Uma moça de dezoito anos é perfeitamente capaz de ser esposa e mãe.

— Hmm. — Ela lançou-lhe um olhar que se pretendia proibitivo, mas isso apenas o fez sorrir.

Dois dias depois, Matthew entrou na cozinha com o sr. Parson em seus calcanhares.

— Muito estranho — disse o sr. Parson. — Nós já passamos por todas as pousadas e pensões, e não encontramos sequer um rastro do homem que vocês disseram que as está seguindo.

— Então, talvez apenas estivéssemos imaginando, certo? — Alex disse, mesmo que soubesse que não era o caso.

— Hmph! — A senhora Gordon espanou com a mão o casaco manchado de chuva do sr. Parson. — Eu vi o que vi, sim? Aquele homem não está aprontando nada de bom, marque minhas palavras.

— E o mestre do porto se lembra de vê-lo desembarcar — disse Matthew. — Um homem silencioso que fugiu antes que os funcionários pudessem obter seu nome.

— Ele pode estar em uma das plantações. — O sr. Parson se sentou à mesa.

— Sim; como Suffolk Rose — Alex murmurou. Mas por quê? Um calafrio a percorreu. — Talvez eu esteja certa; talvez Jones o tenha

contratado para, bem, acabar com você — disse ela, olhando para Matthew.

— Comigo? — Matthew balançou a cabeça. — É você que ele tem seguido. Além disso, por que se dar ao trabalho de trazer um homem do exterior? Ele poderia encontrar um assassino aqui, se quisesse.

Alex estava suficientemente preocupada para levantar a questão na próxima vez em que se encontrou com Sir William. Ele juntou as sobranças em uma carranca preocupada.

— Seguindo você? Um ladino desconhecido?

— É o que parece — disse Alex.

— E o que seu marido diz sobre tudo isso?

— Que eu deveria ficar em casa e não andar sozinha em lugar algum. — Alex fez uma careta; ela havia escapulado naquela tarde e Matthew ficaria bastante insatisfeito, mesmo que fosse apenas um quarto de milha a pé da loja do sr. Parson até os escritórios do governador.

Sir William riu e sacudiu um dedo de advertência para ela.

— Você deve fazer o que ele diz, embora eu esteja muito feliz em vê-la aqui.

Com isso, ele se levantou e, um minuto depois, Alex estava na rua, sendo escoltada de volta para casa pelo próprio governador.

No meio do caminho, eles encontraram Matthew, e Alex ficou bastante irritada com o modo como os dois homens começaram a conversar sobre ela como se fosse uma criança desobediente.

— Não, não — disse Sir William — estou de total acordo, senhor Graham. E ainda não o encontrou?

— Em lugar nenhum — suspirou Matthew. — E eu procurei.

— Bem, talvez ele tenha partido. Parece que nenhuma das damas o viu nos últimos dias.

— Talvez. — Matthew se curvou em despedida, pegou Alex pela mão e a levou para casa. Ele a fez subir as escadas, mais ou menos empurrou-a para o quarto deles e fechou a porta com um estrondo. Rapaz, ele estava com raiva, olhos de um verde muito claro quando gritou para ela fazer o que ele dizia, e no que ela estava pensando para sair assim?

— O que você não entende? — ela disse. — Sou perfeitamente capaz de me cuidar, ok? E eu não vou — repito, não vou — ficar presa aqui o dia todo. Me deixa louca!

— Você fará o que eu digo. — Matthew olhou para ela e exalou. — Isso me preocupa, moça. E se ele pretender arrebatá-la da rua, sequestrar você?

— A mim? — Alex riu. — Por que diabos alguém iria querer me sequestrar? — Mas ela prometeu fazer o que ele disse e nunca sair de casa sozinha.

Gostaria de ir com você — disse Alex à sra. Gordon um dia. — Você sabe, quando for fazer um parto. — Qualquer coisa para aliviar as horas de tédio, enfiada em casa.

— Por quê?

Alex tocou a própria barriga.

— Acho que gostaria de saber um pouco mais. Afinal, é algo pelo que vou passar em breve. — Às vezes isso a assustava; tudo poderia dar errado! Então decidiu que precisava saber o máximo possível, na tentativa de educar seus medos.

— Você teve uma hora tranquila com Mark — disse a sra. Gordon —, e tem quadris largos o suficiente. Vai ter um parto fácil, eu acho. — Ela inclinou a cabeça para um lado, olhos negros e brilhantes estudando Alex. — Mas pode vir se quiser; lembre-se, será à noite. Quase sempre é.

Alex encolheu os ombros.

— Eu posso lidar com isso.

Mais ou menos uma semana depois, a sra. Gordon bateu à porta deles bem depois do anoitecer e disse a Alex para se apressar, havia um homem esperando para levá-las em alta velocidade para assistir um parto. Alex deu um rápido beijo no ombro de Matthew, amarrou o avental no lugar e juntou-se à sra. Gordon do lado de fora da porta. O homem montado no cavalo acenou para elas e apontou para a égua selada.

— Precisamos nos apressar — disse ele, desmontando para fazer a sra. Gordon se sentar atrás de Alex. No meio do caminho, Alex percebeu para onde estavam indo.

— Este é o caminho para Suffolk Rose! — ela disse à sra. Gordon.

— Há mulheres lá também, não?

Elas foram levadas diretamente para a casa grande, e Alex notou com surpresa que estavam indo para o quarto do mestre — até onde ela sabia, Fairfax não havia deixado uma esposa. Ela espiou o escritório a caminho, tremendo ao se lembrar da última vez em que esteve ali, com Fairfax muito morto em sua cadeira.

— Puta merda! — Alex parou ao entrar no quarto. Deitada na enorme cama ornamentada estava Kate, uma Kate que se contorcia com uma contração, mas parecia estar com a melhor saúde possível.

— O que você está fazendo aqui? — Kate explodiu, tão desconcertada quanto Alex.

— Ela está aqui para me ajudar. — A sra. Gordon enviou a criada para encontrar água, lençóis limpos, óleo e um cobertor de lã macio.

Kate apontou para um canto.

— Você encontrará o cobertor lá. Eu mesma tricotei.

A Sra. Gordon não estava ouvindo, com as mãos na barriga distendida de Kate.

— Hmm — disse ela, cutucando a área pélvica. — Hmm — murmurou novamente quando suas mãos subiram ainda mais.

— O quê? — Kate se esforçou para se sentar.

— Gêmeos.

— Gêmeos? — Kate chiou, e chiou ainda mais quando a sra. Gordon começou a limpá-la entre as pernas, enquanto murmurava comentários para Alex.

— Você não sabia? — Alex perguntou a Kate, que balançou a cabeça, os olhos em pânico quando seu ventre endureceu em contração.

— Oh, Deus — disse Kate fracamente, recostando-se nos travesseiros. Alex já havia feito as contas e sorriu.

— Não são do Matthew.

— Não sabemos — disse Kate.

— Não são dele — Alex repetiu —, estes foram concebidos em dezembro.

— Mais tarde — corrigiu a sra. Gordon. — A gestação de gêmeos geralmente nunca é levada a termo. — Ela levantou uma sobancelha para Kate. — Onde está o pai?

— Eu não sei, eu acho... — Ela parou, a boca fechada, os olhos esbugalhados com uma nova contração.

— Você não pode lutar contra isso — a sra. Gordon advertiu quando a contração desapareceu. — Deve trabalhar com isso.

— Fácil para você dizer — Kate murmurou, olhos escuros piscando.

— Então, onde está Jones? — a sra. Gordon repetiu algum tempo depois.

— Acho que ele está escondido nos estábulos — disse Kate.

— Envie alguém para encontrá-lo — instruiu a sra. Gordon a Alex. — Isso vai acabar logo, rapidamente.

Jones parecia tão chocado quanto possível, piscando para os dois pacotinhos.

— Dois?

— Aparentemente, e definitivamente não são de Matthew. — Muito feios para isso, Alex decidiu, pensando que os dois meninos infelizmente se pareciam muito com o pai. Ela recuou um passo ou dois, desconfortável por estar na mesma sala que ele. O bastardo não merecia um pinga de felicidade, não depois do que fizera com Matthew, nem depois do que aconteceu com o pobre James.

— Gêmeos... — Jones estendeu um dedo, roçando a penugem ruiva na cabeça do mais próximo.

— Meninos saudáveis — disse a sra. Gordon —, mas é melhor procurar uma ama de leite. — O pai exultante assentiu, murmurou um “bom trabalho” para Kate e saiu correndo do quarto.

Na cama, Kate havia afundado nos travesseiros, cavidades roxas em volta dos olhos. A sra. Gordon ainda estava ocupada com o último bebê, arrulhando enquanto o embrulhava. Alex limpou o quarto, juntando lençóis molhados e ensanguentados em um canto, sacudindo travesseiros e alisando lençóis limpos no lugar. À luz fraca das velas, o cômodo estava em paz, o som suave de bebês recém-nascidos sendo a única coisa que quebrava o silêncio. Um olhar apressado pela janela confirmou que o amanhecer ainda estava a algumas horas de chegar, apesar de tudo, um parto rápido

e fácil. A sra. Gordon murmurou algo sobre encontrar mel e saiu correndo do quarto, deixando Alex e Kate sozinhas.

— Eu o matei. — Kate parecia estar dormindo.

Alex sentou-se direito.

— Ele tentou me forçar, dizendo que Jones não se importaria, que ele já estava me compartilhando ocasionalmente com outro antes. — Kate fez uma cara de nojo, uma mão cutucando a colcha. — Então eu peguei o punhal dele e o matei. — Ela riu, abrindo os olhos para olhar para Alex. — Isso o surpreendeu, ele se sentou e olhou de mim para a faca algumas vezes, e então simplesmente caiu morto.

— Jones sabe?

Kate assentiu.

— E ainda assim ele tentou culpar Matthew?

Outro aceno.

Alex torceu as mãos.

— E se James não estivesse lá para assumir a culpa, você o deixaria ser enforcado?

Dois olhos castanhos encontraram os dela.

— Todos fazemos o que temos que fazer — disse Kate. — Para sobreviver, quero dizer.

Se a sra. Gordon não tivesse retornado naquele momento, Alex teria dado um soco em Kate. Agora ela apenas se virou e saiu do quarto, inundada pelo desejo de sair daquela casa maldita. Imediatamente.

No meio do caminho para casa, começou a chover. Alex estremeceu e xingou, limpando o rosto de toda a água que estava dificultando ainda mais o caminho.

— Estúpida — ela protestou consigo mesma. — Isso foi realmente uma coisa estúpida de se fazer.

Certamente; estava escuro como breu e, com a chuva, a estrada de terra se transformou em um deslizamento de lama. Aqui e ali, ela perdia o caminho de vista e, por alguns minutos de pânico absoluto, caminhou pesadamente entre as árvores, certa de que estava perdida para sempre antes de perceber que a estrada estava a poucos metros de distância. Bem; pelo menos o clima tinha o benefício de manter possíveis bandidos em casa e, com esse

pensamento reconfortante em mente, Alex voltou para Jamestown, cambaleando no meio da lama e da umidade pouco antes do amanhecer.

Ela estava quase no boticário quando algo foi jogado sobre sua cabeça. Tentou gritar, mas o pano abafou seus sons, e então ela lutou, chutando loucamente seu atacante desconhecido. Um suspiro, uma maldição sibilada, e ela respirou fundo para gritar novamente, mas um tapa na cabeça a derrubou de joelhos. Houve uma risada satisfeita atrás dela. Mais um tapa, e Alex não tinha mais certeza de onde estava. Ela foi arrastada, quem a estava puxando grunhiu com o esforço. Mais uma vez tentou se libertar. O golpe em resposta a nocauteou.



— Onde está Alex? — Matthew questionou a sra. Gordon no momento em que ela entrou pela porta. Já passava do nascer do sol e, durante as últimas horas, ele estivera de olho na estrada, com o coração disparado ao ver a sra. Gordon retornando apenas com o noivo como companhia.

— Alex? Ela não está aqui? Ela partiu sozinha, várias horas atrás.

— Sozinha? — disse Matthew. — Por quê?

— Eu não sei ao certo; ela teve uma briga com Kate Jones, e então simplesmente saiu.

— E você não a impediu?

— Bem, eu não achei que ela tivesse ido muito além da cozinha. Estava escuro lá fora, não? — A senhora Gordon torceu as mãos com força. — O que poderia ter acontecido com ela?

— Não sei — disse Matthew —, mas pretendo descobrir.

O governador da Virgínia parecia muito descontente.

— Uma mulher sequestrada; eu não vou aceitar, ouviram? — Ele franziu o cenho para os policiais, à mesa, chutou com irritação uma das cadeiras. — Ou ela foi levada lá, por alguém da própria plantação, ou em algum lugar próximo daqui — continuou ele. — Não há nada além de estrada deserta no meio. Ele puxou os lábios, deu uma volta, dando um tapinha nas costas de Matthew quando passou por ele.

— Ele a levou daqui. — Matthew levantou o sapato dela. Ele teve problemas para falar e achou quase impossível ficar parado

ouvindo o governador, quando o que deveria estar fazendo era vasculhar a área circundante em busca de sua esposa.

O governador franziu a testa.

— Você acha que foi aquele homem?

— Quem mais? — Matthew deu de ombros. Mas por quê? Quem iria querer sequestrar sua esposa e, mais importante, quem se daria ao trabalho de viajar por todo o oceano para fazer isso? Ele congelou. Luke. Sim, era isso. Tudo aquilo cheirava a Luke, uma garantia de que Matthew nunca chegasse em casa, não importando se Alex o encontrasse a tempo. Uma enorme onda de alívio correu através dele; Alex não fora ferida, ela era apenas uma isca em uma armadilha destinada a ele.

— O navio — ele perguntou —, o barco em que o homem veio, de onde era?

— De Londres, pelo que me lembro — disse o mestre do porto. Ele franziu o cenho. — Sim, de Londres, pertence a uma dessas novas empresas comerciais.

Matthew assentiu.

— Sou eu, sou eu quem ele quer.

— Você? Então sabe quem é o homem?

— Não; mas garanto que ele foi enviado aqui para me matar. — Ele engoliu em seco. O que esse homem faria com sua Alex? Ela era apenas a isca, ele se confortou, sem valor, a menos que esteja viva.

— Para matar você? — O governador o olhou de cima a baixo. — Quem chegaria a tais extremos?

— O mesmo homem que me raptou em primeiro lugar. Meu irmão.

— Seu irmão? — O governador parecia mais intrigado.

— Sim. — Matthew não tinha intenção de dizer mais do que isso, e depois de mais um longo olhar, o governador deu de ombros, voltando sua atenção para o assunto em questão.

Sir William não havia sido oficial do exército por nada. Em questão de minutos, ele planejou uma estratégia para chamar todas as crianças de Jamestown, prometendo uma recompensa enorme a quem voltasse com notícias de onde um estranho estava mantendo uma mulher presa.

Os olhos se arregalaram com o tamanho da bolsa que Sir William ergueu no ar, e eles foram, descalços e silenciosos, a correr como ratos pela cidadezinha.

— Crianças? — Matthew não estava convencido.

— Envie homens e isso o assustará — ou o deixará em alerta. Envie mocinhas e crianças, e ele no máximo achará que se trata de um jogo infantil. Além disso, quem você acha que conhece todos os recantos e esconderijos deste nosso pequeno assentamento?

Já passava do meio dia quando um garoto pequenino, com não mais do que seis anos, entrou no cômodo. Ele estava lamacento até a cintura, a camisa tinha um rasgo na lateral, mas seus olhos estavam brilhantes e havia um sorriso enorme no rosto.

— Eu encontrei o homem — disse ele. — Está do outro lado do porto, em um daqueles galpões antigos. — Seu sorriso desapareceu. O menino torceu a camisa. — Ela gritou.

As entranhas de Matthew se apertaram em nós impossíveis. Por favor, não faça nada idiota, moça, não tente lutar com ele, agora que você está pesada com uma criança na barriga.

— Eu juro — disse Matthew —, se ele a machucou, eu vou... — Ele se virou e correu para a porta.

— Não! — O governador era rápido para a idade, com a mão agarrando Matthew pelo casaco. — Faremos isso de forma inteligente. Não devemos fazer nada que arrisque a vida de Alexandra.

Ela acordou com o som de gaivotas e, depois de alguns momentos, percebeu que estava deitada no chão, o espaço perto de seus olhos fervilhando de insetos e formigas. Com um grito, ela se sentou e o homem pairou sobre ela, dizendo-lhe para calar a boca, ou então... Ele colocou a faca no pescoço dela e a arrastou levemente sobre a pele. Alex se afastou dele e assentiu.

Agora ela estava sentada com as costas apoiadas no que restava de uma parede, tentando impedir que seus dentes batessem. Jesus, ela estava com frio, suas roupas estavam longe de secar após a chuva da noite passada e sentar-se na umidade de um pântano não estava exatamente melhorando as coisas. Até

então, o homem estivera sentado a cerca de um metro, mas ele começou a se remexer, e Alex puxou as pernas para cima em preparação. No momento em que ele se levantasse para mijar, ela correria.

— E agora? — ela disse.

— Segure sua língua — ele rosnou. Idiota. Idiota assustador, ela estremeceu, uma mão subindo para esfregar o corte raso na lateral do pescoço. Ela espirrou. Sua garganta doía e ela se perguntou se poderia estar com febre, devido aos calafrios que estava sentindo. Sua cabeça... com uma mão hesitante ela tocou o ponto dolorido e constatou que não estava tão ruim — a pancada não chegara a romper a pele.

Assim como ela esperava, alguns minutos depois, ele se levantou e mancou até um arbusto próximo. Ela correu. O chão era macio e abafado, em questão de segundos suas saias estavam encharcadas, e ela não tinha conseguido chegar em lugar nenhum tão rápido quanto pensava que chegaria, desajeitada demais por causa de sua barriga inchada. Uma mão se fechou na manga do vestido, ela se soltou. Ele a agarrou novamente.

— Da próxima vez que tentar, eu vou enfiar a faca em você — ele ofegou enquanto a arrastava de volta para a pequena cabana.

— Tire as mãos de mim! — Ela firmou os calcanhares, levantou o braço livre e, com um grunhido, bateu com o lado da mão no nariz dele. Ele gritou, o sangue jorrando. Infelizmente, não a soltou, e a maneira como seus olhos desapareceram em seu rosto, duas pedrinhas em miniatura de antipatia indisfarçada que a encaravam, fizeram Alex se preocupar em ter se excedido.

— Depois que eu matar o seu homem, vou passar um tempo com você — disse ele, esmagando-a no chão. Ela não conseguia respirar. Havia palha na boca, no nariz, e ela gritou. Um puxão no cabelo, algo fedido na boca, cordas queimando seus pulsos, e ela foi içada no ar, braços impossivelmente esticados, apenas os dedos dos pés tocando o chão.

— Ou talvez eu deva começar direto com você — disse ele. — O irmão não se importaria, não é? Contanto que vocês dois acabem mortos, desde que nenhum de vocês volte para desacreditar o nome dele.

Luke? Oh, meu Deus, Luke tinha enviado esse... esse... torpedo da Inglaterra? O homem puxou a faca, os lábios se ampliando em um sorriso. Ela não queria mais fazer aquilo; queria ir para casa. Ele andou ao redor dela e Alex não podia vê-lo, apenas ouvi-lo. Sua bexiga se contraiu. Isso o fez fungar e rir.

— Não é tão arrogante agora, hein? Talvez eu deva cortar uma orelha ou algo assim e incluí-la com meu pequeno bilhete para seu marido. Ele gostaria disso, você não acha? — Algo afiado cutucou suas costas. — Deve convencê-lo a agir rapidamente, e então... — O homem gargalhou, sua respiração quente muito perto do ouvido dela. — ...bem, então eu o mato, e você pode assistir.

Pelo canto do olho, ela viu a faca. Ela se encolheu, ele riu novamente. Um rasgo longo e irregular na manga de seu corpete. Machucava; como ser pego em arame farpado. Ele estava na frente dela, seu nariz inchado tão perto que ela ficou com os olhos vesgos.

A faca bateu na ponta do nariz dela. Oh, Deus; ele ia cortá-lo. Mas não o fez. Ele andou em volta dela. Ela virou a cabeça para tentar vê-lo. Como um boneco de mola, ele apareceu diante dela, e a faca fez um longo corte ao longo de seu antebraço.

Alex gritou alto, mas a mordaça abafou qualquer som, transformando-o em um gemido fraco. Quanto tempo aquilo estava durando? Uma hora? Duas? O sol estava bem a oeste, o braço dela estava uma bagunça de cortes rasos, manga e anágua cortadas em pedaços. O homem riu e enfiou a ponta da faca novamente no braço dela. Sangue escorria em sua axila. Ele limpou o sangue com o dedo e o espalhou pelo rosto.

Jesus! Ali vinha ele novamente. Ela tentou dar-lhe uma joelhada, mas não havia nada contra o que se apoiar para pegar impulso, e com desprezo ele deu um tapa na perna dela. Ele rasgou a anágua e tocou seus seios. Ela tentou se afastar, sua pele enrugada quando os dedos sujos dele roçaram. Ele riu e colocou a faca no seio direito dela. Um movimento rápido e uma linha fina de vermelho apareceram, o sangue jorrando como pérolas de água doce ao longo do corte. Coçava mais do que doía — até que ele colocou o dedo nela e esfregou com força. Ela gritou novamente, engasgando com a mordaça.

Ela espirrou. O nariz estava começando a entupir. Concentre-se, Alex; não chore, pelo amor de Deus, não chore. Inspire lentamente, abra a boca o máximo que puder e puxe o ar que puder através do pano. Como Darth Vader; um som que a lembrava de um aspirador com defeito, mas pelo menos ela tinha ar nos pulmões. Espirrou de novo. Despencou, segura pela corda, não se importando como isso machucava seus braços, seus pulsos. Tão cansada...

Sir William amarrou os cabelos e fez um gesto para Matthew circular até a parte de trás da estrutura em ruínas diante deles. Passo a passo, de forma cuidadosa, Matthew percorreu a vegetação rasteira, vacilando a cada som que emitia. Uma rápida olhada por cima do ombro mostrou a ele que Sir William e seus homens estavam se aproximando do galpão com a mesma cautela e, à extrema direita, ele conseguiu ver a forma redonda do mestre do porto, voando silenciosamente sobre o solo pantanoso.

Muito devagar; isso estava demorando muito tempo! E se... Não; Matthew forçou as imagens horripilantes de sua esposa morta para o fundo de sua mente. Ele se agachou e se arrastou, deslizou como uma serpente pelo chão e, depois do que parecia uma vida inteira, a cabana se ergueu diante dele, a ruína cinzenta de uma construção. A parede dos fundos sumira e, ali, pendurada na viga do telhado, estava Alex. Por um instante aterrorizante, Matthew pensou que ela poderia estar morta, mas depois espirrou e um homem apareceu ao seu lado. Alex se encolheu em suas cordas e Matthew queria chorar ao vê-la. Uma lâmina brilhou e os olhos de Alex se abriram, um som como o de um gatinho se afogando em um saco escapando de sua mordada.

Matthew rugiu. Como um urso, ele atacou, próximo ao chão e com o punhal na mão. O homem deu um pulo, agarrou Alex e pressionou a faca no pescoço dela.

— Eu vou matá-la — ele gritou. — Um passo a mais e eu a mato.

Matthew parou. O homem riu. Um tiro foi disparado e, com um “eh” surpreso, o homem caiu de joelhos, a faca caindo de sua mão. Matthew correu os últimos metros que o separavam de Alex, e do

que restava da porta da frente veio Sir William, ainda com a pistola na mão.

— Que pena — ele murmurou, usando o pé para cutucar o morto. — Agora nunca saberemos a verdade por trás disso, saberemos?

Matthew não se importava; estava feliz que o bastardo estivesse morto, mas o que ele havia feito com sua esposa? Ele ficou segurando-a enquanto Sir William cortava a corda e, com um pequeno som sufocado, Alex caiu em seus braços.

— Não está tão ruim, sim? — A senhora Gordon ergueu os olhos de onde estava enfaixando o braço de Alex. — Ele a cortou algumas vezes, mas vai sarar rapidamente.

Algumas vezes? O braço estava estampado com cortes, a maior parte rasos, mas aqui e ali havia alguns fundos o suficiente para que a sra. Gordon precisasse dar pontos. Ela franziu a testa e recostou-se.

— Não, eu temo que o dano causado a ela por aquele rufião não seja um grande problema, mas um dia inteiro nesse calor úmido em roupas molhadas... — Ela balançou a cabeça.

— Eu estou bem — Alex resmungou. — Eu vou ficar bem. Eu só... — Ela gemeu e fechou os olhos.

Por mais de uma semana, Matthew não deixou o quartinho. Ocasionalmente, Alex acordava, sorrindo em fraco reconhecimento quando o via antes de voltar a dormir um sono pesado e febril.

Quando a sra. Gordon se ofereceu para sentar ao lado de Alex para que ele pudesse dar uma volta ou talvez descansar, ele recusou. Ele tinha que estar ali, com ela. Trocou os lençóis e as roupas dela, ajudou-a a fazer xixi e observou com preocupação a febre subir e descer, subir novamente e cair um pouco.

No oitavo dia, a sra. Gordon examinou Alex cuidadosamente e recostou-se.

— Vai ficar tudo bem — disse ela com uma voz fraca de alívio. — Está vendo? A fleuma que ela tosse diminuiu e a febre está muito mais baixa — ainda alta, mas mais baixa. — Matthew queria chorar. Em vez disso, ele pegou a mão de Alex e colocou o polegar no

pulso dela. Não era sua batida normal; era um pulso rápido e forte que bombeava seu sangue em um esforço para combater a doença invasora.

— Isso terá prejudicado o bebê? — A senhora Gordon balançou a cabeça. — Não, a criança vai ficar bem.

Alex ficou deitada por um longo tempo piscando para o teto. Ela virou a cabeça. Matthew estava cochilando na cadeira. Quando ela chamou o nome dele, ele pulou, caiu de joelhos e escondeu o rosto entre os cobertores.

— Matthew? — Alex lambeu os lábios. Ela estava com muita fome e muita sede. Afagou a cabeça dele. Por que ele estava chorando? Aconteceu alguma coisa? Ela piscou, tentando lembrar onde estava. Lentamente, tudo voltou para ela. Na Virgínia... Kate teve gêmeos, e a cadela teria deixado Matthew ser enforcado para salvar seu próprio pescoço. Um choque de raiva quente a percorreu. O homem... a faca... A mão dela repousou sobre a barriga por um instante; um chute suave, uma cutucada leve dentro dela.

— Matthew — ela murmurou, bocejou e adormeceu.

Era início de outubro quando ela estava suficientemente recuperada para estar de pé, e já era tarde demais. Não há mais navios, não este ano, disse o mestre do porto. Alex foi tomada pelo alívio — e pelo desespero. Ela ficou parada algum tempo olhando para as águas, com a capa apertada em volta dos ombros.

— Ele vai ficar bem, moça — disse Matthew, passando um braço em volta dela. Alex suspirou. Quando chegassem em casa, Mark já teria bem mais do que três anos e, por quase toda sua vida, teria vivido sem eles. Sem dúvida, seguro e amado, mas por outras pessoas, não por ela.

Por alguns dias, ela ficou irritada, mas quando o dia do casamento da sra. Gordon amanheceu cinzento e chuvoso, ela voltou ao seu estado normal, agitada enquanto ajudava a sra. Gordon a se vestir. De preto, é claro — por que mudar os hábitos de uma vida —, mas com um xale bonito nos ombros e uma touca de renda novinha em folha.

A cerimônia foi rápida, a festa não, e já passava da meia-noite quando Alex pôde se desfazer de seus trajes. De baixo vinha música, e Alex suspeitava que a nova sra. Parson pretendesse festejar por mais algumas horas. De onde ela tirava sua energia era uma pergunta em aberto, mas o que quer que fosse que a sra. Parson estivesse tomando, ela não estava compartilhando com Alex, que se afundou para sentar na cama.

— Deus, estou cansada — disse ela.

— Ah, sim? — Matthew estava de pé apenas com a camisa, a poucos centímetros da cama. Bom, tudo bem; não tão cansada. O olhar em seus olhos fez os dedos dos pés dela se enrolarem e, com um pequeno sorriso, ele tirou a camisa.

Ele voltara a ser o homem que costumava ser — quase. Suas costas estavam desfiguradas por um cruzamento de cicatrizes, o cabelo ainda estava muito curto e havia dias em que seus olhos escureciam com lembranças de humilhação e dor.

Mas naquele momento seus olhos brilhavam à luz das velas e, quando ele fez sinal com a cabeça, ela se levantou para ir até ele. Ele a envolveu, uma dança lenta com ela pressionada contra seu peito. Os lábios na orelha dela, no pescoço, os dedos descendo por sua coluna. Era tão gentil que fez sua pele formigar, as pontas dos dedos a atijando até que ela tivesse certeza de que morreria, a menos que ele fizesse outra coisa, e fizesse rápido.

Eles chegaram à cama, lábios colados, mãos entrelaçadas. Ela emitiu sons ásperos e guturais quando primeiro seus dedos, depois sua língua, encontraram o caminho para sua fenda. Ah, sim! Aqui, aqui! Ele a beijou, e depois levantou-se para beijar sua boca e ela provou sua língua, seus lábios. Agora; ela o queria agora, ergueu os quadris e arqueou as costas, implorando sem palavras que ele, por favor, por favor... Isso o fez rir, e ele demorou um pouco, apoiando-se nos braços para manter o peso longe de seu filho em crescimento. Ela mal registrou quando ele chegou ao ápice, tão perdida em si mesma que tudo em que conseguia pensar era em como tudo o que estava vivo nela se juntava em um ponto que queimava com um desejo ardente.

— Nós temos que fazer isso de novo — ela murmurou depois, mordendo o ombro dele. — Em breve.

— Sim, muito em breve. Mas você precisa me deixar descansar um pouco primeiro.

— Sou eu quem deveria estar me recuperando — ela resmungou, fazendo-o prometer que ele a faria engolir aquelas palavras. Em breve. Tão logo ele recuperasse as forças.

Em uma de suas caminhadas pela cidade, Alex viu Kate Jones. As duas pararam, Kate murmurou um “bom dia” e se afastou rapidamente, enquanto isso, atrás dela, Alex cuspiu na sarjeta, segurou ainda mais firmemente o braço do sr. Parson e correu para casa para contar a Matthew o que Kate havia lhe dito sobre como Fairfax morreu.

— Kate? — Matthew riu. — Não, ela não conseguiria. E ela estava grávida na época.

— Bem, foi o que ela disse e, até onde eu sei, estar grávida não a deixa incapacitada — disse Alex, não gostando de como ele imediatamente se lançou em defesa dela.

Matthew balançou a cabeça.

— Ela só disse isso para proteger o marido. E além disso, ela é canhota.

— Ah, e como você saberia? — Alex bufou, antes de lembrar que ele provavelmente sabia. Ele desviou o olhar, um rubor profundo manchando suas bochechas.

— Eu apenas sei. O punhal foi manejado por alguém destro — e muito forte. Estava afundado até o fim, e Fairfax teria lutado, não teria? — A boca dele se curvou. — Muito elegante; ela admite ter assassinado Fairfax por um motivo pelo qual espera que você seja solidária e, no entanto, sabe que quando você me disser, saberei que é uma mentira. — Bem; aquela pequena referência oblíqua à intimidade entre ele e Kate não melhorou exatamente o humor de Alex.

— Ela admitiu estar disposta a deixar você ser enforcado — disse Alex. — Mas suponho que se você gastar tempo suficiente pensando nisso, certamente também apresentará uma circunstância que a exonere. — Ele tentou abraçá-la, mas ela se afastou. — Não; agora não.

Matthew suspirou e a soltou. Alex subiu as escadas batendo os pés com força o suficiente para que a sra. Parson colocasse a cabeça para fora da cozinha e se perguntasse por que alguém havia trazido um cavalo para dentro de casa.

— Então, o que você acha que aconteceu? — A sra. Parson perguntou a Matthew, servindo um bocado saudável de uísque, apesar de ainda não ser meio-dia. — Está frio — ela murmurou diante da expressão de surpresa dele, exagerando um arrepio.

— Acho que Kate está dizendo a verdade... em parte. Eu posso ver Fairfax fazendo com ela o que fez com Alex. — Ele fez uma careta de nojo. — No caso de Kate, ele veria isso como seu direito. Uma moça bonita trabalhando sob contrato, bem, não teria proteção. — A sra. Parson assentiu; muitas moças cujos partos fazia eram solteiras, ela disse a ele, os bebês sendo o efeito indesejável de amantes igualmente indesejáveis. Como a pequenina Jenny, a moça deve ter concebido na mesma noite em que saiu do barco, e toda vez que a sra. Parson a via, a moça chorava, aterrorizada com seu mestre.

— Mmm — disse Matthew, não muito interessado no destino dessa Jenny desconhecida. — De qualquer forma, nesse caso, a moça tinha alguma proteção. Jones; um homem que gostava dela, gostava de tê-la na cama e não estava disposto a dividir, não dessa vez. Então, ele avisou Fairfax, e Fairfax poderia ter rido e encolhido os ombros, voltando seus olhos de predador para outro lugar. — Para a minha esposa, Matthew pensou, apertando ainda mais o copo de estanho.

— Aconteceu — disse a sra. Parson, puxando-o de volta ao presente. — Aconteceu e não a prejudicou muito, mas salvou sua vida.

Matthew concordou sem vontade.

— E depois? — A senhora Parson insistiu.

Matthew tamborilou com os dedos na mesa, pensando profundamente.

— Ele tentou novamente, talvez tenha pedido apenas as mãos ou a boca dela, mas de alguma forma ele a forçou. E ela contou a Jones.

Fairfax voltando para casa da recepção do governador, cuidadosamente pendurando seu casaco resplandecente antes de se sentar para fazer algum trabalho. A porta se abre e lá está Jones. Fairfax percebeu tarde demais que havia ultrapassado seriamente o limite, prometendo dinheiro a Jones, propriedade, qualquer coisa realmente. Exceto que Jones já é um parceiro, e o que Fairfax pode dar a ele que ele ainda não tem? Fairfax tentando um ato de bravata desesperada, sentando-se para redigir um documento e assiná-lo, apenas para se virar e ver a faca. Ver e sentir, o documento assinado flutuando no chão enquanto o aço atinge o alvo.

— Mas não havia documento lá. — Matthew olhou para a sra. Parson, com a mente revirada. Uma pena, uma mancha de tinta, mas nenhum papel, nada sobre o qual a pena pudesse ter sido usada. — Eu me pergunto... — ele disse, um sorriso se espalhando por seu rosto.

— Você não fará nada. — A sra. Parson se inclinou sobre a mesa para agarrar a mão dele. Claro que não, assegurou Matthew, ainda sorrindo. Ele não precisaria.



— Por que você está passando tanto tempo com o funcionário do registro? — Alex perguntou a Matthew um dia.

— Eu estou? Ah, você quer dizer John. Não, é só que temos muito em comum, e ele me dá serviços de escrivão para fazer.

— E você me diz que sou uma péssima mentirosa — disse Alex, balançando a cabeça. Algo estava acontecendo, e não era necessário ter o cérebro mais inteligente do mundo para chegar à conclusão de que tudo remetia a Suffolk Rose. Especialmente uma vez que ela perguntou à sra. Parson, recebendo um olhar vazio e insincero em troca. Então, uma tarde, Alex saiu de casa e foi até o escritório do governador, esperando que Sir William estivesse lá.

Sir William ficou encantado em vê-la, mas a advertiu por estar sozinha e com apenas um xale contra o frio.

— Você mora aqui há tempo demais. — Alex sorriu. — Lembra da Inglaterra? Outonos frios e nebulosos, invernos ainda mais frios?

— Por favor, não me lembre. — Sir William estremeceu. — Basta pensar nisso para provocar a gota.

— Você tem gota? — Alex olhou para as panturrilhas dele, elegantemente apresentadas em meias de seda. Não, elas pareciam estar em excelente forma. Sir William garantiu que não tinha, pelo menos ainda não.

— Mas em breve completarei 58 anos, o túmulo está começando a acenar.

Alex riu. Em comparação com a maioria das pessoas, ele estava notavelmente bem conservado, e eles logo estavam em uma longa

discussão sobre os efeitos de uma dieta variada na longevidade e na saúde. Dado o assunto, Alex conseguiu sutilmente passar para as questões de herança, perguntando o que era necessário para que um testamento fosse considerado legal.

— Ora, que seja assinado, é claro — disse Sir William —, e que tenha uma testemunha.

— E a testemunha deve saber ler?

Sir William levantou uma sobrancelha.

— Seria difícil testemunhar uma ação sem poder lê-la.

— Já aconteceram coisas mais estranhas — disse Alex, fazendo um movimento de esfregar dinheiro.

— O que exatamente você procura, minha querida? — Sir William perguntou, seus olhos inteligentes penetrando nela.

— Eu estava simplesmente pensando... — Alex deixou sua voz falhar de propósito. — Achei estranho, sabe? — acrescentou ela, confundindo Sir William ainda mais.

— Achou estranho o quê?

Alex franziu a testa e mexeu o chá. Outro fanático por chá, Sir William, embora ela suspeitasse que aquilo fosse mais ditado pela moda do que por qualquer apreciação genuína da bebida.

— Quando a sra. Jones deu à luz, ela estava instalada no quarto principal de Suffolk Rose, como se fosse a dona da casa, e eu achei estranho que o senhor Fairfax tivesse deixado sua propriedade para o supervisor. Mas então, isso pode ser apenas minha impressão, o que eu sei, talvez Fairfax não tivesse família.

Em resposta, Sir William soprou o chá, o nariz comprido tremendo visivelmente enquanto pensava nisso.

— O senhor Fairfax tinha um sobrinho — disse Sir William.

— Ah. Bem, talvez não gostasse muito dele, certo? — Ela tomou um gole de chá, mas balançou a cabeça para as ameixas açucaradas. — Um bom motivo para assassinato — disse ela após um longo silêncio.

O governador recostou-se, olhando-a atentamente.

— Fairfax foi assassinado por aquele escocês, James McLean.

— Não, e nem foi morto por Matthew. Meu marido pode ser um monte de coisas, mas ele não é estúpido, e primeiro matar um homem, depois conseguir escapar sem ser visto apenas para voltar

à cena do crime várias horas depois... — Alex fez um som irônico. Ela pousou a xícara de chá e se levantou, indicando que estava escurecendo e que tinha que chegar em casa. — Nunca saberemos.

— Não, minha querida, suponho que não. — Sir William alisou a faixa e o colarinho, como se estivesse, para todos os efeitos, afastando esse assunto desagradável. — Vou mandar alguém levá-la em casa — disse Sir William, beijando galantemente a mão dela.

— Isso não é necessário.

— Eu acho melhor. — Ele colocou a mão na manga de Alex. — Você não deve pensar mais nesse assunto, minha querida. — Havia uma nota definitiva em seu tom que a fez assentir.

Matthew estava esperando por ela, agradeceu ao lacaio, mas o assegurou de que era capaz de acompanhar a própria esposa até em casa.

— Como você sabia onde eu estava?

Ele estava chateado, ela podia sentir pelo jeito com que ele segurava seu braço, guiando-a na frente, em vez de segurá-la ao seu lado.

— O que você estava fazendo lá? — ele perguntou, ignorando a pergunta dela. — Sabe que eu não gosto que você saia sozinha. Não depois daquele... — Ele parou, balançando a cabeça.

Alex apertou o xale em torno de si, um tremor percorrendo sua espinha até fazer sua nuca formigar.

— Ele está morto — disse, zangada com ele por lembrá-la de algo que ela trabalhara duro para esquecer.

— Sem dúvida — ele assegurou, mudando seu aperto para circundar-lhe os ombros. — Então, por que você foi vê-lo?

— Você tem seus segredos e eu os meus — disse ela, recusando-se a dizer outra palavra até que voltassem ao quarto.

— Uhhh — Alex grunhiu, suspirando de alívio quando se livrou das vestes. Ela esticou as costas em todas as direções, ouvindo o suave estalar enquanto ossos e músculos se moviam. — Faltam quase dois meses — ela gemeu, dando um tapinha em seu corpo. Matthew riu e entregou-lhe o roupão.

— Vou fazer uma pequena aposta com você, aposto que o bebê vem antes do Ano Novo.

— Isso é pelo menos duas semanas antes do previsto. — Ela não se importaria se ele estivesse certo, já que se sentia como um dirigível gigante. Ajustou o roupão creme de malha para que lhe cobrisse o máximo possível e sentou-se na poltrona. — Fui vê-lo para perguntar sobre heranças — disse ela, avaliando as reações de Matthew. — Achei estranho que Jones morasse na casa principal.

Matthew deu a ela um sorriso.

— E o que ele disse?

— Que eu deveria deixar esse assunto de lado. E eu vou. Mas prometa que também o fará.

Matthew sentou-se no chão ao lado dela e apoiou a cabeça em sua perna.

— Já está em movimento, então sim, posso prometer que não farei mais nada.

Ele explicou como ele e seu novo melhor amigo encontraram motivos para revisar os testamentos registrados nos últimos seis meses, Matthew insistindo que havia visto um erro em um deles, mas sendo suficientemente vago sobre onde ou quando. E assim encontraram o testamento pelo qual Fairfax legou tudo a Jones.

— Apenas mencionei a coincidência de que tivesse sido assinado no mesmo dia em que Fairfax morreu — disse Matthew. — John quase se mijou de emoção, falando sobre o sobrinho de Fairfax na Inglaterra.

— Então agora o que acontece? — Alex perguntou.

Matthew fez um som desinteressado.

— O sr. Jones terá que responder a muitas perguntas, principalmente porque Sykes é a testemunha, e ele não sabe ler. E em algum ponto eles também podem optar por questionar sua esposa. — Ele suspirou. — Acho que não reabrirão o inquérito sobre a morte de Fairfax, isso refletiria muito mal sobre todos eles, mas podem dificultar a permanência de Jones aqui. Ele viverá sob uma nuvem permanente de suspeita assim que as fofocas começarem.

— As fofocas?

Matthew riu baixinho.

— John é meio fraco para cerveja. Ele vai tagarelar sobre isso em todas as estalagens que visitar. E a coisa vai se espalhar; fofoca

sempre se espalha. — Ele sorriu com satisfação.

— Foi por isso que ele se afastou de você — Alex assentiu.

— Hmm?

— É óbvio, não é? Desde que Fairfax morreu, Jones se manteve bem longe de você. Como você mesmo disse.

— E?

— Ele não precisa mais do dinheiro de Luke, precisa? Tudo o que ele quer é ser o mais discreto possível, não fazer nada para atrair a atenção enquanto se integra aos salões com seus novos pares, com o mínimo de perguntas possível sobre como ele ganhou a posse da propriedade. — Ela umedeceu os lábios. — Ele não vai gostar disso, e vai saber exatamente a quem culpar por todos os rumores.

Matthew sorriu.

— Sim; John.

Uma semana depois, Matthew voltou para casa de mau humor.

— Alguém o avisou — Matthew cuspiu, batendo a porta quando entrou no quarto. — De alguma forma, o sr. Jones achou oportuno partir.

— Partir? Agora? Como? — Alex estava tendo um dia ruim. Sua bexiga estava sendo usada como uma espécie de saco de pancadas, a sra. Parson deu uma olhada no cardigã de bebê que ela estava tricotando e desmanchou metade, dizendo que ela estava tricotando uma linha, fazia a laçada na outra. Acima de tudo, ela estava tendo desejo por chocolate. Matthew olhou para a chuva forte e respirou fundo duas vezes.

— Ele vendeu Suffolk Rose. John veio correndo para me encontrar assim que a ação chegou.

Tudo que Alex conseguiu sentir foi alívio. Quanto mais longe Jones ficasse de Matthew, melhor, e até certo ponto havia um elemento de vingança alcançada em forçá-lo a deixar a Virgínia, partindo para se reinventar em outro lugar com esposa e filhos. Não que ela duvidasse que ele se daria muito bem — Jones era como um gato enorme, caindo sempre de pé.

— E ele já foi embora?

Matthew deu de ombros; ele não sabia.

— Pelo menos será caro. Os poucos barcos que atualmente operam na costa cobrarão alto. — Ele puxou o lábio. — Maryland, isso seria o mais próximo.

Mas ele ainda não tinha ido embora. Não até três dias depois, quando o sr. Jones e sua família embarcaram e então as fofocas já tinham começado a se espalhar, alimentadas ainda mais por aquele comportamento muito estranho. Desalojar sua família e carregá-la no meio do inverno? Certamente nenhum homem com a consciência limpa arriscaria isso. As pessoas especulavam alto; alguns disseram que Fairfax, sem dúvida, tinha sido morto por seu superintendente, enquanto outros insistiam que ouviram que o sobrinho estava vindo para reivindicar a propriedade de seu tio, e que Jones estava fugindo com o máximo de ganhos ilícitos que podia.

A cidade inteira veio para assistir à partida de Jones, que andava reto com a carroça que continha seus bens e sua família, ignorando os insultos sussurrados, os baixos murmúrios de risadas e os dedos apontados. Dois aprendizes vaiaram, um ovo voou pelo ar, pousando diretamente entre as omoplatas de Jones, mas ele nem se contorceu, mantendo os olhos bem à frente.

— Muito impressionante — disse Alex em voz baixa para a sra. Parson.

Assim como seu marido, Kate sentou-se silenciosa e reta na lenta viagem pela cidade, com os ombros rígidos e o queixo erguido. Alex ficou impressionada com a atitude de Kate, um novo começo em um lugar onde as pessoas não sabiam que ela era uma serva. Kate havia se arrumado; em seda escura e uma capa de lã pesada, parecia uma dama, sorrindo docemente para o marido quando ele a ajudou a sair da carroça. Seus cabelos caíam em cachos dourados, soltos sobre os ombros, e quando seus olhos examinaram a multidão, eles descansaram um pouco demais em Matthew, um sorriso lento se espalhando quando ela levantou a mão. Matthew levantou a mão em resposta, a cabeça inclinada em uma ligeira reverência. Ele inalou alto quando Alex apoiou o calcanhar em seu pé e deu-lhe um olhar irritado. Alex apenas sorriu, tão docemente quanto Kate tinha feito.

O último bote, carregando os bens terrenos da família Jones, virou na metade do caminho entre a costa e a chalupa, com os três remadores subindo para agarrar a quilha virada. Do barco vieram exclamações abafadas de raiva, e mesmo àquela distância Alex podia ver a grande figura de Jones, seu punho estendido em direção ao céu. Ao seu lado, ela ouviu o sr. Parson dar uma risadinha, e então a sra. Parson começou a rir também.

— O que foi? — Alex teve dificuldades em ver algo divertido no presente drama em andamento. Aqueles três pobres coitados! Eles poderiam se afogar, congelar até a morte ou ser atacados por um jacaré — embora essa última alternativa parecesse um tanto improvável. Então ela notou que as pessoas ao redor estavam rindo e, quando observou o bote, ficou evidente que os três homens sabiam nadar e estavam rebocando o bote com eles de volta à costa. — Oh, meu Deus! Eles fizeram isso de propósito.

— Você deve ter cuidado com o que diz — disse Matthew. — Foi um acidente infeliz.

— Acidente minha bunda — Alex murmurou.

Sir William inclinou-se para a frente com interesse, ouvindo Alex recontar os acontecimentos.

— ... assim que eles voltaram para a praia, foram arrastados para se aquecer. Penso que principalmente por dentro — disse Alex, descrevendo as porções generosas de conhaque com as quais os três homens haviam sido brindados. — E todas as coisas deles agora estão espalhadas pelo fundo do seu porto.

— Irrecuperáveis — disse Sir William —, com todo esse lodo é quase impossível de localizar.

— Quem se importa?

Sir William deu uma risada curta e encheu novamente o copo de xerez, ignorando os protestos.

— É exatamente o que você precisa, minha querida, você está um pouco pálida, se assim posso dizer.

— Isso porque toda vez que tento dormir, este aqui decide que é hora de se exercitar. — Ela socou de brincadeira a barriga antes de

se sentar contra a almofada que Sir William educadamente colocou no lugar.

Sir William olhou para ela, girando o copo.

— O Sr. Fairfax não era um ganho para esta colônia, e a maneira como ele e seu supervisor tratavam seus contratados reflete mal em todos nós.

Alex ficou um tanto surpresa com a mudança abrupta de assunto, mas não demonstrou e tomou um gole do xerez. Bem; parabéns a ele por ter levantado a questão, mas depois do que Matthew havia dito antes, ela ficara tão decepcionada com Sir William que tinha considerado não aparecer neste encontro.

— Você sabia, Sir William. Você sabia, os policiais sabiam, os homens no registro sabiam, seus colegas nas plantations sabiam, e todos vocês escolheram fechar os olhos. — Ela conseguiu parecer muito severa, fazendo o governador se contorcer.

— Nem todos nós somos como Fairfax.

Hã; Fairfax podia ter sido uma cobra, mas os homens ao seu redor eram vermes covardes — e o maior aproveitador de todos estava sentado na frente dela.

— Acho que você achou mais fácil fechar os olhos quando sabia que os homens eram na maioria escoceses e, portanto, com toda a probabilidade, Covenanters. Dissidentes, como você chamou meu marido. Se eles fossem da Igreja da Inglaterra, você teria reagido, certo?

Sir William teve a graça de parecer envergonhado.

— Eles devem ser parados — ele murmurou. — Os puritanos e os quakers, com suas noções distantes do valor igual de todos os homens. Governo representativo, que bobagem!

Alex largou o copo.

— No final, é a visão de mundo deles que prevalecerá. Em cem anos, mais ou menos, a maioria dos homens que vivem aqui concordará com a visão de que aos olhos de Deus todos os homens são iguais e devem ter uma opinião sobre como são governados.

Sir William deu a ela um sorrisinho condescendente.

— Eu devo discordar de você, minha querida.

— Essa, é claro, é sua prerrogativa.

Ela se levantou, apoiando-se nas mãos e olhou para o governador sentado.

— Ouvi dizer que você comprou Suffolk Rose. A preço de banana, incluindo todos os empregados contratados. O que fez? Chantageou Jones?

Uma transação comercial, explicou Sir William, com o rosto vermelho-beterraba evitando encará-la, uma oportunidade que ele não podia deixar inexplorada, e a colônia estava melhor agora que Jones se fora, ela não concordava?

Alex ergueu as sobrancelhas.

— Espero que você trate seus trabalhadores como homens, não como cães — disse ela, caminhando até a porta. Fez uma reverência e foi embora. Ela duvidava que o visse novamente, mas, na verdade, nem queria muito.



— Não na véspera de ano novo! — Alex balançou a cabeça, colocando as duas mãos na barriga distendida. — Fique aí até amanhã, eu tenho coisas para fazer, lugares para ver, ok?

Mas a pessoinha lá dentro não parecia se importar, e Alex viu como seu estômago se transformou em uma pirâmide, pedra dura sob suas mãos.

— Tudo bem — ela resmungou, depois que a contração passou. — Mas pretendo tomar um banho primeiro. — A casa estava vazia e Matthew havia colocado a tina perto da lareira da cozinha, prometendo que a ajudaria assim que voltasse da missa clandestina. Dez presbiterianos graves em um cômodo, Alex suspirou, como isso pode ser divertido? A sra. Parson concordara em ir à igreja com o marido, embora tenha confidenciado a Alex que, na sua opinião, a Igreja Anglicana era muito papista, com muita atenção ao ritual e pouco conteúdo.

— Hmm — respondeu Alex, não ousando expressar uma opinião de uma maneira ou de outra.

No momento em que Matthew voltou, Alex estava limpa, mas completamente nua, tendo se retirado para o quarto enquanto as contrações aumentavam de intensidade.

— Oh, que bom — ela ofegou quando viu Matthew. — Acho que o bebê está a caminho. — Ele fez como se fosse se virar e correr para buscar a sra. Parson, mas ela o parou.

— Não, fique aqui comigo e segure minha mão. Ela voltará a tempo de qualquer maneira.

Era óbvio que Matthew estava bastante assustado, seu olhar voando a cada dois minutos para a porta como se esperasse que a sra. Parson se materializasse ali. Mas ele também estava claramente fascinado, e quando Alex o fez sentar-se de pernas abertas atrás dela na cama, suas mãos pousaram em sua barriga, duas poças de calor tranquilizador em sua pele.

— Você quase adormeceu — disse ele, balançando o ombro sob ela.

— Sim — ela respondeu sonolenta. — É tudo tão... pacífico. — Não durante as contrações, não mesmo, com ela respirando como um trem a vapor, mas assim que desapareciam, ela relaxava contra ele, respirando profundamente. — Estou feliz que você esteja aqui — ela sussurrou, deixando uma mão subir para acariciar sua bochecha.

Meia hora depois, tudo ficou muito mais intenso. Alex insistiu em se levantar, andando pelo quarto e se apertando com força contra Matthew a cada contração.

— Eles estão ficando próximas — ela ofegou, rindo da expressão de puro pânico nos olhos de Matthew. Mais uma vez ele fez como se fosse deixá-la, correr para pedir ajuda, mas ela se agarrou a ele, balançando a cabeça. — Água, há água fervida na cozinha. E toalhas ou algo assim. Mas não me deixe, agora não. — Ele prometeu que não, e correu para baixo, retornando para encontrá-la encostada na janela, as pernas tremendo.

— O que eles estão fazendo? — ela gemeu. — Comemorando o Natal, Ano Novo e Páscoa ao mesmo tempo? — Merda; e se as coisas dessem errado? Se o cordão umbilical ficasse preso ou algo assim?

Matthew pulou quando a bolsa estourou, o líquido amniótico caindo em cascata pelas pernas dela. Alex sentiu um choque quando a cabeça se enroscou ainda mais no canal do parto, e agora as contrações cresciam das costas e para a frente, fortes, longas e aterrorizantes. Ela permaneceu onde estava, recusando-se a soltar o novo pilar de sua vida, o peitoral da janela.

— Mas você não pode ficar aí — tentou Matthew.

— Duvida? — disse ela, gemendo enquanto outra e outra e outra contração a varriam. Ela sentiu um aumento de peso entre as coxas

e os joelhos tremiam loucamente. — Ajude-me! A cama.

Matthew quase a carregou até lá.

— Nnnnngh! — ela exclamou entre dentes, ofegando pesadamente. — Você consegue ver alguma coisa? — Ela definitivamente não conseguia, havia uma barriga gigantesca no caminho.

Matthew espiou entre as pernas dela.

— Sim, oh Deus, Alex, é enorme.

— Nem me fale — ela sussurrou de volta, e então começou a rir, por uns cinco segundos. — Certo — disse ela, depois de hiperventilar através de mais uma contração. — Da próxima vez que eu empurrar, esteja aí pra pegar ou algo assim.

Matthew sentiu-se totalmente inútil. Ele sentou-se entre as pernas da esposa, com as mãos nas coxas abertas, e conversou tranquilamente com ela, observando o milagre do nascimento do filho se desenrolar diante de seus olhos. A cabeça, empurrando para fora e deslizando de volta. E então a cabeça estava para fora de vez e os ombros — oh Senhor, como eles deveriam sair? Tendo visto bezerros e potros virem ao mundo, Matthew colocou as mãos naquele corpo pequenino e torceu, e de repente seus braços estavam cheios de vida quente. Sua esposa estava rindo e chorando, e todo ele estava ensanguentado e molhado, mas em seus braços estava aquela pequena criatura perfeita, seu bebê e seus olhos abertos, profundos poços escuros de conhecimento e calma. Matthew o embalou no peito e chorou.

Matthew cumprimentou a sra. Parson com um sorriso enorme. Alex já estava amamentando, o cordão umbilical bem cortado.

— E o pós-parto?

Matthew fez uma careta. Ele quase morrera de susto quando aquela bolota vermelha escura foi expulsa de dentro de Alex.

— Ela disse que era tudo.

Sim, a Sra. Parson assentiu depois de inspecioná-la.

— Então o que é?

— O que é o quê?

— Menino ou menina? — a sra. Parson elucidou.

— Ah. — Matthew não conseguia parar de sorrir. — Uma menininha.

— Deixe-me vê-la — disse a sra. Parson. — Verificar se ela está bem, não é?

Ela estava, e ficava erguendo o rostinho em sinal de protesto pelo ar frio que tocava sua pele. A sra. Parson murmurou algo para ela e a envolveu em uma manta, devolvendo-a a Alex.

— Pequenina, você disse? Nove libras, pelo menos, eu acho. Fazem bebês grandes e bonitos, você e sua esposa.

— Nem me fale — Alex murmurou, se mexendo na cama.

— E o nome dela? — disse a senhora Parson.

— Matthew ganhou a aposta, então ele pode escolher — Alex bocejou.

A sra. Parson riu.

— Nosso Matthew nomeará todos os seus bebês, moça. Esse é o tipo de homem que ele é. Estou certa, não? — ela disse, virando-se para encarar Matthew.

— Sim — ele disse com um pequeno sorriso. — A nomeação é minha.

— Ei — protestou Alex —, eu também posso ter algumas ideias, sabia?

— Eu escolho os nomes, moça. É assim que as coisas são.

— Mas...

— Sem mas. — Ele colocou um dedo no nariz da filha. — Rachel, como minha mãe.

— Rachel? — Alex roçou o nariz na cabecinha suave e felpuda e sorriu para ele. — Rachel.

— Certo — interrompeu a sra. Parson. — Eu tenho trabalho a fazer aqui, e não quero você por perto enquanto estiver examinando as intimidades de sua esposa. — Ela enxotou Matthew na direção da porta. — Encontre um pouco de comida — sugeriu ela — e Alex também faria bom uso de uma cerveja.

Muito mais tarde, Matthew acordou quando Alex passou os dedos pelos cabelos dele, fazendo-o se virar em sua direção, Rachel segura em seus braços.

— Vocês ficam bem juntos — disse Alex, arrumando uma ponta solta da manta em torno da criança. Ela esfregou as mãos rapidamente, murmurando algo sobre estar frio no quintal.

— Quintal? — Matthew sentou-se. — O que você estava fazendo lá? — Ele franziu o cenho para ela; e ainda usando apenas a camisola e um xale. No que ela estava pensando, será que esquecera que tinha acabado de dar à luz?

— É véspera de ano novo — disse Alex. — Eu tinha que brindar a Magnus.

— Ah. — Ele assentiu, decidindo que não havia por que reclamar.

Rachel começou a se mexer, o rosto mudando do rosa anterior para um vermelho mais irritado, e Alex sentou-se contra os travesseiros, abrindo a camisola. O corpo pequenino relaxou assim que Rachel encontrou o seio, e por alguns minutos os únicos sons foram os ruídos suaves de uma criança que mamava. Quando Alex mudou a bebezinha para o outro lado, Matthew deslizou para descansar a cabeça no colo dela. Pela primeira vez desde o dia de janeiro em que partira para Edimburgo, há quase dois anos, sentia-se satisfeito, até seguro.

— Eu amo você — disse ele.

A mão de Alex pousou na parte de trás de sua cabeça.

— Eu sei, mesmo que você só me diga uma vez por ano.

Ele riu, abafando o som contra ela.

— Você também não diz isso com muita frequência.

— Não, apenas cerca de vinte vezes toda vez que fazemos amor

— Alex bufou, dando-lhe um tapa de brincadeira.

— Isso não conta. Você fica meio fora de si nesses momentos, então diz qualquer coisa para me obrigar a fazer o que você quiser.

— Ele podia sentir as coxas dela se moverem embaixo dele, e se afundou ainda mais, atraído pelo seu perfume. Ela ainda cheirava como antes; uma fragrância persistente de maçãs de inverno, de madeira verde, mas agora sobreposta pela pesada doçura do leite e pelo cheiro quente e ferroso da feminilidade. Alex acariciou sua bochecha e traçou o formato de sua orelha.

— Eu te amo, Matthew Graham. E acho que é assim desde o dia em que você prometeu que não me deixaria sozinha na charneca.

— Sim, bem; eu sabia que você era uma mulher fraca e indefesa desde o primeiro momento em que a vi — ele disse com uma tentativa de seriedade, protestando alto quando ela beliscou sua orelha.



O primeiro navio que navegou para Jamestown tinha o nome orgulhoso de Regina Anne, e Alex não sabia se ria ou chorava quando o capitão Miles entrou no pequeno cais de madeira. Se ele ficou surpreso com as boas-vindas entusiasmadas, não demonstrou e, diante da pergunta dela, disse que era claro que eles poderiam viajar com ele, ela e o marido. E a sra. Gordon também, acrescentou rapidamente.

— Bem... — Alex olhou para ele. — Eu não acho que ela virá conosco. Além disso, ela é a sra. Parson agora. O capitão Miles pareceu abatido, mas se animou quando sua carga chegou à terra.

— Não há mulheres? — Alex disse, bastante satisfeita por ele ter parado com aquele negócio.

— Não — respondeu o capitão Miles antes de se virar.

Não era bem a verdade, como Alex pôde perceber ao conversar com a tripulação, principalmente com Smith. Em vez disso, o capitão planejava melhor as coisas desta vez, descarregando uma remessa de garotas de olhos arregalados em Barbados, enchendo seu porão com barril após barril de licor de cana e partindo para Jamestown assim que o tempo permitiu. Aqui, o capitão esperava vender parte de sua carga, preencher o espaço com tabaco e voltar à Inglaterra antes de todo mundo com essas duas mercadorias muito comercializáveis.

— Obteve bastante lucro no ano passado — confidenciou Smith, batendo no nariz.

— Ah — Alex assentiu, antes de sair para apresentar o capitão a Matthew.

O capitão Miles apertou a mão de Matthew, olhando-o boquiaberto. Matthew fez uma careta e o capitão Miles murmurou um pedido de desculpas.

— São e salvo, não é? — disse o capitão.

— Agora — disse Matthew —, mas não estava há um ano.

— Não, imagino que não; você tem uma esposa notável, sr. Graham, um tanto teimosa e cheia de opiniões, mas leal, muito leal.

— Teimosa? Eu? — Alex ergueu as sobrancelhas, causando expressões idênticas de diversão nos dois rostos.

— De um jeito quase bíblico — Matthew concordou. — Vem com o nome, eu acho: Alexandra Ruth, minha Ruth, companheira pela vida e pela morte. — Os olhos dele se suavizaram em um verde musgo, e Alex sentiu o rosto ficar rosa escuro. Mas por dentro ela guardou as palavras dele no coração e dançou de alegria.

No final de março, o Regina Anne estava pronto para partir, e Alex e Matthew passaram sua última noite na Virgínia com os Parsons, uma longa noite de reminiscências quando Alex e a sra. Parson reviveram em voz alta aqueles últimos dois anos. Lentamente, suas vozes foram diminuindo até o silêncio, e Alex se inclinou para agarrar a mão da sra. Parson.

— Vou sentir sua falta — disse ela.

— E eu a sua, moça.

Alex assentiu; amanhã, elas não estariam mais juntas, e como ela sobreviveria a isso? Converteu um soluço em um acesso de tosse e, usando isso como pretexto, escapou para a pequena cozinha.

Por um longo tempo, ficou olhando pela pequena janela o quintal escuro, chorando em silêncio. Um braço passou em volta da cintura dela, uma voz prestes a se quebrar disse-lhe para se acalmar, sim, porque não era típico de sua menina chorar, era?

— Eu... — Alex engoliu em seco. — Oh, Deus; não tenho certeza de como vou lidar.

— Você vai se sair bem, moça — disse a sra. Parson, alisando seus cabelos.

Alex balançou a cabeça.

— Você não entende. Parece... bem, parece que estou deixando minha mãe. — Ela limpou os olhos, o nariz, apertou as palmas das mãos nos olhos, mas não ajudou; lágrimas continuavam escorrendo por suas bochechas.

— Você é filha do meu coração, Alex Graham. — A sra. Parson ficou na ponta dos pés e beijou Alex na testa. — Minha menina, sim? E onde você estiver, eu estarei lá com você.

Isso só fez Alex chorar ainda mais, escondendo o rosto no ombro da sra. Parson.

— Eu realmente odeio isso — disse ela depois de um tempo, enxugando os olhos inchados.

— É a vida — respondeu a sra. Parson com um leve sorriso. — E nós duas sabemos que você deve ir com ele, não? — Ela deu uma pequena sacudida em Alex. — É o preço que você paga por amar, a tristeza por ter de dizer adeus. Mas o amor permanece; não importa quão distantes, ainda nos amaremos. — Mas isso não era nenhum consolo, pelo menos não naquele momento.

Na manhã seguinte, Alex estava em choque, incapaz de fazer outra coisa além de abraçar a sra. Parson.

— Eu... — ela começou, mas não pôde continuar.

— Eu sei — respondeu a sra. Parson, os olhos brilhando com lágrimas não derramadas. — Eu sei, moça. — Ela se soltou das mãos agarradas de Alex, pressionou os lábios na testa dela e se afastou. — Vá com Deus, Alex Graham.

— E você fique com ele — Alex conseguiu dizer antes de sua voz falhar. Mais um abraço, um sussurrado “eu te amo”, e Alex entrou no bote para se juntar a Matthew, que estava esperando, Rachel nos braços.

Uma vez no convés, ela se aproximou do parapeito, seguida por Matthew.

— Nunca mais a verei — disse ela, olhando para onde a sra. Parson já estava diminuindo em um ponto escuro anônimo.

— Provavelmente, não — ele concordou, parecendo muito triste.

O capitão Miles apareceu ao lado deles e deu um tapinha no ombro de Alex.

— Olhe para o leste, moça; em direção à sua casa e ao seu filho. — Ele a virou de costas para Jamestown, que estava ficando para trás, e apontou para o estuário do rio. — Primeiro o rio, depois a baía e depois o mar... E do outro lado fica a Escócia.

Alex deu um sorriso agradecido. Pensar em Mark ajudou. O braço de Matthew envolveu seus ombros e ela ficou em silêncio com os olhos nas pesadas nuvens a leste, escuras e cheias de chuva. Abaixo dela, as águas da maré do James rodavam marrons de lodo, atrás dela a esmagadora vegetação da Virgínia estava rapidamente desaparecendo, e diante dela, plana como uma pista de patinação moderna e de cor cinza, jaziam as águas de Chesapeake.

— Feliz aniversário — disse ela a Matthew, recebendo um olhar surpreso em troca. — É o último dia de março. Você faz trinta e três hoje e, de acordo com meu pai, essa é uma das melhores idades do homem. Três, trinta e três e sessenta e seis: os anos mágicos na vida de um homem. Não me pergunte o porquê — acrescentou ela, vendo as perguntas nos olhos dele. — Suponho que tenha a ver com infância plena, masculinidade plena e velhice sábia.

Matthew bufou com diversão.

— E você planejou uma celebração? — A mão dele deslizou para acariciar suas costas.

— Esqueça, os beliches são do tamanho de tocas de coelho e, além disso, fico enjoada no mar. Muito enjoada. — As ondas já estavam começando a atingi-la. — Mas acho que tenho um presente... de um certo tipo — disse ela, encontrando os olhos dele. Não era um presente que ela realmente quisesse lhe dar tão cedo, mas a sra. Parson concordara com seu próprio diagnóstico, resmungando algo sobre as consequências de não conseguir manter as mãos afastadas.

— Você tem certeza? — Matthew perguntou quando ela pegou a mão dele e a colocou na barriga.

— Ainda é muito cedo, mas acho que sim. — Ela sorriu para ele antes de pressionar o rosto em sua camisa para esconder as emoções confusas que isso a fazia sentir.

— É muito cedo — disse Matthew, mas seu tom e a maneira como seus braços se apertavam ao redor dela estavam em clara contradição com suas palavras. Entre eles, Rachel se contorceu e choramingou, um protesto que logo se transformou em um grito indignado, fazendo com que se soltassem.

Depois de passar a maior parte dos dias iniciais em sua cabine, Alex finalmente saiu para o convés; instável e pálida, mas determinada a não passar mais tempo em ambientes fechados.

— Combinação perfeita — ela murmurou para si mesma, agarrando-se às grades. — Enjoo de mar e gravidez. Oba. Irritada, ela se virou para Matthew. — Como posso ficar enjoada? Olha, o mar é perfeitamente plano. — Mais ou menos; agora que ela realmente estava olhando, todo o horizonte estava subindo, inclinando-se para um lado e para o outro. — Oh, merda — Alex gemeu.

Matthew deu-lhe um olhar preocupado e levantou Rachel mais alto em seu ombro.

— Acha melhor voltar para a cabine? — Alex balançou a cabeça e ajustou a capa pesada em volta dos ombros. — Fede lá. E é muito melhor estar ao ar livre, e assim que eu conseguir minhas pernas de mar, tudo passará de qualquer maneira.

— Pernas de mar? — O capitão Miles apareceu ao lado deles. — Você nunca terá pernas de mar, senhora Graham. — Ele olhou para ela. — Se sentindo melhor? Você parece menos verde hoje, se assim posso dizer, mais de um rosa normal.

— Ora, obrigada; só espero que não tenhamos nenhuma maldita tempestade.

O capitão Miles riu e balançou a cabeça.

— Você não gosta mesmo do mar, não é? Não há nem um traço de navegadora em você.

— Bem, graças aos céus, ser capitã de navio não está no topo da minha lista de carreiras — disse Alex, dando as costas para ele. — Mas você, senhor Graham, é um navegante nato — continuou o capitão Miles, parecendo muito divertido.

— Sim — disse Matthew em um tom mais cauteloso. — Parece que eu e o mar nos damos bem.

— Parece que eu e o mar nos damos bem — Alex murmurou para si mesma, colocando a língua para fora. Ela se endireitou. — Vou dar uma volta, e você, senhor Marinheiro, fique de olho no bebê, está bem?

Alex quase caiu sobre uma perna estendida e se endireitou para olhar na direção de seu dono, apenas para se encontrar cara a cara com mais um conhecido.

— Iggy! Que prazer ver você de novo! — Ela estendeu os braços para dar-lhe um abraço, mas deixou-os cair com o olhar de aviso em seus olhos. Virando-se, ela encontrou Matthew pairando sobre ela, seu olhar grudado no pobre Iggy com aversão indisfarçada. Matthew agarrou Alex pelo braço e a empurrou para a frente em direção ao arco.

— O que você está fazendo? Iggy é meu amigo, ok?

— Você não cumprimentará outros homens com tanta familiaridade, e... — Matthew inalou algumas vezes. — Você não vê? — Alex olhou na direção de Iggy; ruivo e de olhos claros. É claro que Matthew havia se lembrado de Luke, assim como também aconteceu na primeira vez que ela o viu. — Não mais — ela disse —, mas eu definitivamente fiquei assim quando o conheci.

Matthew lançou a Iggy outro olhar gelado.

— Eu gostaria que fosse Luke — disse ele entre dentes. — Então eu levantaria o bastardo no ar e o jogaria no mar. — Ele soltou o xale com que Rachel estava atada a seu corpo e a entregou a Alex. — Pegue ela, eu simplesmente não posso. Eu preciso... — E com isso ele correu para o lado oposto do navio.

Alex observou-o partir, viu-o parar para se firmar, e sabia que estava nadando em um mar de raiva e dor e que não havia nada que ela pudesse fazer além de esperar que ele voltasse para ela. Mesmo do outro lado do convés, ela podia ver como as mãos dele estavam em punho, e ela se perguntou que parte específica de seu inferno pessoal ele estava revivendo. Meses à mercê de Jones, meses em que sua dignidade foi arrancada dele para torná-lo apenas um escravo obediente e silencioso. A humanidade é uma camada fina, refletiu Alex, um casaco protetor que é tão facilmente arrancado de nós e tão difícil de recuperar. No caso de Matthew, ele havia perdido a capacidade de perdoar; enquanto vivesse, uma

parte de sua alma seria dedicada a nutrir o ódio que sentia por seu irmão, e que, na opinião de Alex, era de longe o dano mais grave causado a ele.

Foi uma jornada sem incidentes, um dia após o outro, sem mudança de cenário ou clima. Com cada trecho mais perto de casa, a inquietação de Matthew crescia. Ele olhava para as velas paradas, examinando o horizonte em busca de qualquer coisa indicando que logo haveria ventos para apressar o caminho, e depois voltava a sentar-se ao lado de Alex no convés. Era início de maio, mais de um mês no mar, e quando perguntou ao capitão Miles ele deu de ombros e disse que seriam duas, talvez três semanas antes de atracar em Edimburgo.

— O plantio já estará pronto — disse Matthew — e também as tosas dos cordeiros. Alex tocou a mão dele o melhor que pôde com um bebê mamando no peito.

— Estaremos lá para a colheita. E você já fez sua parte no plantio, não acha? — Ela ficou um rosa brilhante, fazendo-o sorrir. Ele levantou Rachel dos braços dela. — Ela está dormindo — disse ele desnecessariamente, com os olhos nos seios de Alex.

— Sim, a comida tende a ter esse efeito nela. — Ela encontrou os olhos dele, e em seus quadris o calor subiu, um calor que percorreu suas veias, acumulou-se em suas bolas e subiu como ferro derretido em seu pênis. — Talvez todos devêssemos tirar uma soneca — sugeriu ela, levantando-se.

Os olhos de Matthew não deixaram seu rosto. Ela corou novamente, deliciosas ondas de rosa subindo pelo pescoço e até as orelhas. As pupilas dela dilataram, e ele sabia que era por causa dele e da promessa sem palavras que estava lhe fazendo. Ele deixou que ela fosse na frente no caminho até a cabine, sufocando um sorriso ao ver como ela estava andando, um potro recém-nascido no gelo.

Ele a tomou no chão, ela sobre as mãos e joelhos e ele atrás dela, as mãos segurando-a parada. Em um dos beliches, Rachel dormia em paz, e no chão ele só precisava... de novo, e agora Alex estava nua e ele também, e era quase como havia sido a primeira

vez, exceto que agora eles estavam deitados no chão de madeira escura, e o único céu que eles podiam ver era o vislumbre de cinza através da pequena vigia cortada na porta, não os quilômetros de vazio azul de um céu de verão na Escócia. Não que Matthew se importasse; ele estava perdido para o mundo, consciente apenas de sua esposa calorosa e maravilhosa.



2007

— Ele é um doce de menino, não é? — Eva disse, acenando para Isaac.

— Não o suficiente para gostar que você acene para ele na frente dos colegas — disse Magnus, sorrindo da forma como o neto decidiu ignorá-los, desviando-se por acaso na direção do campo de futebol.

— Oh. — Eva deixou cair a mão, parecendo um pouco confusa. — Eu não sabia.

— Nada demais. — Magnus deu de ombros e se acomodou no capô para esperar. — Oi — disse ele quando Isaac se juntou a eles. — Seu pai ligou. Ele vai buscá-lo antes do jantar.

Isaac assentiu ansiosamente.

— Vamos ver o Homem-Aranha 3.

— Aranha quem? — Eva perguntou.

— Herói da ação — disse Magnus.

— Ah — Eva assentiu, parecendo não ter entendido muito bem ainda.

Isaac desapareceu no andar de cima no momento em que voltaram da escola, murmurando algo sobre pintar o mar e precisar de mais azuis e verdes. Eva o seguiu até o estúdio e voltou um pouco mais tarde, balançando a cabeça quando Magnus lhe ofereceu uma xícara de café.

— Ele apenas pega um pincel e se joga no que está fazendo — disse ela com uma voz impressionada. — Eu fiquei lá em cima por quanto tempo? Quinze minutos? E já existe um mar na tela. Esse garoto vai ser mundialmente famoso algum dia.

— Ele prefere ser jogador de futebol, nem gosta de falar sobre sua pintura.

— Não é tão estranho assim, é? — Eva disse.

John parecia agitado quando apareceu pouco antes das quatro.

— Tão cedo? — Magnus disse. — Ele ainda nem comeu o bolo.

John sentou-se em uma cadeira e serviu-se de café.

— Eu apenas tive que fugir. Este meu cliente está me deixando louco. — Ele balançou a cabeça para o bolo. — Não, obrigado. Tenho que me cuidar um pouco — disse, dando um tapinha na barriga chapada.

Eva sorriu e Magnus bufou, servindo-se de uma fatia enorme.

— Isaac? — Magnus levantou a voz: — Venha, filho. Tem bolo.

— Não houve resposta e Magnus deu de ombros. — Fique à vontade.

John os divertiu com uma série de histórias estrelando seu novo cliente, fazendo Eva e Magnus rirem quando jurou que, na próxima vez em que aquele sujeito pé no saco solicitasse outra alteração em sua configuração de segurança, ele enfiaria o código do sistema na goela dele.

— Onde está esse garoto? — John olhou para o relógio.

— Provavelmente imerso em seu pequeno mar. — Eva sorriu. — Ou então está arrumando seus tubos de tinta novamente.

John cortou um pedaço de bolo.

— Temos que ir — disse com a boca meio cheia, e Magnus assentiu e ficou de pé.

— Isaac? — Magnus estava parado na escada. — Isaac, desça. Se você não se apressar, não vai sobrar bolo porque seu pai vai comer tudo.

— Eu nem comi uma fatia inteira — protestou John.

— Isaac? — Magnus franziu o cenho, subindo as escadas dois degraus por vez, com John logo atrás.

Isaac estava sentado no chão e em seu colo havia um pequeno quadro. John atravessou o quarto correndo em direção ao filho.

— Isaac? O que você está fazendo?

Isaac apenas o encarou antes de baixar os olhos para a moldura de madeira que ele segurava entre as mãos. Ele sorriu sonhadoramente; uma pequena pintura em azul e verde, tudo girando junto em direção a um ponto de extrema profundidade e luz no centro.

— Herre Gud — Magnus ofegou. — Onde diabos...

— Pensei que tivéssemos queimado todos eles. — John tentou tirar os dedos de Isaac do quadro. Seus braços tremiam, suas mãos tremiam e ele caiu sentado, o rosto da cor de bacalhau cozido. — Oh, Deus — ele gemeu. — Eu simplesmente não consigo ficar perto disso.

— Deixa que eu... — Magnus agarrou a pintura. Isaac se libertou e ficou de pé, afastando-se com o quadro no peito.

— Isaac, venha aqui — disse John —, venha aqui e dê o quadro para o Offa.

— Eu posso vê-la — Isaac sussurrou, seus olhos castanhos enormes. — Eu estou vendo ela lá dentro. — Ele espiou a pintura novamente.

— Quem? — perguntou Magnus. — Quem você vê?

— Mamãe.

— Oh, Jesus — John sussurrou, e estendeu a mão para Isaac. — Dê-me a pintura, Isaac, temos que destruí-la.

Isaac balançou a cabeça e se moveu para que a grande mesa estivesse entre ele e os dois homens. Ele largou a pintura.

— É lindo — disse, traçando uma espiral azul com o dedo pequeno. Quando Magnus se aproximou demais, Isaac recuou por baixo da mesa, escalando as antigas pernas de cavalete.

— Isaac — implorou a voz de John —, fique longe disso, não olhe para ele, filho.

Magnus estava começando a entrar em pânico, um suor frio brotando ao longo de sua espinha quando ele se lembrou da tarde longínqua em que viu um homem desaparecer diante de seus olhos naquele mesmo quarto — e tudo por causa de uma pintura mágica

sussurrante. Ajoelhou-se e começou a engatinhar na direção do garoto.

Era tarde demais. Uma luz brilhante jorrou da pintura, o barulho aumentou em ondas ao redor deles, e Magnus estava incapaz de se mover, o chão balançando como uma serpente marinha diante dele. Atrás, John estava gritando, para Isaac, para Magnus fazer alguma coisa. Isaac inclinou-se para a pintura, um sorriso largo no rosto quando sua mão alcançou um objeto ou pessoa invisível.

— Não! — Os dedos de Magnus se fecharam em torno do tornozelo de Isaac. Por um instante, ele manteve o neto suspenso, no meio do caminho, no meio do funil da luz dolorosa, e então, com um puxão, Isaac foi libertado, sugado, gritando para o nada.

— Não! Isaac!! Nãããão! — John uivou, sons agudos que rasgaram Magnus, atravessaram a janela aberta e fizeram Eva subir correndo as escadas.

— O que aconteceu? — ela ofegou. — Meu Deus, Magnus, onde está Isaac?

— Ele se foi! — Magnus apoiou os ombros na mesa e a ergueu, enviando tintas, pincéis e potes de aguarrás para o chão. — Você ouviu? Ele se foi! Um menino de sete anos de idade! Eu deveria ter incendiado toda a porra deste quarto! — Ele amaldiçoou e chutou, e a pequena pintura navegou em arco pela sala para pousar aos pés de Eva. Ela se inclinou para pegá-lo.

— *...eu ouvi as sereias cantando...* — ela citou, desmoronando para sentar sobre os joelhos.

— Não toque! — Magnus disse, se jogando na direção dela. — Nem olhe para isso. Oh, Deus; Isaac! — Ele pegou a tela e rasgou-a, dedos fortes rasgando as fibras. Tombou para a frente até que a testa bateu no chão, se escondeu nos braços e chorou.



Isaac gritou quando foi sugado para a pintura. Ele não queria mais aquilo, e tentou se libertar do funil de luz. Tudo se estreitou, seu corpo se esticou, e ele foi arrancado de onde estava como se saltasse de paraquedas para outro lugar. Ele caiu... E doeu e ele

estava assustado, e ao redor dele o tempo rugia, um som constante de vozes e clamores.

Ele caiu com um baque surdo. Algo em sua perna estalou. Isaac estava deitado de costas e lentamente o turbilhão parou, o chão abaixo dele ficou sólido e ele pôde respirar novamente. Começou a abrir os olhos, esperando estar de volta à casa de Offa, mas seu nariz dizia que ele estava ao ar livre. Podia ouvir pássaros e galhos rangendo, o suave balanço de folhas e, quando se permitiu olhar, sabia que estava muito longe de casa.

Ele estava deitado de costas em um monte de folhas velhas e, acima de si, viu os enormes galhos espalhados de árvores antigas com o céu azul claro além. Ele tentou se sentar, mas sua perna doía e ele se deitou. Para sua vergonha, sentiu que tinha urinado em si mesmo, e o pano úmido grudou desconfortavelmente em sua virilha.

— Mamãe? — ele chamou. Ele a vira na imagem, então ela deveria estar ali. — Mamãe? — ele repetiu, recebendo apenas uma rajada de vento em resposta. Isaac Lind rolou para o lado e chorou.

Uma mão em suas costas o fez se assustar e ele tentou se afastar, apenas para choramingar quando sua perna quebrada foi sacudida por seus próprios movimentos.

— Calma, rapaz — disse uma voz. — Calma. — Isaac virou-se para um homem muito redondo, com olhos azuis suaves e cabelos avermelhados e desgrenhados.

— Quem é você?

O homem riu, estudando-o com interesse.

— Eu sou Simon Melville, e você é?

— Isaac. Isaac Lind.

Simon engoliu em seco com uma exclamação surpresa. Seu olhar voou sobre o tal Isaac, contemplando um menino pequeno, com cabelos surpreendentemente curtos e roupas estranhas.

— Lind, você disse?

O garoto assentiu.

— E de onde você veio?

— Eu não sei — Isaac gaguejou, seus olhos se enchendo de lágrimas. — Acabei de cair na pintura. Eu vi minha mãe e eu caí.

— Pintura? Você caiu em uma pintura? — Simon não conseguiu esconder a descrença em sua voz.

Isaac assentiu em confirmação, erguendo as mãos em uma tentativa de mostrar o tamanho aproximado da pintura.

— E sua mãe seria Alexandra Lind? — Simon perguntou, garantindo que sua voz permanecesse casual. Em seu peito, seu coração disparou, uma pressão dolorosa aumentando desde a metade da traqueia até a boca.

— Sim — disse Isaac, e Simon sorriu com a esperança que brilhava através dos olhos escuros. — Ela está aqui?

— Não — Simon balançou a cabeça. — Mas ela está vindo. Em breve, esperamos. — Ele torceu o nariz com o cheiro que emanava do garoto. — Você se mijou.

— Eu sei, me desculpe.

— Não se preocupe. — Simon pegou o menino nos braços. — Acontece.



O Regina Anne chegou a Edimburgo no vigésimo sétimo dia de maio e, se tivesse conseguido, Matthew teria segurado sua família nos braços e saltado para a praia, em vez de ter que esperar enquanto o navio atracava e o passadiço era colocado no lugar. De qualquer maneira, ele foi o primeiro a sair, expirando alto quando sentiu a solidez de sua terra natal sob os pés. Mais de dois anos distante... Ele se virou para ajudar Alex e a abraçou com força.

— Estamos de volta.

Ela apenas assentiu, abaixando-se para colocar a mão no chão.

— Uma palavrinha — disse o capitão Miles a Matthew, agarrando sua manga. Matthew lançou-lhe um olhar irritado; ele estava com pressa de sair, com a cabeça cheia de coisas que precisava arranjar. O transporte para Edimburgo, quarto, cavalo, entregar a carta e a Bíblia de James a sua esposa, talvez fazer uma visita ao ministro Crombie e depois partir para casa.

— Seja rápido. — O capitão assentiu na direção do outro extremo do cais. Matthew seguiu o movimento com os olhos e viu alguém se abaixar e sumir de vista.

— É comigo? — ele perguntou com alguma surpresa.

— Bem, comigo é que não é, e no momento em que você pulou da passarela, ele apareceu, olhando para você. — O capitão Miles lançou um olhar para Alex, ocupada fazendo suas despedidas. — Seu irmão parece um homem muito tenaz.

— Sim — disse Matthew, toda a exuberância se esvaindo dele. Qualquer outra discussão foi interrompida por Alex, que abraçou o capitão Miles antes de beijá-lo na bochecha.

— Não se esqueça — disse ela, e o capitão prometeu que não, ele pessoalmente entregaria a carta de Alex à sra. Parson na próxima vez que estivesse em Jamestown.

Durante a maior parte da viagem lenta de Leith a Edimburgo, Matthew ficou mudo. A princípio, Alex presumiu que isso se devia a uma sobrecarga de emoção, mas seu silêncio contínuo despertou um desconforto dentro dela.

Ele pagou a carruagem, descarregou a família e os pertences e subiu a colina, dizendo a Alex que eles estavam indo para a casa do ministro Crombie.

— Nós vamos ficar com ele? — Não que Alex se importasse; ela gostava do ministro em questão, um homem magro que era sensível e gentil, temperando uma fé forte com uma aceitação geral das múltiplas fraquezas da humanidade.

— Se ele nos aceitar — respondeu Matthew por cima do ombro. Seu olhar disparou por todo o lugar, e ele estava andando em um ritmo que fazia Alex correr, um exercício muito exaustivo através dos caminhos íngremes e estreitos de Edimburgo.

— Qual é o problema? — ela bufou, franzindo o nariz com o odor que vinha do Lago Nor.

— Nenhum.

— Matthew! — Ela parou no meio do caminho. Ele exalou e baixou o peso antes de se virar para encará-la. — Pode ser perigoso para nós aqui, e ainda não tenho armas, nem cavalo.

— Oh, inferno; por que Luke Graham não pode simplesmente cair em uma cuba de calda fervente e morrer? — Alex fez uma careta para os paralelepípedos, as calhas sujas, as paredes circundantes. — É ele, não é? De novo!

— Eu não sei, e tudo pode ser apenas imaginação. — Ele explicou brevemente sobre o homem no porto, pegando a mão dela para apressá-la enquanto falava. — Quando estivermos na

charneca, tudo ficará bem — ele terminou. — Duvido que os ratos da cidade fiquem à vontade lá, a céu aberto.

O ministro Crombie ficou encantado em vê-los, garantiu que poderiam ficar com ele e continuou dizendo que era um segredo aberto que Luke Graham tinha homens esperando o potencial retorno de seu irmão.

— Oh — Alex engoliu em seco. O homem de Deus lançou-lhe um olhar preocupado, passando as mãos ossudas pelo longo casaco escuro. — Com que propósito, eu não sei, mas duvido que seja para dar as boas-vindas. Ah, bem; vocês estão seguros aqui e amanhã já terão partido.

— Sim; sozinhos na estrada para Cumnock com um bando de assassinos pagos na nossa cola — Alex murmurou, tocando a teia de pequenas cicatrizes no braço esquerdo.

— Esta noite; vamos embora hoje à noite — disse Matthew. — Pode me ajudar a encontrar um cavalo?

— O quê? Agora? — O ministro Crombie olhou para a tarde nublada, sobranceiras espessas erguidas sobre os olhos. — Talvez, mas pode ser caro.

Eles voltaram algumas horas depois, Matthew com uma espada no cinto e uma adaga para Alex, além de um mosquete. Sim, garantiu a Alex que entregara a carta à esposa de James, contara o máximo possível sobre o que havia acontecido com o marido e, com alívio, transferira a mulher que chorava para os cuidados capazes do ministro Crombie enquanto comprava um cavalo para eles.

Com os dois, veio outro ministro, e Alex revirou os olhos discretamente antes de arrumar suas feições em um sorriso agradável. Sandy Peden não era sua pessoa favorita entre os companheiros de benção de Matthew, longe disso, mas ela podia ver como Matthew estava animado com a presença de seu amigo e pregador, e por isso segurou a língua.

Sandy era um conhecido relativamente novo para Alex, tendo se tornado um hóspede recorrente em Hillview apenas nos últimos meses antes do sequestro de Matthew, mas Sandy e Matthew se conheciam há anos, mesmo que Simon — que não simpatizava muito com esse ministro tão inflamado — tenha confidenciado a

Alex que não conseguia se lembrar de eles serem mais do que companheiros casuais na juventude.

— Ministro Peden — disse Alex, fazendo uma reverência.

— Alexandra — ele respondeu com um leve aceno de cabeça. Um homem nada marcante, de estatura média, com chumaços de cabelos finos, sua graça salvadora eram seus olhos. Grandes e luminosos, duas piscinas cinzentas orladas pelos cílios mais longos e volumosos que Alex já vira, eles a estudaram com respeito divertido. — Um resgate admirável — disse ele, balançando a cabeça na direção de Matthew.

— Puramente por razões egoístas — respondeu Alex, e Sandy caiu na gargalhada.

— Sim, homens como Matthew Graham não crescem em árvores.

— Não, não crescem; deve haver um em um milhão, eu acho. — Ela sorriu para o marido e se desculpou para ir cuidar da filhinha que chorava.

Matthew a seguiu para fora da sala com seu olhar, pensando que mulheres como ela eram muito raras também. Com um sorriso particular, ele se juntou à discussão acalorada entre os ministros e, na próxima meia hora, Sandy e o ministro Crombie revezaram-se para informar o que havia acontecido em sua terra natal durante sua ausência.

— Despejado da minha vida, nada menos — Sandy arriscou. — Expulso de minha própria igreja, assim como a maioria de nossos irmãos presbiterianos, e então o que temos senão uma guerra religiosa em formação? Mais uma vez, devo acrescentar.

— Calma, calma — disse o ministro Crombie. — Não sabemos isso ainda, querido Sandy. E às vezes pode ser necessário reprimir sua língua, talvez até raspar o pé e se curvar simbolicamente na direção dos poderes vigentes.

— Hmph! — Sandy bufou e saiu da sala.

— Tão ruim assim? — perguntou Matthew.

— Não, ainda não — disse o ministro Crombie. — Mas está ficando difícil. O rei, ou pelo menos seu parlamento, pretende

empurrar todos nós para os ritos episcopais, e os primeiros a ir, é claro, somos nós, os ministros que se recusam a ceder às suas crenças anglicanas e ao Livro de Oração Comum.

— Mas ele prometeu que não!

— Um rei faz o que bem entender — disse o ministro Crombie.

— Ah, bem, isso não precisa lhe interessar, pelo menos ainda não.

— Ele se inclinou para frente e deu um tapinha na perna de Matthew. — Estou tão feliz em vê-lo em casa. Eu orei por você e sua esposa notável. — Ele abriu a boca para dizer algo mais, mas houve uma comoção na porta, e eles se levantaram, a mão de Matthew caindo sobre a espada.

— Rá! — Sandy Peden arrastou um jovem para a sala. Ele o segurou com um aperto sufocante, ignorando os sons guturais que sinalizavam que o homem tinha problemas para respirar. — Eu o encontrei espreitando do lado de fora. — Sandy lançou seu prisioneiro de cara no chão.

— É mesmo? — Matthew puxou a faca e avançou sobre o homem, que gritou e tentou se arrastar para longe. Isso não lhe valeu muito, e uma vez que Matthew explicou o que faria com ele, caso não falasse, o infeliz contou tudo, as palavras derramando-se como uma cachoeira de sua boca. Matthew soltou o cabelo oleoso e se levantou.

— Se eu sair agora, eles não saberão, e se você puder manter esse patife trancado até amanhã ou até o dia seguinte, eles nunca vão nos pegar.

— Não vão mesmo — concordou o ministro Crombie, parecendo um pouco verde — sem dúvida devido à admissão do rufião de que sua tarefa não era apenas matar Matthew, mas também sua esposa, além de garantir que não restassem testemunhas vivas.

— Eu vou com você — disse Sandy —, e meu irmão também. — Matthew assentiu com um breve agradecimento e, em menos de uma hora, montou um pequeno grupo, composto por ele, Alex, Sandy e seu irmão bastante impressionante, e John Brown, um vizinho mais devoto de Cumnock.

— Gostaria de poder ir com você — suspirou o ministro Crombie —, mas com minhas hemorroidas, bem...

— Oh — disse Matthew, não querendo saber. Ele ajudou Alex a subir no cavalo, apoiou-se atrás dela e deu um adeus ao ministro Crombie."

— Vão com Deus — disse o ministro em voz baixa —, e não atravessem o Clyde em Lanark, eles devem seguir nessa direção. Bem, a menos que eu convença os policiais a prender os desgraçados primeiro.

— Tem mais de um nos vigiando — disse Alex, batendo os dentes várias horas depois. Era algum momento entre a meia-noite e o amanhecer, e a luz de uma lua minguante prateava os pântanos, jogando tudo em diferentes tons de cinza e preto. Estava frio, suas panturrilhas estavam com câimbras depois de quase duas horas escondida atrás do matagal, mas agora ela estava muito agradecida por Matthew insistir em que se espalhassem e se escondessem, deixando chamarizes em seus lugares ao redor da fogueira.

— Mmm — Matthew concordou de onde estava sentado ao lado dela, seu olhar nunca deixando os cinco homens que estavam descendo a encosta em direção à pequena fogueira e os montinhos cobertos ao redor dela. — Tolos — ele respirou em seu ouvido. — Olhe para eles, como ovelhas para o matadouro.

Alex suprimiu o desejo de explodir em gargalhadas nervosas. Ovelhas? Ovelhas muito bem armadas — mesmo daquela distância e no escuro ela conseguia distinguir o brilho estranho de uma lâmina descoberta.

— Fique aqui — disse Matthew, e então ele se foi, deixando Alex de olhos abertos no caminho, para o caso de haver mais de cinco.

Uma forma se moveu rapidamente pela encosta. Matthew, ela percebeu depois de apertar os olhos por um tempo, e atrás dele estava John Brown — ou uma forma que ela assumiu ser John, era impossível distinguir. Alguém enviou uma pedra quicando, houve uma maldição sibilada e tudo congelou. Os cinco emboscadores se abaixaram, Matthew e John desapareceram na sombra de um rochedo. Um dos cavalos relinchou, mas em torno da fogueira as formas permaneceram imóveis — obviamente, já que consistiam

principalmente em montes de galhos e pedras. Alex engoliu em seco e lançou um olhar para o caminho. Ninguém lá.

Eles estavam quase no acampamento agora, cinco sombras que se comunicavam com movimentos das mãos, nada mais. E atrás deles vinham Matthew e John, movendo-se tão furtivamente quanto raposas. Um farfalhar e Alex reprimiu uma exclamação. Algo estava vindo pelo caminho, mas uma vez que se aproximou, Alex relaxou. As coisas que se moviam sobre quatro patas não eram sua maior preocupação no momento. Ela voltou sua atenção para o vale. A qualquer momento agora...

Foi por azar que, assim que a armadilha estava se fechando, Rachel despertou de seu sono, chorando alto. Os atacantes giraram na direção do som, viram Matthew e John Brown avançando sobre eles e se lançaram em um esforço conjunto contra eles. De seus esconderijos vieram os irmãos Peden, correndo para se juntar à luta, e Alex não podia suportar sentar-se ali agachada, a apenas alguns metros de distância, seu marido e seus amigos estavam lutando uma batalha muito equilibrada contra os bastardos que os queriam mortos, então ela colocou Rachel debaixo de um arbusto e se jogou no corpo a corpo.

— Saia daqui! — Matthew latiu. — Fique longe, Alex!

— Nem sonhando — ela gritou de volta. Mas se manteve à margem das coisas, não querendo atrapalhar todas aquelas lâminas. Ainda assim, de vez em quando um dos combatentes tropeçava ao alcance, e foi com certa satisfação que ela sentiu o pé se conectar às partes inferiores de alguém, um uivo indicando que essa pessoa específica não se moveria muito em breve.

Matthew estava em todo lugar, e foi sua espada que acabou com a luta, com aquele que aparentemente liderava gritando por misericórdia quando a lâmina se cravou em seu pescoço descoberto. Houve um momento em que Alex pensou que Matthew iria cortar sua garganta e matá-lo, mas para seu alívio, Sandy apareceu ao lado de Matthew, e o que quer que tenha dito foi suficiente para fazê-lo abaixar a lâmina e cuspir na cara do rufião. E então tudo acabou, os cinco homens amarrados e arrastados para a frente para que seus rostos pudessem ser estudados à luz do fogo, agora reavivado por Matthew.

Rachel ainda estava soluçando, um estranho gemido sentido escapando entre as mamadas energéticas.

— A hora foi ruim — Alex disse a ela. — O que eu deveria fazer? Alimentar você e deixar seu pai lutar por conta própria?

— Eu não estava sozinho, Alex — disse Matthew com um sorriso na voz. — Não, mas eu ajudei.

— Ajudou? Você deixou o homem aleijado para o resto da vida — acrescentou Sandy. — Não que ele vá viver por muito mais tempo.

— O quê? Você vai matá-los?

— Claro que não. Isso seria um pecado grave, uma mancha permanente em nossas almas. Não, vamos voltar com eles para Edimburgo, e lá entregá-los aos cuidados carinhosos das autoridades. — Sandy olhou para os homens com certo desdém. — Vão ser enforcados, como deveriam, bandidos que são. — Ele voltou-se para Alex, uma ruga aparecendo em sua testa que a fez suspirar por dentro.

Diferentemente do ministro Crombie, Sandy Peden fez de sua própria missão na vida garantir que a estrangeira sra. Graham fosse devidamente instruída em todos os aspectos da fé presbiteriana, dando-lhe palestras de horas sobre a Bíblia, a importância relativa de homens e mulheres, as qualidades de uma boa esposa, e ela podia ver mais um discurso chegando. Olhou para Matthew em busca de apoio, mas seu marido estava ocupado inspecionando nós, reorganizando as roupas de cama, cuidando de seu novo cavalo — qualquer coisa que de fato impossibilitasse que ela visse seus olhos. Sandy já tinha começado, sua bela voz repreendendo-a pelo comportamento pouco feminino que ela acabara de exhibir. Alex fingiu escutar, os olhos fixos na filha que amamentava.

Ela olhou para onde seu marido ainda estava ocupado com o cavalo. Não conseguiu distinguir mais do que a forma geral dele, mas isso foi o suficiente para que ela percebesse que ele estava rígido com a tensão e, para evidente surpresa de Sandy, ela se levantou, entregou-lhe Rachel que agora dormia e se aproximou de Matthew.

— Não acho que Presunto ainda tenha pedras nos cascos para desalojar — disse ela, beijando-o na nuca.

— Não. — Matthew continuou alisando as mãos para cima e para baixo nas pernas do animal.

— Nome estúpido para um cavalo — acrescentou ela em um esforço para distraí-lo.

— Você acha? Seria pior se ele fosse um porco. — Ele mexeu nos cabelos dela. — Nós poderíamos estar mortos.

— Mas não estamos, certo?

— Não, não estamos, mas não graças ao meu irmão mal caráter. Ele deseja a nós dois mortos, Alex, os dois!

— Ele não tentará novamente — disse Sandy, vindo se juntar a eles.

— Não? Como assim? — perguntou Matthew.

— Existem maneiras de se controlar um animal enlouquecido; você começa conversando com seu mestre.

— O quê? Matthew deveria procurar o rei? — Alex estendeu os braços para receber Rachel de volta.

— Hmm, não, isso não seria sábio, eu acho. Deixe comigo, sim? Sou eu, dentre nós aqui, que tenho o dom da palavra. Não que eu consiga agradar a todos os públicos. — Sandy piscou para Alex e saiu para conversar com seu irmão.



Duas noites sem incidentes, e pouco antes do meio dia do penúltimo dia de maio, Matthew fez Presunto subir o último trecho em direção a Hillview. Nuvens se perseguiram através de um céu azul em remendos, e um vento forte soprava as capas e capuzes, elevando a crina de Presunto para flutuar como um conjunto alongado de cachos de medusa em volta do pescoço poderoso. Um cavalo muito bom, não tão impressionante quanto Samson, mas com cascos fortes e pernas longas e uma boa cabeça, com ossos malares achatados e salientes que denotavam ascendência árabe.

Matthew sorriu ironicamente; ele só pensava no cavalo para se distrair das cobras que atualmente habitavam seu estômago. Teria mudado? Dois anos e meio desde a última vez em que vira sua casa em uma manhã fria de janeiro, e a cada passo que o cavalo dava na estrada, Matthew sentia seu coração acelerar, uma sensação de fraqueza nos cotovelos e joelhos.

— Você está bem? — Alex perguntou.

— Receio que possa ter mudado.

Alex soprou alto pelo nariz.

— Claro que sim, superficialmente. Assim como quando você voltou daqueles anos na prisão. — Ela ajustou o xale que segurava Rachel no peito e voltou a dar um tapinha na perna de Matthew. — Mas o coração, a essência, não muda. Os campos, a colina, a maneira como o riacho serpenteia através do prado, tudo isso permanece como sempre foi. É a terra que o chama, o lugar onde

você viveu quando criança, onde sua família vive há gerações. E não importa o quanto tenha mudado, ainda é o lugar a que você pertence, sempre enraizado ali. — Ela suspirou e deu uma risada trêmula. — Diferente de mim, hein? Eu não tenho raízes, nenhum lugar na terra eternamente rotulado como “lar”. Uma proverbial pedra rolante, sou eu. Mesmo nos meus velhos tempos — ou melhor, no meu futuro — era assim que as coisas eram.

— Você pertence a este lugar também — disse Matthew, estendendo a mão sobre o estômago dela. — Seu lugar é comigo. — Ele não gostava quando ela falava de sua vida antiga, mesmo que tão tangencialmente quanto acabara de fazer. Isso o deixava ciente do quão aleatório tinha sido o encontro dos dois, um desalinhamento do tempo, e duas pessoas que nunca deveriam ter se encontrado acabaram cara a cara.

Ele esticou os dedos, fingindo que poderia enrolá-los em volta do pequenino estranho no ventre dela, mantê-lo seguro e protegido. Ele riu; o bebê estava bem protegido sob a batida constante do coração da mãe. Pressionou a mão com mais força na barriga dela, varrido por um orgulho primitivo de sua própria virilidade; sua mulher, seu filho. Ela se apertou contra ele. Isso fez seu sangue ferver, como sua esposa amolecia com seu toque, e ele inclinou a cabeça para morder seu ouvido, rindo de como ela se arrepiava em resposta.

— Hoje à noite, em nossa cama.

— Talvez — ela disse com um pequeno encolher de ombros. Ele mordeu com mais força e ela deu um gritinho, prometendo que sim, claro, hoje à noite na cama deles.

— O que eu digo para ele? — Alex perguntou um pouco mais tarde a Matthew. — Venha aqui, venha para a mamãe? E se ele não quiser? — Ela se mexeu, claramente nervosa. — Eu continuo imaginando Mark se escondendo atrás das pernas de Joan, olhando para nós a uma distância segura.

— Você dirá a coisa certa; você é a mãe dele.

— Você acha?

— Claro que sim, moça. — O filho dele; não mais um bebê, mas um menino. Ele não conseguia visualizar esse pequeno ser desconhecido, o que via em sua mente era a criança que ele deixara para trás, todas as covinhas e dobras de gordura do bebê

com olhos claros. Alex temia que Mark não a reconhecesse. Ele temia não reconhecer o filho.

Matthew fez Presunto parar pouco antes de chegarem à última colina e desmontou.

— Preciso mijar.

Alex mexeu no cabelo, alisando-o antes de recolocar a touca e chapéu, e aos olhos de Matthew ela estava muito bonita, sentada no cavalo com a filha presa no peito. Ele pegou as rédeas e andou os últimos passos, e ali à sua frente estava Hillview, espalhada no verde do verão. O celeiro, o estábulo, o galinheiro, o pombal e a “casinha” — ainda todos ali, sólidos e permanentes. Ele observou as construções, observando que eram fortes e bem conservadas. Dois cavalos no prado, a linha de água brilhante onde o córrego se abria atrás da horta e dos galpões de armazenamento. Alex inalou e se virou para olhá-lo.

— Casa — disse ela.

— Sim; casa. — Seu olhar se voltou para a casa principal, encostada na colina — pedra cinza, telhado de ardósia escuro e duas chaminés. Casa. Ele passou a mão sobre os olhos e aspirou o ar mais puro do que o de qualquer outro lugar do mundo. Exclamações de alegria flutuavam de baixo, Matthew segurou firme as rédeas e começou a última caminhada ladeira abaixo, em direção à sua casa, sua família e seu filho.

Ela deveria estar examinando os rostos que esperavam, mas a única coisa que chamou a atenção de Alex quando Matthew levou Presunto pela encosta era tão incongruente que quase a fez cair do cavalo. Não podia ser! Ela olhou novamente para a roupa solitária pendurada para secar e suprimiu o desejo de cerrar os olhos. Azul claro, com pernas compridas e um zíper de cobre na frente; jeans... ali! Ela estava hipnotizada por eles, com a cabeça girando, mas depois estava sendo ajudada a descer do cavalo, Rachel foi tirada dela por Matthew, e ela se viu cercada por braços, por pessoas a acolhendo em sua casa. Havia Joan, ainda tão magra quanto uma estaca, os olhos cinzentos brilhando de lágrimas, os cabelos

cobertos por um gorro grande, e lá veio Simon, chorando abertamente enquanto a apertava contra o peito.

Alex foi empurrada na direção da casa e não teve dúvidas do que fazer ou dizer. Caiu de joelhos e estendeu os braços.

— Mark — disse ela, lutando contra a urgência das lágrimas. — Meu lindo Mark! Olhe para você, um garoto tão grande e forte. — O filho recuou, mas com um empurrão suave de Simon se aproximou dela. Tão sólido, tão real, e com aquele perfume tão singularmente dele ainda agarrado ao cabelo... Ela teve que se forçar a soltá-lo antes de esmagar o menino, sentindo o corpinho endurecer em seu abraço. Sentou-se nos calcanhares e pegou as mãos dele. — Senti tanto a sua falta e tentei imaginar como você estaria. E eu estava certa; você se parece com seu pai.

Ela escondeu um sorriso ao ver como Mark se esticava quando ela dizia isso. Claramente, o menino tinha sido muito informado sobre o pai, pelo menos a julgar pela forma como estava encarando Matthew. Era quase risível; o filho e o marido se entreolharam exatamente com os mesmos olhos, sorrisos idênticos aparecendo em seus rostos. Falemos sobre genes dominantes, ela sorriu.

— Filho — disse Matthew, agachando-se ao nível de Mark. — Venha aqui. — Ele abriu os braços e Mark se jogou neles, explodindo em lágrimas.

— Alex. — A voz de Joan tinha um tom de urgência e Alex deixou, por um momento, de assistir ao encontro do filho com o pai. — Há outra pessoa que você precisa ver. — Joan pegou Alex pela mão e a levou para dentro de casa.

— Outra pessoa? — Alex ajeitou as saias para seguir Joan pelas escadas, uma vaga premonição em seu intestino. O jeans!

— Simon o encontrou — disse Joan —, vai fazer duas semanas no domingo. Ele estava sozinho na floresta, chorando.

— Quem?

— Aqui — disse Joan, abrindo a porta entreaberta no final do patamar.

— Eu não acredito! — Alex juntou as mãos e olhou para Matthew como se ele pudesse, de alguma forma, resolver aquela bagunça.

Ele apenas encolheu os ombros, desamparado.

— Quero dizer, Isaac! Aqui! — Inquieta, ela recomeçou a andar de um lado para o outro no quarto. — Como Matthew? Como diabos ele pode estar aqui?

Matthew estremeceu com aquela linguagem, mas ela não se importou. Estava sendo dividida em átomos por aquilo. Dois filhos, dois meninos que perderam a mãe e os dois se reuniram com ela no mesmo dia.

— Joan disse que o menino contou que caiu em uma pintura pequenina. — Matthew parecia nauseado só de dizer aquilo.

Alex gemeu, puxou os cabelos. Impossível! E foda-se, Mercedes, por pintar esses malditos portais de tempo. Matthew a agarrou enquanto ela passava e puxou-a para sentar na cama, um braço mantendo-a imóvel.

— Vai dar tudo certo, vamos fazer dar certo.

Alex relaxou contra ele.

— Ele realmente me reconheceu, mas isso é porque viu muitas fotos minhas.

Isaac tinha se sentado com um gritinho quando Alex entrou no quarto.

— E ele achava que eu estava morta, então, quando me viu, supôs que isso significava que ele também estava e ele não queria morrer. — A boca de Alex se esticou em um breve sorriso. — Eu ainda suspeito que ele pensa que está morto, e não está nada impressionado com o céu até agora. Mas é, não é? — ela continuou, descansando a cabeça contra Matthew. — Este é um pedaço do céu, certo?

Ele havia aberto a pequena janela na noite quente, e o quarto estava cheio dos aromas inebriantes do início do verão, uma rica nota de topo para os cheiros familiares subjacentes de pedra, madeira e linho.

— Sim, é. — Ele deslizou da cama para se ajoelhar diante dela, pegou sua mão e a ergueu para beijar a palma. — Obrigado, eu não estaria aqui se não fosse por você.

Ela não sabia o que dizer, incapaz de sustentar aquele olhar tão intenso em seus olhos. Colocou a mão na bochecha dele por um instante.

— Eu fiz isso principalmente por mim — ela sussurrou.

— Por nós, por ele — Matthew sussurrou de volta, acenando na direção do filho.

— Não. — Ela passou os braços em volta do pescoço dele, puxando-o para perto o suficiente para beijá-lo. — Fiz isso por mim; eu teria morrido sem você. — O sorriso que se espalhou pelo rosto dele fez pequenos fogos de artifício explodirem por todo o corpo dela.

Ela desviou o olhar para a cama de rodízio onde Mark estava dormindo profundamente, jogado de costas. Nem uma vez durante o dia ele soltou o pai, e Matthew concordou em deixá-lo dormir com eles desta vez, anulando as objeções de Joan.

— Ele conhecia você — disse Alex —, mas não me conhecia. — Aquilo a machucara; não tanto quanto ela temia, mas ainda assim doía ver como Mark automaticamente se voltava para Joan, não para ela.

— Não, ele não me conhecia — Matthew respondeu com uma leve torção nos lábios. — Ele é só um garotinho que ficou cara a cara com seu herói. Como você disse; meninos pequenos sonham com homens altos que viveram aventuras. Receio que Simon tenha falado muito sobre mim.

Com Rachel alimentada e colocada em sua cesta, Alex virou-se para o marido.

— Vou ver como está Isaac, volto já.

— Sim, ou eu vou te encontrar.

Ela pôs a língua para fora e disparou.

A porta do quarto rangeu quando ela a abriu. Na cama, seu filho do futuro estava dormindo sozinho agora que Mark estava com eles. Ele tinha chorado, os cílios grudentos de salinidade úmida, e ela acariciou sua bochecha suavemente, não querendo acordá-lo. Ele suspirou e tentou se virar, a testa se franzindo em uma careta quando sua perna quebrada protestou.

Ela olhou para o garoto adormecido, os dedos pairando a milímetros da pele dele. Quantos anos ele tinha? Alex contou os anos na cabeça e concluiu que ele tinha sete, prestes a completar

oito, esbelto onde Mark era robusto, com um rosto bonito, quase feminino, salvo por duas sobrancelhas retas e escuras. Seu cabelo estava cortado curto, arrepiado como espinhos de ouriço em seu couro cabeludo, e enquanto dormia, sua boca se abriu, uma trilha molhada escorrendo pelo canto.

Ela aguçou o olhar, examinando os traços dele em busca de qualquer semelhança com o pai biológico. Estava lá, tudo bem, desde o formato das sobrancelhas e da boca até o nariz. Mas, principalmente, ele a lembrava de Don Benito — e talvez de Mercedes. Não havia nada dela na criança adormecida; nem no tom de pele nem nas feições. Alex roçou os lábios contra sua testa, colocou bem firme a colcha em volta dele e voltou para o quarto e para o homem que a esperava.

No dia seguinte, Alex conseguiu que Isaac contasse o que havia acontecido. A princípio, ele se recusou a falar sobre o assunto, mas aos poucos ela foi tirando informações dele, ouvindo sua descrição de como ele caíra durante um bom tempo antes de aterrissar com um baque. Ele parecia muito pálido enquanto contava, e Alex suspeitava que não tinha sido tão simples assim, mas optou por não forçar.

— Explique um pouco mais sobre a pintura — disse ela.

— Eu gosto de ficar no estúdio da Mercedes. Offa diz que posso pintar o quanto quiser lá.

— Você pinta? Uau! Você também sabe desenhar?

Isaac fez um gesto depreciativo.

— Eu gosto de cores.

Ele estava vasculhando os armários em busca de um novo tubo de tinta verde, e logo atrás encontrou a pequena pintura, presa entre a prateleira e a parede. Ele a soltou de lá, atraído pelo brilho das cores e por como aquilo — ele lhe lançou um olhar preocupado — bem, como aquilo cantava, ou algo do tipo.

— E eu pude ver você — disse ele com uma voz surpresa. — Eu vi você lá, no fim do túnel.

Alex mordeu o interior da bochecha. Então era verdade; as imagens em turbilhão da Mercedes eram portais para outras

épocas. Isso a fez se sentir fraca, suor frio brotando por todo o corpo. A mãe dela, uma bruxa, algum tipo de viajante do tempo recorrente... Ela bateu uma porta mental nesses pensamentos e concentrou-se no filho. Entre os pertences dela ainda havia a pequena imagem destinada a Sir William, e talvez ele pudesse voltar do mesmo jeito que veio — se quisesse.

— Você gostaria de voltar? — Parabéns, Alex Graham; primeiro prêmio pela pergunta mais estúpida de todos os tempos. Isaac lançou-lhe um olhar espantado. Voltar? Ela achava que ele poderia? Sim, sim, ele queria muito voltar, sentia falta de papai, Diane, Offa e até das gêmeas.

— Das gêmeas?

— Minhas irmãs bebês — disse Isaac. — Olivia e Alice.

— Ah — disse Alex, inundada por uma onda de ciúmes. — Gêmeas da Diane? — Com o John dela? Bom, tudo bem; não era o John dela, não mais, mas ainda assim...

Isaac apenas assentiu, parecendo um pouco irritado com a interrupção em sua litania do quanto ele odiava tudo ali.

— Odeia tudo aqui?

Isaac acenou com a mão ao redor. Sem TV, sem computador, e olhe para a cama... A janela era pequena e alguém pegara seu jeans e lhe dera em troca um vestido branco comprido e todo mundo cheirava mal.

— Até você, apesar de não tanto quanto os outros. — Ele continuou dizendo que odiava a comida: o café da manhã era bom, mas o jantar era horrível, e por que nunca havia tomate? — E eu não escovei meus dentes uma única vez — terminou, dando uma espiada nela.

— Hmm, bem, não podemos continuar assim, podemos?

Alex cheirou a manga da blusa. Até onde conseguia perceber, ela não cheirava mal, estava usando uma roupa limpa.

— Você ficou preso aqui o tempo todo? — ela perguntou, interceptando um olhar ansioso em direção à janela.

Isaac assentiu infeliz.

— Ela — tia Joan — diz que não devo me mexer.

— Você ainda pode se sentar do lado de fora, e tenho certeza de que Samuel pode fazer muletas ou algo assim. O problema será

encontrar roupas para você. Os jeans estavam dobrados em uma cadeira, mas primeiro eles não caberiam sobre a perna enfaixada, e segundo Alex não tinha intenção de permitir que ele os usasse. — Suponho que dê para você sair com essa camisa.

— Mas... — Isaac corou. — Eu... eu não estou de cueca!

Alex riu.

— Bem-vindo ao clube, senhor. E deixe-me contar um segredo, ninguém aqui usa.

Matthew levou Isaac para fora e o ajudou a se sentar em um banquinho perto da porta da cozinha, a perna esquerda estendida desajeitadamente à sua frente. Isaac o olhou com curiosidade; aquele era o homem com quem sua mãe era casada, e isso também fazia com que eles tivessem algum tipo de parentesco. A boca comprida de Matthew se curvou para cima.

— Você vai ficar bem?

Isaac assentiu. Os adultos eram mais ou menos iguais em todos os lugares, e ele podia ver que Matthew estava com pressa de sair.

— Sua mãe vai descer aqui em breve, e se seu irmãozinho vier perguntar sobre mim, diga a ele que estou com os cavalos, certo?

— Irmão? — Isaac piscou confuso.

— Mark — Matthew esclareceu e saiu.

Isaac ficou sentado olhando para ele, testando aquela nova palavra: irmão. Ele não gostou; de modo algum e, quando Mark passou correndo, ele fingiu dormir, estudando o novo filho de sua mãe por baixo dos cílios.

Durante toda a manhã, Isaac se sentou em seu banquinho, apoiando as costas na pedra quente da parede atrás dele. Ele viu Matthew andar de um lado para o outro, com Mark feito sombra correndo atrás, e apenas observá-los juntos fez seu interior apertar com saudades do pai. Ele suspirou; se ao menos não tivesse... Seus olhos se encheram de lágrimas e ele soluçou, sentindo-se excluído daquela estranha existência que acontecia ao seu redor. Ele não queria ficar ali e lançou um olhar zangado para a perna. Depois que pudesse andar, ele fugiria, não devia ser tão longe para ir a Edimburgo, e pelo menos ele estaria em casa, em uma cidade

que ele conhecia. E ele usaria jeans, não aquela camisa estúpida e larga. Ouviu passos atrás de si e enxugou o rosto, usando a manga ampla como lenço.

Alex já estava parada nas sombras há algum tempo, observando-o, aquele lembrete tangível de uma vida que ela fizera grandes esforços para esquecer. Seu coração se comoveu por ele quando ela percebeu que ele estava chorando, um menino pequeno em uma camisa grande que escondeu o rosto na manga quando ela se aproximou.

— Oi — disse Alex, sentando-se na grama ao lado dele. Ela colocou Rachel no colo e desfez os laços da roupa. Isaac olhou para o peito descoberto.

— É assim que ela se alimenta?

Alex assentiu, segurando a cabeça da filha.

— Até ter mais ou menos um ano. Ela também aceita o biscoito molhado no leite, ou cenouras.

— Eu também fiz isso? — Isaac pareceu enojado com o pensamento.

Não, ela pensou, você não, porque eu não aguentava seu peso em meus braços, e apenas o pensamento de tê-lo no meu peito me enchia de pânico.

— Você não gostou — Alex mentiu, e viu como ele cedeu ao alívio.

— Diane diz que isso estragaria a silhueta dela — disse Isaac.

— Bem, ela diria isso mesmo — Alex murmurou. — Mas para começo de conversa ela não tem muito o que estragar, mais ou menos reta como uma tábua de passar. — Ela passou Rachel para o outro lado e sorriu para o filho. — Você gosta de Diane?

Muito, ele disse, descrevendo com entusiasmo quanto tempo eles passavam juntos no WoW.

— WoW?

— World of Warcraft — disse Isaac. Por alguns minutos, ele realmente pareceu feliz, com os olhos brilhantes enquanto explicava tudo sobre o jogo para ela. Não que ela entendesse muito, mas conseguiu parecer cativada.

Alex entregou uma Rachel satisfeita para Isaac.

— Aqui, segure-a para mim. Vou procurar algo para beber, ok?

— Ele apenas assentiu, os braços apertados ao redor do bebê.

Quando Alex voltou carregando um jarro de leite frio e um pedaço de torta, Isaac estava cantando para Rachel, em sueco.

— Quem te ensinou isso?

— Offa — ele sorriu —, mas ele diz que não devo contar às pessoas do que se trata.

— Melhor não, e ele não deveria estar ensinando coisas assim, você tem apenas sete anos. De qualquer forma, sua irmã parece gostar.

Isaac ficou rígido.

— Minha irmã?

Alex assentiu, a boca cheia de torta. Isaac balançou a cabeça e empurrou Rachel do colo para pousar na grama.

— Ela não é minha irmã! Minhas irmãs são Olivia e Alice, e são meninas bonitas, não gordas como esta. E elas também não fedem.

Alex levantou Rachel, olhando feio para Isaac.

— Ela não é gorda! E ela é um bebê. Você podia tê-la machucado. — Ela se levantou para se erguer sobre ele, com Rachel gritando nos braços. — Obviamente você não aprendeu boas maneiras, não é?

Ela saiu, deixando Isaac sentado sozinho.



Por dois dias, Alex ficou distante de Isaac, restringindo a comunicação entre eles ao que era absolutamente necessário, nada mais. Ele deveria se desculpar pelo que fez, ela disse a si mesma, poderia ter machucado Rachel. E, no entanto, ele mesmo não era muito mais que um bebê, um garotinho perdido no espaço. Ela suspirou e virou-se para o outro filho, que estava puxando suas saias.

— Sim? — ela perguntou quando Mark permaneceu em silêncio, uma expressão de profunda concentração em seu rosto.

— Isaac chora à noite — ele soltou, e antes que Alex pudesse dizer alguma coisa, ele já estava voando pela porta.

— Você tem sido um pouco dura com ele nos últimos dias — disse Joan, sentando-se ao lado dela na mesa da cozinha. Entregou a Alex uma tigela de ervilhas e elas se sentaram em um silêncio sociável.

— Ele não deveria ter empurrado Rachel do colo. — Alex tentou parecer severa, encontrar um pouco de raiva dentro de si. Na realidade, o que sentia era culpa; por não sentir falta dele com tanta frequência nos anos anteriores, por saber que se tivesse que escolher entre esta época e aquela, sempre escolheria ficar aqui, com Matthew e seus filhos.

— Não mesmo — concordou Joan —, mas ele é uma criança que está muito longe de casa. Não apenas no espaço, mas também no tempo.

Alex deu-lhe um olhar de admiração. Joan parecia bastante relaxada, e ainda assim, tinha ficado da cor de um lençol sujo quando Alex contara a verdade algumas noites atrás, admitindo que sim, ela também tinha viajado através do tempo, assim como Isaac.

— Isso não te assusta mais?

— Se me assusta? — Joan riu. — Eu nem consigo lidar com o quanto. — Ela mordeu uma vagem descartada e olhou para Alex por um longo tempo. — Pobre menino; tão infeliz aqui.

Alex se contorceu. Joan estava certa; ela tinha sido muito dura com o pobre Isaac.

— Você sabe onde ele está? — ela perguntou, levantando-se.

— Lá fora, eu acho. Ele tem evitado a casa esses dias.

Alex encontrou Isaac no riacho, olhando ansiosamente para a água. Atingida por uma inspiração, ela correu de volta para casa e voltou com toalhas e sabão, caindo de joelhos ao lado dele.

— Certo, você vai tomar banho. Lembre-se, a água está fria no começo de junho, mas você realmente deve se lavar antes que seus ouvidos fiquem cheios de mofo.

As mãos de Isaac voaram até seus ouvidos.

— Brincadeira — disse Alex —, mas você está fedendo, sabia?

Ele não estava; tinha cheiro de criança, cabelos aquecidos pelo sol e um leve toque salgado que ela esperava que fosse suor, não lágrimas.

— Você também — Isaac respondeu.

Alex sorriu e tirou as saias.

— É por isso que vou tomar banho com você.

Pela maneira como Isaac olhou para ela, ele nunca tinha visto uma mulher nua antes, e ficou rosa escuro quando ela o despiu, desfez o curativo e estudou a perna.

— Eu vou carregar você até o fundo, e você pode testar se consegue se mover. Você sabe nadar, certo?

— Claro que sei!

Ela o pegou e entrou na água.

— Merda, merda, merda! — ela exclamou entre dentes, fazendo Isaac rir. Ele gritou quando a água fria atingiu sua pele, e segurou firme Alex enquanto ela o rebocava na água mais profunda.

— Então, você consegue usar a perna? — ela perguntou, soltando-o. Ele remou, um pouco desajeitado no começo, mas logo estava se movendo graciosamente pela água, rindo até engasgar quando ela o perseguiu com o sabão.

Depois, sentou-se ao lado dela ao sol, ainda nu, e Alex deu-lhe um abraço rápido.

— Eu te amo, e mesmo que eu esteja longe de você por muitos anos, nunca te esqueci.

Isaac desviou o olhar.

— Isso é o que Offa sempre dizia, que você ainda estava me espiando.

Alex se inclinou para trás e se apoiou nos braços, erguendo o rosto para o sol.

— Sinto muita falta de Magnus, ele está bem?

Isaac deu de ombros; Offa era grande e forte, fazia os melhores bolos de chocolate do mundo, conversava muito sobre plantas.

— Como sempre, então. — Alex riu.

— Eva diz que ele precisa se exercitar mais, mas Offa não quer.

— Eva?

— Offa gosta dela — disse Isaac, sem rodeios. — Ele a beija muito. Diane diz que é nojento, duas pessoas idosas ficarem assim.

Agora, por que será que isso não a surpreendia? Alex reprimiu um comentário cáustico, odiando que fosse Diane, e não ela, quem tinha acesso a Magnus.

— E Diane — ela perguntou, vestindo as saias. — Ela está bem? — Isaac lhe deu um olhar cauteloso e concordou. — E você sente falta dela?

— Sim — ele disse em um sussurro.

— Está tudo bem — Alex disse a ele. — Estou feliz que você sinta. Isso significa que ela foi boa com você, certo?

Isaac engoliu um soluço.

— Eu... ela... ela sempre me lembra para a escola, e então... — Ele enxugou os olhos. Nós vemos filmes de terror juntos, apenas Diane e eu, quando as gêmeas estão dormindo e papai ainda está no trabalho, e...

— Shh — Alex disse, puxando-o para perto. Ele se afastou e Alex deixou cair os braços, Isaac sentou-se de costas para ela,

cravando os dedos no chão arenoso. Merda; aquilo era muito mais difícil do que ela esperava.

Alex terminou de se se vestir antes de enfaixar de novo a perna dele.

— Está curando muito bem, mas a partir de agora você tem ordens de nadar pelo menos uma vez por dia, ok? Vai fazer bem para os músculos, eu acho. — Ela o ajudou a se vestir e lhe entregou as muletas, combinando seus passos com o ritmo dele enquanto voltavam para casa. — Quando sua perna estiver curada, vamos ver o que fazer. Talvez exista uma maneira de mandar você de volta.

Uma esperança selvagem brilhou nos olhos de Isaac, uma esperança que desapareceu tão rapidamente quanto chegou.

— Como?

— Eu não sei, mas talvez eu possa pensar em alguma coisa. — Ela parou quando chegaram à vista total da casa. — Primeiro você tem que melhorar. Então veremos.

— Como você pôde dizer isso a ele? — Matthew olhou para Alex com um sulco desaprovador entre as sobrancelhas. — Você não pode mandá-lo de volta, pode?

Alex se contorceu por dentro. Ele não ia gostar daquilo, mas não havia como escapar agora.

— Eu acho que posso.

— Ah, sim? Como?

Estavam sentados na encosta nua da colina que dava nome à casa, e embaixo deles estavam espalhadas as construções, os prados e os campos de cevada mais próximos. Eles andaram de mãos dadas pelo bosque, parando frequentemente para se beijarem, pois Matthew insistia que aquela era uma árvore sob a qual eles nunca haviam se beijado antes. Foi a primeira vez desde que voltaram para casa em que ficavam sozinhos, as crianças deixadas nas mãos competentes de Joan.

— Encontrei outra pintura. — Alex prosseguiu e contou sobre o pacote que ela deveria entregar a Sir William e como ela o tinha

aberto, movida por um impulso inexplicável. — Eu considerei queimá-lo — ela terminou.

— Por que não queimou? — A voz de Matthew estava muito distanciada.

— Eu não sei — respondeu Alex, puxando a grama. — Eu... Deus, isso parece bobagem, eu simplesmente senti que não deveria.

Ele a dardejou com olhos que brilhavam em um verde perigoso.

— Por quê?

Ela apenas deu de ombros e ele se levantou.

— Você achou que poderia precisar?

— Não! — ela protestou, mas no fundo de sua cabeça, uma vozinha estalou em objeção. Ela agarrou a mão dele e puxou até ele se sentar novamente. — Sinceramente, não sei por que não o queimei. Mas juro que nunca planejei voltar ao meu tempo.

Ele a estudou em silêncio, parecendo tudo menos convencido.

— E você vai queimar se eu pedir?

— De bom grado. Mas não antes de tentar mandar Isaac de volta. Ele não pertence a este lugar, o coração dele está lá, com John e Magnus, com Diane.

Matthew franziu o cenho — não, fez uma careta — e balançou a cabeça.

— Ele é apenas um menino. Devemos mantê-lo aqui conosco, não o enviar voando no tempo. Eu não gosto disso, essas pinturas estão cheias de bruxaria. Elas são profanas... E se ele acabar em algum outro lugar?

Alex engoliu em seco diante do pensamento.

— Eu disse que precisamos tentar. E não tenho ideia de como isso funciona, ou mesmo se funciona, mas vou precisar de você muito perto, ok?

Matthew mordeu o lábio, os olhos ficaram muito escuros. Finalmente ele a abraçou.

— Sim, eu estarei muito perto.

Ela reclinou-se contra ele, sentando-se entre suas pernas. Ele relaxou o aperto, deixando as mãos descenderem para descansar na leve protuberância da nova criança.

— Você lamenta? Estar grávida de novo?

— Eu acho que é muito cedo. Rachel mal estará desmamada quando a próxima chegar, e essa não é exatamente uma ideia agradável. Meus peitos serão como o úbere de uma vaca, se eu não tomar cuidado. — As mãos dele subiram para segurar os seios dela, apertando-os com apreciação. — Mas não — ela suspirou. — Não lamento pela criança em si. Como posso lamentar? — Mesmo assim ela fez uma anotação mental para acumular um suprimento considerável de sementes de rendas da rainha Anne e de todas as outras ervas que a sra. Parson lhe falara a respeito, porque não tinha intenção de engravidar tão rapidamente na próxima vez.

— Gosto quando você fica assim, quando fica redonda por minha causa.

— Quase se pode pensar que você prefere que eu fique permanentemente grávida.

— Combina com você. Você nunca é tão bonita como quando carrega um filho meu no seu ventre.

— Me faz parecer um pêssago gigante. — Ela olhou para si mesma e fez uma careta; tudo estava inchado: seus peitos, sua barriga, até seus pés.

— Mais como uma pera, um pouco mais larga em volta dos quadris. — Ele enfiou a mão embaixo dela, dando-lhe um pequeno aperto no traseiro.

— Matthew! — Ela protestou.

— Bem, eu gosto de peras. Muito, muito mais do que de pêssagos.

— Huh — disse ela, mas ficou satisfeita.



— Então... — Simon abriu as mãos em um gesto de impotência. — Ele é intocável.

Matthew resmungou, lendo os documentos compilados por Simon. Rico e bem conectado, nos últimos anos, seu irmão colhera sucesso após sucesso. A indignação ficou entalada em sua garganta ao descobrir quão boa era a vida de que Luke Graham estava desfrutando. Cavalos, joias e parte da propriedade de vários negócios — incluindo uma companhia de navegação que negociava exclusivamente com as colônias — condecorado pelo rei, era um membro constante da corte que circundava Carlos II. Uma inteligência verdadeira, um homem educado e um impressionante jogador de xadrez, Matthew leu, bufando de irritação.

— Deve haver algo que eu possa fazer! Não posso apresentar queixa por sequestro ilegal? Por colocar assassinos pagos atrás de minha esposa e de mim?

— Com que provas, Matthew?

Matthew xingou, alta e criativamente.

— Não está certo.

Os possíveis assassinos foram entregues às autoridades, mas todos se recusaram a nomear o mandante, insistindo que não o conheciam — e com toda a probabilidade eles estavam dizendo a verdade.

— Não. — Simon suspirou. — Mas quem lhe deu a noção de que a vida é justa? — Ele olhou para onde Alex e Joan estavam

pendurando roupas, sorrindo quando ouviu sua esposa rir em voz alta. — Esqueça-o.

— Eu não posso.

— Eu te disse — Alex falou mais tarde naquela noite, quando Matthew reclamou com ela sobre a pura injustiça de que seu irmão saísse livre. — Mas isso realmente não importa, não é? Afinal, você está de volta, são e salvo, e isso provavelmente é suficiente para fazer Luke uivar como um gato com as bolas na ratoeira.

Matthew riu alto com a comparação.

— Você acha?

— Mmhh. — Ela afagou os cabelos dele. — Simon está certo. Finja que ele não existe e se concentre em sua própria vida, ok?

— É só que... — Ele cerros punhos, apertando com força suficiente para o nós dos dedos protestarem.

— Eu sei, é claro que eu sei. Mas não lhe dê a satisfação de manchar toda a sua existência. Ele não vale a pena. — Ela se aconchegou mais perto, um calor pesado contra o peito dele. — Deus, estou tão cansada — ela murmurou. — Juro que, se Rachel não dormir a noite toda, vou pendurá-la do lado de fora da janela. — Ela bocejou, os olhos piscando pesadamente. — Você viu Isaac e Mark hoje?

— Sim — Matthew sorriu —, mais entusiasmo do que habilidade.

— Bem, não é fácil, as pipas são difíceis de fazer, e de empinar.

— Eu notei — ele brincou. — Seu design ficou um pouco pesado demais.

— Vamos ver você se sair melhor, senhor especialista em pipas. De qualquer forma — acrescentou ela, interrompendo-se para mais um bocejo —, meu argumento era que eles estavam brincando juntos.

Nas próximas semanas, Isaac começou a gostar um pouco mais de Hillview. Ele acordava de madrugada quando o resto da casa começava a despertar e, agora que podia se mover, era o primeiro na mesa do café da manhã, tomando mingau e comendo presunto e pão em quantidades impressionantes. Depois disso, ele ia mancando até o galinheiro para fazer sua tarefa diária — alimentar

as galinhas e colher seus ovos — e a maior parte da manhã passava voando quando lhe pediam para fazer isso ou aquilo.

Ele era útil ali, e Matthew às vezes o elogiava bruscamente. Como quando ele conseguiu salvar alguns dos leitões de sua mãe louca, usando a muleta para golpear a porca repetidamente no focinho até que alguém pudesse vir salvar os porquinhos.

Ainda assim, não importava o quão bem ele estivesse se conformando com sua nova realidade, não havia um dia em que ele não ansiasse por sua casa. Na maioria das noites, adormecia olhando para a parede enquanto se esforçava para se lembrar dos rostos deles: papai, Offa, Diane e as gêmeas. Às vezes, tudo aquilo era demais, e ele se esforçava para andar até o bosque, se escondia e chorava, esperando que logo acordasse e descobrisse que tudo tinha sido apenas um sonho.

Em uma dessas tardes, ele foi interrompido pelo aparecimento de um garoto que nunca tinha visto antes, e Isaac recuou, voltando para trás até ficar de costas para um tronco. O garoto tinha aproximadamente a idade dele, talvez um pouco mais, e seus cabelos castanhos escuros caíam quase até os ombros. Cabelos surpreendentemente parecidos com os de Matthew e Mark, assim como seus olhos, que encaravam Isaac com franca curiosidade.

— Quem é você? — O garoto agachou-se alguns metros adiante, observando as muletas.

— Isaac.

— Ah, o órfão. — O garoto riu da expressão de surpresa de Isaac. — Todos sabemos o que acontece na casa grande. E agora que o mestre voltou, estamos muito mais curiosos. — Ele se sentou. — Eu sou Ian — disse, e era óbvio que assumiu que isso significaria algo para Isaac. — Ian Graham, sobrinho do mestre.

— Eu nunca te vi lá — disse Isaac.

Ian desviou o olhar.

— Não, não vamos muito lá.

— Nós? — Isaac imaginou uma tropa inteira de clones de Ian, liderados por um óbvio irmão gêmeo de Matthew.

— Minha mãe e eu. Vivemos lá em cima, no chalé. — Ele apontou a encosta.

— Por que lá? — Isaac disse, distinguindo uma casa pequena e em ruínas. — Por que não na casa grande?

Ian murmurou algo sobre não saber o porquê.

— Você é da família então? — Ian perguntou, voltando os olhos curiosos para Isaac.

— Sim. — Isaac não quis dizer muito mais do que isso, mas Ian o importunou com perguntas até que Isaac lhe disse que era filho de Alex, ali para uma visita muito atrasada, e que havia quebrado a perna caindo de um cavalo.

— Deve ter sido um cavalo enorme.

Isaac assentiu e os dois ficaram em silêncio. Uma voz alta chamou Ian e ele se levantou.

— Minha mãe; talvez eu te veja de novo.

— Claro — Isaac sorriu. Ian sorriu de volta e então se foi, desaparecendo entre as árvores.

Tornaram-se o ponto alto do dia de Isaac, aqueles encontros com Ian. Todas as tardes, ele se escondia atrás da “casinha” e seguia para o lago onde Ian estaria esperando. Um garoto, quase como ele, e eles pescavam e contavam histórias, deitados de costas para olhar o céu revoltado. E então um dia Matthew entrou na clareira, e Ian se levantou, deu uma olhada em seu tio e fugiu.

— Ian? — Isaac chamou. Sem resposta, apenas o estrondo de alguém correndo pela vegetação rasteira. Isaac franziu o cenho para Matthew, sem entender por que Ian estava tão assustado.

Matthew deu de ombros, os olhos fixos na direção geral da partida apressada de Ian.

— Há uma rixa entre o pai dele e eu, uma rixa muito ruim.

Isaac se aproximou de Matthew.

— Ele se parece com você.

— Sim, e com Mark. — Por alguma razão, as sobrancelhas de Matthew se franziram.

— Você os viu? — Alex endireitou-se.

Matthew murmurou algo sobre ter visto todos os arrendatários.

— Então você falou com eles.

— Com ela, não com o menino. E foi apenas muito brevemente.

— É mesmo?

— Bem, foi preciso; teria sido indelicado não agradecer a ela por sua ajuda financeira.

— Ah, claro. Como alternativa, pode-se considerar que era o mínimo que ela deveria fazer, já que foi o marido desgraçado dela que sequestrou você.

— Alex. — Ele suspirou.

Ela se aproximou para sentar no colo dele, com os braços em volta de seu pescoço.

— Eu não quero que você a veja. Ou ele. — Especialmente Margaret, a linda e esbelta, Margaret, com cabelos muito pretos e olhos azuis claros. Ela deu uma olhada em si mesma. Definitivamente não estava esbelta, e se fosse bem sincera, nunca fora. Também não era gorda, apenas um pouco mais redonda. Mas ela odiava que Margaret e ela fossem tão parecidas, iguais o suficiente para comparar.

— Você é muito mais bonita — disse Matthew. Alex lançou-lhe um olhar irritado; ela era assim tão transparente? Aparentemente sim, pelo menos a julgar pelo seu sorriso.

— Okay, certo; qualquer homem com um pouco de senso de autopreservação diria isso com a esposa grávida no colo — Alex bufou.

Matthew mordeu a orelha dela até ela gritar.

— Você está me chamando de mentiroso?

— Isso ou potencialmente cego — disse ela com uma gargalhada quando ele lhe fez cócegas. Ele a beijou, um beijo longo e promissor.

— Eu não sou mentiroso — ele disse uma vez que a deixou respirar. — E não há nada errado com a minha visão.

Ela o beijou de volta.

— Promete? Que você não verá nenhum deles?

— Sim, eu prometo — ele suspirou.

Joan ficou reticente quando Alex a interrogou sobre Margaret no dia seguinte, dizendo logo que Margaret tinha chegado com o menino e pedido para ficar no chalé novamente.

— Mas por quê? Por que diabos ela viria aqui?

— Ela sabia que vocês não estavam, e temo que ela achasse que vocês nunca voltariam, pelo menos não ele. — Ela usou a cabeça para indicar seu irmão, atualmente cruzando o quintal com Mark e Isaac nos calcanhares. — Eles gravitam na direção dele.

Alex seguiu o olhar da cunhada.

— Como os três mosqueteiros.

Joan bufou, fazendo Alex sorrir. Alex contara a história nas últimas noites de verão, e Joan ficou cativada, os olhos arregalados enquanto bombardeava Alex com perguntas sobre d'Artagnan, cardeal Richelieu, a rainha infiel e a perversa Milady de Winter.

— É verdade? — Joan perguntava repetidamente. — A rainha francesa traiu o marido com o duque de Buckingham? Porque se ela o fez, bem, o atual rei da França é um bastardo — e um bastardo inglês para começar!

— É um livro — Alex tentara —, não necessariamente a verdade.

— Ela poderia ter ido para outro lugar — disse Alex, voltando ao assunto sobre Margaret.

Joan balançou a cabeça.

— Ela voltou para casa. Este é o único lar que ela já conheceu. — Havia um fio de crítica implícita em sua voz que fez Alex calar a boca antes que ela dissesse mais alguma coisa. Por dentro, ela estava furiosa; aquela era sua casa agora, não a de Margaret, e ela podia muito bem ir para o inferno longe dali. De preferência, imediatamente.

As coisas não melhoraram exatamente quando ela encontrou Matthew com Ian alguns dias depois. Ela havia colocado Rachel irritada em seu xale e saído para uma longa caminhada, comemorando em silêncio quando a criança adormeceu. Estava no meio da encosta com as bétulas quando ouviu a voz de Matthew, vindo de trás de um matagal à sua direita. Ela se aproximou e o viu sentado com um garoto desconhecido, que parecia tanto uma versão mais velha de seu Mark que ela teve que engolir uma exclamação de surpresa.

Eles estavam remando com os pés no pequeno riacho, e ela não conseguia ouvir do que estavam falando, mas pôde ver quando os olhos do menino se afastaram de Matthew e como o marido colocou

o braço em volta do garoto. Matthew fechou os olhos com a proximidade do garoto, e metade dela sentiu pena dele, a outra estava morrendo de ciúmes por ele estar ali, com Ian, em vez de com o filho deles. Ele tinha prometido! Ela refez seus passos e voltou para casa.

— Você teve um bom dia? — ela perguntou mais tarde naquela noite.

Matthew bocejou e assentiu.

— Senti sua falta à tarde, fui procurar por você.

“Pegue!”, ela disse mentalmente, aproveite a oportunidade e conte-me sobre você e Ian.

— Procurou? — disse Matthew. — Eu devia estar em outro lugar.

— Ele bateu ao seu lado na cama. — Você vem?

Alex balançou a cabeça.

— Vou pegar uma caneca de leite, já volto.

E ela ficou sentada na cozinha escura até ter certeza de que ele estava dormindo.



Matthew não demorou muito para descobrir que algo estava irritando sua esposa, nem para entender que, de alguma forma, tinha sido ele quem a afrontara. Ela mantinha uma distância constante, levantando-se apressadamente para sair quando o via indo ao encontro dela e mantendo uma impressionante fortaleza de crianças ao seu redor. Se ele tentasse beijá-la, Rachel precisaria ser alimentada ou trocada ou ter sua erupção cutânea atendida. Quando ele pegava a mão dela, ela se soltava e dizia que havia prometido ir nadar com Isaac ou ao bosque com Mark. À noite, ela reclamava dos montes de remedos que tinha que fazer, acenando para que ele fosse sozinho para a cama e assegurando que estaria acordada mais tarde, depois de terminar a camisa ou a bata. Ele nunca conseguia ficar acordado até que ela aparecesse.

Foi apenas quando viu um relance de movimento ao descer de mais uma tarde com Ian, que ele juntou dois e dois e foi jantar com uma sensação de afundamento na boca do estômago.

— Outro dia bom? — ela perguntou em um tom farpado, mantendo os olhos no prato.

— Sim.

— Encontrou alguém em particular? — ela perguntou, fria o suficiente para congelar um cavalo. Joan e Simon trocaram um olhar rápido e os deixaram no campo de batalha.

— Você quebrou sua promessa para mim — disse ela quando estavam sozinhos. — E pior ainda, você não me disse que viu Ian, mesmo quando eu lhe dei a oportunidade.

— Ele é meu filho — disse Matthew, beligerante. — Você vai me negar que eu o veja?

— Ele não é seu filho! Ele é filho deles! Eles o criaram desde de que era bebê, são os valores e as opiniões deles que formam o mundo e o modo de pensar dele, e não o seu. Ele está perdido para você, está perdido desde o dia em que você abriu mão dele. Além disso, esse não é o ponto. O ponto é que você prometeu e quebrou sua promessa. Então, como vou confiar em você? Talvez você a tenha visto também às escondidas, como vou saber?

Suas bochechas esquentaram de raiva e vergonha pela insinuação em suas palavras.

— Você sabe que eu nunca desonraria você. — Uma imagem de Kate passou por sua cabeça e sua pele ficou ainda mais quente.

—Sei mesmo? Porque pensei que você sustentaria sua palavra também. — Ela se acalmou, empurrando a ceia quase intocada de um lado do prato para o outro. Ele a estudou, suspirando interiormente. Como ela podia se sentir ameaçada pelo fato de ele ver o filho?

— Eu não pude evitar. Juro que não tinha intenção de quebrar minha palavra, mas ver Ian se afastar de mim com medo, como ele fez naquela tarde, quando me deparei com os garotos na pequena clareira, bem, acabou comigo. — Matthew apoiou o rosto nas mãos. — Ele está preso no meio de tudo isso; não entende por que ele e a mãe não podem ficar aqui, com seus parentes. E você está certa em dizer que ele não é meu, não como seria se fosse eu que cuidasse. Mas você não entende que eu pego esses poucos momentos juntos e tento dar ao menino algo de mim para levar com ele? — Ele manteve os olhos na mesa. Meu Ian; meu pequenino garoto, e eles o roubaram de mim, e agora, bem, agora era tarde demais. Uma mão acariciou sua cabeça, descansando por um tempo ali.

— Eu também perdi um filho. Isaac é dela — da Diane — muito mais que meu.

Era diferente, ele queria gritar, Isaac não tinha sido arrancado dela por mentiras, tinha? Não, em vez disso, essa desconhecida Diane tinha feito a coisa certa por um menino sem mãe — mas ela não gostaria de ouvir isso.

— Sim, mas seu Isaac está nas mãos de quem você confia. Eu... bem, joguei meu filho aos lobos.

Houve um longo silêncio, ele podia ouvir cada respiração dela, e a forma como suas roupas farfalharam quando ela se mexeu na cadeira.

— Veja-o o quanto você quiser então. — Ela limpou a garganta. — Mas se eu vir você vagando na floresta com ela, juro que vou causar sérios danos corporais. Pelo nosso bem, não quebre essa promessa para mim, ok?

Matthew levantou os olhos para os dela. Finalmente ele assentiu, uma vez.

— Vou falar com ela apenas o que for preciso.

Eles passaram a maior parte da noite na sala, Matthew jogando xadrez com Simon, Alex conversando com Joan. De vez em quando, ele dava uma olhada nela e, toda vez que o fazia, ela olhava nos olhos dele. Ele suprimiu um pequeno sorriso; o sexo de reconciliação, ela uma vez lhe dissera, era considerado espetacularmente bom e, pela maneira como a esposa o olhava, ele teria uma noite memorável diante de si. Nas calças, seu pênis se contraiu e se esticou. Alex bocejou e pediu licença, e depois que Matthew deu um xeque-mate em Simon, ele também se levantou, oferecendo a Simon e Joan um boa noite antes de subir as escadas apressadamente.

Ela tinha acendido velas e desfeito a cama e ali, bem no centro, estava deitada de costas, tão nua quanto no dia em que nasceu. Ele não disse nada, apenas ficou olhando para ela, e os dedos dos pés dela se dobraram, as pernas se abriram mais.

Ele lhe beijou o tornozelo, a panturrilha, o joelho — os joelhos — a parte interna das coxas. O cabelo dela; ele amava o cabelo dela, o jeito como mudava de um tom comum de castanho para o bronze, chegando em nuances de cobre mais profundo. Ele desfez a trança, estendeu os cachos sobre os travesseiros. Usou um longo cacho para decorar o peito dela, sorrindo pela forma como os mamilos endureceram quando ele passou os dedos sobre eles.

Uma mão quente esgueirou-se pela gola de sua camisa, puxando sem nenhuma delicadeza os pelos de seu peito.

— Tire a roupa — disse ela.

— Mmm? — ele provocou, distribuindo beijos pela parte da frente de seu corpo. Ela meneou a cabeça, rindo quando os cabelos dele fizeram cócegas em seu flanco.

— Suas roupas — disse ela, lutando com o cinto. Calças, camisa e meias caíram no chão. O sangue pulsou em sua cabeça, em seu pênis. Os dedos dela dançaram ao longo de seu comprimento, uma mão segurou suas bolas, e ele ouviu sua respiração ficar alta e irregular quando primeiro a língua dela, depois os dentes — muito gentilmente — encontraram a ponta do membro. Com um gemido, ele caiu, pernas abertas, braços esticados e deixou que ela fizesse o que quisesse. Ela mordiscou e provocou, beijou e acariciou, e seu pau inchou a ponto de estourar. Ela o soltou e sentou-se, lambendo os lábios.

— Vire-se — ele disse. Ela obedeceu, e ele a tomou por trás, as mãos segurando seus seios. Ela empurrou os quadris contra ele, trazendo-o ainda mais fundo nela. Ah! Oh, sim, quase lá.

— Eu te amo — ela sussurrou, sem fôlego. — Eu amo você, eu amo você, eu amo você.

E eu você, minha Alex. Minha mulher, meu coração.

Isaac ficou muito feliz no dia em que foi libertado das talas, saltando como um bezerro com febre de primavera na grama verde e espessa sob as macieiras. Alex o observou com um meio sorriso, feliz por ele não ter tido sequelas, triste porque agora a decisão que estava adiando com a desculpa da perna tinha que ser tomada.

— Sua perna parece bem — disse Alex, abaixando-se para se sentar ao lado de Isaac. Ela estremeceu quando esticou as pernas na frente de si, mexendo os dedos dos pés nus. Todo o seu corpo gritava em protesto depois de mais um dia de trabalho pesado. Durante a última semana, ela esteve ocupada na horta desde o início da manhã até o final da noite, colhendo groselhas e framboesas, ervilhas e rabanetes e cestos de pepinos para conserva.

— Aqui. — Alex estendeu um bolinho para o garoto. Ele mordeu e sorriu com a repentina onda de geleia quente que encheu sua boca.

— Nem tudo é comida ruim — Alex murmurou, lamentando seu tom quando Isaac corou.

— Ainda sinto falta de coisas, como suco de laranja e hambúrgueres, peixe e batatas fritas e as sobremesas de chocolate que o Offa faz.

— Sim — Alex disse melancolicamente. — Eu definitivamente sinto falta de chocolate.

— Nada mais?

Alex se esticou no chão e fechou os olhos.

— Não de comida, não de verdade. Mas sinto falta de outras coisas. — Ela abriu um olho para olhar para o filho. — Como uma máquina de lavar ou pasta de dente.

Isaac caiu para se deitar ao lado dela.

— Mas você não sente realmente a nossa falta. — Era uma afirmação, não uma pergunta, e Alex virou a cabeça para olhar seu filho nos olhos.

— Não, não sinto. Penso em vocês frequentemente, em você e Magnus principalmente. Mas minha vida está aqui e, se eu fosse arrancada disso, acho que morreria. — Muito pesado para um garoto tão jovem, ela se repreendeu, mas, para sua surpresa, Isaac assentiu como se entendesse.

— É o contrário para mim. Eu sinto tanto a falta deles que dói. O tempo todo.

Alex lutou para se sentar e puxou as pernas para baixo do corpo.

— Eu tenho uma pintura — disse ela, mantendo os olhos em qualquer coisa, menos nele. — Você sabe, como aquela em que você caiu. Acho que talvez você possa voltar para lá.

— Agora? — Isaac sentou-se também, olhos castanhos pendendo nela.

— Não, nós temos que fazer isso corretamente. Você não pode simplesmente desaparecer. E eu estou com muito medo, então precisamos ter muito cuidado.

Isaac ficou branco ao redor da boca e Alex o olhou com ternura.

— Daqui a uma semana? — ela sugeriu, afastando a franja dele.
— Mas somente se você achar que consegue fazer isso. — Ela olhou para ele por alguns segundos. — Eu adoraria que você ficasse comigo, Isaac. Você sabe disso, não sabe?

O garoto se arrastou para seus braços e se aninhou o mais perto que pôde.

— Eu não quero — ele sussurrou. Não; ela já sabia disso.

— Uma semana? — Matthew balançou a cabeça. — Ele é um menino pequenino, e agora você lhe disse que ele precisa esperar uma semana por algo que ele quer, mas de que também tem medo.

— Você acha que ele tem medo?

— Sim. O menino empalidece toda vez que fala sobre o assunto. Ele é um garoto corajoso por estar disposto a passar por isso novamente para voltar para casa.

— Isso ou ele está desesperadamente infeliz aqui.

— Este não é o lugar dele — disse Matthew —, e você sabe disso tão bem quanto ele.

Alex acariciou a cabeça de Rachel, colocou-a no berço e caiu na cama. Deus, ela estava cansada; e tudo isso com Isaac não estava exatamente ajudando.

— Sim, claro que sei.

Matthew estava certo, concluiu Alex, observando Isaac ficar mais nervoso a cada dia. Ela tentava distraí-lo, mantendo-o ocupado com seus irmãos e uma longa lista de tarefas, e Isaac assentia e fazia o que lhe era solicitado, mas não estava realmente presente, não mais. Alex tinha tanta coisa para dizer a ele, agora que ela restringira o tempo restante a alguns dias insignificantes, mas não conseguia falar quando ele estava por perto, incapaz de tudo, exceto de abraços quentes. E Isaac a abraçava de volta, seus braços finos apertados ao redor de sua cintura em expansão.

Alex fez desenhos de Mark e Rachel, de Matthew e até de si mesma, usando o espelho para ajudá-la a ver, e os enfiou no bolso da calça jeans, para que ele pudesse ter algo para se lembrar deles assim que partisse. Mas, acima de tudo, ela desenhou Isaac, esboços rápidos que ela escondeu para que nunca mais esquecesse como ele era novamente. Foi um longo e prolongado

adeus, e no final da semana ela estava emocionalmente esgotada, tão mole quanto um pano de prato torcido.

Naquela que potencialmente seria a última noite de Isaac com eles, Matthew o pegou pela mão e o levou até o pequeno cemitério que ficava no meio da colina. Isaac nunca tinha estado ali antes, e se encolheu quando entendeu que o lugar estava cheio de pessoas mortas. Matthew riu e bateu no banco ao lado dele.

— Eles não farão mal a você. — Esperou até Isaac se sentar antes de mexer em sua bolsa e tirar dela uma pequena figura de madeira. Isaac exclamou quando viu sua mãe, sentada com as saias espalhadas ao redor dela e seu rosto dividido em um sorriso largo.

— Isto não é para você — disse Matthew —, é para Magnus. Quero que você dê a ele e agradeça pelo presente que é sua filha.

Isaac parecia confuso, mas assentiu.

— Um dia ela e eu vamos ser enterrados neste lugar — continuou Matthew, apontando para os túmulos ao redor deles. — Quando você voltar ao seu tempo, talvez possa nos encontrar aqui. — Ele podia ver que isso era demais para o menino, e abandonou o assunto. Então pegou outra pequena escultura.

— Isto é para você, para nunca se esquecer de que bateu no focinho de uma porca enlouquecida. — Era a porca daquele dia, até os pequenos olhos irritados, e Isaac se jogou nos braços de Matthew, chorando até ficar rouco.

Houve uma discussão na manhã da partida de Isaac, uma discussão intensa e sibilada entre os quatro adultos sentados em volta da mesa da cozinha.

— Está errado — disse Joan. — Nenhum mortal deve mexer com coisas como essas.

— Ele não deveria estar aqui para começar — Alex tentou, mas Joan apertou a boca em uma linha muito reta.

— Dois erros não fazem um acerto, Alex, e olhe para o menino: todo rígido e pálido de medo. Devemos mantê-lo aqui, conosco, não o mandar voando no tempo! — Ela se virou para Simon, que concordou com a cabeça.

— Ele poderia ficar conosco, comigo e com Joan — ele disse. — Além disso, como você sabe que isso vai funcionar? Ainda acho difícil de acreditar, não é? Pessoas pulando de uma época para outra, e através de uma pintura pequenina.

— Ele quer voltar, e eu prometi que vou tentar ajudá-lo, ok? Fim de discussão. Eu também não estou muito empolgada com isso. Estou apavorada, mas o que posso fazer? Ele odeia estar aqui, e anseia por eles, pelas pessoas que ama. Adoraria que ele ficasse, mas ele não quer, precisa deles muito mais do que precisa de mim. — Com isso, Alex saiu correndo da sala. Matthew fez como se fosse segui-la, mas Joan acenou para ele ficar.

— Não, eu vou, fui eu quem a chateou, para começar. — Com um breve sorriso, ela correu atrás de Alex.

Simon suspirou e recostou-se contra a parede.

— Tudo isso faz minha cabeça girar; se eu pulasse para o futuro e encontrasse uma esposa, poderia me casar com minha própria descendente.

— Como você não tem filhos, não vejo como — disse Matthew, recebendo um olhar magoado em resposta.

— Não por falta de tentar.

— Não, e peço desculpas por brincar sobre isso. — Ele colocou a mão no braço de Simon. — Ela não é muito velha, você ainda pode ter esse filho.

Simon suspirou e passou a mão pelos cabelos.

— Você acha? Estamos casados há mais de sete anos e nem uma única vez as regras dela deixaram de descer. E você logo terá quatro filhos.

— Apenas três que são meus para criar. — Matthew engoliu em seco uma onda de amargura.

— Sim, mas olhando para trás agora, você não acha que nosso Senhor tinha algum tipo de plano? Se você não tivesse sido enganado por Margaret e Luke, não teria recebido Alex.

Matthew nunca tinha pensado naquilo daquela maneira, mas assentiu, pensativo.

— Talvez; e não há um dia em que eu não agradeça ao Senhor por ela.

Simon revirou os olhos.

— Apaixonados, vocês dois.

Eles haviam decidido de antemão que iriam para a encruzilhada onde Alex quase fora arrastada de volta ao seu tempo, mais de três anos atrás, com Alex comentando com uma voz pretensamente prosaica que, racionalmente, aquele deveria ser um local apropriado.

Alex se arrependia amargamente de não ter queimado aquela pequena imagem estúpida no momento em que soube o que era. Como ela poderia estar pensando em enviar seu filho através do tempo com a ajuda de uma das pinturas mágicas de Mercedes? Pelo canto do olho, ela estudou Isaac, onde ele estava sentado atrás de Matthew, agora de jeans e camiseta, e em seu rosto ela viu um espelho de seu próprio medo, mas ainda mais notável era o brilho de alegria. Ele estava tão ansioso para voltar, sem dúvida se jogaria no pescoço de Diane de uma maneira que nunca havia feito com ela. Ela captou os olhos preocupados de Matthew e sorriu corajosamente, incitando a plácida égua a trotar.

Era o começo da noite quando chegaram ao destino. Matthew examinou os arredores, pisando no meio da encruzilhada antes de voltar para onde Alex estava imóvel, dominada pelas lembranças daquele dia abafado de maio, quando o tempo se abriu aos seus pés, bem ali.

— Nada — disse ele, e Alex voltou à normalidade. Ela respirou fundo, prendeu o ar por alguns segundos e virou-se para o filho.

— Certo; explique o que você fez da última vez.

Isaac deu de ombros.

— Eu apenas olhei e depois te vi.

Alex agachou-se ao lado dele.

— Isso pode ser perigoso, então temos que concordar com algumas regras básicas, ok?

A língua de Isaac disparou para lambe seus lábios, mas ele assentiu da mesma forma.

— Você vai olhar primeiro e eu estarei segurando você. Só se você vir um lugar ou uma pessoa que reconheça eu soltarei você. — Ela apertou a cabeça do filho entre as mãos e o encarou nos olhos. — Se você não conseguir ver nada da sua vida antiga, precisa dizer a verdade. Não podemos arriscar que você caia em outra época. — Ela manteve os olhos nos dele por um longo tempo. — Você entende?

Ele assentiu novamente.

Ela o abraçou e o beijou.

— Estou tão feliz por poder vê-lo novamente. Você é um menino lindo e tem uma mãe muito orgulhosa. Lembre-se disso, querido. — Ela limpou a garganta, olhando para longe enquanto enxugava os olhos. — E quando você voltar, quero que faça três coisas por mim. Primeiro; dê um beijo meu no seu Offa e diga para ele parar de lhe ensinar canções obscenas, segundo; abrace John e diga que ele tem um filho fantástico, terceiro; coma uma enorme porção de bolo de chocolate, ok?

Isaac sorriu nesta última parte e prometeu que o faria.

Matthew foi pegar a pintura embrulhada. Mesmo através de todas as camadas, Alex podia ouvir o suave murmúrio de uma concha chamando em direção ao mar, a canção lamentosa de sereias que se insinuavam em sua cabeça e sussurravam para ela ir, se aproximar e olhar. Ela respirou pela boca, suprimindo o desejo de colocar as mãos nos ouvidos, ficar de pé e fugir.

Matthew trouxe um rolo de corda com ele e enrolou-o no carvalho da encruzilhada antes de atá-lo a si e a Alex. Isaac arregalou os olhos, mas não disse nada, segurando o pequeno pacote fechado em suas mãos.

— Um abraço, garoto — disse Matthew e puxou Isaac para perto. — Estou honrado por ter conhecido você, Mestre Lind, e não se esqueça de que você também deve levar mensagens minhas.

Alex deu-lhe um olhar surpreso, mas não disse nada, beijando Isaac uma última vez antes de acenar na direção do pacote.

— Vá. Mas só para você saber, sou uma covarde e provavelmente mantereí meus olhos fechados.

Isaac sorriu e desfez o embrulho. Alex passou os braços em volta da cintura dele e Matthew apertou mais os ombros dela.

Ela não pôde evitar de olhar. Tinta azul sorriu para ela, uma luz brilhante derramou-se de um pequeno ponto em que todo o azul caiu, e Isaac ficou tenso em seus braços, inclinando-se para trás com um pequeno gemido, mas depois relaxou, as mãos estendidas para o que parecia um funil cada vez maior de luz abrasadora nos olhos. Tanto barulho, inferno, tanto barulho! Matthew ofegou, sua voz subiu em uma oração alta, e Alex molhou os lábios, querendo se juntar a ele, implorando a qualquer Deus que existisse para mantê-la segura.

— Veja! Offa! — Isaac avançou, lutando contra seus braços. — Offa! — Ele se contorceu e lutou, uma enguia viva nos braços de Alex. — Offa, estou indo, Offa!

Não importa o quanto tentasse, Alex não conseguia abrir os braços. Ela tinha sido arrastada para a pintura com Isaac, e a corda em sua cintura a cortou, queimando sua pele, mas então não estava mais lá e ela estava caindo livremente e não queria isso, oh Deus, ela não queria. Matthew! Ela podia sentir as mãos dele no braço, em volta da cintura, ouvir a voz dele, como ele implorava por ela, por Deus, e ainda assim ela não podia deixar Isaac ir. Magnus; em seu jardim, a boca se abriu em choque, e ela sabia que ele a estava vendo e que ela precisava voltar rapidamente, antes que estivesse perdida para sempre. Mãos pequenas lutavam com as dela.

— Vai! — Isaac gritou. — Volte para ele, mamãe! — Ele estava livre, caindo em direção ao chão, gritando que estava seguro, e havia a corda, havia as mãos de Matthew, seus braços. Sua visão se encolheu, o funil anteriormente tão amplo de luz brilhante se converteu em um alfinete. Nenhum Magnus, nenhum Isaac, nenhuma sensação nauseante de estar pendurada suspensa entre aqui e ali, apenas a solidez tranquilizadora do chão abaixo dela, dos braços de Matthew ao seu redor. Ela virou os olhos vazios para ele, piscou, piscou novamente. Seu cérebro apagou.

Quando Alex acordou, estava deitada embrulhada na capa, o casaco de Matthew servindo de travesseiro sob sua cabeça. Tudo

doía; da menor articulação do dedo mindinho aos cabelos que cresciam no topo de sua cabeça. Ela deixou o rosto cair à direita e viu Matthew à distância, alimentando uma fogueira com um fogo ardente. Ela sabia o que ele ia fazer e ficou feliz que ele fizesse sem sua ajuda. Ela nunca ousaria tocar naquela tela novamente. Matthew também não. Em vez disso, ele afiou a ponta de um galho e espetou a pintura, carregando-a pendurada para assar acima do fogo. Quase como cachorro-quente em uma viagem de escoteiro, Alex riu.

O fogo ardeu e uma fumaça branca se desenrolou da imagem para se dissipar no ar acima. Alex fechou os olhos e fungou. Casca de limão e canela, o cheiro forte de alecrim aquecido pelo sol e, com um último grito de lamento, a coisa desapareceu. Alex estremeceu de alívio.



2007

Magnus não conseguia parar de abraçá-lo. Isaac se contorceu.

— Estou bem, mas se você tiver um pouco de bolo de chocolate para me dar, eu não vou achar ruim.

Magnus riu e chorou ao mesmo tempo, incapaz de parar de tocar a bochecha, o ombro e o cabelo de Isaac.

— Temos que ligar para John — disse ele, mas Isaac ficou para trás.

— Podemos esperar um pouco? Eu... — ele parecia confuso, sobrancelhas escuras formando uma única linha de concentração. — Eu quero falar com você primeiro.

Magnus assentiu. A pobre criança devia estar sofrendo um grande choque ao voltar ao seu tempo; portanto, se ele quisesse esperar, que assim fosse. Pensando bem, Magnus estava se tremendo todo também.

Ele levou o garoto para a cozinha e serviu-lhe leite e bolo, observando divertido enquanto ele o devorava.

— Você não gostou da comida?

Isaac fez uma careta e balançou a cabeça.

— Era horrível.

— Bem, Alex nunca foi muito boa cozinheira.

Isaac franziu a testa; ela fazia o melhor que podia, ele disse a Magnus, não era culpa dela não terem tomates e macarrão, suco de laranja ou sorvete, certo? Isaac suspirou, os olhos flutuando para o jardim.

— Mamãe...

— Isaac? — Magnus sacudiu o neto. — Você está bem?

Isaac deu um sorriso lacrimejante e estendeu o copo para pegar mais leite.

Magnus ouviu em silêncio a longa e confusa história de Isaac, servindo-o com bolo e leite em intervalos regulares. Isaac comeu e conversou, e no fim ele enfiou a mão no bolso e tirou uma pequena figura de madeira.

— É para você. — Isaac largou a madeira escura na palma aberta de Magnus. — Ele disse obrigado por sua filha.

Magnus girou a pequena Alex de um lado para o outro. Ela ainda era a garota dele, o mesmo jeito de rir e inclinar a cabeça. Mas o peso dos cabelos na nuca e as roupas desconhecidas dificultavam reconhecê-la. O que estava além da dúvida, porém, era o amor com que havia sido produzida aquela peça, horas de cuidadoso trabalho para criar a efígie em miniatura de uma mulher que se sentava e ria do mundo.

— Ele a ama — disse Magnus, sentindo-se ridículo ao dizer isso a uma criança.

Isaac assentiu seriamente.

— E ela o ama. Ela nunca quer deixá-lo. — Ele enfiou a mão nos bolsos traseiros e tirou várias folhas de papel grosso e pesado, entregando-as a Magnus.

Ele não conseguia desviar os olhos da pequena família espalhada sobre a mesa à sua frente; Rachel, Mark, Matthew e Alex. Havia uma jovem de aparência severa que Isaac explicou que era tia Joan, e um homem radiante e sorridente que era o tio Simon, e então havia Matthew, dormindo profundamente com a filha nos braços. A ternura com que Alex o desenhara espelhava o amor empregado na pequena escultura, aquecendo Magnus até os ossos.

Uma e outra vez, seus olhos voltaram ao autorretrato surpreendentemente honesto, sua Alex mais ou menos nua na

página, e ele reconheceu a mulher que ela se tornara, encontrando muito pouco da garota que costumava ser.

Ela estava grávida de uma nova criança, e Magnus sentiu uma onda de irritação com Matthew por não a deixar em paz, certamente um filho por ano era um pouco demais. Mas então seus olhos caíram mais uma vez no desenho de Matthew adormecido e ele balançou a cabeça em diversão. Era ela que não o deixaria ficar longe.

Ele voltou ao seu estudo detalhado, e ela parecia bastante saudável, braços e mãos fortes pelas tarefas manuais. Ele riu do comentário cáustico dela sobre as canelas, explicando que sim, aquilo era pelo, muito pelo, mas eles ainda não tinham entendido a coisa de se depilar.

Magnus apertou o papel com a mão e depois passou um tempo considerável alisando-o novamente. Sua Alex; viva e bem em outra época, exatamente como ele sempre tinha esperado. Então, por que aquilo não o fizera se sentir melhor por saber que ela amava e era amada? Quando muito, tinha acentuado mais um pouco a dor de perdê-la. Ele suspirou, olhou para cima e encontrou Isaac dormindo profundamente, a cabeça apoiada na mesa. Magnus o beijou e se levantou para alcançar o telefone. Estava na hora de ligar para John e dizer-lhe para vir buscar seu filho.



— Me diga de novo: por que estamos fazendo isso? — Alex perguntou, sentando no banco. Matthew resmungou com o esforço de colocar a pedra no lugar, aconchegada nas raízes da árvore. Ele se levantou e limpou o suor da testa, estudando o pequeno memorial com satisfação.

— Ele virá procurar — disse, usando a ponta da camisa para secar o rosto úmido. — E quando ele o fizer, encontrará isso e saberá que você nunca o esqueceu. — Ele sorriu para a esposa e passou o dedo indicador pelo maxilar dela, deixando uma mancha de terra em sua pele.

Alex se inclinou para frente para ler o texto. — *Isaac Lind. Nunca esquecido, sempre presente.* — Ela sentou-se e suspirou. — E ainda não nascido — murmurou.

Matthew se espreguiçou. Estava tranquilo debaixo da sorveira-brava solitária, a noite de julho quieta e quente. Ele estudou as linhas ordenadas de pedras ao seu redor; sua família, remontando a tempos distantes, a maioria tendo morrido bem antes dos sessenta anos. Ajoelhou-se na frente do túmulo do pai, limpando-o dos detritos.

— Simon chegou a algum lugar com suas investigações? — ela disse.

Matthew não respondeu, seus dedos permanecendo sobre o nome esculpido antes de se juntar a ela no banco.

— Alguns detalhes, sim. — Ele estendeu as pernas. Suas canelas nuas estavam bronzeadas como cobre depois de um verão

nos campos, assim como seus pés. — Eu te disse que ele morreu no lago do moinho.

— Sim, e como era dezembro e ele não sabia nadar, parecia um lugar estranho para um banho espontâneo.

Ele deu-lhe um olhar severo.

— Não é assunto para brincar.

Alex descolou o tecido da pele suada e pediu desculpas.

— Samuel lembra que meu pai recebeu uma mensagem urgente de que havia um problema no moinho, e jura que ele partiu logo após as tarefas da manhã, dizendo que voltaria antes do jantar. — Matthew parou e limpou a garganta. — Na verdade, eu o vi quando ele saiu. Foi a última vez que o vi vivo e o chamei quando ele atravessou o prado, fazendo-o parar e acenar antes de seguir seu caminho. E quando ele não estava em casa para jantar, fui procurar. — Um dia frio de dezembro, ele se encolhendo contra o vento enquanto caminhava em direção ao moinho, a voz preocupada da mãe zumbindo em seus ouvidos.

— Simon falou com o moleiro, e ele insiste que não enviou nenhuma mensagem. A roda d'água estava funcionando como deveria, e ele passou a maior parte do dia no moinho, infelizmente ocupado demais para olhar para fora. Ele só percebeu que algo tinha acontecido quando a roda travou. — Matthew fez uma careta. Seu pai havia sido arrastado para baixo vezes seguidas, o corpo espancado sob as pesadas pás da roda antes de emergir esmagado e deformado no lago. Pobre pai, Matthew estremeceu, espero que ele já estivesse morto.

— O anel — ele disse em voz alta. — Nós nunca encontramos o anel.

— O quê? Escorregou do dedo dele? — Alex parecia levemente incrédula. — Não, ele o carregava em uma corrente. Era da mãe dele. Ela morreu no parto de seu irmão mais novo, e foi o que ele teve dela.

— Deve ter sido arrancado dele na água e depois arrastado, certo?

— Sim, talvez. — Ele duvidava disso. Seu pai sempre mantinha o anel escondido, seguro sob a camisa e, apesar dos danos causados ao corpo, a camisa e as calças estavam relativamente

intactas, a gola da camisa ainda atada. Não; a única maneira de ter saído de seu pescoço era em uma luta, com uma mão fechando-se em torno da corrente e a puxando. Agora, isso exigiria bastante força, ele refletiu. Não foi Margaret, e ele ficou surpreso com o alívio que lhe deu essa conclusão.

— Então não tivemos sorte — disse Alex. Ela tirou uma meia do bolso e se ocupou consertando o calcanhar gasto. Matthew desviou o olhar; Simon estava certo; era tarde demais, e havia muito pouco.

— Não. Mas há uma testemunha que se lembra de ter visto o mestre discutindo em voz alta com alguém, e ele jura que era um homem, não uma mulher, devido à altura e tamanho geral da pessoa.

— Luke, eu te disse.

— Mas não basta. — Matthew suspirou. — Você realmente acha que ele faria isso? — ele perguntou depois de um momento de silêncio confortável. Alex dobrou a meia no colo e desviou o olhar para os campos.

— Se eu acho que ele planejou? Não. Se acho que ele poderia fazer isso? Sim. Ele é totalmente imprevisível quando tem seus ataques de fúria. — Ela tirou a touca e desfez o cabelo, sacudindo-o para cair por cima dos ombros. Um cacho brilhante fez cócegas no rosto de Matthew. Ele espirrou, ela riu.

— Simon e Joan estão indo embora — disse ele.

— Eu sei, Joan me contou. Edimburgo. Eu não entendo, por que eles não podem simplesmente voltar para Cumnock?

— A vida não para, moça. Esses anos que Simon passou cuidando de Hillview foram prejudiciais a ele como advogado. Outros se estabeleceram e agora não há trabalho suficiente. — Isso também tinha sido culpa de Luke; a clientela de Simon fora arruinada, e agora seu melhor amigo e sua irmã morariam longe demais para mais do que duas ou três visitas por ano. — Ofereci-lhe uma parte, disse que ele e Joan eram bem-vindos, que Hillview também é deles.

— É mesmo? Sem me perguntar? — Havia uma dureza distinta em sua voz, fazendo Matthew sorrir. Às vezes, ela esquecia que algumas decisões eram dele. — E o que ele disse?

— Disse que não. Que ele não era um fazendeiro e que desejava enfiar o nariz nos pesados volumes da lei, para usar seu cérebro na elaboração de uma ação complexa.

— Ele tem razão, tudo que a agricultura exige é força, não há cérebro. Ai! — Ela olhou para ele, esfregando onde ele a beliscara. — Bom, tudo bem; um pouco de cérebro então. De qualquer forma, Simon está um pouco ausente no departamento de músculos. — Ela riu, balançando a cabeça. — Ainda me surpreende que alguém possa ser tão... err... tão redondo.

— Como uma maçã. — Matthew riu. — Redondo, mas sólido. Posso garantir que também há muita força ali.

Toda Hillview entrara em modo de colheita na última semana de julho, e as próximas semanas foram preenchidas com trabalho, do início da madrugada até tarde da noite. Matthew bocejava durante todo o jantar e tropeçava na cama, adormecendo muito antes de Alex fechar a casa ao seu redor. Parecia vazio agora que Joan e Simon tinham partido, e havia dias em que Alex ansiava pela companhia de um adulto, alguém com quem pudesse conversar adequadamente. Rosie fora substituída por uma nova garota, Sarah, e a outra empregada, Janey, era eficiente, mas taciturna, evitando as tentativas de Alex de conversar.

Na ausência de Joan e da sra. Parson, coube a Alex administrar a casa sozinha. Ela gostou disso, gostava de estar no comando, não era mais apenas a senhora nominal de Hillview. De manhã, ela decidia o que deveria ser feito durante o dia, fazendo planos semanais em sua cabeça para garantir que as refeições fossem variadas, as roupas lavadas e a casa mantida arejada e limpa.

Ela corria da horta para o galpão de laticínios, da despensa para os pomares, e por suas instruções as macieiras ficaram nuas, a maioria das frutas indo diretamente para a sidra, outras preservadas para as maçãs do inverno. Todo esse trabalho era exaustivo, e não foi até o final de setembro que Alex teve a oportunidade de escapar para o bosque, uma hora roubada passada apenas consigo mesma e seus próprios pensamentos.

Se Alex tivesse conseguido, ela teria se virado e ido embora no dia em que encontrou Margaret. Do jeito que estava, com o avental cheio de cogumelos, e carregando Rachel aos berros pendurada no peito, era impossível. Então, em vez disso, ela se abaixou, deslizou o xale sobre a cabeça e gesticulou na direção da criança que gritava.

— Faça algo, de preferência algo que a faça ficar quieta.

Margaret segurou Rachel à distância de um braço, seus olhos disparando entre Alex e o bebê.

— Ela está com fome — adivinhou.

— Ela está sempre com fome. — Alex amarrou o avental e procurou um lugar para sentar.

— Você pode entrar — ofereceu Margaret, indicando sua casa logo acima da encosta. — Eu não vou te morder. — Alex a seguiu até uma sala pequena, mas muito limpa, e sentou-se em um dos dois bancos, estendendo os braços para pegar Rachel, que agora estava da cor de beterraba.

— Que temperamento — Alex disse e sibilou quando Rachel apertou com força o peito, provavelmente em vingança.

Margaret sentou-se em frente, com os olhos na criança que era alimentada.

— Deve ser desconfortável — disse ela, olhando para a barriga inchada de Alex. Havia um tom de saudade em sua voz, mãos alisando seu abdômen plano.

— Nem me diga. — Alex se reclinou contra a parede para permitir a Rachel um acesso mais fácil à comida dela.

— Onde está Ian?

Margaret se espreguiçou com orgulho óbvio.

— Ajudando com a colheita. Matthew disse que podia.

— Ele é um bom garoto — disse Alex generosamente. Ele era mesmo, um garoto educado que de vez em quando entrava na cozinha dela para comer.

— Sim, ele é. — Margaret sorriu.

— Ele tem bastante jeito com o primo. — Alex enfatizou a última palavra.

— Sim, ele gosta muito do pequenino Mark. Fala muito sobre o primo. — Mesma ênfase. Margaret se levantou para encontrar uma

jarra de sidra e algumas canecas de madeira. — Fico feliz que você o deixe ir até a casa grande — disse ela, de costas para Alex. — É solitário para ele aqui, comigo.

Devia ser solitário para Margaret também, noite após noite passada em solidão aqui em cima. Alex foi varrida por uma onda de compaixão muito indesejável, mas apertou a mandíbula com a ideia de convidar Margaret para Hillview. Ela simplesmente não podia.

— Por que você está aqui? — ela perguntou, não para desafiar, mas para entender. Margaret estendeu uma caneca cheia para ela e ficou olhando absolutamente nada por alguns minutos.

— Luke e eu tivemos uma briga — Margaret finalmente disse.

— Sobre o seu presente. — Alex assentiu.

— Sim. Mas eu precisava, não pude deixar de ajudar Matthew. — Margaret balançou a cabeça, fazendo seu cabelo preto brilhar onde o sol o tocava. — No dia da coroação do rei, nada menos, Luke queria que eu usasse a grande pérola, e eu... — Ela engoliu em seco. — ...bem, eu tive que contar a ele.

— Isso o deixou muito zangado — disse depois de alguns momentos de silêncio.

— Eu posso imaginar. — Alex assentiu, sem nenhum problema em conceber o quanto. Na opinião dela, Luke era praticamente insano, ou pelo menos precisava desesperadamente de medicamentos constantes, não exatamente disponíveis no aqui e agora.

— Acho que não pode — disse Margaret calmamente. Ela inspirou, expirou, torceu as franjas do xale com força em volta dos dedos. — Nós nos reconciliamos e, durante alguns meses, as coisas estavam como costumavam ser. E então um dia... bem, ele bebeu demais, entende? Então, na manhã seguinte, fui embora, levando Ian comigo.

— Mas você está aqui há mais de um ano! — Alex mudou Rachel para o outro lado.

Margaret assentiu, sentando-se na frente de Alex.

— Mais que isso. — Ela encolheu os ombros. — Eu não tinha mais para onde ir.

— Oh. Mas você não planeja ficar, planeja? — Soou um pouco frio, mas Alex não pôde evitar; de jeito nenhum ela queria Margaret

como residente permanente.

— Não — respondeu Margaret friamente. — Por que eu deveria? Quando Luke voltar da Holanda, voltaremos para Londres.

— Ele está na Holanda?

Margaret assentiu.

— A pedido do rei. — Ela sorriu, passando a mão sobre a seda cintilante do xale. — Ele me deu isso. Mandou me entregarem junto com uma carta, implorando que eu o perdoasse.

— E você perdoou. — Alex revirou os olhos.

— Perdoei. Eu não poderia fazer o contrário.

Foi dito com tanta simplicidade que Alex se inclinou para a frente e apertou a mão de Margaret.

— O amor é um pé no saco às vezes — disse Alex, dando-lhe um sorriso.

— Oh, sim; muito mesmo. — Margaret sorriu de volta.

Matthew não ficou satisfeito quando ela lhe contou que se encontrara com Margaret, murmurando que preferiria que Alex ficasse longe dela — ele não gostava muito da ideia de sua atual esposa conversando com sua ex-esposa.

— Bem, pelo menos agora sabemos por que ela ainda está aqui. É porque Luke está fora em algum lugar no continente, já faz vários meses. — Ela mordeu o lábio. — Isso me irrita; sabe, que Luke seja tão favorecido pelo rei ao ponto de ser enviado em missões como essa.

Matthew ergueu as sobrancelhas.

— Você gostaria que eu interpretasse o cortesão também?

— Você? — Alex riu e balançou a cabeça. — Não vejo como se sairia bem nisso.

— Ah, não? — Ele fez um movimento de mão tímido, sorriu e cruzou os olhos.

— Não; para começar, você se veste com muita simplicidade e não consigo vê-lo dançando, curvando-se para a esquerda, direita e centro. — Ela terminou de escovar os cabelos, trançou-os e girou o banquinho para encará-lo, esparramado na cama deles. — Mas

você deve se lembrar de que Luke fala aos ouvidos de um rei, e os reis são inimigos muito desconfortáveis.

— Sim, eles são. — Matthew bateu em seu travesseiro e deu um tapinha na cama. — É melhor eu dizer a ela para sair antes que ele venha buscá-la.

— Você não pode; ela não tem mais para onde ir, infelizmente. — Alex fez uma careta e se levantou.

— Você está planejando ficar com essa roupa? — Matthew perguntou, olhando com interesse óbvio para sua figura arredondada.

— O quê? Esta? — Alex puxou a camisola e sorriu. — Não. — O linho sussurrou no chão atrás dela.

Algumas semanas depois, Sandy Peden desceu a estrada, parecendo muito complacente. Com um pouco de floreio, ele entregou um documento a Matthew, rindo enquanto explicava que era uma cópia da carta que ele enviara a Sua Majestade e, sendo um homem do mundo quando precisava, ele usara uma das amantes do rei como intermediária.

— O quê? Você a conhece? A Castlemaine? — Alex ficou bastante impressionada.

— Alexandra! Como um pregador humilde como eu conheceria alguém como ela? Mas eu conheço um dos tocadores de alaúde, e então...

Matthew já havia terminado de ler a carta e a entregou a Alex.

Minha nossa; a pequena epístola pingava veneno ao descrever exatamente o que Luke Graham havia feito ao irmão, começando com a acusação injusta de traição há oito anos e terminando com a emboscada na charneca.

Alex deu a ele um olhar de admiração.

— Você acha que isso irá funcionar?

Sandy sorriu, exibindo dentes que precisavam muito de cuidados.

— Oh, sim; o rei valoriza muito os laços familiares, os considera sagrados.

Sandy ficou com eles a maior parte da semana, monopolizando Matthew em longas discussões complicadas sobre religião em geral, e o atual estado das coisas, tão precário para as igrejas em particular.

— Estamos de volta onde começamos — disse ele. — Voltando a como as coisas eram antes de todos nós assinarmos o Covenant. É apenas uma questão de tempo, marque minhas palavras, antes de nos pedirem para abjurar esse voto sagrado.

— Mas... não! — Matthew balançou a cabeça. — O rei não pode se intrometer na fé dos homens! Fizemos uma guerra por causa disso uma vez, precisaremos fazê-la novamente?

— Guerra? — Alex chiou. — Aqui?

Sandy suspirou.

— Não, Alexandra, acho que não; não há senhores e condes apressando-se em defesa dessa causa, não desta vez, então... — Ele abriu as mãos em um gesto derrotado.

Bem, graças aos céus por isso. Alex deu uma olhada no marido, sentado como uma coluna de sal em sua cadeira.

— E o que você vai fazer? — ela perguntou a Sandy.

— Eu? — O ministro levantou-se, roçando o pano escuro do casaco comprido. — Ora, lutarei contra isso, é claro. Enquanto houver fôlego no meu corpo, levantarei minha voz em defesa da minha igreja e, se for preciso, também morrerei por isso.

— Oh. — Alex engoliu em seco.

— Eu vou te apoiar. — Matthew apertou a mão de Sandy na dele. Alex se levantou e saiu da sala.

Sua capa, suas botas novas e ela estava fora de casa, indo para a charneca. A barriga protestou, uma dor aguda cavando a parte inferior das costas enquanto ela subia a ladeira. Por alguns minutos, ela ficou encostada na haste de um olmo, desejando que a dor diminuísse. Não era grande coisa; acontecia o tempo todo de as mulheres terem contrações precoces, e essa era muito curta, por mais dolorosa que fosse. Algumas respirações profundas e ela continuou, mas agora em um ritmo mais lento. De baixo, veio o som do nome dela, a voz alta e clara de Matthew carregada pelo ar fresco de outubro. Ele a alcançou na beira do pântano, com o rosto vermelho pelo esforço.

— O que foi? — ele ofegou. — Por que você saiu assim?

— Não gosto muito de fanáticos.

— Fanáticos? Quem? Sandy? Eu?

— Por ouvir aquilo, sim; toda aquela porcaria de morrer em defesa de sua fé. — Ela fez uma careta. — Digamos que eu não gosto da ideia de ser a viúva de um mártir, certo?

— Viúva? — Ele riu e pegou a mão dela. — Não, moça, você está sendo fantasiosa. Não chegará a isso, e não farei nada idiota, mas ajudarei o máximo que puder, sim? E ainda não sabemos como as coisas vão se desenvolver, não é? O rei — ou melhor, seus malditos conselheiros anglicanos — podem recuar.

— Você acha? — Alex balançou a cabeça.

— O que... — Ele hesitou. — ...bem, você sabe o que vai acontecer?

— Eu não tenho ideia, ok? Tudo o que me lembro é que a Escócia sofreu bastante com os últimos Stuarts.

— Os últimos? — Matthew ecoou.

— Não este — disse Alex, dando-lhe um olhar irritado. — Este será seguido por seu irmão, e então... — Ela franziu a testa. — ...suas sobrinhas. — Ela encolheu os ombros; não dava a mínima para o destino dos Stuarts, mas todas aquelas coisas religiosas a apavoravam. Matthew nunca comprometeria sua fé, ele havia perdido muitos anos de sua vida para ganhar o direito de proclamar suas crenças.

Ela teve que parar várias vezes no caminho, dispensando a sugestão preocupada dele de carregá-la.

— Não é nada — disse ela, dando-lhe um sorriso fraco. Cedo demais; eles estavam apenas em outubro e o bebê não deveria nascer antes de seis semanas. Uma vez lá dentro, ela foi mandada para a cama e concordou alegremente, deitada de lado enquanto desejava que as contrações parassem. Sandy colocou a cabeça dentro do quarto em algum ponto no meio da tarde para se despedir, pedindo que ela orasse por si mesma e pelo bebê. Se ela tivesse energia, teria jogado algo nele, mas como estava, apenas bocejou. Algumas horas depois, Matthew veio com uma bandeja.

— Ainda está com dor? — Matthew sentou-se atrás dela, massageando seus ombros tensos.

— Não tanto. Acho que tem sido um pouco demais ultimamente.

— Você deveria ter dito. Está trabalhando demais para uma mãe que amamenta e que, ainda por cima, tem um bebê novo a caminho.

— Está quase tudo pronto agora — bocejou Alex —, então vou descansar por alguns dias. — Ela se inclinou em direção às mãos dele. — Um banho — disse sonhadora. — Um longo banho quente...

Quando Matthew voltou, depois de providenciar que a tina fosse trazida para a cozinha, ela estava dormindo profundamente, o travesseiro dele esmagado contra o peito. Ele ficou parado por um longo tempo olhando para a esposa e curvou-se para descansar a bochecha contra a dela. Uma mão subiu para acariciar sua cabeça.

— Eu te amo — Alex sussurrou. — Tanto, tanto, tanto.

E eu amo você, ele pensou, endireitando-se, o presente de Deus para mim, é isso que você é, Alexandra Ruth.



2007

— Você tem certeza? — Magnus olhou de volta para a estrada que levava a Cumnock.

— Sim — Isaac assentiu, afundando-se mais em sua jaqueta volumosa. A excursão era um pequeno segredo entre ele e Magnus, um passeio inocente de sexta-feira que terminaria com uma refeição em Edimburgo. — Não — acrescentou um pouco depois, olhando de soslaio para a paisagem ao seu redor. — Não estou vendo as árvores.

— Provavelmente foram todas cortadas muito tempo atrás — Magnus murmurou. Eles cruzaram o Lugar Waters e Isaac se iluminou.

— Sim, lá em baixo, olhe, apenas siga essa estrada.

— Estrada? — Magnus olhou para a trilha de terra.

— Bem, é uma estrada se você estiver a cavalo — disse Isaac defensivamente.

Magnus estacionou e saiu, tremendo por causa das rajadas de ar gelado. Novembro, e depois de alguns minutos, ele sentiu o nariz começar a escorrer por causa do frio.

— Vamos lá então — disse ele a Isaac, agora escorado no carro. — Minhas bolas estão congelando.

Isaac riu.

— As minhas também. — Ele pulou para pegar a mão de Magnus. Eles caminharam em silêncio pela longa subida, de mãos dadas.

— Por que eles não querem que eu fale sobre isso? — perguntou Isaac.

Magnus coçou o nariz com a mão livre.

— Isso os assusta. E suponho que eles estejam preocupados com o fato de que, se você falar a respeito, vai se lembrar e eles preferem que você esqueça.

— Eu não quero esquecer e, mesmo que eu não fale sobre o assunto, ainda penso neles. Você sabe, na mamãe, em Matthew e Mark... — Ele meio que soluçou. — Até em Rachel. Mesmo que ela fosse apenas um bebê.

Magnus os parou.

— Claro que você pensa. E agora tudo parece uma aventura mágica, não é?

Isaac assentiu.

— Por que... — ele começou, mas ficou em silêncio.

— Por que o quê?

— Por que não devo contar à polícia?

Magnus suspirou; a polícia havia sido um pé no saco, convencida de que Isaac havia sido sequestrado por sua mãe — afinal, eles ainda tinham arquivos abertos sobre Alexandra Lind.

— Você acha que eles acreditariam em você?

Isaac pensou a respeito por algum tempo.

— Não.

Eles chegaram ao topo da colina e, quando Isaac viu a casa, começou a correr, com seu cachecol de lã vermelho brilhante atrás de si.

— Mamãe! Matthew! Voltei, sou eu, voltei! — Ele diminuiu a velocidade quando se aproximou. As janelas eram escuras e pouco convidativas, e todo o lugar parecia deserto, a meio caminho de se tornar uma ruína.

— Eles não estão aqui — Isaac virou-se para Magnus. — A casa está aqui, mas eles se foram!

— Oh, Jesus... Você já sabia disso. Eu tentei explicar para você.

— Mas eles não podem estar mortos! — Isaac chutou na direção dele. — Não podem estar! Eu os vi no verão passado e eles estavam vivos, entende? Minha mãe e Matthew, eles estavam aqui e não estão mortos!

Magnus se arrependeu de ter concordado em levá-lo ali. Isaac o havia incomodado com aquilo por semanas, e Magnus finalmente cedeu, assumindo que o garoto só precisava ver que o lugar de sua experiência existia. Tarde demais, Magnus percebeu que Isaac esperava encontrar tudo intacto, uma pequena bolha de sabão de tempo suspenso.

— Eu pensei que você tivesse entendido — disse Magnus, sentando-se em um muro de pedra desabado para puxar Isaac para o colo. — Eu tentei explicar que quando você esteve aqui, foi há muito tempo. — Isaac choramingou e esfregou o rosto inchado.

— Eu entendo — disse ele em voz baixa. — Aqui — acrescentou, indicando a cabeça. — Mas não aqui. — Ele colocou a mão no coração.

Magnus apoiou a bochecha fria na cabeça de Isaac.

— Não, o coração simplesmente não desiste, não é?

Os dois se levantaram e Magnus pegou a mão de Isaac.

— Seja meu guia, descreva-me como era tudo.

Foi o que Isaac fez, e eles andaram por horas em torno da casa vazia e das poucas dependências restantes.

— Esse é o cemitério — disse Isaac, apontando na direção de uma sorveira-brava. — A árvore é para proteger as almas.

Magnus seguiu Isaac até o pequeno espaço, agora triste demais. Gramíneas altas e amareladas cobriam as lápides, muitas das quais haviam desmoronado ou caído no chão, algumas desabando em cima das outras. Uma roseira, impossivelmente antiga, pairava sobre uma pequena pedra que ainda surpreendentemente se erguia e havia uma, não, duas mais que pareciam relativamente inteiras e sem danos — mas velhas, muito velhas.

Magnus queria ir embora, os pelos de seu corpo se eriçando como antenas com a inquietação. Ele não iria olhar; não iria tentar decifrar aquelas velhas pedras danificadas e ver se talvez sua filha jazia embaixo de uma delas. Isaac soltou sua mão e se agachou ao

lado da árvore, os dedos estendidos para traçar as palavras em uma pequena pedra desgastada pelo tempo.

— Olha — disse ele, virando-se para Magnus. — Olha, Offa, é para mim! — A inscrição era quase ilegível, corroída pelo vento e pela água, mas ainda era possível distinguir. — Nunca esquecido, sempre presente — disse Isaac em voz alta e abraçou seu Offa com força. — É assim que as coisas são, não é?

Magnus assentiu.

— Sim, eu a carrego sempre comigo.

Eles ficaram em silêncio durante todo o caminho de volta a Edimburgo e, assim que chegou em casa, Isaac tirou a jaqueta e subiu correndo as escadas.

— Aonde você vai?

— Eu preciso ir, tenho que pintar tudo do jeito que era. Agora, antes que eu esqueça.

Magnus ouviu a porta do estúdio se fechar e afundou para se sentar na escada. Nem uma vez desde que tinha voltado para eles, Isaac pintou, recusando-se a entrar no quarto onde encontrara a pintura mágica de Mercedes. Ele supôs que era um passo na direção certa que o garoto agora quisesse pintar, mas, por via das dúvidas, subiu as escadas e abriu a porta.

— Vamos deixar a porta aberta, ok? — ele disse.



Alex estava com os braços afundados em massa de pão até os cotovelos quando ouviu os cavalos. Uma rápida olhada pela janela da cozinha e ela xingou, limpando as mãos do canteiro escuro e pegajoso. Luke Graham teve a coragem de descer pela trilha da frente, parecendo a mais cândida e correta das criaturas. Desgraçado!

Ela colocou a mão na barriga e inspirou fundo várias vezes. Esta criança era um milagre; Rachel era um milagre, porque se Luke Graham tivesse realizado seus desejos, o pai deles estaria morto. Inspire, expire. Isso não aconteceu. Seu Matthew estava vivo e seguro, e eles tinham anos e anos diante de si — o suficiente para compensar o tempo que Luke lhes roubara. Deus! Ela queria... Para sua surpresa, Alex se viu segurando o mosquete. Como isso tinha acontecido? Ela não tinha lembrança de pegá-lo do escritório de Matthew. Cuidadosamente, ela o largou e saiu para enfrentar o visitante indesejável.

Ele não tinha vindo sozinho. Talvez não ousasse, ou talvez Luke Graham não conseguisse mais ficar sem empregados. Ela estava na varanda, uma mão na barriga, a outra em Mark, que pendia como uma sanguessuga de suas saias, e observou Luke percorrer os últimos metros pela trilha. O sol fraco brilhava em seu nariz prateado e, para sua enorme irritação, Alex simplesmente não conseguia tirar os olhos dele. Vagamente, ela se perguntou como aquilo ficava preso no lugar, mas as imagens resultantes eram um pouco perturbadoras.

Luke havia se vestido ricamente, calções de veludo em um verde musgo, um casaco curto da mesma cor enfeitado com um amarelo pálido, um pouco de renda nos punhos e no pescoço e um chapéu impressionante, adornado com penas de avestruz. Meias de seda, uma capa pesada e sapatos com fivelas de prata — muito elegantes, o efeito ainda mais acentuado pela espada ao seu lado e pelas luvas amarelas pálidas.

Ele desmontou e curvou-se. Ela ficou rígida e silenciosa. Luke deu uma lenta volta, olhando tudo como se estivesse voltando para casa — bem, até certo ponto ele estava — e disse algo a um de seus homens antes de voltar sua atenção para ela. Mark se mexeu, Luke olhou em sua direção e congelou. Isso quase a fez rir, como a boca dele se abriu ao ver o filho dela. Ela bagunçou os cabelos de Mark, tão parecidos com os de Ian, e finalmente encontrou os olhos dele. Verdes e brilhantes, eles se fixaram nos dela.

— Irmã — Luke disse, inclinando a cabeça novamente em sua direção.

— Senhor — respondeu ela, distanciando-se de quaisquer laços de família que pudessem existir entre eles. Ela não fez nenhum movimento para convidá-lo para entrar — de jeito nenhum ficaria sob o mesmo teto que aquele homem horrível.

— Eu vim pela minha esposa — Luke disse depois de alguns momentos tensos. Ela continuou a encará-lo e, para sua diversão sombria, ele arrastou os pés, a pele pálida em seu pescoço mudando para um vermelho escuro pouco atraente.

— Tenho certeza de que pode encontrar o seu caminho. Você sabe, no alto da colina, vire à direita junto ao velho carvalho e lá estará você. — Com isso, ela se retirou para dentro, batendo a porta com força. Suas pernas cederam e ela afundou para se sentar.

— Mamãe? — Mark se agachou ao lado dela.

— Eu estou bem, é só que... — Ela deu um tapinha na barriga. Onde estava Matthew? O moinho; ela suspirou de alívio. Em nenhum lugar perto da casa de Margaret.

O filho do moleiro veio correndo pela encosta, os olhos enormes.

— O que foi? — Davy, o moleiro, disse, parecendo exasperado:
— O que é isso, garoto?

Andrew não respondeu, mas ficou apontando na direção da casa principal. Davy revirou os olhos e piscou para Matthew, que sorriu de volta. O pequeno Andrew podia estar crescido e bonito, mas não havia muita coisa entre as duas orelhas.

— O irmão do mestre — disse Andrew entre goles de ar. — Ele está aqui.

Sem dizer uma palavra, Matthew deu meia-volta e desceu a colina, na direção da cabana de Margaret. No meio do caminho, ele se deparou com Ian, que estava jogando bolotas no riacho.

— Seu pai — ele disse secamente, e Ian se levantou.

— Aqui?

Matthew apenas assentiu e Ian saiu correndo, com Matthew seguindo muito mais devagar.

Ele ficou embaixo das árvores e observou Ian — seu filho, porra — correr para os braços de Luke. Suas mãos se fecharam em punhos, os músculos das pernas se contraíram, e por alguns segundos ele mergulhou na fantasia agradável de desmembrar seu irmão, arrancando um membro após o outro, enquanto Luke gritava e implorava por piedade. Senhor Santíssimo; ele não deveria estar ali, não tão perto de um homem que ele alegremente rasgaria em pedaços, não se importando com quem o visse fazer isso.

Na clareira, Ian estava praticamente dançando, a cabeça inclinada para trás, rindo de Luke. Matthew oscilou, a pulsação alta em seus ouvidos. Deu um passo na direção deles, deu outro, e lá veio Margaret, saltando como uma corça em direção ao marido, a face iluminada de alegria. Ele simplesmente não podia mais assistir àquilo.

Matthew virou-se, apoiando-se no tronco retorcido de um carvalho. Você vai ser enforcado, ele lembrou a si mesmo, vai balançar feito um saco de cevada na forca; não vale a pena, homem, não, ele não vale a pena, e você tem uma esposa e filhos para cuidar. Ele ouviu Luke rir, um som que desapareceu quando a pequena família saiu da clareira, indo para a cabana. Com um gemido, se endireitou e desceu a ladeira, querendo garantir que sua esposa e filhos estavam ilesos.

No quintal, ele encontrou Mark olhando admirado para o cavalo de Luke. Não era mais uma égua, mas ainda era castanho, sem dúvida escolhido para que sua pelagem correspondesse à cor dos cabelos de seu cavaleiro. Era um animal esplêndido, com longas linhas limpas e nenhuma marca branca. Ele revirou os olhos e deu uma pequena trombada quando Mark se aproximou demais, e Matthew o levantou do caminho.

— Não, filho, esse é um cavalo de raça. Você deve manter distância.

Mark assentiu e voltou-se para Alex, que saiu de casa.

— Você está bem? — ela perguntou em voz baixa.

— Não, eu deveria ficar longe, mas eu só queria ter certeza de que vocês estavam bem.

— Estamos bem — disse Alex. — Eu acho que o metido a besta do seu irmão ficou meio chateado porque eu não o convidei para entrar. — O rosto dela estremeceu de desgosto. — Antes uma naja do que Luke Graham em minha casa.

Matthew estava absorvendo todas aquelas novas palavras. Metido a besta? Naja?

— Cobra venenosa — Alex explicou e depois empinou o nariz no ar para mostrar o que significava metido a besta. — Eles voltarão aqui para baixo a qualquer momento — Alex disse nervosamente. — Então por que você não vai para longe? Dê um passeio até a colina ou algo assim. — Ela estava observando as mãos dele, e Matthew seguiu os olhos dela; os punhos não estavam cerrados, mas tão rígidos que os dedos se destacavam. Ele assentiu e se virou para sair no exato momento em que Luke e sua família apareceram debaixo das árvores.

Mesmo assim, as coisas poderiam ter sido evitadas se Luke não tivesse olhado com desdém para ele e rido.

— Então você conseguiu voltar? Achei que gostaria tanto das colônias que nunca mais voltaria.

— Luke! — Margaret ofegou.

— Matthew... não — Alex gemeu, mas era tarde demais, e Matthew avançou no irmão, dando um soco nele, rasgando-o, amaldiçoando aquela cria de Satanás, aquele desajustado, aquele verme de homem. Ele pegou Luke de surpresa, jogando-o para cair

de costas sob seu peso, e por alguns segundos, Matthew teve certeza de que desta vez acabaria com ele, desta vez mataria seu irmão com as próprias mãos. Ele apertou, os olhos de Luke se arregalaram. Apertou mais, e a boca de Luke se abriu. Mas então Luke começou a revidar, e na mão apareceu um punhal.

— Não! — Margaret se lançou sobre os dois e agarrou o braço de Luke. Alex segurou Matthew, os braços em volta do pescoço dele, chorando enquanto pedia que ele parasse, por favor, pare com isso, e quanto às crianças, pelo amor de Deus, Matthew, os meninos!

Alex segurou-o enquanto se levantava. Ele estava tremendo por toda parte, sua orelha direita estava zunindo onde Luke havia lhe dado uma pancada e, quando ele limpou a boca, percebeu que estava sangrando. Luke estava uma bagunça e o nariz prateado estava torto, mostrando seu rosto mutilado para o mundo. Matthew não conseguia parar de olhar. Ouviu Mark perguntar a alguém o que havia acontecido com o nariz do tio, mas não entendeu a resposta, todo ele focado no irmão.

Luke se levantou. O cortesão arrojado estava agora todo desarranjado, com o casaco da moda rasgado, a elegante camisa de linho manchada de sangue e sujeira. Pelo menos suas calças estavam inteiras desta vez, pensou Matthew vagamente, não como naquele dia, quatro anos atrás, quando Alex o impedira de literalmente cortar as bolas do irmão.

As mãos de Luke tremiam quando ele ajustou o nariz de volta no lugar. Às suas costas, pairavam os dois cavaleiros, libertando-se das garras restritivas de Samuel e Gavin.

— Eu nunca vou te perdoar por isso — disse ele a Matthew, segurando o nariz. Matthew quase lhe cuspiu na cara; sobre o que ele estava falando? Com um puxão, ele se livrou do aperto de Alex e arrancou a camisa para mostrar as costas cheias de cicatrizes. Houve um arquejo coletivo das pessoas ao redor, Margaret ofegou, e até Luke, bastardo que era, parecia afetado.

— Me perdoar? Não, irmão, os papéis aqui estão trocados. Sou eu que não vou te perdoar. Não por suas tentativas de matar eu e minha esposa...

— Luke! Você não fez isso! — Margaret exclamou.

— Ridículo — Luke gritou. — Acusações sem fundamento e...

— Não finja inocência, querido irmão — interrompeu Matthew. — Se não fosse por bons amigos e raciocínio rápido, Alex e eu já estaríamos mortos agora.

— Eu... — Luke começou, mas Matthew apenas levantou a voz.

— E quanto aos anos que você me roubou, primeiro com suas falsas acusações que me levaram à prisão, depois me vendendo como escravo. — Matthew respirou fundo, rangendo os dentes para forçar os véus vermelhos da raiva a cederem. — Eu tirei um pedaço do seu nariz. Você me machucou pela vida toda e roubou meu filho. — Ele ouviu Alex ofegar atrás de si, mas não podia parar agora. Levantou o dedo e apontou para Ian. — Meu filho, Luke, meu. E você sabe disso tão bem quanto eu. Precisa apenas olhar para ele para ver. Cada linha dele grita para o mundo que ele é meu. Meu!

Ian se encolheu contra sua mãe arrasada. Se Luke estava vermelho de raiva antes, agora ele ostentava uma palidez mortal, olhos da cor de um gato da montanha.

— Ian é meu filho. Mas você pagará por esses insultos à minha masculinidade.

— Masculinidade? Você não tem masculinidade. Você conspira e trapaceia, dá facadas pelas costas e, quando não pode gerar um filho, rouba o meu! E...

— Como você ousa? — Luke interrompeu, sua voz estridente. Ele deu um passo em direção a Matthew, a espada puxada até a metade. Matthew pegou o que estava mais próximo, um forcado. Ian fez um som estrangulado e se jogou em direção a Luke, chorando de medo. Os dois homens congelaram. A espada deslizou de volta para a bainha, o forcado foi abaixado.

— Vá — disse Matthew —, vá embora, Luke Graham.

Luke recuou, protegendo sua esposa e filho.

Alex parou ao lado de Matthew, e eles assistiram em silêncio enquanto Luke colocava sua família em seus cavalos e subia a colina. No topo, Luke girou o cavalo, empinando-o sobre as patas traseiras.

— Você deveria estar morto, irmão.

— Mas não estou, não é? — Matthew devolveu.

— Ainda não — Luke gritou, fez o cavalo parar de empinar e, sem olhar para trás, foi embora.

— Certo — Alex disse em uma voz carregada. — O show acabou, pessoal. Sarah, leve as crianças para dentro, sim? Janey, há janelas a serem lavadas. — Ela ficou com as mãos nos quadris, esperando até que todos se afastassem para retomar suas tarefas. Então foi embora, deixando Matthew parado seminu no quintal deserto.

Demorou um tempo para Matthew reunir seus pensamentos. Seu corpo sacudia com tremores, e ele afundou para sentar no chão, encarando as mãos. Se Alex e Margaret não tivessem intervindo, ele ou Luke estariam mortos agora. Os tremores aumentaram e Matthew encontrou sua camisa e a vestiu, atrapalhando-se com as amarrações.

Onde estava Alex? Ele se sentiu abandonado, um garotinho em uma planície de nada, e precisava desesperadamente que Alex, de alguma forma, juntasse as peças que o compunham novamente, mas ela acabara de se afastar. Ele se levantou, seu cérebro se desembaraçando para lhe dar uma reprise clara de todo o incidente. E então ele soube por que ela o deixara sentado sozinho no quintal.

Alex estava na horta, trabalhando em um canteiro ainda vazio. Em todos os seus movimentos, na linha dos ombros, ele podia ver que ela não estava apenas chateada, mas furiosa. Ele colocou a mão no ombro dela e ela se encolheu, repelindo o toque.

— Alex — ele chamou com suavidade. — Venha aqui. — Ela balançou a cabeça e afundou a pá de madeira na terra. — O que mudou? Você já sabia que Ian era meu antes.

— Mas ele não sabia, e você não viu o olhar que ele lhe deu. — Ela virou-se para fazer uma careta para ele. — E o Mark? Ele é pequeno demais para entender, mas ele ouviu você, não ouviu? Ele ouviu você dizer que Ian é seu filho. Você é um tremendo idiota!

— Certamente não é tão ruim assim — tentou Matthew, ignorando o insulto.

— Você acha? Você acabou de tirar o direito de nascença de nosso filho anunciando ao mundo que tem outro filho mais velho. —

Desajeitadamente, ela ficou de joelhos, jogou a pá no chão e se afastou.

Matthew suspirou e passou as mãos pelos cabelos. Ela estava certa: tinha sido uma coisa tola de se fazer, e mesmo que Ian fosse legalmente filho de Luke, não dele, ele inadvertidamente abria uma janela através da qual Ian, ajudado e incentivado por Luke, poderia tentar reivindicar Hillview. Observou Alex atravessar o campo, a vau do riacho e continuar a subir a encosta. Ela sumiu de vista embaixo das árvores e ele se levantou para ir atrás dela.

Encontrou-a na beira do poço, sentada e jogando pedras na água. Sua touca tinha sido descartada, seus cabelos expostos ao mundo e, quando ele se aproximou, ela lançou-lhe um olhar por cima do ombro. Olhos profundamente azuis, olhando-o de uma maneira que fez tudo se revirar dentro dele.

— Eu nunca deixarei nenhum mal acontecer a Mark — ele disse.

Ela suspirou e desviou o olhar.

— Eu sei que não. O problema é que você não estará por perto, não é? A questão da herança depende de você estar morto para começar.

Ele sorriu torto ao seu tom prosaico.

— Falarei com Simon, mas tenho certeza de que não há um problema legal.

Alex jogou mais uma pedra na água.

— Provavelmente, não. Suponho que, pelo fato de Luke tê-lo assumido como dele, Ian não seja mais seu filho nos olhos da lei. A menos que Luke decida que deve renunciar ao garoto. E ele vai bradar que o menino lhe foi impingido, que você o deserdou, apesar de saber que era seu.

— Mas não foi assim — protestou Matthew.

— Não. — Alex suspirou. — Mas quem se importa com a verdade?

Matthew caiu de joelhos ao lado dela.

— Eu juro que Hillview será salvaguardada para o nosso filho.

Ela olhou para ele por um longo tempo antes de acariciar sua bochecha, em um gesto muito mais maternal do que de esposa.

— Tenho certeza de que tentará fazer o seu melhor, mas o que vai fazer no dia em que Ian vier reivindicar sua paternidade? Você

será capaz de afastá-lo, sabendo sem dúvida que ele é tão seu quanto Mark?

— Não, ele não é — Matthew mentiu vigorosamente. — Claro que ele não é.

— Não foi o que você disse hoje.

Matthew estremeceu com o tom dela e tentou pegar sua mão.

— Não. — Alex balançou a cabeça. — Eu só preciso ficar sozinha, ok?

— Você virá jantar?

Alex assentiu, mas manteve o olhar longe do dele.

Já estava escuro quando ela desceu da colina, não estava mais com raiva, mesmo que não tivesse a intenção de avisá-lo disso ainda. Afinal, como ela poderia ficar brava com ele por perder a paciência, quando foi tão cruelmente instigado pelo cretino que tinha como irmão? Ela se ocupou em jantar, conversou casualmente com Sarah sobre as tarefas de amanhã e se certificou de que as crianças fossem alimentadas e colocadas na cama antes de se juntar a ele na sala.

Eles não falaram muito durante a noite. O silêncio ficou tangível e Alex estava ciente de cada respiração dele, a apenas alguns metros dela. Finalmente, ela dobrou a camisa que estava remendando, levantou-se e estendeu a mão para ele.

— Cama? — Ela quase sorriu ao ver como os ombros dele caíram de alívio ao som da voz dela. Matthew a seguiu escada acima, despiu-se, ajudou-a com os laços e retirou-se para a cama. Alex fez as coisas calmamente, passou um tempo excessivamente longo limpando os dentes e deslizou para se deitar ao lado dele. Ele a rolou de lado, curvando seu corpo em volta do dela. Por alguns minutos, ficaram parados e silenciosos, com os dedos entrelaçados, descansando juntos tranquilamente. Alex começou a adormecer, suspensa a meio caminho entre o sono e a vigília.

— Você acha que... — Matthew se aproximou ainda mais. — ... existe alguma possibilidade, você acha?

— Possibilidade? — Alex queria dormir, não se envolver em discussões complicadas, mas sufocou um bocejo. — Possibilidade

de quê?

— De nós perdoamos um ao outro.

Alex riu. E então ela não estava rindo, estava chorando, e ele teve que abraçá-la e acalmá-la até que ela pudesse falar.

— Acho que você pode perdoá-lo, porque, em última análise, você tem o que deseja na vida; Hillview e sua família. — Alex rolou com a graça de um elefante acima do peso para ver corretamente seus olhos.

— Você, eu tenho você — ele a corrigiu.

— Que seja — ela murmurou. — Você quer? Perdoá-lo, quero dizer.

Matthew caiu de costas, com os olhos presos em uma dobra nas roupas de cama.

— Eu não sei — ele respondeu depois de um tempo. — Mas toda essa raiva ameaça me afogar.

Ela se apoiou em um cotovelo para ver o rosto dele, visível apenas como uma forma oval e cinza na escuridão do pequeno quarto. — Bem, não espere que ele se afunde em autorrecreimações, e depois de hoje ele certamente não o perdoará, não depois de você gritar para o mundo inteiro que ele é incapaz de gerar filhos.

— Você é muito reconfortante às vezes — resmungou Matthew.

— Estou apenas dizendo a verdade. De qualquer forma, o rei parece mantê-lo ocupado e, se tivermos sorte, ele poderá enviá-lo para uma missão diplomática na Mongólia ou em outro lugar. — Ela virou de lado e se aproximou dele. — Ele nunca repudiará Ian — ela bocejou —, não por ele próprio, não por Margaret, mas porque não quer que você tenha seu filho de volta. — Ela ficou muito consolada com suas próprias conclusões, e assentiu em concordância consigo mesma. — Muito deturpado, esse seu irmão, e se me perguntar, acho que alguém devia tê-lo colocado num saco com gatinhos e o afogado quando era bebê.

— Alex! — Matthew pareceu horrorizado.

— Tudo bem então, não quando era bebê — ela corrigiu. — Mas é uma pena que alguém não o fez, porque Luke vai voltar. Não sei quando ou como, mas um dia ele voltará para tirar isso de você.

— Ele pode tentar — disse Matthew. — Tentar e falhar. — Ele colocou a mão em seu filho por nascer, abrindo os dedos em um gesto de proteção.

Na manhã seguinte, Matthew se levantou para fazer suas tarefas e encontrou seu quintal cheio de pessoas, todos com súbitas questões para resolver com o mestre. Durante a próxima semana, pessoas andavam de um lado para o outro, seus olhos viajando com interesse por Matthew. As conversas eram interrompidas em sua presença, apenas para serem retomadas à medida que se afastava, e ele podia ouvir seus trabalhadores, seus arrendatários, zumbindo com a história repetida de como os irmãos Graham quase se mataram. E viram as costas do mestre? Muito açoitado, e tudo por causa daquele irmão infeliz.

Ocasionalmente, Matthew ouvia um murmúrio sobre o garoto, o garoto de apenas nove anos, e se era do mestre ou não era? A maioria parecia não concordar, pois certamente uma mãe não teria privado o próprio filho de uma herança tão boa quanto Hillview. As especulações eram engolidas a um olhar de Matthew, e os homens se apressavam para voltar ao trabalho.

— Difícil. — Alex deu de ombros quando ele se queixou. — É isso que você ganha quando decide exibir um reality show. — Ela riu da incompreensão dele e continuou explicando que havia pessoas que convidavam o público a participar de todas as facetas de suas vidas, desde pequenas disputas sobre o café da manhã até brigas completas no leito conjugal.

— Por quê? — perguntou Matthew. Alex esfregou os dedos em um gesto de contar dinheiro, fazendo-o sorrir. — E as pessoas assistem? Meros desconhecidos vivendo suas vidas?

— Alguns assistem. E você — disse ela, beijando-o na bochecha —, você é a celebridade de primeira classe de Hillview.

Por mais de duas semanas, Alex vigiava constantemente a trilha, convencida de que a qualquer momento Luke viria com um exército

de homens às suas costas. Ela passou a manter o mosquete carregado na cozinha, não ia a lugar nenhum sem a adaga e nunca deixava o marido fora de vista — a menos que ele estivesse acompanhado por outras pessoas.

À noite, ela despertava com qualquer som, e foi por insistência dela que Matthew levara para casa um cachorro — um cachorro velho, já grisalho ao redor do focinho, mas segundo Matthew, um renomado cão de guarda que agora dormia no quintal. Irritou-a que ele estivesse tão despreocupado, ignorando suas preocupações com um comentário lacônico de que, tanto quanto ele sabia, Luke não era tolo, e planejar qualquer tipo de ataque em grande escala a Hillview seria o ato de um louco, trazendo consigo o risco de julgamento, desgraça e potencial morte. Hmm; talvez ele tivesse razão.

Alex voltou à normalidade quando os dias se tornaram semanas. Luke estava longe em Londres, um homem muito ocupado, e com o tempo ele se esqueceria de Matthew, a vida cotidiana reduzindo seu ódio obsessivo por seu irmão a uma mera irritação. Além disso, em uma de suas visitas, Simon disse a ela que Luke agora era Sir Luke, orgulhoso proprietário de uma mansão em Oxfordshire, e nesse caso, o que ele iria querer com Hillview?

Simon havia concordado; Luke era um homem do mundo, encarregado de uma missão complexa após a outra, que deveria permanecer o tempo todo à disposição de seu mestre real. E, acrescentou com um brilho nos olhos, ele ouvira que um passarinho sussurrava detalhes das ações de Luke no ouvido do rei, causando rugas de desagrado no cenho régio, e então Luke fora forçado a cuidar melhor de suas atitudes, pelo menos por um tempo.

Então, em vez disso, Alex se concentrou em se preparar para a chegada iminente de seu terceiro filho, imaginando como lidaria com dois filhos de fraldas. Pelo menos Rachel tinha sido desmamada, encantada com a descoberta de um mundo que continha manteiga e leite, e coisas pegajosas como mingau que poderiam ser usadas para decorar o cabelo de alguém.

Uma noite, no início de dezembro, Alex levantou-se da cama, enrolou-se na capa e saiu para o quintal. O jogador de futebol que vivia em seu ventre estava chutando o seu caminho para o mundo, e ela apoiou as costas contra as mãos, de frente para o céu. Ela sorriu quando sentiu Matthew deslizar os braços ao redor dela e encostou-se ao peito dele.

— Está chegando — ele declarou desnecessariamente, deixando as mãos descansarem na barriga endurecida dela. Ela apenas assentiu, relaxando em seus braços.

— É melhor você entrar — disse Matthew um pouco depois. — Não quero que meu filho nasça no frio.

— Filho? — Alex riu. — E suponho que você já escolheu o nome também.

— Sim, claro, mas não vou lhe contar. Você tem trabalho a fazer primeiro.

— Trabalho — murmurou Alex —, que grande eufemismo. — Ela respirou fundo o ar frio da noite e virou-se para a porta. — Bem, vamos lá então, porque se você acha que vou fazer isso sozinha, está muito enganado, senhor.

Já passava da meia-noite e o quarto estava em silêncio novamente. Uma única vela iluminava o cômodo, jogando a maior parte em uma meia-luz agradável. No banquinho, estava uma bandeja, ainda havia um cheiro de sangue e fluidos no ar, e Alex fechou os olhos, cansada até os ossos.

— Eu te disse, um menino. — Matthew estava sentado ao lado dela na cama, a criança nos braços.

— É uma chance de cinquenta por cento. Você apenas tem sorte para adivinhar. — Alex afundou, sentindo-se exausta. Um parto rápido, Rosie comentou, rápido e fácil. Alex não tinha tanta certeza da parte sobre ser fácil, mas tudo fora desconfortavelmente rápido. — O próximo também será menino. Aqui, ele precisa de você.

— O próximo? — Alex esforçou-se para sentar, pegou o filho recém-nascido de seu pai apaixonado.

— O próximo. — Ele afagou a cabecinha careca do filho, cantando baixinho. — Meu pequenino Jacob — ele sussurrou —, e você é tão bonito e forte, hein?

— Não tem nada de pequenino nele — protestou Alex —, deve ter mais de dez libras. — Ela sorriu para Matthew e se inclinou para ele para beijar sua bochecha.

— Jacob, hein?

— Sim, Jacob Alexander. — Ele passou um dedo pelo pescoço dela, novamente para tocar sua boca. — Eu te amo.

— Huh, você só está dizendo isso porque quer voltar para a minha cama — em breve.

Matthew riu e afofou seu travesseiro.

— Eu já estou aqui. — Ele chegou mais perto dela e abraçou esposa e filho. — E eu não pretendo dormir em outro lugar. — Bocejou. Alguns minutos depois, ele estava dormindo profundamente.

— Eu também te amo — Alex murmurou para a cabeça adormecida. Um olho se abriu.

— Claro que ama. Insaciável, é o que você é.

— Matthew!

Mas ele estava dormindo novamente, um ronco suave e constante emanando dele. Alex colocou o filho no berço e foi abrir a pequena janela. Ela ficou parada por alguns momentos na corrente de ar fria, ouvindo os sons farfalhantes da noite.

— Obrigada — disse ela aos céus distantes. — Pela minha casa e meus filhos, mas principalmente, querido Deus, por ele. — Ela sorriu; a antiga Alex Lind teria rido e achado idiotice, mas o que ela sabia, hein?

— Alex? — A cabeça despenteada de Matthew levantou-se dos travesseiros.

— Estou aqui — respondeu ela. — Estou sempre aqui.

NOTAS HISTÓRICAS

Notas históricas, Como um sopro do vento

Quando a primeira colônia inglesa foi estabelecida na Virgínia (sem contar o desastre de Roanoke) em 1609, os participantes ansiosos vieram com sonhos e esperanças de riquezas fáceis. Infelizmente, a Virgínia não tinha montanhas de prata, nem ouro em abundância. E aquelas histórias de rios cheios de esturjão, de florestas cheias de amoreiras (e os bichos-da-seda que as acompanham) provaram ser tão falsas quanto o mito de El Dorado, deixando os colonos na situação pouco familiar de ter que trabalhar — e trabalhar duro — para sobreviver.

Durante as primeiras décadas de existência, a Colônia da Virgínia era uma espécie de máquina da morte, com taxas de mortalidade tão altas que se tornara difícil atrair novos colonos. As coisas mudaram quando o tabaco foi introduzido na colônia. Essa erva daninha dourada viciante prosperou no solo fértil da Virgínia e, com uma enorme — e crescente — demanda por tabaco na Europa, os colonos finalmente haviam encontrado seu ouro.

O tabaco é uma cultura de trabalho intensivo. Com cada vez mais área cultivada, a Colônia da Virgínia adquiriu uma necessidade gritante de que mais pessoas trabalhassem nos campos em expansão, e assim o sistema milenar de servos contratados foi transplantado da Inglaterra para a colônia.

O sistema de escritura significava que os plantadores arcavam com o custo do transporte dos criados, recebendo 50 acres de terra adicional por cada novo servo que trouxessem. O criado não pagava nada por sua passagem e era contratado por quatro a sete anos para pagar a dívida do transporte. A maioria das pessoas que foram trazidas dessa maneira vinham voluntariamente, mas muitas foram deportadas — algumas por crimes cometidos, outras por serem vistas como elementos perigosos. (E sim, Oliver Cromwell deportou milhares de irlandeses para as Índias Ocidentais — pelo pecado de serem papistas). Outros foram sequestrados — ou enganados para deixarem sua marca em um contrato.

Concluídos os termos de serviço, o servo recebia algum tipo de indenização e ficava livre para fazer sua própria fortuna. Os contratados, no entanto, eram frequentemente maltratados — as experiências de Matthew não são de modo algum atípicas para o que os servos de uma plantação de tabaco poderiam ter sofrido. Quarenta por cento dos contratados morriam antes do término do contrato. Muitos outros tiveram seus termos de serviço prolongados por uma contravenção ou outra. Uma contratada que engravidasse — não importando se tivesse sido estuprada por seu mestre — teria dois anos acrescidos ao contrato.

William Berkeley é o governador que serviu por mais tempo na história da Virgínia, um personagem complexo que alternava momentos de grande *insight* com outros de mais pura estupidez. De fato, quando Alex chegou à Virgínia em 1662, William estava na Inglaterra para uma reunião com seus superiores, não retornando até 1663. No entanto, eu precisava que ele estivesse em Jamestown quando Alex estava lá, e espero que você desculpe esses pequenos ajustes nos planos de viagem do governador.

William era um homem de muitos talentos: escrevia peças de teatro, tinha uma cabeça muito boa para os negócios, acreditava no livre comércio muito antes de esse conceito ser inventado e era inovador quando se tratava de práticas agrícolas. Ele era um soldado capaz e um servo leal a Carlos I e seu filho. Ele também era extremamente intolerante com os puritanos e quakers, manteve um olho atento a seus próprios interesses pessoais e, com o avanço da idade, também desenvolveu tendências cada vez mais autocráticas que acabaram levando à sua queda após a rebelião de Bacon em 1676.

É interessante notar quantas pessoas parecem ter atravessado o Atlântico várias vezes no século XVII, incluindo William Berkeley. Verdadeiros viajantes, muitos deles, e isso em um período em que a jornada no mar era perigosa, quando muitos navios eram perdidos e o tempo gasto no mar podia variar de seis semanas a bem mais de quatro ou cinco meses. Além disso, os confortos corporais estavam em um nível muito básico. Se alguém queria se lavar, fazia isso com

água do mar, a dieta era restrita a alimentos salgados e biscoitos tão duros que precisavam ser amolecidos em cerveja antes que fosse possível mordê-los, e quanto a acomodações para dormir, bem, quanto menor fosse a pessoa, melhor. Era ainda pior se você viajasse no porão como um servo contratado — e ainda assim eles vieram, centenas e centenas, fugindo de uma terra natal sem futuro para construir novas vidas no desconhecido. Faço uma reverência para eles, esses viajantes há muito esquecidos, e espero que tenham realizado alguns de seus sonhos.

Se você gostou de *Como um sopro do vento*, pode também gostar do próximo lançamento da Saga Graham, *O Filho Pródigo*. Para ler um trecho, por favor, vá até a próxima página.

A SAGA GRAHAM CONTINUA...

O Filho Pródigo

Capítulo 1

Quatro sombras surgiram da escuridão da charneca, passando de uma parte a outra da vegetação. Aqui e ali, eles se escondiam atrás de uma pedra, de vez em quando se amontoavam sob uma árvore mirrada, planando silenciosamente para o norte. Era muito cedo para os pássaros, então, quando um assovio agudo cortou o ar, a sombra principal disparou em velocidade, seus companheiros fugindo atrás dele em direção a um protetor afloramento de pedras.

— Silêncio! — Matthew Graham se abaixou, os três homens que o acompanhavam fazendo o mesmo. Ele apontou para onde um grupo de seis cavaleiros estava progredindo lentamente em um trecho pantanoso do solo. — Mais soldados — disse ele, sua voz baixa.

— E aqui estava eu pensando que eles eram apenas anjos de livramento — disse o homem sentado mais perto dele, e apesar da situação, Matthew sorriu. O homem se aproximou mais, sua boca a poucos centímetros da orelha de Matthew. — Eles não vão nos encontrar.

— Você acha que não? — Ele tentou parecer despreocupado, mas seus olhos estavam presos no grupo de soldados que se aproximava, seu cérebro lutando para encontrar uma maneira de sair daquele canto. O amanhecer do verão estava a apenas algumas horas de distância, e não importava que ele e seus companheiros estivessem todos vestidos e encapuzados em cores escuras entre o marrom e o cinza, ficariam visíveis no momento em que se levantasse para correr.

— Não — respondeu o ministro Peden confortavelmente. — Eles podem olhar, mas não verão. — Com um leve aceno de cabeça, ele indicou os fios de névoa que estavam se multiplicando sobre o chão mais úmido. Dias de calor insistente tinham secado a charneca, resultando em nuvens de água evaporada que se reverteram em nevoeiro e neblina agora que a noite estava mais fria.

— Pelo menos o clima está do nosso lado — outro homem comentou em voz baixa.

— Deus, meu amigo — Sandy Peden corrigiu. — Deus está do nosso lado, e este é mais um sinal de que ele não nos esqueceu. — Sem mais palavras, ele se afastou e, um a um, os outros o seguiram, envoltos na névoa da manhã.

— Por aqui — disse Matthew um pouco depois. — Se ficarem à esquerda das árvores, encontrarão um caminho aceitável que os levará até Kilmarnock.

— Obrigado — disse o mais alto dos três homens. — E certifique-se de transmitir minha gratidão a sua esposa também.

— Sim. — Sandy sorriu. — Por favor, diga a Alex o quanto apreciamos sua hospitalidade.

— Umm — disse Matthew. Alex não estava tão entusiasmada quanto ele em prestar ajuda aos irmãos presbiterianos. Mesmo que ela cozinhasse e enchesse cestas com comida, enviando cobertores sempre que podia, ele sabia que ela não gostava, principalmente agora, não desde as últimas prisões que arrastaram pelo menos um de seus vizinhos perante o tribunal para responder a acusações de atividades traidoras. O homem havia sido açoitado publicamente.

— De verdade — disse Sandy, e agora não havia riso em seus olhos cinzentos. — Agradeça a ela, Matthew. Eu sei que isso lhe causa muito medo. — Com isso, ele partiu, assumindo a liderança enquanto os três ministros avançavam para as profundezas da charneca. Apenas quando eles desapareceram, Matthew partiu para casa.

— Onde você esteve?

Matthew se assustou quando seu cunhado apareceu em seu caminho.

— Fora.

— Isso eu pude perceber. — Simon Melville franziu o cenho, observando a espada, a pistola e a longa capa que agora estava enrolada no braço de Matthew. — Isso não é brincadeira.

— Hmm?

— Esqueça. — Simon gesticulou na direção do quintal. — Você tem visitantes.

— Visitantes? A esta hora?

— Oh, não se preocupe — Simon disse com perspicácia. — Não são soldados que vieram arrastá-lo para interrogatório, não desta vez. É sua ex-esposa, ninguém menos.

— Margaret? — Matthew parou. — O que ela pode estar fazendo aqui?

— Eu não faço ideia; talvez esteja ansiosa por longas caminhadas matinais sobre a charneca enevoadada.

— Estou fazendo o que devo, Simon, você sabe disso.

— E o que você deve fazer? Você os está ajudando a violar a lei! Eles foram destituídos como ministros, não têm permissão para pregar ou ensinar, não podem realizar nenhum tipo de rito, e ajudá-los e incentivá-los é arriscar o desagrado total das autoridades.

Matthew apenas deu de ombros.

— Oh, bem. — Simon suspirou. — Você vai fazer o que quiser, não é?

— Sim.

Simon lançou-lhe um olhar de soslaio.

— Ela trouxe Ian junto.

— Ian? — Matthew apertou o passo.

— Ela está no quintal. Não acho que Alex esteja pretendendo convidá-la para entrar, e mesmo que o fizesse, duvido que Margaret entraria. Ela insiste que vai esperar do lado de fora até poder falar com você. — O rosto de Simon abriu um sorriso largo. — Acho que ela não fez nenhum favor a si mesma lembrando a Alex de que qualquer decisão é sua, de qualquer maneira, e que então ela não desperdiçaria o fôlego dizendo algo que terá que repetir para você.

— Não — disse Matthew, sorrindo levemente. — Acho que Alex não gostou disso.

As duas mulheres viraram-se para eles quando entraram no quintal. De altura e compleição semelhantes, com sobranceiras escuras e bem definidas, maçãs do rosto altas e pescoços bem torneados, a uma certa distância poderiam ser tomadas por irmãs. Mas onde Margaret era graciosamente esguia, Alex era mais redonda de seios e quadris — atributos atualmente acentuados por sua cintura fina. Ela devia ter apertado um pouco o corpete antes de sair para receber os visitantes. Ele estudou sua esposa; silenciosa, braços cruzados sobre o peito e olhos azuis escuros nunca deixando Margaret ou o garoto crescido ao lado dela, Alex parecia impressionantemente fria — e descontente. Com um suspiro interior, Matthew foi cumprimentar seus convidados.

Alex assistiu a Matthew vir na direção deles, pernas longas andando com tanta velocidade que Simon estava correndo para acompanhar. Ela deu ao marido um olhar pensativo; mais uma manhã acordando em uma cama vazia, e ela tinha uma boa ideia do que ele estivera fazendo. Era uma fonte constante de discussões entre eles, a insistência dele de que tinha que ajudar seus irmãos, os protestos altos dela de que o preço seria alto demais. Maldito homem teimoso! Ela mordeu o lábio e franziu a testa.

Ter Margaret aparecendo com Ian não melhorou exatamente seu humor, nem o fato de Margaret, como sempre, estar linda. Não havia saias práticas em marrom para Margaret, oh não; a querida Margaret ostentava um vestido de um azul vibrante que complementava seus olhos, o decote era adornado por rendas de Bruxelas e, na cabeça, ela usava um chapéu estiloso da mesma tonalidade que o vestido, com cabelos negros e brilhantes caindo em cachos arranjados nas costas. Luvas compridas em couro vermelho macio completavam a roupa, embora em um dia tão quente como este, Alex suspeitasse que elas fossem bastante desconfortáveis de usar.

— Mamãe? — Mark puxou suas saias. — Quem é esse?

Alex sorriu e afastou-lhe os cabelos da testa. Com quase seis anos, Mark era normalmente a sombra de seu pai, mas a tensão no ar o fez gravitar em direção à mãe, com seus dois irmãos a reboque.

— Esse é seu primo, Ian.

Ela estava convencida de que Mark havia esquecido os eventos que cercaram a última vez em que ele vira o primo, quase dois anos atrás, mas pelo olhar cauteloso nos olhos de Ian, ela podia ver que e/le não tinha esquecido — assim como nenhum dos adultos presentes naquele dia. Não que ela os culpasse; dois homens crescidos, irmãos, lutando com intenções mortais até que suas respectivas esposas conseguiram se colocar entre eles.

— Ele é meu filho — dissera Matthew naquela ocasião, apontando para Ian, então com nove anos de idade. — Meu filho, e você sabe disso, Luke Graham.

Alex lançou um rápido olhar na direção de Ian; ainda uma cópia surpreendente, não apenas de Matthew, mas também de Mark — o mesmo cabelo escuro realçado por mechas castanhas, os mesmos olhos esverdeados franjados por grossos cílios escuros. A semelhança como tal não era um problema tão grande, já que Luke e Matthew eram irmãos — ou não teria sido se não fosse pelo desabafo irritado de Matthew. Por que você o trouxe de volta, Alex pensou, lançando olhares incisivos a Margaret. Por que não ficou bem longe de mim e dos meus?

— Não tenho mais para onde ir — Margaret continuou o que dizia, os olhos implorando para Matthew enquanto falava.

Atitude inteligente, Alex pensou, porque, por alguma razão inexplicável, Matthew tinha uma fraqueza do tamanho de um elefante quando se tratava de sua ex-esposa. Totalmente incompreensível, dado o comportamento da mulher — casada com um irmão enquanto o traía com o outro.

— E eu tive que fugir. As pessoas estão morrendo como moscas, e espero que você me permita o uso do chalé mais uma vez.

— O quê? — Alex deu um passo apressado para trás. — A praga? Você trouxe a praga? — Mesmo no extremo norte, eles ouviram sobre como Londres e as aldeias ao redor estavam sofrendo um surto virulento de Peste Negra.

— Não, claro que não — disse Margaret. — Não estamos em Londres há meses. Mas, com o calor do verão e o crescente número de mortes, achei mais seguro vir ainda mais para o norte. Não posso arriscar meu filho.

Os olhos de Matthew se voltaram para Ian e Alex suspirou. Ela podia se compadecer, até certo ponto, de seus sentimentos pelo garoto que deveria ter sido dele, mas que não era mais — devido à insistente mentira de Margaret de que Luke era o pai de seu filho —, mas a afirmação de Matthew há quase dois anos poderia colocar em risco a herança de seus filhos, e houve dias em que ela teve problemas para perdoá-lo por isso.

Os olhos de Alex voaram para Simon Melville, que piscou para ela. Ela enfiou a língua para fora, fazendo Simon sorrir. Mil vezes ele disse a ela para não se preocupar, que não havia como Ian reivindicar Hillview, agora que ele era reconhecidamente filho de Luke. Além disso, ele dissera presunçosamente, ele próprio redigiu os documentos e, assim, pôde garantir a ela que não havia brechas, nenhuma.

— Você pode ficar — disse Matthew, e Alex o olhou com raiva. Ele deveria pelo menos discutir isso com ela primeiro. Às vezes, Matthew era um maldito homem à moda antiga — o que era de se esperar, já que aquele era de fato o século XVII, e a estranha era ela, nascida em 1976.

Não que aparentasse, ela refletiu, lançando um rápido olhar por seu corpo. De saias e corpete, os cabelos cobertos e um avental limpo cobrindo o material escuro de suas saias, ela era indistinguível da maioria das mulheres daquele contexto. E, no geral, isso era uma coisa boa, porque gritar para o mundo que era de um tempo futuro seria o equivalente a fazer um laço e colocá-lo em volta do pescoço. As bruxas eram enforcadas, e ninguém ouviria seus protestos de que ela não havia feito nada para ser transportada da Escócia moderna para aquele tempo, que tudo se devia a uma tempestade.

Seus olhos voaram para o céu e ela quase riu de si mesma. Nenhuma tempestade se formava e, além disso, tinha que ser uma experiência única na vida viver uma tempestade tão gigantesca a ponto de causar uma fenda no tempo. Espere! Uma experiência única? Na verdade, deveria ser impossível, e, no entanto, ali estava ela, um exemplo vivo de que algumas vezes coisas impossíveis aconteciam — como havia acontecido sete anos atrás, quando o tempo tinha se dividido aos seus pés.

Alex voltou sua atenção para Margaret, que estava sorrindo para Matthew. Para enorme irritação de Alex, Matthew sorriu de volta.

— Obrigada — Margaret dispensou os cavaleiros contratados que os escoltaram e partiu na direção da cabana, com o filho atrás.

— Fique longe pelas próximas semanas — disse Matthew. — Como precaução.

— Sim, como precaução. Entendo. — Margaret empalideceu, parecendo tão assustada que Alex sentiu pena.

— Mandarei Sarah até lá mais tarde, você precisará de comida e outras coisas, certo? — ela disse.

Margaret deu-lhe um olhar agradecido e ergueu a trouxa bastante insignificante que estava carregando.

— Sim, partimos às pressas.

— Eu posso imaginar. — Um instante de maternidade compartilhada pairou entre elas.

— Isso foi generoso — Simon murmurou para Matthew enquanto Alex se afastava para providenciar uma cesta para ser levada para a cabana. Matthew assentiu. Não que isso o surpreendesse, porque sua esposa poderia, ocasionalmente, explodir em chamas ou congelar, mas era principalmente uma mistura temperada e cálida entre esses extremos, sendo geralmente gentil e alegre. Ele estendeu a mão para impedir Rachel de bater na cabeça de Jacob com sua boneca de madeira.

— Não, Rachel! Você não deve brigar com seu irmãozinho. É errado.

— Ele me empurrou.

— Ele não fez isso — disse Matthew, abaixando-se para lhe dar todo o benefício de seu olhar. — Se você bater nele, não poderá ficar surpresa quando ele te bater de volta.

Rachel lançou um olhar malicioso para o irmão bebê. Com quase três anos, Rachel era alta e robusta para a idade e superava Jacob em tamanho por uma cabeça. Deixe-o tentar, a expressão dela dizia a Matthew, deixe-o tentar e eu o farei sair voando.

— Um dia ele será mais alto e mais forte que você, e você não vai querer que ele te bata. — Ele sinceramente esperava que os

filhos tivessem superado as brigas quando Jacob ficasse maior que Rachel, mas olhou para a filha em dúvida. Ele ajeitou a touca dela e deu-lhe um empurrão suave na direção de Mark.

— Fique de olho em sua irmã — disse ele. O rosto de Mark ficou nublado e Matthew o chamou. — E você não chegue perto do chalé. — Mark pareceu desanimado. — Você pode me ajudar a carregar a cesta até lá mais tarde, mas apenas se olhar Rachel primeiro.

Mark suspirou, mas pegou a mão de Rachel, vagando na direção do balanço que Matthew havia feito para eles.

— Certifique-se de que ela fique com você o tempo todo — Matthew chamou, recebendo um olhar desesperado em troca que fez com que sufocasse um sorriso. De onde Rachel tirava sua energia ilimitada era uma pergunta em aberto, embora Matthew insistisse que tinha sido uma criança muito obediente — pelo menos até os sete anos de idade —, portanto, isso tinha que ter vindo da mãe.

— Pelos meus pecados — Alex suspirava de vez em quando, fazendo Matthew rir alto. Pior ainda, a pequena Rachel tinha os irmãos firmemente na mão e demonstrava criatividade arrepiante quando se tratava de novas atividades, deixando um rastro de destruição atrás de si.

— Venha aqui, você — Matthew disse a Jacob e o levantou para sentar em seu braço. — Vamos encontrar sua mãe. — Ele beijou os cabelos de seu filho mais novo antes de sair em busca de sua esposa descontente.

— Eu não tinha como fazer diferente — disse Matthew às costas de Alex.

— Claro que não — respondeu ela, um pouco friamente demais para parecer sincera. Ela colocou um pedaço de pão escuro na cesta, acrescentou ovos, queijo, um frasco de cerveja, meia torta e, depois, um pedaço de bolo de groselha. Jacob bateu nos lábios, acenando com a mão gordinha na direção do bolo.

— Depois do jantar — disse Alex. — E somente se você comer todas as suas verduras.

Matthew fez uma careta. Obrigado a agir como modelo, hoje em dia ele se via comendo grandes quantidades de vegetais crus, seus

protestos murmurados sobre não ser uma vaca sendo ignorados pela esposa, que insistia que isso era bom para ele.

— Eu posso levar a cesta — Matthew ofereceu quando ela terminou de prepará-la.

— Não tenho dúvidas quanto a isso, mas você não vai. Sarah vai levar.

— Eu prometi a Mark que ele poderia ir comigo — disse Matthew, recebendo um longo olhar em troca.

— Nenhum de vocês vai, e os dois vão ficar bem longe deles, pelo menos para começar. Certifique-se de que Mark também saiba disso.

Matthew franziu o cenho ao ouvir seu tom peremptório.

— Você não pode me impedir de vê-los. Eu tenho que ajudá-los a se instalar.

— Se você for lá, Matthew Graham, dormirá completamente sozinho à noite, no palheiro. A escolha é sua. — Ela levantou a pesada cesta da mesa e foi procurar Sarah.

Matthew pensou em persegui-la pelas escadas para uma conversa séria sobre seus deveres e papéis como esposa, mas decidiu guardar isso para mais tarde. Muito mais tarde, e possivelmente no palheiro...

No meio da tarde, Alex decidiu escapar do calor, acomodando-se sob o grande freixo que ficava do outro lado dos estábulos. Um rápido olhar na direção de seus filhos mais novos mostrou-lhe que eles estavam enlameados e felizes perto do cocho, e Mark devia estar com Matthew em algum lugar. Ela reclinou-se contra o tronco, pegou seu trabalho e, com um pequeno suspiro, começou a costurar.

— Você não precisa se preocupar. — Simon sentou-se na sombra ao lado de Alex, seus olhos azuis claros fixos nela.

— Preocupar-me com o quê? — Alex levantou a camisa de menino que estava costurando contra a luz. A bainha estava irregular, mas ela decidiu que serviria. Estava cansada de costurar e consertar, às vezes ansiava por um shopping center com uma loja

após a outra; GAP, H&M, M&S. Ela suspirou e pegou a próxima roupa em sua cesta. Um sonho impossível, já que era 1665.

— A respeito dela, Margaret.

— Eu sei que não — disse ela. — Mas quanto a Ian... ele o come com os olhos!

Simon concordou.

— E deve ser difícil para ele — para Ian. Eu me pergunto o que eles disseram ao menino para explicar essa bagunça lamentável dois anos atrás. Não é como se pudessem fazer um teste de paternidade nele.

Simon se endireitou, os olhos brilhando de curiosidade. Por causa de uma necessidade, ele ficara conhecendo a origem dela e agora sempre a incomodava por detalhes sobre a vida no futuro.

— Testes de paternidade?

— Eles tiram sangue do bebê, da mãe e do pai, e então podem ver se tudo coincide. — Ela sorriu e o chamou mais para perto. — Dizem que, em média, uma criança em cada quatro é um cuco — ela confidenciou, sorrindo com a expressão horrorizada dele. — Ouso dizer que é mais ou menos o mesmo agora.

— Não! — Simon balançou a cabeça. — Você não pode pensar que mulheres casadas fariam algo assim!

— Que elas fazem sexo? Ou que fazem sexo com alguém que não seja o marido? — Ela riu, sua costura esquecida no colo.

— Hmph! — Simon deitou-se e olhou para o céu através das folhas farfalhantes da árvore. — Um homem nunca sabe, nunca sabe ao certo se o filho é dele ou não.

— Não, e esse é o ponto de partida de toda essa triste bagunça com Ian, não é?

— Ele te contou? — ela perguntou um pouco depois.

— Não — disse Simon. — Mas não é preciso ser um gênio para descobrir onde ele esteve.

Alex abraçou os joelhos.

— Eu não gosto disso. Se antes era uma refeição ocasional, ou hospedagem para uma noite, agora é Matthew guiando-os através da charneca, ajudando-os a encontrar outros esconderijos.

Ela encostou a bochecha nas saias.

— Tenho certeza de que ele é cuidadoso.

— Claro que sim — Alex concordou, principalmente para se convencer. Ela sorriu para Simon e cutucou-o no estômago. — Não foi muito gentil da sua parte deixar a pobre Joan sozinha com sua tia Judith. — Ela só conhecera Judith Melville uma vez, uma mulher briguenta, sem nenhuma semelhança com Simon. A irmã de Matthew, Joan, por outro lado, era uma das pessoas mais doces que ela conhecia.

— Joan não se importa, acho que ela até gosta da velha morcega. De qualquer forma, ela estará aqui amanhã.

Alguém chamou a senhora e Alex se levantou.

— O que foi agora?

Ela diminuiu os passos no meio do quintal.

— Quem são eles? — perguntou a Simon.

— Soldados de cavalaria — disse ele, franzindo a testa. Ele abotoou o casaco enquanto caminhava e ajeitou a gola no lugar. Quando chegaram à porta, Simon Melville era um advogado sério, toda jovialidade enxugada do rosto. Ele expandiu sua cintura considerável, acenou com a cabeça para o policial e colocou a mão na cintura de Alex.

— Senhora — disse o oficial.

— Capitão. — Alex fez uma reverência.

— Não vamos importuná-la por muito tempo — continuou o policial, apontando a cabeça na direção dos estábulos. O coração de Alex afundou ao ver seu homem marchar pelo quintal. Ele estava lutando, com os braços apertados pelos dois soldados que o ladeavam.

— Mas o que... — Alex ofegou, girando para encarar o oficial. Atrás dela, Matthew xingou, sua voz alta de raiva. Oh, Deus; alguém o vira na charneca ontem à noite e agora eles o levariam e açoitariam por isso.

— Vamos levá-lo para interrogatório — disse o policial.

— Para questioná-lo sobre o quê? — Ela se virou, os olhos voando até encontrarem os de Matthew. Ele não estava apenas bravo, estava com medo, ela podia ver isso. Calma, tentou dizer telepaticamente, franzindo a testa em concentração. Ok, então ela duvidava seriamente de que fosse um novo Dr. Spock, mas ele

parou de lutar, informando os soldados que não estava prestes a correr para lugar nenhum, e que então eles podiam soltá-lo.

— Ora, certamente a senhora já ouviu a respeito, senhora Graham. Pregadores fugitivos abundam por toda parte, e por ajudá-los... — A voz do oficial diminuiu.

Ela arregalou os olhos.

— Matthew? Quando? Como?

— Noite passada. Nós os cercamos, três deles, e do nada apareceu um homem. — Ele olhou na direção de Matthew. — Um espadachim capaz, deixando um de meus homens gravemente ferido.

O quê? Alex se forçou a não olhar para Matthew. Ferir um soldado... eles podem enforcá-lo! Sua garganta se apertou e foi necessário um esforço considerável para se voltar para o oficial e dar um pequeno sorriso.

— Bem, posso garantir que não era ele — disse Alex. — Ele estava roncando alto na cama ao meu lado.

— Se assim for, um breve interrogatório não lhe fará mal, concorda? — O oficial deu de ombros, claramente não acreditando nela.

— Eu vou com ele — disse Simon.

O oficial levantou uma sobrancelha.

— Eu acho que não.

— Eu acho que sim. Sou advogado dele.

Isso não agradou o policial, o rosto estreito se encrespando. Mas ele concordou, murmurando algo baixinho. Simon correu para pegar seu cavalo e Alex se aproximou o suficiente para tocar a mão de Matthew, um resvalar de peles, não mais.

— Vai ficar tudo bem — disse Matthew, acomodando-se na sela. Ela ouviu em sua voz como ele estava lutando para parecer calmo. Alex queria dizer algo tranquilizador, mas suas cordas vocais de alguma forma ficaram dormentes, deixando-a muda. Em vez disso, ela ficou ao lado do cavalo, agarrada à perna dele. Matthew inclinou-se para ela, os olhos brilhando em um verde acinzentado.

— Eu te amo — disse ele em voz baixa, o que apenas aumentou sua ansiedade, porque ele raramente dizia essas coisas para ela.

Alex conseguiu dar um sorriso vacilante e ficou na ponta dos pés para acariciar sua bochecha.

— E eu amo você — disse ela.

O marido assentiu e, por ordem do oficial, seguiu-o pela estrada, com Simon logo atrás. Nem uma vez ele olhou para trás, mas Alex ficou enraizada no chão enquanto pudesse vê-lo.

PARA MAIS INFORMAÇÕES

Para mais informações sobre Matthew e Alex, além de uma variedade de materiais bônus, por favor, visite o site de Anna Belfrage:

<https://www.annabelfrage.com/>

